



Ana Livia Cardoso Castanheira Alvim

**“Tradicionalistas Os Filhos Diante Dos Pais
Neófilos”:**

Uma interpretação da narrativa geracional de Gilberto Freyre
nos anos 20

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção de grau de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Orientadora: Maria Alice Rezende de Carvalho



Ana Livia Cardoso Castanheira Alvim

**“Tradicionalistas Os Filhos Diante Dos Pais
Neófilos”:**

Uma interpretação da narrativa geracional de Gilberto Freyre
nos anos 20

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção de
grau de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio
de Janeiro.

Prof.^a. Dr.^a Maria Alice Rezende de Carvalho

Orientadora

Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

Prof. Dr. Felipe Maia Guimarães da Silva

Instituto de Ciências Humanas – UFJF

Prof. Dr. Fernando Perlatto Bom Jardim

Instituto de Ciências Humanas – UFJF

Prof.^a Dr.^a Rosi Marques Machado

Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

Prof. Dr. Valter Sinder

Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora..

Ana Livia Cardoso Castanheira Alvim

Cientista Social bacharelada pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2017. Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade de Juiz de Fora. Atualmente compõe o quadro de professores do Curso de Psicologia da Faculdade Sudamérica em Cataguases – MG.

Ficha Catalográfica

Alvim, Ana Livia Cardoso Castanheira

“Tradicionalistas os filhos diante dos pais neófilos”: uma interpretação da narrativa geracional de Gilberto Freyre nos anos 20 / Ana Livia Cardoso Castanheira Alvim; orientadora: Maria Alice Rezende de Carvalho. – 2023.

182 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2023.

Inclui bibliografia

1. Ciências Sociais – Teses. 2. Gilberto Freyre. 3. Intelectual. 4. Geração, tradicionalismo. 5. Regionalismo. 6. Liberalismo. I. Carvalho, Maria Alice Rezende de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Ciências Sociais. III. Título.

CDD: 300

Agradecimentos

Por mais que o processo de realização de uma tese seja solitário (e muitos dos meus colegas se sentiram da mesma maneira), de maneira nenhuma isso significou, ao menos para mim, estar de fato só. Muitas foram as pessoas que me acolheram e me ajudaram em diversos momentos em que precisei ao longo dessa trajetória.

Quero agradecer aos meus pais, Miriam e Jorge que, com personalidades tão diferentes, me deram ferramentas mais do que necessárias para me adaptar diante de novos desafios e dilemas.

Aos meus irmãos, Felipe e Kauan, que sempre me apoiaram e torceram por mim.

Ao meu padraсто, Joel, por ter sempre me apoiado com meus sonhos.

À Rosa e ao Lourival por terem me acolhido e permitido que eu me sentisse em família mesmo longe de casa.

Ao João Dulci pelo carinho, companheirismo e paciência. Quero agradecer também pelas conversas sobre a pesquisa e pela leitura do trabalho, os quais contribuíram muito para a versão final.

Às minhas amigas, Mariana, Ana Luiza, Lívia, Ana Carolina e Monique, pelo acolhimento e pelos muitos sorrisos. Quero agradecer também à Ana Cláudia, com quem dividi não apenas as salas de aula, mas também as angústias do doutorado

À minha psicóloga, Edna, com quem tanto falei sobre a pesquisa e sem a qual definitivamente não teria conseguido terminar. Obrigada por ajudar a clarear minhas ideias.

Ao professor Felipe Maia que me acompanhou na graduação e no mestrado e que me deu confiança para tentar o doutorado na PUC-Rio.

À minha orientadora, professora Maria Alice Rezende de Carvalho, por ter aceitado me orientar diante da mudança de tema, faltando pouco tempo para o fim.

Aos professores que aceitaram participar da banca examinadora.

Muito importante também agradecer ao Museu José Lins do Rego, situado em João Pessoa – Paraíba, por ter gentilmente cedido os arquivos das correspondências trocadas entre Zé Lins e Gilberto Freyre e que se apresentaram como material essencial na confecção dessa tese.

Quero agradecer também à Denise Assis e à Norma e ao Alberto Dulci pelo carinho.

Meu mais sincero “muito obrigada” a todos vocês.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Resumo

Alvim, Ana Livia Cardoso Castanheira; Carvalho, Maria Alice Rezende de. **“Tradicionalistas Os Filhos Diante Dos Pais Neófilos”: Uma interpretação da narrativa geracional de Gilberto Freyre nos anos 20.** Rio de Janeiro, 2023, 182 p. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente tese procura compreender como Gilberto Freyre se comportou enquanto intelectual durante a conturbada década de 1920. A partir dos textos que Freyre escreveu para o jornal “Diário de Pernambuco” e da correspondência trocada com Oliveira Lima e José Lins do Rego, pergunta-se como Freyre reagiu diante da crise que se gestava no Brasil durante a década de 1920. Parte-se da hipótese de que Freyre foi profundamente afetado pelo contexto de crise em que estava inserido nos EUA e na Europa do pós-guerra, assim como na crise da Primeira República que encontra ao retornar para o Brasil em 1923. Se observou que nesses três contextos se encontrava movimentos culturais que questionavam a ideia geral de Progresso instada pelas ideologias de liberalismo e positivismo. A sua formação intelectual, junto do choque de encontrar sua cidade natal modificada pelo processo de modernização em curso, do qual já era crítico desde o EUA, confluem nos textos que escreveu para o mencionado jornal. Nesses textos, é possível observar o Freyre “crítico social”, acusando os males da modernização, do positivismo, do liberalismo, da democracia.

A ideia de geração como recorte analítico se dá a partir da teoria de Mannheim, que relaciona as categorias de intelectual e de geração com momentos de transição social. Tal escolha foi estimulada pela percepção de que o próprio Freyre adotou uma narrativa geracional em seus textos da época. O que se pode perceber com essa pesquisa é que o jovem intelectual pernambucano, diante da crise que se observou no país, se posicionou como voz de uma grande geração – a geração da guerra. Papel que identifica também nos intelectuais do Rio e de São Paulo, consubstanciado em um dever de corrigir os excessos da geração de seus pais, isto é, a geração que fundou a República. A presente tese reafirma a partir da trajetória

de Freyre o que outras pesquisas já haviam apontado: nesse período houve uma afluência de diversos grupos intelectuais e artísticos em torno da ideia de uma geração que possui a responsabilidade de constituir a identidade nacional. Para o jovem pernambucano, até aquele momento estava em voga a busca por um Progresso que era realizada a custo das tradições. Portanto, para a constituição dessa nacionalidade, Freyre sugere em seus textos a necessidade de retorno “criativo” à tradição dos avós, que teria sido negada pela geração de seus pais. Para ele a identidade nacional deveria ser compreendida a partir da comunhão entre as particularidades regionais – fundamento do Regionalismo.

Palavras-chave

Gilberto Freyre; Intelectual; Geração, Tradicionalismo; Regionalismo; Liberalismo; Primeira República; Diário de Pernambuco.

Abstract

Alvim, Ana Livia Cardoso Castanheira; Carvalho, Maria Alice Rezende de (Advisor). **"Traditionalist children in the face of neophile parents": an interpretation of Gilberto Freyre's generational narrative in the 1920s.** Rio de Janeiro, 2023, 182 p. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

This thesis seeks to understand how Gilberto Freyre behaved as an intellectual during the troubled 1920s. Based on the texts Freyre wrote for the newspaper "Diário de Pernambuco" and the correspondence he exchanged with Oliveira Lima and José Lins do Rego, it asks how Freyre reacted to the crisis that was brewing in Brazil during the 1920s. It is based on the hypothesis that Freyre was profoundly affected by the context of crisis in which he found himself in the USA and post-war Europe, as well as by the crisis of the First Republic that he encountered on his return to Brazil in 1923. It was observed that in these three contexts there were cultural movements that questioned the general idea of Progress instilled by the ideologies of liberalism and positivism. His intellectual upbringing, together with the shock of finding his hometown changed by the modernization process underway, of which he had already been critical since the USA, converge in the texts he wrote for the newspaper. In these texts, it is possible to see Freyre as a "social critic", accusing the evils of modernization, positivism, liberalism and democracy.

The idea of generation as an analytical cut-off is based on Mannheim's theory, which relates the categories of intellectual and generation to moments of social transition; this choice was stimulated by the perception that Freyre himself adopted a generational narrative in his texts of the time. What can be seen from this research is that the young intellectual from Pernambuco, in the face of the crisis in the country, positioned himself as the voice of a great generation - the war generation. A role that he also identified in the intellectuals of Rio and São Paulo, embodied in a duty to correct the excesses of his parents' generation, that is, the generation that founded the Republic. Based on Freyre's trajectory, this thesis reaffirms what other research has already pointed out: during this period there was an influx of various intellectual and artistic groups around the idea of a generation that had the responsibility of constituting the national identity. For the young man

from Pernambuco, the blind search for Progress, which was achieved at the cost of traditions, had been in vogue until then. Therefore, for the constitution of this nationality, Freyre suggests in his texts the need for a "creative" return to the tradition of his grandparents, which had been denied by his parents' generation. For him, national identity should be understood from the communion between regional particularities - the foundation of Regionalism.

Keywords

Gilberto Freyre; Intellectual; Generation; Traditionalism; Regionalism; Liberalism; First Republic; Diário de Pernambuco.

Sumário

Introdução	12
Um intelectual em meio à crise	16
Questões da pesquisa e metodologia	24
Capítulo 1 Gilberto Freyre longe de casa	35
1.1 De Baylor a Columbia: Freyre nos EUA.....	40
1.2 Discípulo de um “Dom Quixote Gordo”	46
1.3 A ordem no Brasil “dos nossos avós”	58
1.4 O cigano brasileiro: sua viagem pela Europa	63
Capítulo 2 De volta ao Brasil: “O que vou fazer?”	78
2.1 O retorno ao Brasil – uma perspectiva a partir das suas publicações no Diário de Pernambuco (1923 – 1927).....	78
2.2 Regionalismo	87
2.3 Discípulo e mestre de mesma idade: sobre a amizade de José Lins do Rego e Gilberto Freyre.....	98
Capítulo 3 Um Intelectual tecendo um país para sua geração.....	112
3.1 A culpa da geração de nossos pais.....	121
3.1.1 Discurso proferido na Escola Americana Batista.....	122
3.1.2 Apologia pro generatione sua (discurso proferido no “Theatro Santa Rosa” na Paraíba) e “Carta de uma geração aos srs. Gilberto Freyre e Jackson Figueiredo” de José Lins do Rego.....	124
3.1.3 Em torno da Revolta I e II	134
3.1.4 Traição ao Passado	137
3.1.5 A propósito de Guilherme de Almeida.....	139
3.2 O problema da geração	142
Considerações Finais	155
Referências	164
Apêndice.....	175

Lista de tabelas

Tabela 1: Artigos de Freyre publicados no Diário de Pernambuco	175
---	-----

É uma angústia para as criaturas sensíveis viver nessas épocas de aguda transição.

Gilberto Freyre, artigo número 53

É curioso como tantos dos elementos pensantes da nova geração, nestes últimos dez ou quinze anos, temos pelo esforço heurético de cada um, tomado o rumo da tradição contra o furor neófilo em que se desgarrou a geração dos nossos pais.

Gilberto Freyre, Apologia pro Generatione sua

Introdução

Gilberto Freyre (1900 – 1987) Freyre foi consagrado por Antônio Candido (1995) no célebre prefácio de *Raízes do Brasil* como um dos cânones do Pensamento Social Brasileiro. Afinal, Freyre apresentou uma contraproposta cultural à perspectiva positivista e evolucionista de compreensão da formação do Brasil, com especial enforque para as relações entre as três matrizes – africana, indígena e portuguesa. Sua proposição afetou, de forma positiva e negativa, a constituição de identidade que passou a perseverar no país a partir da década 1930.

No entanto, sua figura é controversa nas ciências sociais. Muitas críticas rondam seus escritos e seu posicionamento político ao longo da vida. Dentre as principais encontra-se a ideia de “democracia racial” e seu posicionamento a favor da Ditadura Militar de 1964 – como consta em “Ideologia da Cultura Brasileira (1933 – 1974)” de Carlos G. Motta (1977).

O que se pode afirmar é que o prestígio do autor e de sua obra flutuam ao longo dos anos, como Benzaquen (1994) afirma no prefácio de “Guerra e Paz: Casa Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30”. A cada nova abordagem de interpretação de sua trajetória e de suas obras surge um outro Gilberto. O próprio Freyre reflete, quando escreve sobre Oliveira Lima acerca das limitações dos esforços em se retratar alguém. E aconselha que

o prudente ser quem esboça, ou tenta esboçar, qualquer retrato evocativo de pessoa ou povo, *contentar-se em apresentar, do indivíduo retratado ou da gente evocada, apenas verdades particulares, sem pretender fixar uma suposta verdade única e inteira; aspectos expressivos do todo, em vez de um todo monolítico; contradições significativas em vez de uma unidade perfeita e inautêntica. Retalhos; pedaços, fragmentos.* Fragmentos suscetíveis de ser reunidos em conjunto mais ou menos ideais por quem, ao interesse pelo indivíduo retratado ou pela figura ou pela gente evocada, uma simpatia, ou antes, uma empatia capaz de realizar por esse meio a evocação subjetiva que se acrescente ao documento objetivo, até alcançar o quase milagre de ressuscitar este ou aquele sujeito – objeto, em sua quase perfeita unidade e em sua quase completa autenticidade. Um quase maior ou menor: mas sempre, irredutivelmente, interposto entre retratado e retratista (FREYRE, 1968, p. 30 – 31, grifo nosso)

Em um bilhete que Freyre enviou para José Lins do Rego em dezembro de 1956, fala de “5 Freyres”. Ele se referia a ele e sua família, mas na primeira vez que li, a imagem que se formou para mim foi justamente da sua multiplicidade, foi dos diversos Freyres que surgiu através das leituras dessas diferentes abordagens, ao longo da minha formação e pesquisa. Nesse sentido, a presente tese visa apresentar mais uma interpretação, mais um fragmento de Gilberto Freyre. A pesquisa

apresentada aqui não pretende ser uma biografia, no entanto se beneficia da ideia de que é possível acessar uma faceta do analisado. E o resultado de uma análise assim só pode fornecer um ponto de encontro, um interposto, entre o pesquisador e o objeto pesquisado.

Nas notas escritas para o Diário de Pernambuco, em “Tempo morto e outros tempos” (obra que reúne seus diários da juventude), e nos trabalhos biográficos consultados, se percebeu que Freyre, ainda na casa de seus vinte anos estava disposto a absorver tudo o que lhe era oferecido. Não apenas o que lhe era apresentado em sala de aula por diferentes mestres – seja em Waco até 1920, seja em Nova York até 1922 – como também o que lhe inspirava o próprio choque cultural, produto de sua estadia em terras estrangeiras em contraposição à terra natal idealizada.

Palhares-Burke (2005, p. 53) indica que Freyre, em seus cadernos de anotação dos anos 1921 – 1922, transcreveu uma citação de Victor Giraud que versa sobre como um cérebro de vinte anos é uma nebulosa em que leituras, influências e experiências contraditórias travariam uma batalha pela conquista de uma personalidade ainda não formada. Mas ao longo de sua trajetória, Freyre toma a posição de que estímulos contraditórios, ao invés de se anularem ou de se sobreporem uns sobre os outros, se fecundam. Talvez ali já se podia observar a origem do seu gosto pelo contraditório, pela não-síntese, pela percepção de que os opostos, em presença um do outro, podem se interpenetrar e assim, se fecundar e oferecer os mais interessantes insights. Como demonstrado por Benzaquen (1996), a ideia de opostos em equilíbrio não prevê a estagnação, mas sim a dinâmica harmônica de uma forma de vida e de pensamento.

Por exemplo, Freyre não foi adepto de escolas e correntes teóricas, de maneira que nos textos que publicaria após a década de 1920 é possível observar uma espécie de bricolagem teórica, uma mistura de gêneros e fontes que se espelha também na sua forma de expressão, o ensaio – nem estritamente acadêmico, nem texto literário. Conforme apontado por Maro Lara Martins (2019), uma forma de ensaio adotado por grandes escritores que na década de 1930 viriam a escrever sobre o Brasil. Um ensaio que combina com maior ou menor grau a imaginação e observação, a ciência e a arte e que caracterizariam o traço mais característico e original de nosso pensamento (MARTINS, 2019, p. 52).

É o jovem Freyre, entre seus vinte e trinta anos, o objeto desta pesquisa. Procuro compreender como Freyre, um jovem intelectual, se portou diante da crise observada tantos nos países que teve contato enquanto estava no exterior, quanto, e principalmente, no Brasil. Portanto, considerado o recorte de espaço e tempo tem-se: Estados Unidos entre 1918 e 1922; Europa, mais detidamente Paris, Inglaterra, Alemanha e Portugal, de meados de 1922 até fevereiro de 1923; e, finalmente, Brasil de março de 1923 até 1930.

Portanto, o objeto é o Freyre anterior a “Casa Grande e Senzala”; é o Freyre, que se formou nos EUA, viajou pela Europa, para então voltar ao Brasil e começar a se estabelecer em uma profissão. Sua atuação no jornalismo se dava como escritor, de maneira que seus textos no “Diário de Pernambuco” são uma primeira mostra de sua aptidão como crítico social de seu tempo. Nesses textos, Gilberto Freyre já promovia análise e reflexão a partir dos mais diferentes tópicos: cultura, religião, política, arquitetura e urbanismo, gênero, ciência, tecnologia etc. Através de um artesanato intelectual, Freyre conecta esses diversos assuntos, marcando, assim, seu estilo como crítico da forma de vida moderna.

Apesar da amplitude contida na ideia de intelectual, que admite inúmeras definições, trago, por ora, uma postulação genérica apresentada por Wolf Lepenies (1992, p. 14 - 15): “o intelectual é um descontente crônico, pois sofre com o estado do mundo”. Com base nisso, o autor indica duas características que acredita serem intrínsecas ao intelectual: a melancolia e a utopia. Conforme o autor, a melancolia viria do fato de observar o mundo como ele é e se lamentar. A utopia viria, por sua vez, como uma fuga dessa melancolia pela via de imaginar como o mundo poderia ser, aspirar um mundo melhor e procurar os meios de criá-lo, ainda que a partir de sua mesa de trabalho.

Por esse viés, o Freyre do início da década de 1920 pode ser lido como melancólico. Ele lamentava a ânsia de Progresso (referia-se, quando criticava, ao progresso com P maiúsculo), os excessos de liberalismo e de positivismo, as consequências da democracia, a standardização e a decadência moral, o desprezo pelas tradições e pela cultura nacional dentre muitas outras coisas. O que chamo de

melancolia é encontrado tanto na correspondência com os amigos (tratada mais adiante¹), quanto nos textos que escrevia para o Diário de Pernambuco.

E é possível interpretá-lo como um utópico também. Uma utopia ao estilo de um Fourier² “suavizado”. Isto é, parte da ideia de que algo foi esquecido e precisa ser lembrado. O que Fourier preconizava não era uma reforma, mas um retorno às raízes (RICOEUR, 2017). O utópico francês, conforme aponta Ricoeur (2017) escreveu muitas páginas acerca do tema do esquecimento e a necessidade não de inventar, mas de redescobrir o que esquecemos. No entanto, para Fourier, o retorno assumiria a função “de simples reversão dos pretensos vícios em virtudes, e, assim, temos uma simples substituição pelo contrário” (RICOEUR, 2017, p.359).

A utopia freyriana, se assim posso chamar, fala na necessidade de um retorno ao passado, da busca de raízes para sustentação do presente na tradição, mas concebe a coexistência desses aspectos com o moderno. Portanto, fala de uma redescoberta do passado, mas não para substituição de valores. Antes, sua visão implica em correção de excessos, portanto, contemporização. É uma ficção que consegue compor a partir do passado e do futuro, do tradicional e do moderno, num processo criativo em que os aparentemente opostos se temperam, se fecundam e se complementam. Para continuar na leitura do intelectual a partir de Lepenies (1992), a melancolia de Freyre vem da lamentação do presente com fuga para a utopia de um futuro reintegrado ao passado. Traços dessa utopia podem ser encontrados nos artigos de jornal e no Regionalismo manifesto no Centro Regionalista do Nordeste.

O Centro foi um primeiro movimento em direção ao que havia de realizável na utopia freyriana: visava a adequação de sua região a partir dos ideais que considerava como importantes. Via nesse movimento uma ação que muito contribuiria para a constituição de uma identidade cultural brasileira. O Nordeste, e Pernambuco em especial, era apresentado pelos membros do Centro como reduto das tradições verdadeiramente brasileiras – o local em que as tradições e cultura

¹ As cartas trocadas entre Gilberto Freyre e Oliveira Lima foram organizadas em livro, “Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre” por Angela de Castro Gomes. Quanto a correspondência referente a José Lins do Rego, contamos com a passiva de José Lins, isto é, as cartas que recebeu de Freyre.

² As comparações com a utopia de Fourier se limitam a sua relação diante do passado. Pois ademais, tratava-se de uma utopia socialista que queria instaurar uma nova forma de relação de produção, além do cultivo das paixões. (RICOEUR, 2017). Como uma religião secularizada, almejava recuperar a harmonia que uma vez existiu numa comunidade guiada pelas boas paixões – ironicamente pode-se comparar com um retorno ao jardim do Éden. Porém, um Jardim do Éden industrializado.

não haviam sido modificadas ou solapadas pela cultura estrangeira que adentrou o país com a onda de imigração europeia após a abolição.

Com isso temos no jovem Freyre da década de 1920 um intelectual melancólico e com aspirações utópicas. O momento conturbado em que tenta se estabelecer profissionalmente vai encontrar um Brasil em transformação, conformando um encontro entre suas incertezas pessoais com as instabilidades sociais.

Um intelectual em meio à crise

Mas não será carta ou telegrama com o endereço errado toda a alta e pura vocação que surge num Brasil como o de hoje - sem nenhum ambiente clarificado de interesses inferiores ou da concepção jurídico-prática da vida? Não haverá em toda vocação assim, que surge entre nós, logo ao surgir, logo à manhã da vida, como esterilizadora intuição de destino desviado e de desejo falhado? (FREYRE, DP 05/10/1924)

No texto do qual faz parte a citação acima, Freyre reflete em torno de um comentário realizado por um amigo. O comentário consiste em se questionar acerca dos diferentes caminhos que poderia ter tomado na vida, ou seja, os destinos alternativos que uma vez estiveram disponíveis. Freyre compara as pessoas (principalmente aquelas com algum talento ou vocação) às cartas. A carta pode ter um destino bem descrito ou pode apresentar insuficiência dessa informação. Nesse último caso, “cartas com o endereço errado (...) vão ter destinos onde seu conteúdo é absurdo e faz rir” (FREYRE, DP, 05/10/1924).

Não é estranho depreender desse texto a reflexão que Freyre fazia de sua própria vida. Afinal, em carta de 04 de agosto de 1927 a José Lins do Rego, chegou a se comparar, com um personagem de Lima Barreto: "Eu creio que sou um Gonzaga de Sá moço - uma vida torcida mas resignada – distorcendo-se no que pode, dentro de si mesmo, dentro de umas vidas internas mais internas que tem sido vividas aqui debaixo dessas boas acolhedoras jaqueiras” (GF – JL, 04/08/1927).

O personagem Gonzaga de Sá era um indivíduo muito culto, amante (ou amigo³, para usar uma terminologia de Freyre) dos livros, que acaba não tendo espaço, oportunidade ou o que quer que seja para deixar fluir e florir todo esse conhecimento. Gonzaga de Sá chega ao fim da vida como um funcionário público,

³ Palhares-Burke (2005, p. 95) faz uma listagem de como Freyre se referia aos livros: “livros velhos camaradas”; “meus irmãos os livros, cada vez mais meus irmãos”; “meus amigos”; “amigos a me fazerem companhia neste meu exílio intelectual no trópico”

ressentido da estupidez que testemunha dia após dia no setor burocrático no qual trabalha.

Ao final de 1926, Freyre assumiu a chefia de gabinete do Governador de Pernambuco Estácio Coimbra, que governou de 12 de dezembro de 1926 a 28 de março de 1930. Após esse período, seguiu como secretário particular do político, até que foram exilados ao fim de 1930, devido a Revolução. Portanto, no período da carta para José Lins, Freyre já estava há alguns meses como funcionário público, permitindo que a comparação com o personagem Gonzaga de Sá seja ainda mais acurada.

Freyre voltou do exterior com uma bagagem intelectual muito rica, conhecendo uma miríade de autores norte-americanos, ingleses, alemães etc. que muita gente não havia sequer ouvido falar no Brasil. Em um texto que escreveu para o Diário de Pernambuco, relembra que “da primeira vez que falei em Otto Braun, Psichari e Bourne: um requintado me disse confiante da sua agudeza e sorrindo com um dente de ouro: nomes de mentira, hein, sem manganão!” (FREYRE, DP 19/12/1926). Depreende-se que não houve um imediato reconhecimento de sua potência intelectual para além de seu círculo mais íntimo de amigos. Dentre esses amigos estava José Lins do Rego, que desde o começo da amizade tomou-o como seu mestre de idade próxima a sua.

Apesar de seu amor a Recife ser bem conhecido e documentado, principalmente nos materiais biográficos fornecidos pelo próprio autor, sua volta para o Brasil não foi pacificada, assim como não era certo que permaneceria em Recife. Seu professor de Baylor, A. J. Armstrong, disse-lhe que se ficasse nos EUA ou se situasse na Europa, escrevendo em inglês, certamente teria uma carreira intelectual promissora (MENESES, [1944] 1991; FREYRE, 1975; PALHARES-BURKE, 2005; LARRETA e GIUCCI, 2007). Oliveira Lima tentou ponderar ao jovem que no Brasil, e principalmente em Pernambuco, suas aptidões seriam antes motivo de inveja do que de reconhecimento. Mas que, se insistia em voltar para o país, que ao menos tentasse a vida num dos dois centros: o intelectual na capital, Rio de Janeiro, ou São Paulo, o centro industrial e moderno. Para tanto, o ex-

diplomata ofereceu-lhe algumas cartas de recomendação e contatos para procurar nas duas cidades⁴.

Como agravante, o Brasil da década de vinte encontra-se em processo de transformação. Por isso é necessário entender para qual Brasil Freyre estava voltando. Primeiro, é válido chamar atenção para o diagnóstico apresentado na obra “Viena fin-de-siècle”. Nela, Schorske (1990) aponta para como, ao final do século XIX e início do século XX na Europa⁵, se vislumbra a crise própria do liberalismo – questão que se aprofunda após a Primeira Guerra Mundial. Em uma perspectiva cosmopolita, o Brasil também é afetado por essa onda de “suspeita” perante o liberalismo (juntamente com o naturalismo e positivismo) e perante a concepção da ideia de Civilização – dando espaço para a valorização das particularidades e, portanto, para a concepção de civilizações (no plural). Nessa esteira, observa-se também o impulsionamento de movimentos nacionalistas.

De acordo com Martins (2010a), a insatisfação com os caminhos da República começou a aparecer em discursos políticos por volta de 1914⁶. A partir de 1915 passa-se a observar a intensificação dos discursos nacionalistas. Um exemplo é a publicação do livro de Alberto Torres, “O problema nacional brasileiro” – obra que tornou Torres ideólogo de movimentos autoritários dos extremos do espectro político.

Outro é a fundação da Revista do Brasil, em 1916, que em seu editorial identificava como um de seus objetivos servir de propaganda nacionalista. Neste editorial, apresenta-se o país como “uma nação que ainda não teve o ânimo de romper sozinha para a frente em uma projeção vigorosa e fulgurante de sua personalidade” (MARTINS, 2010b, p. 53). Pode-se dizer que esse editorial e a

⁴ Em 25 de janeiro de 1923 Oliveira Lima envia uma carta à Washington Luís que era “presidente do estado de São Paulo” em que recomenda o jovem Gilberto Freyre (GOMES, 2005, p. 163 – 164)

⁵ Seu foco na Viena de fim de século se deve ao fato dela ser observada como um laboratório social e um centro cultural que ficou em evidência na transição de séculos, principalmente por nela serem encontrados grandes mentes que marcaram a produção intelectual e artística da época. Cf. Schorske, Carl. Viena fin-de-siècle, Editora Schwartz, São Paulo, 1990.

⁶ Dá o exemplo de discurso realizado Licínio Santos na câmara dos deputados no qual observa que a República, apesar de ainda jovem, estava “já decrepta [sic], esganiçada e famélica” (SANTOS apud MARTINS, 2010a, p. 604). No âmbito do Direito, observa-se uma série de críticas à constituição de 1891, considerada por muitos como uma constituição estrangeira, “um corpo estranho no organismo político nacional” (MARTINS, 2010b, p. 34).

criação da revista como um todo resulta, em síntese, do desejo por uma aurora intelectual⁷ que guiasse o país para a autorreferência e autoconsciência.

Tudo isso demonstra o processo de contestação do projeto nacional vigente incorporado pela Primeira República, o que implica em seu processo de crise que se arrastará por toda a década de 20. De maneira que se abria uma lacuna, uma espécie de vácuo que clamava para ser preenchido por um novo projeto nacional, algo que melhor expressasse a nação, seu povo, sua cultura, sua identidade⁸. A intelectualidade brasileira, incluso os artistas, passam a pensar a nação tanto em termos de forma quanto de substância.

Cordeiro (2022), ao se questionar acerca do significado de crise (e sobre o quanto o conceito havia se normalizado e esvaziado) reflete que o caráter aparentemente unitário e durável do mundo social esconde a sua realidade frágil. O autor aponta que é apenas quando há um evento social “sísmico” que perturbe a ordem, um movimento ou situação que quebre essa unidade e durabilidade aparente e superficial, que somos novamente lembrados da real fragilidade do mundo social no qual estamos implicados. Para ele, esse é o “momento da crise: momento em que

⁷ José Veríssimo em seu “História da Literatura Brasileira” (publicado em 1916, após a sua morte) já apresentava o questionamento acerca do que era literatura brasileira. De maneira que conclui que a “história da literatura brasileira é [...] a história do que da nossa atividade literária sobrevive na nossa memória coletiva de nação” (VERÍSSIMO, 1916 apud MARTINS, 2010b, p. 66 – grifo nosso). Isso, de alguma forma, influi para estabelecer a concepção da literatura como um espaço de constituição da nação e, por tanto, também um espaço de disputa sobre a narrativa nacional. Em 1914 encontra-se também duas obras que antecipam o caráter do romance social dos anos 1930, assim como o nacionalismo crítico do segundo momento do modernismo de São Paulo. São elas “Jeca Tatu” de Monteiro Lobato e “Triste fim de Policarpo quaresma” de Lima Barreto. Ambas as obras podem ser lidas como reflexões acerca do problema nacional brasileiro ao abranger a realidade brasileira e discursar criticamente sobre a ideia de nacionalismo que fundara e vigorara durante a Primeira República. De formas distintas, cada livro mostra, através do ridículo, uma faceta desconcertante do então “país do futuro”. Nas palavras de Wilson Martins (2010b), “Lima Barreto se compraz em desvendar os aspectos odiosos, ridículos ou grotescos de uma época que passou para a história como a ‘consolidação da república’” (p. 24).

⁸ Em meio à busca pelo que havia de brasileiro no Brasil houve já em 1916 uma preocupação em realizar uma cartografia linguística, de maneira a mapear os localismos e registrá-los, observando-os como um produto que apesar da origem europeia da língua portuguesa, é resultado de sua apropriação adicionada a ‘algo mais’. Esse algo mais, resultante dos processos históricos e contato entre as matrizes indígenas, africanas e europeias, resultou em algo brasileiro – fruto da mistura. Nosso problema linguístico estaria, então, diretamente ligado ao problema racial e étnico de constituição do povo brasileiro. Daí aparecer a defesa de uma “língua brasileira” para compor, entre outras coisas, uma literatura brasileira capaz de revelar o Brasil para o brasileiro. Nas distintas expressões modernistas (considerando o que nos é importante aqui, os regionalismos) houve a incorporação dessa linguagem “falada” nas obras escritas. A obra literária do grande amigo de Freyre, José Lins do Rego, é um bom exemplo dessa incorporação. E o próprio Freyre, em certa medida, incorpora em sua escrita elementos da linguagem oral, o que, ao lado de sua forma de fazer história social, resultam no caráter fluido próprio de seus ensaios, que “não pareciam ciência”, mas que não eram propriamente literatura.

o mundo ao nosso redor se torna problemático e perde o caráter de fenômeno unitário e natural” (CORDERO, 2022, p. 19)

É conhecido o quadro de crise que Boris Fausto apresenta em sua análise sobre a Revolução de 30 (FAUSTO, 1970). Focada principalmente nas questões econômica e política, ela nos ajuda a ter um vislumbre do pano de fundo sob o qual a ebulição social se constituiu ao longo da década que a precedeu. O autor observa que a crise da oligarquia cafeeira não se limitava à influência econômica, como servia também de base importante na condução da chamada política do Café com Leite sob a qual estava se sustentando a Primeira República. Essa crise aprofunda a concepção de fragilidade da República e aumenta a desconfiança para com o liberalismo que era a base ideológica em que se legitimava. Nesse sentido, está em consonância com o que já se observava na Europa desde o fim do século XIX. No Brasil da década de 20, como apontado por PECAUT (1990), a sensação era de que “tudo estava em jogo ao mesmo tempo. Instituição alguma escapou à necessidade de assumir uma nova legitimidade: tanto a Igreja, como o Exército, tanto o Estado como os estabelecimentos de Ensino Superior” (p. 22).

Como principal sintoma da crise que se instalava no país, Fausto (1970) aponta o tenentismo, com a primeira revolução em 1922 e a seguinte em 1924. Esses oficiais estavam incomodados pelo fato de a oligarquia cafeeira ter o Exército como poder subordinado. A crise econômica mundial de 1929⁹ agravou a crise já observada, enfraquecendo ainda mais a oligarquia, responsável em grande medida pela política dos Governadores, que se encontrava, portanto, muito erodida.

Boris Fausto chama especial atenção para o tenentismo, pois:

Na década de vinte, o tenentismo é o centro mais importante de ataque ao predomínio da burguesia cafeeira, revelando traços específicos, que não podem ser reduzidos simplesmente ao protesto das classes médias. Se a sua contestação tem um conteúdo moderado, expresso em um tímido programa modernizador, a tática posta em prática é radical, e altera as regras do jogo, com a tentativa aberta de assumir o poder pelo caminho das armas. Sob esse aspecto, embora inicialmente isolado, o movimento tenentista está muito à frente de todas as oposições regionais, o iniciar a luta em julho de 1922. (FAUSTO, 1970, p. 112 – 113)

Para o interesse desta tese, importa também a observação de Fausto no que se refere aos líderes do movimento tenentista. Ao olhar para as vinculações

⁹ Boris Fausto (1970) avalia que a ápice da derrocada do café ocorreria independente da crise econômica de 1929, mas que certamente esse evento contribuiu para acelerá-la.

familiares desses líderes¹⁰, ele encontra o que seria uma razão para aquela “audácia” revolucionária. Indica que os líderes não eram figuras obscuras em busca de ascensão social, mas pessoas com “*uma responsabilidade de elite pelos destinos do país, que julgam desviado de seus verdadeiros objetivos*, [que] incentiva-os a romper abertamente com a ordem estabelecida” (FAUSTO, 1970, p.92 – 93, grifo nosso).

Nesse sentido, a leitura de Fausto (1970) converge novamente com a análise realizada posteriormente por Daniel Pecaú (1990), na qual ele observa que na geração de intelectuais que surge entre as décadas de 20 a 40 se mostrou preocupada, sobretudo, com o problema da identidade nacional e das instituições. Indica que era possível identificar uma característica comum a esses intelectuais: a convicção de que “lhes competia uma responsabilidade essencial na construção da nação”. (PECAUT, 1990, p. 16).

Aparece também em 1922 outro grupo de jovens que se interessaram pelos destinos da nação, os Modernistas de São Paulo. Esse grupo, porém, fez sua incursão no meio cultural e estético. Preocupados com a identidade cultural do país, este grupo vai realizar uma revolução estética, rompendo com as tradicionais formas e estilos de expressão, muitas das quais eram ou herança portuguesa ou importadas do estrangeiro (naquele período o país consumia muitos produtos culturais franceses); para em seguida apresentar um programa que visava dar a conhecer e disseminar o que de fato era brasileiro no Brasil. Para tanto, os esforços são canalizados em busca de lendas e folclores, músicas, estrutura de versos, estilo de traços, vocabulário (línguas indígenas, língua falada), uso das cores etc. (AZEVEDO, 1996; JARDIM, 2015).

¹⁰ De acordo com o verbete sobre Tenentismo fornecido pela FGV, os principais líderes do tenentismo foram: Luís Carlos Prestes, Juarez Távora, Eduardo Gomes, João Alberto Lins de Barros, Osvaldo Cordeiro de Farias, Miguel Costa, Antônio Siqueira Campos, Juraci Magalhães, Newton Estillac Leal, Djalma Dutra, João Cabanas, Herculino Cascardo, Isidoro Dias Lopes, Nelson de Melo, Agildo Barata, Lourenço Moreira Lima, Alcides Etchegoyen, Ari Parreiras, Plínio Casado, Augusto Maynard Gomes, Jurandir de Bizzaria Mamede, João de Mendonça Lima, Roberto Carneiro de Mendonça, Landri Sales, Cristiano Buys, Ricardo Holl, Ciro do Espírito Santo Cardoso, Mário Fagundes Portela, Cleto Campelo, Mário Carpenter, Ernesto Geisel, Artur da Costa e Silva, Newton Prado e Joaquim Távora. Entre os tenentistas civis: Osvaldo Aranha, Virgílio de Melo Franco, Carlos de Lima Cavalcanti, Pedro Ernesto Batista e José Américo de Almeida. (cf. <https://atlas.fgv.br/verbetes/tenentismo>). Percebe-se que eram jovens, nascidos ao final do século XIX e início do século XX, que reivindicavam para si a responsabilidade sobre o destino da nação. Ou seja, com esse movimento, recusaram abertamente o projeto de nação em vigor, principalmente no que diz respeito ao papel que o Exército vinha cumprindo nele

Seus principais representantes foram Mário de Andrade (1893 – 1945), Oswald de Andrade (1890 – 1954), Anitta Malfatti (1889 – 1964), Tarsila do Amaral (1886 – 1973), Menotti del Picchia (1892 – 1988), Guilherme de Almeida (1890 – 1969), Di Cavalcanti (1897 – 1976). Também composto por um grupo de pessoas relativamente jovens, em sua maioria na casa dos 30 anos.

Cordero (2022) aponta que junto da crise, emergem os sentimentos de angústia, de descontinuidade e incerteza: essa comunhão torna propício que se questione o status quo; “abre uma brecha no significado e nas práticas estabelecidas” (p. 19). Nesse sentido, abre brecha para que críticas ao estado atual (e em crise) surjam, para que novos caminhos se desenhem como alternativa àquele ao qual se estava e que não mais permite seguir adiante.

E é em meio a efervescência de uma “mocidade” que ansiava por redesenhar o país para si que Freyre retorna. Um promissor jovem intelectual de vinte e três anos que se vê num país afundado em inúmeras crises: política, econômica, social, cultural etc. Ele, assim como seus amigos de idade próxima, se sentiu desencantado, perdido, sem capacidade de vislumbrar o próprio futuro (uma carta sem destino). Percebe, portanto, que não está sozinho nessa situação, que inúmeros outros jovens estão sem perspectivas, procurando um grupo para se integrar, uma ideia que lhes dê sentido, nas duas definições do termo: significado e direção.

Gilberto Freyre, após seu retorno e período de reestabelecimento no Brasil, afetado pelo choque com que testemunhou a modernização da cidade de Recife e influenciado pelos muitos movimentos que teve contato tanto nos EUA quanto na Europa, torna-se um catalizador intelectual em Pernambuco, com reverberações na intelectualidade dos estados vizinhos. Ele, em certa medida, compôs o núcleo de um movimento cultural dessa vez fora do eixo Sul, no Nordeste. Ao identificar algumas de suas incertezas e compartilhar suas convicções com os jovens a sua volta, Freyre desenvolve uma forte consciência geracional, já latente pelo que pôde observar dos jovens no pós-guerra pelos países pelos quais passou.

César Braga-Pinto (2018) analisa os afetos (amizades e rivalidades) entre os homens de letras do final do século XIX às primeiras décadas do século XX. Em seu trabalho, procurou identificar como os grupos de amigos se organizavam, como se dava a dinâmica entre as amizades e as polêmicas e como essas pessoas tematizavam todo esse processo. Ele percebe a partir do século XX que as disputas pessoais, apesar de ainda presentes, se abrandam e dão lugar para uma preocupação

generalizada com o futuro do país. Relaciona esse movimento com o “desejo de se resolver o antagonismo social que divide a nação” (BRAGA-PINTO, 2018) e que acaba por aglutinar esses homens de letras e intelectuais em torno da ampla categoria de geração.

A categoria de geração também estava em alta nos Estados Unidos e na Europa do final do século XIX e início do século XX (até 1914), como se pode perceber com Schorske (1988). O autor procurou, entre os produtores culturais, elementos que ajudassem a explicar a fragmentação de movimentos e correntes filosóficas, culturais e artísticas observada nesse período. Através da interação entre cultura e política, o historiador aponta para a crise do liberalismo como fio condutor catalizador dessa explosão de ideias e movimentos. Em meio a isso, ele identifica o que chama de uma

“revolta edípica coletiva”: mas os jovens estavam se revoltando, não tanto contra os pais, mas contra a autoridade da cultura paterna que lhes fora legada. O que atacavam numa frente ampla era o sistema de valores do liberalismo clássico predominante em que tinham sido criados (SCHORSKE, 1988, p. 21)

Em meio a influência da questão geracional, que estava sendo discutida tantos nos contextos que visitou, quanto em muitos dos autores que leu, Freyre define, em um texto chamado “Apologia pro generatione sua”, a relação que observa entre a sua geração e a anterior: “Tradicionalistas os filhos diante dos pais neófilos”. Uma frase curta, mas que sintetiza a leitura que Freyre fazia do país durante sua vivência ao longo da década de 1920.

Mannheim, que nasceu em 1893, viveu o período de intensa transformação que corresponde a transição entre os séculos XIX e XX. Não espanta, portanto, que suas obras tenham, como pano de fundo, justamente esse contexto. Ele se vira para a sociologia imbuindo à disciplina a função de guia em meio a tempos de crise e de intensa transformação (SANCHEZ, 1993). Assim, para além de um teórico cujas obras foram consultadas para o presente trabalho, ele é também um personagem de fundo dessa grande história. Em 1928, Mannheim publica “O problema das gerações” no qual realiza um balanço dos estudos realizados sobre o tema até então, buscando ponderar tanto as perspectivas positivistas quanto as mais românticas, para então propor sua contribuição. Nesse texto, a sucessão de gerações é observada como elemento importante na explicação das transformações sociais ao longo da história. No ano seguinte, 1929, Mannheim realiza uma reflexão acerca “d’O

problema sociológico da Intelligentsia” em sua busca por compreender as transições culturais e o lugar do intelectual diante delas.

Portanto, Mannheim observou uma íntima relação entre geração, intelectuais e crises. E a observação dessa relação estimulou a presente tese. Afinal, como intelectuais se relacionam e respondem a períodos de crise? Consultou-se não apenas esses textos de Mannheim (1968, 1974, 1993) como também os de Schorske (1988), Bourdieu (1989, 1996) Pécaut (1990), Lepenies (1992), Collins (2000), Kurzman e Owens (2002), Walzer (2002), Leclerc (2004), Benda (2007) e Braga-Pinto (2018).

A partir dessa leitura, observou-se que em momentos de transformação, geralmente manifestados em crise ou crises diversas, encontra-se a necessidade de um novo arcabouço de valores, ideologias e estéticas que sejam capazes de dar vazão as demandas sociais que surgem com, ou que foram os próprios catalizadores da, mudança. Novos produtores culturais, dentre eles os intelectuais, sentem-se “convocados” à missão de fornecer esses novos elementos, para substituir, reformar ou [re]inventar valores e tradições. Com isso em mente, a presente pesquisa procura nos textos que Freyre produziu na década de 1920, sua resposta diante da crise da República no Brasil

Questões da pesquisa e metodologia

Devido a sua envergadura enquanto intelectual e homem público com uma vida repleta de conquistas e polêmicas, Freyre teve sua vida escrutinada em diversos estudos. Não poderia deixar de citar Ricardo Benzaquen que, com seu livro “Guerra e Paz”, ajuda a entender a lógica interna comum a todas as obras da década de 30 de Freyre: equilíbrio entre os opostos. Apesar desse trabalho abordar um Freyre da década seguinte, ele fornece indícios acerca do seu processo de amadurecimento intelectual que dará, como primeiro produto, o livro “Casa Grande e Senzala”. A maneira como Benzaquen analisa os textos de Freyre também serviu como inspiração quanto a forma de analisar os textos publicados no jornal “Diário de Pernambuco”.

Elide Rugai Bastos, autora do livro “As criaturas de Prometeu”, apresenta uma análise crítica das contribuições do sociólogo para a compreensão da formação da sociedade brasileira. Nessa obra, foca nos livros que, em conjunto, denomina

“Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil”. Esse conjunto é formado por: “Casa Grande & Senzala” (1933), “Sobrados e Mucambos” (1936), “Ordem e Progresso” (1959) “e o prometido, mas não acabado, Jazigos e covas rasas” – a autora adiciona a esse grupo o livro “Nordeste” (1937). Esta obra também aborda um Freyre mais maduro do que aquele objeto desta pesquisa. No entanto, ela contribui ao perceber nessas obras uma preocupação de Freyre com as transições. Conforme sua interpretação, Freyre se interessava pela forma como no Brasil se combinavam tradição e modernidade, rural e urbano, sagrado e profano, o velho e o novo. Ela indica que em sua obra “articulam-se também tempos distintos. Por isso a importância em suas pesquisas do tema da transição: a passagem do trabalho escravo ao trabalho livre, da monarquia à república, do campo à cidade” (BASTOS, 2006, p. 12).

O Freyre da década de 20 está preocupado com uma transição: a que está vivendo em seu próprio tempo. Ele tenta identificar (ou diagnosticar) as causas da mudança assim como procura por formas pelas quais pudesse atuar nela. Essa afirmação tem como base alguns textos que Freyre publicou no Diário de Pernambuco que expressam sua frustração com o Brasil de seu tempo, principalmente com aqueles que o estavam guiando em direção à turbulência. Tendo em vista que não se trata de observar uma transição que já ocorreu, mas sim de uma em andamento, sua preocupação gira em torno do que o Brasil poderia vir a se tornar.

Há a biografia intelectual realizada por Maria Lúcia Palhares-Burke, denominada “Gilberto Freyre: Um vitoriano nos Trópicos”, na qual procura demonstrar que Freyre se guiou por muitos autores ingleses e vitorianos, adaptando essa visão anglófila à uma interpretação da realidade brasileira. Além de apresentar as influências inglesas presentes nas obras de Freyre, ajuda a compreender o período que Freyre estava fora do país, principalmente em Oxford, que lhe marcou muito enquanto experiência de vida para além da intelectual. Oxford, dentre os demais lugares que visitou naquele período, foi ao qual mais se apegou e que o permitiu vislumbrar um caminho de cooperação entre a tradição e a modernidade. É munido dessa possibilidade que Freyre lança seu olhar para o Brasil em seu retorno.

Como base dessa pesquisa, encontra-se “Gilberto Freyre: uma biografia Cultural” realizada por Enrique R. Larreta e por Guillermo Giucci, que intenta

entrelaçar a trajetória de vida de Freyre, com suas relações familiares e sociais, sua educação e com a abordagem que realizou do país. Esta obra demonstrou ser, a meu ver, uma das mais completas biografias em termos de informações e descrições a seu respeito. Ela abarca a vida de Freyre até 1936, de maneira que procura ser bem detalhada. Conta como fonte os cadernos de anotações, diários, correspondência, outras biografias, artigos publicados em periódicos, obras de Freyre etc. Procura também apresentar um perfil daqueles que contribuíram na trajetória do jovem pernambucano. Dessa forma, se apresentou como uma fonte preciosa nesta tentativa de esboçar a trajetória de Freyre ao longo dos anos 20.

Ainda pode se apontar a realizada por Diogo de Mello Meneses, seu primo, publicada pela primeira vez em 1944. Essa biografia, é um desenvolvimento do texto biográfico que José Lins do Rego havia realizado em 1927, mas que Freyre o dissuadiu de publicar. Freyre acompanhou de perto sua produção, de maneira que condicionou a visão de si que ela apresenta. Essa obra parece ter o intuito de afirmar Freyre como um importante pioneiro no Brasil diante dos mais variados assuntos. Ainda assim, é também uma fonte valiosa para a pesquisa acerca do escritor pernambucano.

Não posso deixar de citar que Freyre não perdeu a oportunidade de apresentar uma narrativa sobre si mesmo. Para além dos vários prefácios, introduções e ensaios em que menciona a própria trajetória, há a publicação de “Tempo Morto e outros tempos” (1975). A maior parte do material desse livro é oriundo dos diários que manteve durante a adolescência acrescido de alguma edição, como apontado por Palhares-Burke (2005) e por Schwarcz (2008).

Com relação a compreensão de um intelectual, parto de uma análise aproximada da visão de Mannheim, ao enfatizar que o intelectual, com sua capacidade crítica, é capaz de observar a si (como um personagem), aos demais e ao conjunto de sua sociedade com certo distanciamento. Essa habilidade de se “descolar” é oriunda do cultivo de uma “incerteza fértil” (MANNHEIM, 1974). No entanto, não se trata de ausência de vínculo do intelectual com uma classe. Ele o possui, mas o autor compreende que, embora o intelectual seja influenciado por sua classe de origem, não é determinado por ela. Para pensar a influência da classe, o capital cultural, no sentido que lhe dá Bourdieu (1996) e Randall Collins (2000), assim como as condições materiais do indivíduo são fatores que não devem ser

negligenciados na análise. Para tanto, as biografias acima mencionadas nos ajudam a compreender as condições sociais e culturais de sua formação.

Aqueles compreendidos como intelectuais no início do século XX – período que pode se estender até mais ou menos a década de 40 – são oriundos, em geral, de uma elite. Afinal, poucas eram as pessoas naquele Brasil que possuíam instrução e menos ainda aquelas que foram capazes de avançar em sua formação para se tornarem bacharéis. Quando se pensa a respeito dos que puderam estudar fora do país, o grupo é ainda menor. Portanto, Freyre faz parte de uma pequena elite ilustrada no país. Os intelectuais do Nordeste, em grande medida, eram descendentes de uma decadente aristocracia rural, decadência que teria se iniciado mais de um século antes de seu nascimento. D’Andrade (2010) aponta justamente para a relação entre a ideologia Regionalista e os interesses da classe descendente da aristocracia rural decadente na qual situa Freyre.

A ideia de um campo intelectual no Brasil naquele período pode ser interpretada como ainda incipiente. O desejo de Freyre, desde que foi para os EUA, ou mesmo antes disso, era o de viver como escritor (FREYRE, 1975). Porém teria sido desencorajado tanto por Oliveira Lima como por seus professores na universidade a voltar para o Brasil para realizar este desejo, tendo em vista que aqui a profissão não tinha ainda um espaço consolidado. O jornal e o emprego público eram, portanto, os destinos mais comuns. Sob determinado ponto de vista, Freyre teria contribuído para profissionalização intelectual no país¹¹. Mas a abordagem específica de sua atuação nesse campo não é o objetivo dessa tese.

O que pretendo, através da análise de seus textos publicados no Diário de Pernambuco e de suas correspondências com Oliveira Lima e José Lins do Rego, é compreender como Freyre se situou enquanto um intelectual diante da crise (ou mais precisamente, crises) em que o país se encontrava. Usualmente o pernambucano é lido em oposição à intelectualidade de São Paulo ou Rio e seu Regionalismo contra o modernismo etc. Porém, após ter contato com o texto “Apologia pro generatione sua”, oriundo de um discurso que realizou em João Pessoa (PB), em 5 de abril de 1924, percebi que Freyre partia de uma narrativa geracional. Portanto, empreendi a pesquisa para verificar se isso se confirmava nos demais textos que publicou na década de 1920.

¹¹ Anos mais tarde, Jorge Amado identificaria apenas outras duas pessoas no Brasil que, como ele, viviam como escritores profissionais: Erico Veríssimo e Gilberto Freyre (CARVALHO, 2022)

Tendo em vista que o fazer intelectual se dá através da comunicação de suas ideias (COLLINS, 2000), seja através de texto publicado em livro ou em periódico, seja proferida em conferências ou trocadas em correspondência, é natural que em uma pesquisa que deseja compreender o comportamento de um intelectual dê atenção especial a análise de seus textos. Nesse sentido, os artigos que Freyre escreveu para Diário de Pernambuco são uma fonte preciosa para compreender sua visão de mundo no calor do momento. Alguns desses artigos foram publicados por Freyre em dois livros: “Artigos de jornal” (s/d) e em um livro intitulado “Retalhos de Jornais velhos” publicado em 1964. No entanto, nem mesmo estas publicações escaparam de modificações – edições e omissões que Freyre costumava realizar em muitos de seus textos ao publicá-los ou republicá-los posteriormente.

Há também o livro “Tempo de Aprendiz” organizado por José Antônio Gonçalves de Mello e publicado em 1979. Apesar de compor um trabalho incrível de transcrição de grande parte dos artigos, não encontrei alguns artigos que se mostraram importantes para a análise aqui empreendida. Há também a questão de a organização do livro não se dar exatamente em ordem cronológica. Por exemplo, os “artigos numerados”, no Diário, foram atravessados por pelo menos outros 30 artigos, mas na organização do livro constam apenas três. A ordem é importante ao se analisar o desenvolvimento de suas críticas e mesmo para entender a relação desses atravessamentos com o contexto.

Devido a importância desse material, optei por ler estes textos diretamente na fonte. Para tanto, graças a Hemeroteca da Biblioteca Nacional consegui acesso aos números do Diário de Pernambuco desde 1918, em que consta a primeira colaboração de Freyre a partir dos EUA, até início de 1927. Nesses textos, procurei por indícios que me ajudassem a compreender a visão de Freyre acerca dos intelectuais (assim como derivados, como “a vida do espírito”), seus diagnósticos acerca do momento vivido no país, referência a outros intelectuais e artistas e, o que se tornou primordial para a pesquisa, a referência ao termo geração. Entre 1927 e 1930, quando Freyre assumiu o cargo junto ao governador de Pernambuco, Estácio Coimbra, e cessou sua colaboração direta com o periódico e, a partir de 19 de agosto

de 1928 passou a constar como diretor¹², ao lado de Olívio Montenegro e José Maria Bello, do periódico “A província”.

O acervo do Diário de Pernambuco na Hemeroteca é composto pelos jornais impressos digitalizados. Portanto, a qualidade da digitalização varia também pelo estado próprio do jornal. Há alguns que estão perfeitamente legíveis, outros, no entanto, estão ou com a tinta borrada ou mais apagada. Dessa forma, o mecanismo de busca através de palavras chaves ou expressões que consta na própria Hemeroteca não consegue identificar com perfeição todos os termos. Tive de realizar, pois, uma busca ativa pelo acervo referente a todo o período analisado¹³.

As séries “Da outra América” e “artigos numerados”¹⁴ eram publicadas normalmente aos domingos, de maneira que durante a pesquisa optei por dar prioridade a essas edições. Alguns dos demais textos foram encontrados ou através de referências contidas nas biografias e demais obras analisadas sobre Freyre, ou surgiram através da busca pelo termo “Gilberto Freyre”¹⁵. Conteí como textos os assinados e os discursos transcritos e assim encontrei 308 unidades (Tabela 1¹⁶). Desses, 234 foram publicados aos domingos, 9 às terças, 12 às quartas-feiras, 30 às quintas-feiras, 10 às sextas-feiras e 13 aos sábados.

De 1918 a 1920, período em que esteve na Universidade de Baylor, Freyre publicou 16 artigos. De 1921 a 1922, de Nova York, enquanto estudava na Universidade de Columbia, foram 47. A partir de março de 1923, Freyre já se encontrava no Brasil e publicou 47 artigos nesse ano; 74 em 1924; 58 em 1925 e 66

¹² Freyre não chega a assinar textos nesse Periódico. Larreta e Giucci (2007) chegam a apontar que Freyre pode ter publicado com pseudônimos, porém não há indícios conclusivos acerca de quais usava exclusivamente e quais dividia com outros colaboradores.

¹³ De 1918 a 1930 há um total de 4141 edições. Segue uma relação da quantidade de edições do Diário de Pernambuco por ano: 1918 com 361 edições; 1919 com 354 edições, 1920 com 363 edições, 1921 com 336 edições, 1922 com 305 edições, 1923 com 304 edições, 1924 com 304 edições, 1925 com 302 edições, 1926 com 303 edições, 1927 com 304 edições, 1928 com 305 edições, 1929 com 301 edições e 1930 com 299 edições.

¹⁴ Sequência de textos que tem como título números que vão de 1 a 100.

¹⁵ Entre 1918 e 1919, foram encontrados 5 resultados para essa busca. Já entre 1920 e 1929 foram encontrados 367 resultados. Porém, uma grande parte desses resultados se refere a menções ou pequenas notícias em que se cita o nome de Gilberto Freyre. Outras vezes, a ferramenta identificava e, portanto, contava duas vezes, uma no “sumário” do jornal e outra na assinatura do texto, referente a um mesmo texto. Portanto, o número de resultados nessa busca não indica o número absoluto de textos, apenas o número de termos iguais que foi possível identificar.

¹⁶ Tendo em vista que os artigos estão organizados na Hemeroteca da Biblioteca Nacional a partir de suas edições (e não de suas datas), organizei uma tabela que relaciona data, edição e título dos artigos de maneira a permitir uma localização mais fácil para futuros pesquisadores do tema. Tal tabela pode ser encontrada no Apêndice, ao final dessa tese.

entre 1926 e 1927. A série “Da outra América” conta com 61 textos. São 99 textos da série “artigos numerados”, apesar de ter-se comemorado e escolhido como fim dessa série o artigo de número 100¹⁷. Os demais textos, com títulos específicos, somam 148.

Tendo em vista sua importância, é válido compreender um pouco melhor sobre a história do Diário de Pernambuco, essa mídia essencial para a circulação das ideias do intelectual em formação que era o Freyre da década de 1920. O jornal já era, na década de 1920, um dos mais antigos em funcionamento na América Latina. Ele foi fundado no Recife em 07 de novembro de 1825 pelo jornalista Antônio José de Miranda Falcão, que permaneceu a sua frente até 1835. Depois foi vendido para a firma Pinheiro e Faria de Miguel Figueroa de Faria que o transformou em “órgão oficial dos governos da província”, posição que se manteve até 1911. Era, no entanto, um jornal antiescravista já em 1850 e que deu a seus empregados uma semana de férias para comemorarem as “festas da liberdade” quando a Lei Áurea foi assinada em maio de 1888 (ABREU JUNIOR et al (2009).

O jornal sustentou uma posição a favor do movimento que eclodiria na instauração da Primeira República. Isso, porém não modificou a linha situacionista ao governo estadual de Pernambuco que o jornal já vinha seguindo desde que adquirido por Miranda Falcão. Nesse sentido, o Diário de Pernambuco era, juntamente com o governo, duramente criticado pelo oposicionista Jornal do Recife ABREU JUNIOR et al (2009).

Em abril de 1901, após um mês fora de circulação (marcando o fim da identidade do jornal ligada a Figueroa, que morreu em 1896), o Diário surgiu com um novo proprietário, Francisco de Assis Rosa e Silva, e um novo diretor, o jornalista Artur Orlando que, mais tarde, se tornaria também deputado ABREU JUNIOR et al (2009). É sob esse arranjo que, a partir de 1911, o jornal se vê mais intrinsecamente envolvido com a política partidária, quando seu dono, Rosa e Silva encara o lançamento da candidatura de seu opositor, o general Dantas Barreto, ao governo do estado pelo Partido Republicano Conservador ABREU JUNIOR et al (2009).

Esse é um ponto importante porque deixaria marcas profundas na identidade do jornal acerca de seu posicionamento político, ao menos perante a

¹⁷ Não encontrei publicado o nº 28, sendo que o nº 27 foi publicado no dia 21/10/1923 e o de nº 29 no dia 28/10/1923.

população. Dois dias após as eleições, que ocorreram em 05 de novembro, o Diário noticiou a vitória de seu proprietário, ignorando as denúncias de fraude realizadas pelo grupo de Dantas Barreto. Essa eleição causou muita comoção na cidade, marcando o mês de novembro de 1911 pelas muitas manifestações populares. Estácio Coimbra, até então governador, renunciou diante da negativa de intervenção por parte do Governo Federal e do exército ABREU JUNIOR et al (2009). Tendo em vista o vínculo com Rosa e Silva, a sede do jornal foi apedrejada e invadida, fazendo com que o periódico deixasse de circular por duas semanas. Nesse tempo, saiu o resultado das eleições, indicando a vitória de Dantas Barreto. Na sequência, o jornal foi empastelado e fechado por dois anos.

É então em 1913 que o Diário de Pernambuco foi comprado por Carlos Lira, a quem Freyre designava como Coronel Lira, que colocou seu próprio filho, por Carlos Lira Filho, como redator-chefe e secretário gerente da empresa. É essa configuração principal que Freyre encontrou desde o início de sua colaboração com o periódico em 1918. Com Lira o jornal tentou se afastar do estigma oriundo de sua vinculação com Rosa e Silva, de maneira que já na primeira edição, em artigo intitulado “Diário de Pernambuco” afirma-se que será “uma sentinela vigilante do povo pernambucano, verberando desassombradamente, mas com imparcialidade [...] todos os atos enfim, venham de onde vierem, que importem no falseamento dos verdadeiros princípios republicanos”. Em breve referência ao passado então recente do jornal, o editorial aponta que

o velho órgão da imprensa pernambucana, transferido ao novo proprietário e confiado a outra direção, ressurgiu serenamente no teatro da vida para prosseguir na gloriosa trajetória que vem descrevendo desde quase um século e da qual o afastou um instante de paixão partidária que cega a razão e apaga o entendimento (DP 26/01/1913, ed 01)

Afirmam também que “não abraçamos partido algum, nem advogamos senão o que nos parecer honesto e conforme os [...] princípios de justiça”. Que o Diário de Pernambuco é um “Jornal Independente” e reclama seu “legítimo direito de apreciar as questões políticas no terreno dos princípios, procurando guiar a opinião pelo caminho da verdade, para exercício das virtudes cívicas só praticados pelos povos que se governam a si mesmos”. Ainda nessa primeira edição, no seu texto de apresentação da nova direção, afirma-se que seu interesse é em instruir o povo, de maneira a lhe ensinar a conhecer seus direitos para que

A república venha a ser realmente o que institui a Constituição de 24 de fevereiro e não o governo de oligarquias [...] que, perpetuadas ou substituídas, existem

ainda hoje e existirão sempre enquanto o voto deixar de ser uma verdade e o único inteiramente capaz de entregar os destinos os Municípios, do Estado, da Federação, aos legítimos representantes do povo (DP 26/01/1913, ed 01)

Deixa claro também que não é mais um órgão “oficial ou oficioso de situação alguma” de maneira a garantir o direito do periódico de criticar os atos da administração e mesmo de defender aqueles que “forem inspirados nas leis e no bem público”. Porém, apesar desse esforço em se desvincular da direção anterior, a sombra de Rosa e Silva ainda se estendia pela identidade do jornal perante a população, de maneira que a sede do jornal foi novamente apedrejada durante as confusões acerca das eleições de 1915, que deram a posse para o antigo líder ao invés do candidato eleito, José bezerra.

Em 1922, Rosa e Silva realiza uma coligação com Manuel Borba para lançar a candidatura situacionista de José Henrique Carneiro da Cunha. Assim, o jornal se via inserido no conflito aberto entre borbistas e pessoístas (CASTELLO, 1961), tento em vista que o candidato de oposição era Eduardo de Lima Castro, apoiado através de um acordo entre Dantas Barreto, Estácio Coimbra e Pessoa Queirós. O jornal, como que para tentar se afastar da sombra de Rosa e Silva e de apaziguar os ânimos exaltados, publicou em uma de suas colunas a sugestão de uma solução conciliatória que consistia na indicação de um terceiro candidato. Inicialmente a solução foi rejeitada pelos dois grupos e o pleito ocorreu. Como esperado, o resultado foi contestado e chegou a gerar conflito armado entre as facções que, após dois meses, concordaram em anular as eleições e indicarem um candidato único – o juiz Sérgio Loreto.

Como se pode perceber com essa breve apresentação do Diário de Pernambuco, Freyre se vincula ao periódico quando este se encontrava sob uma direção que se pretendia neutra e imparcial diante das lutas partidárias. Talvez por isso o jornal tivesse, entre seus colaboradores, encontrar adeptos dos mais variados espectros políticos

Outra fonte importante para a pesquisa foram as correspondências de Freyre com Oliveira Lima, as quais encontram-se publicadas em livro organizado por Angela de Castro Gomes (2005), além da correspondência passiva de José Lins do Rego, isto é, apenas as cartas que recebeu de Freyre. Estas cartas foram obtidas através de minha visita ao Museu José Lins do Rego em João Pessoa – PB, de 28 de março a 02 de abril de 2022. Obtive também as cartas que José Lins do Rego

enviou para Freyre. Infelizmente, não pude utilizá-las para a presente pesquisa porque não se encontravam organizadas (muitas não possuem data) e a caligrafia, que é tão ou mais difícil que a de Freyre, tornou impossível o trabalho de organizá-las por conta própria. É um trabalho que merece ser realizado e publicado, mas não cabia no prazo de confecção desta tese. Portanto, tomei relutantemente a decisão de deixá-las de lado.

Sobre este ponto, fazem-se necessário algumas explicações. Inicialmente é importante lembrar do contexto de pandemia da COVID-19 que nos envolveu desde o início de 2020. O site que fornecia acesso à biblioteca virtual que continha alguns documentos de Freyre encontrava-se fora do ar já há alguns anos e a Casa Gilberto Freyre, onde esses documentos se encontram, estava fechada. Com a notícia de que a partir de março de 2021 começaria a vacinação, consegui voltar a pensar na agenda de pesquisa que vislumbrava uma viagem tanto para o Recife quanto para João Pessoa. O plano era visitar a Casa Gilberto Freyre e o Museu José Lins do Rego. Estive em contato com ambos durante vários meses de 2021 e descobri que a Casa Gilberto Freyre estava em reforma. A previsão era retornarem no início de 2022, de maneira que organizei minha ida para Recife ao final de março do mesmo ano. Infelizmente, a reforma não havia acabado quando visitei e pude apenas dar uma volta ao redor graças a generosidade de uma funcionária. Não obstante, a pesquisa nos documentos de Freyre estava fora de questão, pois, para protegerem os documentos da poeira oriunda das obras, foram todos alocados em um único cômodo.

*

A tese encontra-se organizada em três capítulos. No primeiro apresento a trajetória de Freyre até o fim de sua viagem pela Europa. Esse capítulo é dividido em quatro partes: 1- apresentação de Gilberto e um panorama de sua atividade jornalística enquanto estava nos EUA; 2- exposição de sua relação com Oliveira Lima, de quem tornou-se aprendiz; 3 – uma análise da tese que apresentou para concluir seu mestrado e 4 – apresentação de alguns pontos importantes de sua viagem pela Europa. No capítulo dois, abordo seu retorno para o Brasil. Esse capítulo está dividido em três partes: 1 – Apresento o retorno de Freyre ao jornal “Diário de Pernambuco”; 2 - versa sobre a ideologia do Regionalismo e a fundação do Centro Regionalista e 3 – sobre sua amizade com José Lins do Rego. No capítulo três abordo a relação entre intelectual e geração. Este capítulo está dividido em duas

partes: 1- uma análise dos seis textos em que Freyre fala enfaticamente sobre geração.

Capítulo 1 Gilberto Freyre longe de casa

Gilberto de Mello Freyre é o caçula de três irmãos e nasceu em Recife, no dia 15 de Março de 1900 em um bairro suburbano da cidade que contava com muitos espaços abertos: “teve dois domicílios durante sua infância no Recife, ambos em bairros situados nos subúrbios da cidade¹⁸; ele sempre fará elogios a esse modo de vida que irá, por fim, acolher, morando com a sua família em Apipucos” (LARRETA E GIUCCI, 2007, p. 22 – 23). Nesse período, aquele ponto da cidade apresentava a imagem de um Brasil rural. Imagem essa que fez parte de toda a infância de Freyre e que permaneceu como ponto de referência ao longo de sua vida – com destaque para seus temas de interesse intelectual.

Seu pai, Alfredo Freyre, era Bacharel em Direito, mas sua vida profissional se desenvolveu como educador e professor. Sua mãe, Francisca Teixeira de Mello, filha de Ulisses Pernambucano de Mello, pertencia à classe alta do Recife. Sua família, no entanto, enfrentou uma crise diante da morte repentina de seu pai e, devido a isso, Francisca e suas irmãs foram educadas diante de um relativo “apuro econômico” (LARRETA e GIUCCI, 2007, p. 20).

Na biografia cultural que Larreta e Giucci (2007) realizam de Freyre, somos apresentados ao dualismo Pai x Mãe que se desdobra em outros para explicar a complexa formação intelectual e sensível/estética de Freyre. O pai nos é apresentado como um homem com “excesso de corretismo e falta de imaginação (...) de modos secos, que degustava frutas tropicais com garfo e faca, incapaz de morder uma goiaba ou um araçá como um menino” (p.19). O pai teria sido aquele que insistiu para que Freyre estudasse Latim e Grego. E foi na biblioteca dele que

¹⁸ Os autores apontam que, no local de uma dessas casas, a família de Freyre dividia o terreno com outras duas famílias de parentes. Moravam no mesmo terreno, ao lado da família de Freyre, numa casa o tio e padrinho Thomaz de Carvalho, Arminda de Mello (tia por parte de mãe e sua madrinha) e a avó materna Francisca da Cunha Teixeira de Mello (que sempre levava Gilberto à missa e o aconselhava a se tornar padre), na outra os tios: Ulyssinho (solteiro), José Antônio Gonçalves de Mello e Maria da Conceição Ferreira. “Essa vida de três famílias estreitamente aparentadas esboça um ideal de ‘casa-grande’ no subúrbio do Recife. Uma tradição em parte inventada, construída com os fragmentos de um mundo já em ruínas” (LARRETA E GIUCCI, 2007, p. 23). Há de se destacar também o engenho de São Severino do Ramo pertencente aos irmãos Souza Mello, seus parentes. Era nesse engenho que Freyre passava os verões e nele pode encontrar e “extrair” inúmeras memórias. Nesse engenho era possível encontrar de fato fragmentos de um modo de vida decadente, tanto em termos materiais quanto sociais. Naquele espaço encontrava um pedacinho do passado e podia observar seus parentes dando ordens a serviçais negros, usando de um tom autoritário e ao mesmo tempo paternal “agradecendo em tom amável – ‘deus te abençoe’” (p. 27).

o menino encontraria e leria, já tão cedo, autores como Herbert Spencer e William James. Foi também seu pai um dos responsáveis por tê-lo orientado desde cedo para o ensino e para a vida intelectual, ainda que ao custo de uma infância lúdica e livre – algo que o ressentido (LARRETA E GIUCCI, 2007).

Já a mãe, Dona Francisca, é apresentada como “uma jovem de caráter vivo e imaginativo” (LARRETA E GIUCCI, 2007, p. 20). Gilberto Freyre teria uma visão da mãe como dona de uma personalidade “sensível, artística, com formação musical”; “uma personalidade romântica, que transmitiu ao filho a influência de sua formação religiosa, bem diferente da severidade pedagógica de Alfredo Freyre” (LARRETA E GIUCCI, 2007, p. 20). Ela teria, portanto, influenciado Freyre em sua formação estética, a partir principalmente de seu amor por poesia e por literatura sentimental.

Enquanto seu pai seria uma figura própria do Brasil República, sua mãe seria então uma figura mais típica do Brasil Império, pois apresentava a confluência da educação e dos modos da casa grande com a “fala doce e a culinária da senzala” Sua mãe, uma descendente direta de senhores de engenho, teria inspirado seus retratos das sinhás pernambucas (LARRETA e GIUCCI, 2007)

Em seu diário, posteriormente publicado sob o título “Tempo Morto e outros tempos”, Freyre (1975) reflete, quando estava em Oxford, a respeito da maneira como sua mente estava se comportando ao formular frases. Para além do alto criticismo estético que realizava logo após formulá-las, diz que nesse processo de pensamento duas são as fontes de seu vocabulário:

palavras associadas à minha Mãe e palavras associadas a meu Pai. As primeiras são as mais instintivas, espontâneas, intuitivas, românticas, sensuais; as que procedem de recordações da fala de meu Pai são as mais abstratas, lógicas, eruditas, assexuais. Algumas livrescas. No que começa a ser em mim, não sei se um estilo, se apenas um modo pessoal de escrever, a tendência é para uma combinação das duas influências. Uso palavras que denominarei intuitivas sem repelir as lógicas. As cotidianas sem repudiar as raras. As populares sem deformar as eruditas. As sensíveis sem repelir de todo as abstratas. (FREYRE, 1975, p. 229)

Há, portanto, o entrecruzamento de um racionalismo e objetivismo do pai com o sentimentalismo e subjetivismo da mãe. Elementos absorvidos através da educação que recebeu de ambos ao longo de sua infância e que se tornaram importantes componentes combinados (ou numa espécie de harmonia entre opostos) na própria personalidade do pequeno Freyre. Essa combinação pode ser lida como um dos importantes aspectos na base de sua originalidade.

Ainda na biografia realizada por Larreta e Giucci (2007) nos é apresentada uma interessante reflexão sobre a experiência de deslocamento na infância de Freyre. Eles nos indicam que um tio, Thomaz Ferreira de Carvalho, possuía um automóvel no qual levava em excursões Freyre e seu irmão, Ulysses. Como se sabe, um automóvel naquele período era algo raro e propiciava um novo tipo (mais veloz) de deslocamento no espaço, permitindo vislumbrar outras paisagens, conhecer outros lugares e pessoas, ampliar sua percepção do mundo. Através dessas aventuras, Freyre teria vislumbrado variações de verde (vegetação, tema também de seu interesse), assim como variações de pessoas e modos de ser. “Talvez tenha sido essa experiência do deslocamento o que lhe permitiu perceber a singularidade e, em certo sentido, a fragilidade dos lugares” (p. 30). O que pode ter o tornado mais sensível à diversidade e contribuído para sua concepção de um Brasil Plural (p. 31).

Tendo em vista que seu pai trabalhava no Colégio Americano Batista Gilreath, Freyre e seu irmão lá estudaram sem pagar mensalidade. No entanto, precisavam trabalhar como uma forma de compensação e por isso davam aulas – Freyre, por exemplo, deu aula de Latim. Tal ação era justificada como “parte da disciplina moral necessária para a formação do rapaz”. Gilreath era um colégio administrado por “austeros educadores protestantes, imbuídos de um fervoroso senso de missão com fortes traços anglófilos” (LARRETA E GIUCCI, 2007, p. 35), o que certamente, como aponta Palhares-Burke (2006), marcou a personalidade de Freyre. Esse colégio, além de ensinar o idioma inglês, apresentava intercâmbio com o sistema universitário norte-americano – meio pelo qual Gilberto Freyre conseguiu estudar na Universidade de Baylor, no Texas. Em 1913 Freyre se tornou o primeiro editor-chefe do periódico do colégio, chamado “O Lábaro”. Em 1916, nesse mesmo periódico, faz sua estreia no jornalismo ao assinar um artigo sobre as eleições norte-americanas.

Uma característica da infância de Freyre que sempre chama a atenção de seus biógrafos é seu “atraso” para aprender a escrever, sendo que demonstrava mais interesse em realizar desenhos e pinturas¹⁹ (PALHARES-BURKE, 2005; MENESES, 1991; LARRETA e GIUCCI, 2007; FREYRE, 2005). No entanto, um professor inglês, Mr, Williams, reconheceu nos desenhos infantis de Freyre traços

¹⁹ Nas referências mencionadas, repete-se que tal fato fez com que sua avó acreditasse que ele possuía alguma deficiência mental

de inteligência. Ele ficou impressionado com as “soluções artísticas de Gilberto” (LARRETA E GIUCCI, 2007, p. 38). De outra professora, Miss Voorheas, ganhou caixas de pintura para aquarela e com ela Freyre encontrou afinidade na apreciação das cores, tão importantes – seja literalmente ou literariamente – para o autor. Já em suas pinturas era possível identificar “o impressionismo e a indecisão de forma presentes nesses desenhos infantis” (p. 38) e que continuaram não apenas em seu estilo literário, como indica os biógrafos, como também em sua própria forma de pensamento como demonstra Benzaquen (1994).

Outra característica intelectual que pode ser depreendida da biografia realizada por Larreta e Giucci (2007) trata do interesse que Freyre possuía por livros e que, a partir disso, teria desenvolvido uma personalidade marcada pelo estranhamento do mundo (p. 39). Os autores fazem essa observação com base nos manuscritos e diários mantidos por ele na adolescência. Isso chama a atenção porque muitos escritos de Freyre nos induzem a tê-lo como alguém intimamente levado pelos sentidos, isto é, pelas experiências sensoriais evocadas, por exemplo, quando descreve uma paisagem ou quando descreve a culinária. Porém, com base nas informações apresentadas pelos biógrafos e pelo seu diário publicado (FREYRE, 1975), ele na adolescência já se apresenta como alguém com intensa vida intelectual e interior, como um cultivador de mundos diferentes dentro de si. Pode-se depreender isso também pela forma como, posteriormente, comenta sobre livros e sua percepção do mundo em sua correspondência com Oliveira Lima ou com José Lins e em alguns de seus artigos publicados no Diário de Pernambuco.

Tal relação com os livros parece ter lhe permitido desenvolver a habilidade de não apenas viver, como também de se observar vivendo a própria vida, como se olhasse para um personagem com certo distanciamento. Não à toa se identifica com Gonzaga de Sá no romance de Lima Barreto²⁰. Freyre se compara com o personagem em uma carta que enviou para José Lins do Rego, na qual diz que é um “Gonzaga de Sá moço – uma vida torcida, mas resignada – destorcendo-se no que pode, dentro de si mesmo, dentro de umas vidas internas mais internas que tem [sic] sido vividas aqui debaixo dessas boas acolhedoras jaqueiras”²¹ (GF a Zé Lins,

²⁰ O personagem citado encontra-se no romance “A vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá” de Lima Barreto, que foi publicado pela primeira vez em 1919.

²¹ Freyre tinha o costume de se sentar debaixo de árvores para ler, sendo a jaqueira uma árvore comumente citada.

04/08/1927). Essa capacidade de distanciar-se para observar é uma das características apontadas por Mannheim ([1929] 1968) como habilidade intrínseca de um intelectual.

Freyre é, portanto, apresentado como essa personalidade que, desde o começo, apresenta a complexidade da coexistência de opostos que não se anulam. Se o que resulta é uma síntese ou não, pode depender da abordagem empreendida para interpretá-lo. Mas essa maneira de ser, que implicou em sua maneira específica de se relacionar com o mundo, abdicando-se de ser uma coisa só ou limitado em uma definição ou categoria, parece ter propiciado que ele encarasse o mundo a partir de uma perspectiva de imprecisão e incoerência. Isso poderia ser um dos fatores a explicar a ausência de sistematização em seus escritos, seu uso “descuidado” de conceitos, assim como a dificuldade de dizer o que era Freyre: um sociólogo, um historiador, um antropólogo? Ele opta pela designação de escritor (FREYRE, 1968), que pode ser uma e todas essas coisas ao mesmo tempo.

Se isso se faz verdadeiro, se Freyre realmente possuía o descompromisso de ser ou de representar apenas uma ideia ou uma coisa, isso indica uma capacidade de descolamento e uma liberdade de pensamento que, se peca pela imprecisão, ganha com a criatividade.

Em certa medida, essas características intelectuais se desenvolveram ainda mais quando Freyre foi para os EUA. Inicialmente desejava estudar na Europa – principalmente Inglaterra. Mas a guerra minou esses planos. Assim se deu sua escolha de estudar nos EUA. Ulysses Freyre já estava nos EUA há cinco anos e voltaria para casa, tendo em vista a impossibilidade de a família dar suporte a dois filhos no estrangeiro²². Freyre (1975) chega a refletir sobre o sofrimento de sua mãe privada de estar junto dos dois filhos ao mesmo tempo, tendo em vista que primeiro Ulysses ficou fora por cinco anos e agora era ele que ficaria também por cinco ou seis anos fora.

²² A questão financeira estará sempre presente, limitando e frustrando o jovem Freyre não apenas durante sua estadia no exterior, mas também ao longo de pelo menos a primeira década de volta ao Brasil. Inclusive, é temática que aparece em várias cartas enviadas pra José Lins do Rego, geralmente pedindo para o amigo cobrar periódicos e editores por artigos, edições e demais trabalhos que Freyre tenha realizado.

1.1 De Baylor a Columbia: Freyre nos EUA

Baylor situa-se no município de Waco – Texas, sul dos Estados Unidos. Nesse sul, conhecido pela tenebrosa realidade escravista e pelas grandes fazendas, Freyre encontrou uma paisagem social semelhante, em alguns sentidos, à de sua terra natal (PALHARES-BURKE, 2005; LARRETA E GIUCCI, 2007; FREYRE, 1975). No sul dos EUA, o racismo e as teorias eugenistas naquele momento estavam em voga e eram publicamente defendidas, inclusive dentro do ambiente universitário. Portanto, Freyre bebeu dessas fontes e, conforme Palhares-Burke (2005), elas continuaram presentes em seu pensamento pelo menos até meados de 1920²³. Mas seu posicionamento a respeito da questão racial até esse período não é linear, apresentando alguns momentos de tensão, como quando fica chocado diante da separação de raças nos espaços públicos, do desprezo dos brancos em relação aos negros e da realidade e pobreza do bairro negro de Waco. Ou quando relata seu horror, ao viajar de trem entre Dalas e Waco, por ter se deparado com um cheiro de carne queimada que veio a saber depois se tratar de um negro que “os *boys* acabam de queimar”. Diz não acreditar que isso pudesse existir nos EUA daquele tempo (FREYRE, 1975, p. 75; LARRETA e GIUCCI, 2007, p. 80; PALHARES-BURKE, 2005, p. 274).

Para citar mais um exemplo de tensão em sua perspectiva acerca das capacidades de raça, há o artigo elogioso que publica a respeito de René Moran, um romancista negro, e seu romance “Batauala” (Diário de Pernambuco, 06/08/1922). Neste artigo diz que não existem provas científicas ou etnográficas que permitam afirmar que os brancos possuem superioridade em relação aos negros. Cita alguns “mestiços” brasileiros que deram prova de genialidade e inteligência, mesmo de sensibilidade artística e diz que os exemplos não são escassos. Chama atenção para o fato de Moran ser um “negro puro”, como se fosse prova última para calar eugenistas. Por fim, indica que Moran era melhor romancista que Graça Aranha²⁴.

²³ A mudança de concepção da questão racial foi progressiva. A autora indica que Freyre só foi se aproximar de fato e deixar-se influenciar pela teoria culturalista de Franz Boas alguns anos depois de sua volta para o Brasil. De maneira que é possível identificar em alguns de seus textos desse período posturas eugenistas. Cf. PALHARES-BURKE, M. L., Gilberto Freyre: um vitoriano nos Trópicos. A presente tese não se propõe a aprofundar sobre a questão racial em Gilberto Freyre, com suas contribuições e polêmicas, tendo em vista que não teria êxito em abordar o tema já tão bem analisado não apenas por Palhares-Burke como também.

²⁴ É no mínimo interessante a hostilidade que apresenta diante de Graça Aranha. Em vários artigos que escreveu para o “Diário...” lhe criticava abertamente: suas posições, seus discursos, sua escrita

Esse período de Freyre nos EUA é importante para nossa análise porque com ele vem o choque cultural que aguça sua percepção não apenas da cultura norte americana, a qual fica impressa na série de artigos chamada “Da outra América”, como também a respeito da própria cultura brasileira e da história do país. Freyre vai conformando um olhar que poderia ser considerado um jornalismo etnográfico, focado no ordinário cotidiano e nas paisagens urbanas e campestres que encontra, a partir do qual vai traçando a personalidade cultural dos norte-americanos.

Em Baylor, Freyre focou principalmente em literatura, história e sociologia, mas se interessou também por zoologia, economia, psicologia e geologia. Nesta universidade encontrou o professor A. J. Armstrong que foi muito importante para sua formação intelectual. Ele deu cursos sobre Literatura Inglesa, Ensaio²⁵, Shakespeare, Literatura Americana, Dante – os quais foram acompanhados pelo jovem universitário brasileiro com bastante entusiasmo. Armstrong foi responsável por levar para Baylor conferencistas importantes do campo da literatura, muitos que se tornaram referências para Freyre. Entre esses convidados ilustres, estão: Yeats, Amy Lowell, Vachel Lindsay²⁶ (LARRETA E GIUCI, 2007; FREYRE, 1975, PALHARES-BURK, 2005). Freyre já gostava de literatura, mas seu encontro com o professor certamente fez intensificar e aprofundar seu interesse e seu arsenal crítico para com essa forma de arte, principalmente em se tratando da literatura inglesa. Conforme os biógrafos e o próprio Freyre, Armstrong se encantou pela originalidade intelectual de Freyre e vislumbrava para o jovem um futuro brilhante de escritor (LARRETA e GIUCCI, 2007; PALHARES BURKE, 2005).

Em seu “Tempo Morto...”, Freyre (1975) fala várias vezes de Armstrong, em geral apontando como o professor ficou encantado com sua escrita, como o

etc. Cf. Diário de Pernambuco - 11/11/1923; 23/05/1924; 09/07/1924; 20/07/1924; 27/07/1924; 18/09/1924; 26/07/1925; 11/10/1925; 09/01/1926; 30/09/1926. Graça Aranha é uma figura um tanto dúbia para outro intelectual ascendente na década de 1920: Mario de Andrade. No livro “Eu sou trezentos: Mário de Andrade: vida e obra” de Eduardo Jardim (2015), somos apresentados a essa relação a partir da perspectiva do paulista. Mario parecia se incomodar quando colocavam Graça Aranha a frente do Movimento Modernista de São Paulo. Nessa obra, Jardim apresenta indícios, encontrados inclusive na correspondência própria do poeta, de sua vaidade e desejo de ser visto como liderança, em conflito com seu desejo acerca do bem coletivo que poderia ser atingido através de um cuidado maior na constituição de uma identidade nacional.

²⁵ Através desse curso, Freyre teve contato com obras de ensaístas como Milton, Dryden, Carlyle, De Quincey, Samuel Johnson, Newman, Pater e Mathew Arnold que marcam sua forma de expressão na posterioridade.

²⁶ Freyre encontraria nesses autores inspirações que o acompanharam depois ao longo de sua vida, como por exemplo o nacionalismo regionalista de Yeats ou o Imagismo – com muito de impressionista – de Amy Lowell.

chama de “*son*”, “*genius*” e “*wisdom*” – esses dois últimos apelidos seriam também usados pelos colegas da Universidade. Freyre reitera a ideia de que Armstrong insistia que ele deveria se naturalizar norte-americano e adotar a língua inglesa em seus escritos, pois assim seria reconhecido intelectualmente. Também teria sugerido que o jovem brasileiro fosse passar uma temporada em Oxford.

Foi através dos cursos de Armstrong que Freyre teve um contato maior com os ensaístas ingleses. Esse encontro aprofundado com a literatura inglesa ficará marcado em sua forma de se expressar, tendo em vista que o ensaio apresenta maior liberdade que o texto acadêmico, mas ainda assim maior credibilidade científica que os textos literários. Uma forma de expressão perfeita para alguém interessado nas teorias tanto quanto nas artes. Era, portanto, uma forma de expressão que não tolhia sua originalidade em combinar intuitivamente as mais diversas fontes de referência e informação.

Em 1921, Freyre começa sua trajetória na Universidade de Columbia em Nova York. Seu intento é concluir um PhD na Faculdade de Ciências Políticas que, conforme escreve para Oliveira Lima, incluía Ciências Sociais e Jurídicas. Termina com o título de *Master of Arts*, obtido com a tese “*Social Life in Brazil in the Middle of the 19th century*”²⁷. Quando ainda estava em Baylor, Freyre diz em seu diário que “é de Nova York que eu preciso: Nova York e depois a Europa. Por conseguinte, da Universidade de Columbia (...)” (FREYRE, 1975, p. 71).

A intensa atividade intelectual e cultural da cidade de Nova York também deixou suas importantes marcas na trajetória de Freyre. Conforme Larreta e Giucci (2007), o período em que o jovem pernambucano viveu em NY coincidiu com a transformação da cidade numa metrópole cosmopolita devido tanto à Guerra quanto à imigração. Freyre encontrou na cidade uma “cultura pública moderna e democrática, na qual os intelectuais estavam profundamente arraigados” (p. 101). Intelectuais estes que orbitavam justamente Columbia. Contava com nomes como John Dewey e Franz Boas.

Como já foi mencionado anteriormente, o período que compreende a estadia de Freyre nos EUA assim como também o período em que esteve viajando pela Europa antes de voltar ao Brasil são importantes devido ao desenvolvimento de sua observação e reflexão acerca da cultura, da modernidade e do passado. Desde que

²⁷ Esse seu trabalho é mais bem analisado no tópico “A ordem no Brasil “dos nossos avós”

se mudou para Nova York, no final de 1920, Freyre passa, pela primeira vez, a viver em uma metrópole, sendo afetado por sua turbulência e múltiplas influências.

É também a partir desse momento que suas contribuições para o Diário de Pernambuco se intensificam. Pude constatar que entre 1918 e 1920, Freyre enviou cerca de 16 textos. Já entre 1921 e final de 1922, contribuiu com 47. Não se pode deixar de considerar que Freyre precisou de um tempo para se estabelecer e que a colaboração para com o Diário através da série “Da outra América” demorou um pouco para se concretizar. Outro ponto a ser considerado refere-se ao apuro econômico que certamente o estimulou a manter uma contribuição mais frequente no Diário de Pernambuco. Ainda que o dinheiro, com o câmbio alto devido a depressão pós-guerra, não rendesse tanto²⁸.

Com e contra isso, a movimentada vida cultural de Nova York estimulou e desafiou a visão de mundo do jovem Freyre, resultando em inúmeras observações sobre a modernidade. Nesta série de artigos já é possível perceber Freyre como uma espécie de *flâneur* (ao estilo de Walter Benjamin), que caminha pela metrópole observando a beleza de suas “eras desfeitas”, tal como se refere em carta enviada para Oliveira Lima em janeiro de 1921: “New York está cheia de museus, bibliotecas, jardins, monumentos, casas velhas, de eras desfeitas, cantos cheios de cor e interesse, onde a gente imagina estar em terras distantes ...” (GF a OL, 17/01/1921; GOMES, 2005, p. 63).

Muitos artigos tratam de coisas ordinárias como o inverno que testemunha, do efeito da neve na cidade, do metrô, seus passeios turísticos: a casa de Edgar Allan Poe (FREYRE, DP. 03/04/1921); o Museu Metropolitan (FREYRE, DP 17/04/1921), Grand Central Palace (FREYRE, DP 25/12/1921). Em um texto fala sobre como se sente em relação aos norte-americanos: “Em vez de 'os outros', me parecem mais gente de casa. Daí criticá-los francamente, porém sempre com simpatia” (FREYRE, DP 10/04/1921).

Um de seus passeios resulta no artigo sobre a “Ellis Island”, a qual chama de “refinaria de gente”. Ao reparar no grande número de judeus, Freyre se vira para a ilha através da qual os imigrantes chegavam na cidade e onde recebiam suas “primeiras lições de americanização”. Para se referir a esse processo, utiliza o termo “digestão social” (FREYRE, DP, 27/02/1921).

²⁸ De acordo com os biógrafos, Larreta e Giucci (2007), Freyre nesta época ganhava 10 mil réis por texto.

Em outro texto aponta que a democracia é um sistema da vitória dos medíocres. Diz que ela é desfavorável à "leadership do homem de gênio, do herói providencial, do 'real-superior, de que fala Carlyle e do qual tanto tem dependido o progresso humano" (FREYRE, DP. 01/05/1921). Sob o panamericanismo, há um escrito em que trata do discurso do Presidente dos EUA, Warren G. Harding, realizou na inauguração de uma estátua de Simon Bolívar. Fala que o presidente fez um discurso em defesa da doutrina Monroe, mas diz que não ficou muito claro "qual doutrina Monroe" o presidente defende. Em sua opinião, compartilhada por um de seus professores de Columbia, a doutrina Monroe era nacionalista e visava apenas os interesses dos EUA, não fazendo sentido ser panamericana (FREYRE, DP 05/06/1921)

Nesses textos é possível identificar seu interesse pelas tradições e pelo passado. Neles encontramos críticas destinadas à estandardização, à mecanização²⁹, à especialização, à massificação, à democracia, inclusive ao que concerne às mulheres³⁰ modernas que votam e que expressam sua liberdade de costumes etc. Criticava na modernidade o que compreendia como decadência moral frente ao progresso material.

Em artigo que escreveu para a Revista do Brasil aponta para o triunfante industrialismo e sua "simetria chata da máquina". Diante do visível progresso material, questiona acerca do progresso moral:

²⁹ Escreve sobre conferência que assistiu de Rabridranath Tagore. Concorde com Tagore a respeito de a vida ocidental ter se degenerado em mecanismo (08/05/1921). Em outro texto Critica a tendencia a especialização que passou a observar nos EUA assim como na Alemanha. Diz que no Brasil de sua época, se pecava era pelo excesso de generalização (29/05/1921). Em outro critica o uso excessivo do telefone (27/11/1921) etc.

³⁰ Em carta enviada a sua mãe, na qual aprofunda sua opinião contrária a ideia da mulher moderna e reage negativamente à notícia de que as mulheres provavelmente conseguiriam direito de voto no Brasil, Freyre pontua sua crítica ao fato de no Brasil se imitar os EUA e diz que "Desde a república que o novo chamado 'progresso' vem sendo em grande parte um macaquear desajeitado. *E a geração presente é tão estúpida quanto a que fez a República*" (GF a Francisca de Mello Freyre, 27/12/1921, apud LARRETA e GIUCCI, 2007, p. 116 – grifo nosso). Em texto de 20 de março de 1921, para o Diário comenta a respeito do "birth control", um movimento polêmico que observava nos EUA. "Em Nova York um grupo de mulheres enérgicas, convencidas de que na fecundidade sem limites, especialmente entre os pobres, está a causa de muitos vícios da moderna organização social. Com minha mania investigadora, dei-me ao trabalho – que cedo se converteu num gosto – de visitar o centro de propaganda de maternidade voluntária e de conversar com as senhoras que publicam a revista do centro, tendo desta maneira colhido uma impressão direta e pessoal do movimento (...) Parece-me muito natural que isso suceda e não vejo como atacar a teoria da maternidade voluntária sob o ponto de vista de suas consequências biológico-econômico-sociais. Sob o sistema de famílias limitadas as oportunidades para o melhoramento da raça, sua classificação de elementos mórbidos, tarados e anormais etc., são muito mais fáceis e mais largas que sob o sistema de famílias numerosas que é o "laissez-faire" aplicado a economia social" (FREYRE, DP 20/03/1921).

encaremos os nossos progressos sob outro ponto de vista: o moral. A bondade humana há crescido desde a Idade Média? Corres hoje, mais abundante que no tempo de São Francisco de Assis, o “leite da ternura humana”? Sofre menos a operária numa fábrica de cigarros onde se entisica aos poucos, que uma escrava de 1810, cujo ofício fosse catar piolhos à senhora? Nenhum país faz gala de maior progresso moral que os Estados Unidos. Seus missionários andam por todo o mundo ensinando a gente a cantar hinos traduzidos às pressas do inglês. Seus pregadores dão graças a Deus por não ser esta república corrupta e má como a Europa. (...). Entretanto é às ventas desses *castrati* intelectuais e sem o protesto deles que, nos Estados Unidos, os brancos espingardeiam os pretos como se fossem suínos bravos e no Sul atam-nos a árvores, meio nus, para queimá-los aos gritos de alegria. Belo progresso moral!” (FREYRE s/d apud MENESES, 1991, p. 34-35)

Larreta e Giucci (2007), caracterizam Freyre como um observador reticente e as vezes conservador da modernidade, de maneira que “seu olhar carregado de história ... projeta uma Nova York arcaica e aristocrática sobre as estruturas da cidade moderna” (p.103). Definitivamente Freyre não se deslumbrou com as inovações tecnológicas, mas seria errado e implicaria em uma simplificação de sua complexa personalidade não apontar que ele observava não apenas perdas, mas também muitos ganhos na modernidade. Freyre não era contra o moderno, apenas vislumbrava um caminho para ele que não implicasse na ruptura com o passado nem no abandono das tradições. Não à toa, como demonstra a obra “Gilberto Freyre: Um vitoriano nos Trópicos” de Palhares-Burke (2005), a cultura inglesa se apresenta para o pernambucano como um exemplo de que moderno e tradição podem caminhar juntos.

Tendo em vista a limitada contribuição financeira que a família lhe enviava, o câmbio alto devido ao pós-guerra e a sua recorrente preocupação com dinheiro, a prioridade de Freyre em Columbia era conseguir uma bolsa (*scholarship*). Para tanto, mudou-se para NY munido de uma carta de apresentação e “entusiástica” recomendação do jovem estudante brasileiro escrita pelo reitor da Universidade de Baylor, sr. Brooks³¹ (LARRETA e GIUCCI, 2007). E outra de recomendação, que os biógrafos estimam ser provavelmente do professor Armstrong, direcionada ao diretor do *Institute of International Education*, sr. Stephen Duggan. Após entrevista com este último, Freyre conseguiu sua bolsa por “méritos literários” e, em seu diário aponta “méritos intelectuais” (FREYRE, 1975). A bolsa foi deferida ao fim de abril

³¹ “A quem interessar possa: Esta carta apresenta e entusiasticamente recomenda o Sr. Gilberto Freyre, que agora se encontra em Nova York para fazer alguns trabalhos de graduação na Universidade de Columbia” (Brooks, 12/01/1921). Para ler no original, Cf. nota nº 30 de LARRETA e GIUCCI, 2007, pág. 596.

de 1921, com vigência de 1921 a 1922³² (LARRETA e GIUCCI, 2007, pag. 109 - 111). Devido ao mérito ele teria “[o] direito de frequentar (...) qualquer curso, além de seguir aqueles dos quais serei aluno regular” (FREYRE, 1975, 96). Indica também que, como já era bacharel, frequentaria os cursos de pós-graduação:

Estou decidido a continuar nos cursos de Mestrado e Doutorado e especializar-me, como no de Bacharelado, que acabo de concluir (sem ter, entretanto, dentro dos prazos, me apresentado para o grau: por exceção esse grau me será conferido em ausência), em Letras e em Ciências, das que aqui são denominadas Humanas ou Políticas (...) e sociais. (FREYRE, 1975, 95)

Seu jornalismo cultural já apresenta uma miscelânea de referências de romances, textos científicos das mais variadas áreas, artigos de jornal lidos por lá, conversas cotidianas, peças de ópera e teatro assistidas, conversas com amigos, paisagens, conferências ouvidas etc. Em um só texto, vários desses elementos podem se encontrar para dar forma à opinião que deseja expressar. Pode-se ponderar que o uso excessivo de referências teóricas e acadêmicas não faria sentido considerando o público do Diário de Pernambuco (mas que era em grande medida um pequeno grupo de pessoas com instrução). É possível também questionar se isso já é manifestação de sua atitude inacadêmica – mais que antiacadêmica (MENESES, 1991) – que mais tarde ficou marcada pela informalidade contida em seu fazer intelectual. Tendo em vista que a comunicação é a forma pela qual um intelectual se faz e é percebido – em sua relação com pares e com uma audiência – a maneira como opta por se expressar é um elemento importante a ser considerado. Se a suposição feita acima for verdade, pode-se depreender que Freyre desejava falar para além da academia, desejava um público mais amplo e justifica também a sua opção por se denominar um escritor.

1.2 Discípulo de um “Dom Quixote Gordo”

Para além dos cursos que realizou em Baylor e Columbia e de seu exercício jornalístico, importantes em sua formação crítica, outro aspecto de igual importância pode ser apontado nesse período. Refiro-me a sua relação com o então ex-diplomata brasileiro, Manuel de Oliveira Lima (1867 – 1928).

³² Dessa forma, as principais fontes de renda de Freyre neste período foram a bolsa de estudos, a ajuda financeira da família, os artigos para o Diário de Pernambuco e a posição de editor associado do periódico *El Estudiante Latino* – ambas relações jornalísticas lhe renderam muitos contatos e oportunidades, seja em Recife ou Nova York respectivamente.

De sua parte, o autor insiste em confessar-se influenciado não só por ideias e atitudes como pelo modo de escrever de Oliveira Lima – tão diferente do oratório e solene, de Ruy Barbosa. Mas, sobretudo, pela coragem de ser só, pelo seu destemor em ser, quando preciso, impopular, pela sua por vezes ostentação do que ele próprio chamou seu “*esprit de minorité*”. *Que para Oliveira Lima o intelectual precisava de saber, quando em jogo sua consciência ou sua dignidade, remar contra a maré. Precisava de saber desdenhar de aplausos de multidões ou de jornais. Precisava de saber ser independente de governos e de poderosos. Precisava de saber resistir, em vez de desistir ou concordar. Nunca – para Oliveira Lima – o genuíno intelectual deveria desvirilizar-se num Maria-vai-com-as-outras. E neste particular o homem projetou-se no escritor.* (FREYRE, 1968, p. 26 – 27 – grifo nosso)

Essa relação tem origem ainda em terras brasileiras, por volta de 1916, mas tomou contornos fraternais e de aprendiz-mestre com sua ida para os EUA. Tal relação se intensificou a partir das trocas epistolares. Como confessa na citação acima, Oliveira Lima influenciou tanto nas ideias como acerca da atitude própria de ser intelectual.

Oliveira Lima nasceu em 1867 em Pernambuco. Filho de português, foi levado para Portugal ainda criança, onde realizou sua instrução até o bacharelado. Na contracorrente da elite intelectual e bacharelesca brasileira, Oliveira Lima se formou em Letras³³ e não em Direito. Na Universidade de Lisboa, o curso de Letras possuía uma forte vertente histórica, o que explica a trajetória intelectual que Lima traçou em sua vida, entre Diplomacia e História (VELLOZO, 2012; Henrich, 2019).

Lima ficou conhecido como um diplomata rebelde e de opiniões fortes, as quais não deixava de expressar. Dessa forma, não é difícil conceber que, ao longo de sua vida, cultivou muitas desavenças e esteve no centro de muitas polêmicas. Joaquim Nabuco, outra grande personalidade pernambucana, manteve com Lima uma tenra amizade que terminou devido à grande polêmica que protagonizaram a respeito do panamericanismo. No processo de afastamento do até então amigo, Nabuco chega a apontar que Oliveira Lima sofria de uma “incontinência da pena”, dando a entender que ele se deixava levar por suas apaixonadas opiniões, as quais expressava tanto em sua atividade epistolar quanto nos textos que publicava (HENRICH, 2019).

³³ A formação de Oliveira Lima se deu numa universidade na qual letras, literatura e história eram as principais matrizes de formação. Apesar de formado em Letras, é a historiografia aquela que lhe chamará mais atenção, com a qual flertou durante seu período como diplomata, se tornando historiador em tempo integral depois (FREYRE, 1968; VELLOZO, 2012).

No conjunto de personalidades com quem Lima cultivou algum tipo de polêmica ou a quem realizou duras críticas estão: Joaquim Nabuco, devido às posições públicas que tomaram referente ao panamericanismo; Barão do Rio Branco, devido a um mal entendido acerca deste ter-lhe enviado ao Peru quando queria voltar para a Europa para continuar seus estudos sobre o Brasil; Capistrano de Abreu, que após reconhecer o potencial do primeiro livro de Oliveira Lima, passou a criticá-lo pela sua forma de fazer historiografia, não lhe agradando o estilo do diplomata e historiador; Epiácio Pessoa, enquanto este era Presidente da República e teria provocado uma injustiça contra Mario Melo – intelectual muito amigo de Lima; Ruy Barbosa, relacionada a posição que cada um tomou frente a Primeira Guerra Mundial e a participação ou não do país na guerra; Assis Brasil³⁴, devido a um desentendimento “diplomático” protagonizado por suas esposas. A lista não é exaustiva, mas é suficiente para demonstrar que Oliveira Lima era, como o chamou carinhosamente Gilberto Freyre (1968), um Dom Quixote Gordo: feroz em suas brigas, ainda que fosse contra moinhos.

Sua “incontinência da pena” e as constantes desavenças, na maioria das vezes tornadas públicas, contribuíram para minar os apoios de Oliveira Lima no Brasil e, mais especificamente, no Itamaraty, de maneira a comprometer sua ascensão na carreira diplomática. Ele tinha planos de aproveitar sua aposentadoria em Londres, na qual doaria sua robusta brasileira³⁵ para alguma universidade e onde poderia dar continuidade a seus estudos em documentos históricos. No entanto, devido a sua posição compreendida como pró-germânica no contexto da Primeira Guerra, motivo de sua briga com Ruy Barbosa, “o autor pernambucano foi impedido pelo governo inglês de entrar em seu território” (VELLOZO, p. 28), frustrando seus planos para a velhice.

Oliveira Lima sempre esteve ciente de que a exposição de suas fortes opiniões sacrificaria quaisquer ambições de ascensão diplomática e de poder no Brasil. Porém, praticava a filosofia de ser honesto e sincero diante do que observava, demonstrando ser mais apegado à sua imagem de intelectual atuante do

³⁴ Para além disso, a Oliveira Lima desagradava a chefia de Assis Brasil pois considerava o chefe um “gaúcho preguiçoso e ambicioso que só pensava em se tornar presidente do Brasil” (Lima apud Henrich, 2019, p. 190).

³⁵ De acordo Freyre, em texto sobre a inauguração da Biblioteca de Oliveira Lima em Washington – na Universidade Católica de Washington, o acervo contava com 40 mil volumes, entre os quais se encontrava livros raros.

que a de diplomata e político. A maneira como Freyre critica grandes figuras, como Graça Aranha, Ruy Barbosa, governantes, entre outros, nos artigos do “Diário de Pernambuco” indica que herdou também um pouco do talento para polêmica que seu mestre possuía.

Antes, porém, de falar mais detidamente da relação fraternal entre Freyre e Oliveira Lima, cabe dedicar algumas linhas sobre dois aspectos da vida do diplomata e historiador pernambucano: sua briga com Joaquim Nabuco a respeito do panamericanismo e sua mudança de um jovem republicano apaixonado para um intelectual simpático ao regime monárquico. Gilberto Freyre indica que a formação ideológica de Oliveira Lima foi mista:

a de republicano, na mocidade – discípulo de Teófilo Braga – que, com a idade, e através dos estudos não só históricos como sociológicos, e de contatos, como diplomata, não só com a república dos Estados Unidos e com a Venezuela de Cipriano Castro e de Gomez, porém com a Inglaterra, com a Alemanha, com a Suécia e com o Japão, tornou-se inclinado a reconhecer superioridades de formas monárquicas sobre as republicanas, de governo; a interpretar o passado brasileiro como uma experiência nacional, na América, antes beneficiada que prejudicada pela predominância, no Brasil, da monarquia; e por algum tempo, até a admitir a conveniência da restauração do régimen monárquico no seu e nosso país. (FREYRE, 1968, p. 95)

Durante algum tempo, na segunda metade do século XIX chegando ao princípio do século XX, acreditava-se na possibilidade do Brasil ser cooptado pelo imperialismo de uma das grandes nações que surgia no mundo após 1870, principalmente EUA e Alemanha que, dentre outros países, estavam rompendo com a hegemonia inglesa. Houve, portanto, uma aproximação do Brasil com os EUA – este era visto como o carro-chefe do progresso. Essa relação se dava por diferentes maneiras: admiração e reconhecimento dos EUA como potência e como um exemplo a ser seguido, por um lado; por outro, receio ou conformação diante da hipótese do país se tornar uma colônia do imperialismo norte-americano.

Oliveira Lima encontrava-se no grupo que reconhecia a superioridade Norte-americana e acreditava que devíamos seguir seus passos. Porém, após sua estadia no Japão e na Venezuela, experienciou uma virada de posicionamento, ao ponto de questionar a tese de superioridade racial e civilizacional dos EUA e adotar uma visão mais positiva da colonização ibérica, considerando-a “um grande trunfo para o desenvolvimento posterior do país” (VELLOZO, 2012 p. 83). Joaquim Nabuco, por sua vez, era adepto da aproximação do país com os EUA e trabalhava

fortalecendo as pontes diplomáticas entre os dois países. Para ele, o Brasil deveria seguir os passos do americanismo e se distanciar das “más influências” europeias.

Para Lima, realizar este movimento [“se afastar e separar-se da Europa como a Lua da terra”] era completar a obra do revisionismo histórico republicano, rejeitando completamente o passado brasileiro, jogando no opróbio a obra que havia sido construída antes de 1889. Para o autor, as tradições brasileiras eram fundamentalmente as europeias e romper este vínculo era uma negação do que a trajetória nacional havia acumulado até aqui.

Dito de outro modo, o tipo de vinculação com os Estados Unidos que Nabuco e os monroístas mais radicais sustentavam parecia aos olhos de Lima uma ruptura com a dinâmica de formação da nacionalidade brasileira, uma forma de fazer tábula rasa do passado, algo com o que o autor já não estava disposto a concordar. O debate sobre a aproximação com os Estados Unidos, apresentado por Nabuco como um afastamento da Europa, soou para Lima como mais um passo no sentido da ruptura com o nosso passado, justamente o passado que ele estava disposto a recuperar com seu labor de narrador da nacionalidade (VELLOZO, 2012, p. 87)

Afinal, “para Lima o passado não era obstáculo, mas um trunfo para a construção do futuro” (VELLOZO, 2012, p. 89). Nesse sentido, ao denunciar que a política dos EUA era intervencionista e imperialista³⁶, Oliveira Lima se aproximou da linha argumentativa de Eduardo Prado, somando a ela a defesa da unidade dos países da América do Sul, em especial Brasil, Argentina e Chile que, conforme indica Vellozo, o diplomata considerava como os mais avançados do continente” (VELLOZO, 2012, p. 83 e 84). De acordo com Freyre, Lima era contra o “monroismo rooseveltiano (sic)” que preconizava um panamericanismo não apenas “*made in U.S.A. como for U.S.A.*” (FREYRE, 1968, p. 57). Defendia, em contraposição, uma latinização do monroismo.

É importante recordar que a passagem para a república provocou a necessidade do novo regime ser legitimado em oposição ao antigo. Desta maneira, o olhar para o passado parte de um outro viés que procura enfatizar as diversas lutas que tentaram desvencilhar o país da condição de dependência da Coroa. Isso resultava em renegar o passado colonial, reconhecendo-o como uma herança maldita responsável que era por todos os males da nação – principalmente seu atraso. O novo regime exigia uma nova leitura da história. Por esse motivo, os historiadores tradicionais, muitos dos quais encontravam-se alocados e

³⁶ De acordo com Vellozo (2012, p. 89), a oposição que Oliveira Lima faz ao Panamericanismo de Roosevelt, que procura reforçar a ideia de superioridade Norte-americana e que deixa os países latinos à mercê dos arroubos vontades imperialistas dos EUA, está mais relacionado com a “busca de uma resistência iberista de fundo cultural e histórico contra os Estados Unidos” do que com o latino-americanismo anti-imperialista sustentado por Manoel Bonfim por exemplo.

representados pelo Instituto Historiográfico e Geográfico do Brasil (IHGB), eram encarados como passadistas e oposicionistas da República.

Oliveira Lima, no entanto, traça um caminho um pouco diferente. Num primeiro momento, ninguém poderia duvidar de seus valores republicanos, aos quais estava associado também um convicto americanismo – posição que pode ser encontrada em sua obra “Nos Estados Unidos”, que reúne ensaios escritos entre 1896 e 1899, período no qual esteve no país. No entanto, no decorrer de suas missões diplomáticas pela Europa (onde realizou pesquisas sobre o passado do Brasil), Japão e Venezuela, Lima passa a reconhecer as possibilidades que a colonização portuguesa relegou ao país. Esse movimento de Lima deixa claro o seu alinhamento ao interesse intelectual e político de observação da história da nacionalidade do Brasil como um processo datado, pelo menos, desde a vinda da Coroa em 1808.

A abordagem da História realizada por Oliveira Lima fugia ao convencional da época. Sua forma de escrever a história passava por um viés menos cientificista e positivista e mais próximo de uma perspectiva humanística e até romântica. A sua forma de concepção da história e do papel do historiador seria a de

completar o do analista e tentar explicar os feitos da humanidade – e é ainda preciso que eles não sejam inventados – pondo em evidência seus móveis e suas consequências, isto é, o espírito filosófico que encerram. *A história seria então a realidade social, a atividade moral interpretada – exatamente como a arte é a interpretação da natureza* (LIMA s/d, apud MARTINS, 2010 a, p. 505, grifo nosso)

Isso nos é importante pois: a) Oliveira Lima foi mestre e amigo íntimo de Gilberto Freyre, de maneira que influenciou inclusive sua maneira de fazer história e de expressão, principalmente no que concerne à forma ensaio e ao seu caráter impressionista e pessoal, importante para a interpretação da moral; b) ainda, de acordo com Martins (2010 a), Oliveira Lima em muitas de suas obras (como em D. João VI e Pedro II) apresenta a história do país como “a história do povo brasileiro em sua vontade de ser uma nação” (p.505). Ou seja, a seu ver a composição da nação não é concorrente à história do império, a não sendo, portanto, um desenvolvimento dos processos começados com a independência. Quanto a forma de fazer história, Freyre absorve o modo de seu mestre, mas acrescenta sua perspectiva absorvida dos ensaístas ingleses. Como resultado principal, pode-se apresentar sua grande obra “Casa Grande e Senzala” (1933) e assim como os outros dois componentes da trilogia: Sobrados e Mucambos (1936) e Ordem e Progresso

(1957). Nesses livros, a ideia de nação transparece através da história de seu povo, das interações sociais cotidianas, isto é, das formas de vida que imperavam no meio popular ao invés de focar na vida de grandes figuras da elite. Portanto, se diferencia de seu mestre que escreveu a história nacional predominantemente a partir de grandes figuras.

Sobre a obra e vida de Oliveira Lima, Vellozo aponta ainda que a polêmica do panamericanismo e o balanço da colonização ibérica e do segundo reinado podem e devem ser compreendidos "como um só movimento do pensamento do autor pernambucano, onde é impossível separar as ideias políticas da visão sobre a história nacional" (VELLOZO, 2012, p. 89). Nesse sentido, a passagem do jovem Oliveira Lima republicano para o historiador que defende a herança portuguesa e lança olhos simpáticos para o regime monárquico não se dá de forma simples e clara. Pelo menos três fatores parecem ter confluído:

Uma lenta mudança de paradigma metodológico, que ia se dando no período com o enfraquecimento da ênfase em teorias de tipo determinista; o contato com a obra de autores como Franz Boas (sabemos que ao menos em 1908 Oliveira Lima já havia tido contato com ela); e um mergulho mais profundo e definitivo no estudo da história nacional, provocado pelas decepções do escritor pernambucano com a carreira diplomática (VELLOZO, 2012., p. 64)

É importante notar que seu olhar para o passado não visa necessariamente deslegitimar a República, mas antes demonstrar que a vinda da família real portuguesa foi responsável pelo processo de constituição do Brasil como Estado Nacional independente e de proporções continentais. Dom João VI, Dom Pedro I e Dom Pedro II teriam exercido, cada um a seu modo, um papel essencial nesse processo que evitou a fragmentação tal qual a ocorrida na América hispânica. Fornece, dessa maneira, uma ponte que liga o passado e o futuro, observando a história a partir de um viés de continuidade: o da construção da nação. Freyre, como demonstro adiante, replica esse viés quando aponta para a necessidade de uma reintegração do passado de seus pais e de seus avós ao presente.

Dom João VI, uma “figura histórica tão deselegante e vulgar” para Euclides da Cunha (1975, p. 164), é apresentado por Oliveira Lima como aquele que teria preparado, de fato, o Brasil para “a condição de nacional, orientando sua descolonização, mas assegurando sua lusitanidade” (FREYRE, 1968, p. 90). Dessa maneira, ele teria contribuído para que a independência não ocorresse às custas da fragmentação, agindo como “um renovador e um organizador de Estado nacional,

sob aspecto, tão melifluamente seu, de conservador inerme” (FREYRE, 1968, p. 90). Um rei que teria sabido mediar e harmonizar inovação e tradição:

O exemplo que nos deixaram, ele e seus assessores, foi um exemplo válido para os dias atuais: o de ser possível conciliar inovação com tradição, com vantagem para a sociedade que, empolgada pela inovação tecnológica, não repudie aquelas suas tradições que possam ser chamadas – algumas um tanto arbitrariamente – espirituais (FREYRE, 1968, p. 86)

A harmonia entre inovação e tradição também é observada em seu mestre. Pois, de acordo com Freyre, Oliveira Lima não sustentava uma posição reduzidamente antimoderna, mas defendia uma modernização que não rompesse com o passado. Esse seu legado Freyre herda, refinando-o e explorando-o por outras perspectivas.

As afinidades entre os dois são inúmeras. Mas é necessário entender ainda como se aproximaram. O primeiro contato entre os dois se deu, de acordo com testemunho de Freyre (1968), quando este tinha apenas dezesseis anos. Junto de colegas com quem terminava o bacharelado em Ciências e Letras no Colégio Americano Gilreath, foram à casa da sogra de Oliveira Lima, em Parnamirim, convidá-lo para ser o paraninfo da turma.

Pouco tempo depois, em 1917, Gilberto Freyre escreveu para Oliveira Lima em nome do já mencionado jornal “O Laboro”. A questão colocada ao ex-diplomata e historiador era a seguinte: “se convém ou não tornar o ensino obrigatório” (GF – OL, 04/04/1917; GOMES, 2005, p. 45). A resposta, que demorou mais de três semanas, explicita o pessimismo que a Primeira Guerra Mundial causou em Oliveira Lima que, de acordo com Gilberto Freyre (1968), era um verdadeiro humanista e pacifista. Ele assim respondeu:

Exmo. Gilberto Freyre:

Desculpe não haver respondido mais cedo à sua circular de 4 do corrente, recebida quando estava de cama. Em circunstâncias normais, quando o mundo era o que era há 3 anos, em pleno período de um internacionalismo esclarecido e que se julgava pacífico, eu lhe teria respondido - Sim, mil vezes sim, convém absolutamente tornar o ensino obrigatório. As nações mais cultas, mais educadas, Guias da Civilização, estão, porém, dando de si, todas elas, tão triste cópia, que eu não sei mesmo, em consciência, como responder-lhe. Para que saber ler? Jornais, como os há, arvorados em agências quando não fabricas de mentiras as mais odiosas e infames, estão fazendo tanto mal à humanidade, que o melhor será que não possam ser lidos senão por limitado número. Quanto eu estimaria, hoje em dia, ser analfabeto. Que bom seria não saber das misérias que se passam, viver na doce ilusão da ignorância! Falo-lhe com toda a sinceridade, como é costume. Pode ser que meu otimismo renasça inteiro com a paz. (OL – GF 27/04/1917 apud GOMES, 2005, p. 45)

Ora, certamente uma resposta de muito impacto para um jovem. Interpreto que essa posição desconfiada que Oliveira Lima assume diante do rumo pelo qual “as nações cultas” estavam guiando a civilização tenha plantado uma semente crítica no jovem Gilberto Freyre. Afinal, o sociólogo de Apipucos tem como marca de seus trabalhos, principalmente daqueles produzidos até meados do século XX, um olhar crítico para o processo de civilização e modernização em curso. A desconfiança e “desilusão” com esse processo (Benzaquen, 2019) tem íntima relação com sua preocupação em descobrir, para tentar proteger, os valores e a tradição da história do Brasil, muitos dos quais estavam sendo substituídos pelos valores dos mesmos países europeus responsáveis pela Primeira Guerra. Daí adotar uma posição conservadora, na tentativa de conservar o que interpretava como os bons legados herdados de todo o processo de colonização. Incluso a relação relativamente harmônica entre as raças e culturas, base sobre a qual teria se constituído o modo único e plural de ser Brasil (questão aprofundada por Benzaquen, 1994).

Após esse contato, ao que tudo indica, ambos se aproximaram no período até a ida de Gilberto Freyre para a Universidade de Baylor. Ao todo, Freyre e Oliveira Lima trocaram 180 cartas: 100 de Freyre e 80 de Lima. A partir de 1918 a correspondência entre eles torna-se mais frequente, com especial enfoque para o período entre 1921 e 1923, período em que Freyre estava entre Nova York – Europa – Brasil e que se somam 129 cartas trocadas (GOMES, 2005).

Oliveira Lima assume, assim, a posição de guia intelectual e social de Gilberto Freyre em sua estadia no exterior. Isso se deu através de cartas de apresentação, indicações de professores, intelectuais, diplomatas e de livros, orientações sobre os temas de pesquisa, oportunidades de resenhas, artigos etc. Um exemplo é a escolha do tema de pesquisa de seu mestrado: Gilberto Freyre considerou as revoluções Latino-americanas, ao passo que o ex-diplomata chega a lhe indicar o estudo da Revolução Pernambucana de 1817³⁷. Freyre acabou se

³⁷ Carta de Oliveira Lima a Gilberto Freyre de 20/02/1921 - “O estudo comparativo das revoluções hispânicas preparatórias da Independência é um tema muito interessante. Aí poderá entrar a nossa de 1817. Que não houve na América mais [levantada] e mais simpática. Creio que tens o meu volume, isto é, o de Muniz Tavares, com as notas que fiz.” (p. 69) Refere-se à publicação do livro de Muniz Tavares realizada pelo IAGP em comemoração ao centenário da Revolução Pernambucana em 1917

inclinando para o estudo dos costumes e valores correntes no Brasil de meados do século XIX.

Uma das características que Freyre aponta da personalidade intelectual de seu mestre e amigo é o seu gosto pela tradição que “combinava-se com o gosto pela modernidade e até pela futuridade. Não foi nunca um estático: sempre um dinâmico” (FREYRE, 1968, p. 60). Conforme a lógica de “antagonismos em equilíbrio” freyriana, muito bem apontada por Benzaquen (1994), Oliveira Lima é lido pelo escritor pernambucano como “sempre regional, sempre tradicional, sempre amoroso de sua província, mas também sempre moderno no seu modo de ser, quer brasileiro, quer intelectual” (FREYRE, 1968, p.64). Adjetivos que Gilberto Freyre designou ao historiador e que facilmente podem ser lidos como coordenadas que ele mesmo procurou seguir. Rever a vida e obra de seu amigo, nesse sentido, serviu-lhe também como um espelho³⁸.

Freyre estabelece uma relação entre essa atitude de Oliveira Lima, um “modernizante a escandalizar arcaizantes”, um “futurólogo a surpreender homens de estudo tão parados no tempo quanto homens sem estudo”, com a atitude “modernizante do Movimento Regionalista e Tradicionalista do Recife” (FREYRE, 1968, p. 62). Para o sociólogo, o que havia de moderno nestes dois elementos teria vindo da Europa e dos EUA, e não do movimento modernista:

Repetiu-se com os Regionalistas-Tradicionistas-Modernistas do Recife [...] o que sucedera com Oliveira Lima, cuja formação europeia acrescentou-se diretamente à recifense; e que, da Europa, refluiria ao Brasil, refluindo ao Recife; e conservando-se quase sempre ausente do Rio [...]. Para o Recife trouxe ele [...] sugestões modernizantes europeias que, do Recife, se comunicariam a outras partes do Brasil. Seu próprio livro de estreia - Pernambuco, seu desenvolvimento histórico - foi o que representou um no estilo nos estudos brasileiros de história regional. *Uma nova combinação, nesses estudos, de método moderno, crítico, de historiografia, e de sensibilidade aos valores tradicionais de uma região ou de*

³⁸ Não é raro observar em textos que Freyre dedica seja ao perfil ou obra de alguma grande figura sua atitude de procurar a si mesmo no outro. Isto é, procurar no outro características que identifica em si mesmo. Ex.: texto em que fala de De Garo (FREYRE, DP 07/10/1923), em um texto sobre um livro de Von Keppler em que se identifica com Nietzsche (FREYRE, DP 07/06/1924). Também quando fala de José Lins do Rego (FREYRE, 1978). No artigo de nº 40 (FREYRE, DP 20/01/1924) Freyre reflete que o se procurar nos outros é uma forma de fugir do egoísmo: “O próprio Brunetiére disse uma vez que a reação contra egoísmo era fugir de dentro do nosso “eu” para procurá-lo nos outros. De modo que o mesmo altruísmo seria uma pesquisa do “eu” nos outros. E acaso não nos procuramos todos uns nos outros? Não nos procuramos na paisagem como nas gravatas como nas ideias? Somos diante dos outros e diante das coisas e diante das ideias, um poeta à procura de rimas”. Na sequência, imprime sua visão aristocrática do intelectual: “Naturalmente é um critério aristocrático: para aceitá-lo é preciso aceitar um ideal exclusivista de cultura. É um critério que só se justifica no caso do “eu” capaz de largas projeções: no caso do “eu” capaz da dolorosa volúpia de expandir-se para então recolher-se a si mesmo, num gozo agudamente sentido.”

uma província e não difusamente de um país. Tendências que, mais conscientes de si próprias, mais amplas e não apenas mais nítidas, mais profundas e não somente mais extensas em seus objetivos e em seus métodos de análise, de interpretação e de ação, caracterizariam o já recordado Movimento Regionalista - Tradicionalista - Modernista que partiu do Recife em 1923. Movimento que Oliveira Lima, em Washington, em conversa comigo em 1926, aplaudiu como aplaudiram, do Rio, seu amigo João Ribeiro e seu inimigo, Eitácio Pessoa.” (1968, p. 63, grifo nosso)

Não se pode ignorar que o fragmento acima é uma reflexão feita por Gilberto Freyre décadas após a morte de Oliveira Lima. Ela demonstra o quanto a forte influência do ex-diplomata ressoou em sua vida. Por exemplo, como demonstrado na citação acima, foi importante para estabelecer as diretrizes do Movimento Regionalista e Tradicionalista do Nordeste. Um indício dessa influência pode ser encontrado em um texto que escreveu para o “Diário...”, publicado no dia 30/10/1921: Freyre, ao analisar o romance “Senhora de Engenho” de Mario Sette, diz acreditar que esse romance veio atender a um pedido por romances de cunho regional que Oliveira Lima teria feito em discurso na Academia Pernambucana de Letras.

Outro ponto de encontro entre Oliveira Lima e Freyre se deve ao amor dispensado à terra natal, Pernambuco. O primeiro livro escrito e publicado por Lima, em 1895, foi “Pernambuco: seu desenvolvimento histórico”. Já neste livro se encontram indícios da narrativa dos muitos serviços que Pernambuco teria prestado à nação. Nele, apesar de apresentar uma posição anti-ibérica, Lima já sustentava o importante papel que Pernambuco desempenhou para a consolidação do território brasileiro, pelo menos no que se chamava de Norte. Em referência à Restauração Pernambucana³⁹, o historiador aponta que foi Pernambuco quem mais contribuiu para o processo de civilização e emancipação do Norte ao livrar, “à custa de sangue seu”, aquelas províncias do jugo de outras civilizações europeias como a holandesa e a francesa (LIMA, 1895, p.27).

Em consonância, Freyre replica uma visão do Nordeste como o berço da cultura luso-tropical, responsável pelo fortalecimento e manutenção de muitos valores e tradições intrinsecamente brasileiros. Seu apego a Pernambuco, no entanto, foi maior que o de seu mestre, ao ponto de não conseguir estabelecer uma vida longe de sua família e da paisagem social e física de sua terra. Teimosia que Oliveira Lima considerava maléfica para o futuro de seu discípulo. Lima chegou a

³⁹ Freyre também vai recorrer a memória da Revolução Pernambucana em discurso realizado no Centro Regionalista do Nordeste.

escrever cartas de recomendação de Freyre a colegas, conhecidos e familiares que residiam no Rio e em São Paulo, com o intuito de lhe abrir portas para uma atividade que lhe garantisse um bom salário e para que vivesse num local onde suas ideias teriam boa circulação e seriam recebidas sem inveja (Freyre, 1968; GOMES, 2005).

A relação estabelecida, apesar de fraterna, seguiu também os modelos de mestre e aprendiz. Mas ele demonstrou ser capaz de criticar os textos e conferências do mestre como fez em seus artigos no “Diário de Pernambuco”: faz uma resenha crítica do livro “História da Civilização: Traços Gerais” (FREYRE, DP, 30/04/1922), em que aponta lacunas e critica algumas abordagens escolhidas pelo seu mestre; e em texto intitulado “Sr. Oliveira Lima em Portugal” (FREYRE, DP, 01/11/1923), no qual enumera as conferências realizadas pelo ex-diplomata em Lisboa e realiza críticas à interpretação apresentada.

Conforme posto por Gomes (2005), uma das questões a se observar na troca de correspondências é o lugar social que cada um ocupava no período das missivas. Dessa forma, a autora aponta a generosidade de Oliveira Lima, ex-diplomata e historiador, um intelectual já consolidado e reconhecido não apenas no Brasil, mas também internacionalmente, para com um jovem estudante universitário, seu compatriota. A relação toma contorno de mestre e aprendiz e, principalmente, toma a forma de apadrinhamento – relação comum do meio social no qual ambos nasceram e que visa diminuir distâncias sociais ao mesmo tempo que reafirma posições de hierarquia.

*

Em carta enviada quando estava em Portugal prestes a embarcar em direção ao Brasil, para seu retorno após cinco anos distante, Freyre agradece a Oliveira Lima tudo o que fez para lhe ajudar. Agradece as cartas de recomendação e diz não saber ao certo como agradecer toda a gentileza da família Lima para com ele: “Creia, meu caro amigo, que o amo de todo o meu coração – ao Senhor e à Dona Flora [...]”. Completa, confessando o lugar que o mestre ocupa em sua vida: “O que uma pessoa de bem não esquece é a inspiração recebida d’outra – e a sua vida e a sua alma e a sua amizade quase paternal têm sido para mim forte inspiração”. (GF – OL, 05/02/1923; GOMES, 2005, p. 167).

Intentou-se, neste tópico, demonstrar a importância de Oliveira Lima para a vida de Gilberto Freyre, tendo em vista que lhe serviu como um exemplo de intelectual. Influência que não apenas lhe ensinou o caminho (forma/maneira) para

o fazer intelectual como também lhe forneceu substância ideológica: iberismo, regionalismo, um modernismo conservador, uma concepção de tempo não linear, historiografia hermenêutica, apreço pelo passado (colonial, imperial, regional).

1.3 A ordem no Brasil “dos nossos avós”

Em meados de 1922, Freyre chegava ao fim de sua estadia tanto na Universidade de Columbia, quanto nos EUA. Para a conclusão de seu curso, defendeu sua tese sob o título “Social Life in Brazil in the Middle of the 19th century”. Assim sendo, apresento uma análise de elementos gerais contidos na tese⁴⁰. Parte da maneira como Oliveira Lima observava a história do Brasil pode ser encontrada na tese que Freyre escreveu para obter seu título de *Masters of art* em Colúmbia. Texto que é também importante para se compreender a perspectiva que o jovem lançava para o passado de seu país

Em correspondência com seu mestre e amigo Oliveira Lima, Freyre confessa ter o desejo de traduzi-la para o português com o título “O Brasil dos nossos avós”⁴¹. Desejo que não se concretizou por inteiro, sendo a tese traduzida e publicada apenas em 1963 sob o título de “Vida social no Brasil nos meados do século XIX”. Nesse texto é possível perceber elementos que mais tarde ficariam evidentes em seus artigos de jornal, como se pode perceber no trecho a seguir:

Nossos avós e bisavós do Segundo Império foram homens de forte imaginação literária e certa cultura clássica. Estudavam-se com certo decoro as humanidades. Não havia a nevrose do imediatamente útil. Ora, a reação deve ser justamente contra essa nevrose. Faz-se agudamente necessária uma transmutação de valores, a favor dos da Alma, contra os do Ventre. (...) Carecemos principalmente duma elite de alta cultura, sem a qual resvalaremos para o número dos povos inferiores. (...) Nós, brasileiros, estamos numa fase crítica da nossa formação. Os interesses do Ventre vão levando vantagem. Somos uns voluptuosos da luz elétrica, do bond elétrico, do fogão elétrico, do automóvel, do cinema. Por esses valores materiais

⁴⁰ É necessário indicar que o texto analisado é o que foi publicado posteriormente no Brasil e que contém, como seria de esperar de Freyre, edições. No entanto, acredita-se que os elementos gerais, como a temática, não sofreram mudanças de maneira que não prejudica na análise da forma como observava a história do Brasil em meados do século XIX.

⁴¹ Em duas cartas à Oliveira Lima ele confessa esse desejo. Em uma, de 16/08/1921, diz: “Em setembro creio que suspenderei minha correspondência para o Diário. A tese vai me absorver muito tempo. Tenho o plano de publicar o trabalho em inglês - ‘Social Aspects of Brazil (1850)’ e em português, sob o título que me parece insinuante (à lá D.B.) de Brasil dos nossos Avós. Já escrevi ao meu pai para virar e mexer à procura de papéis particulares e cartas daquele tempo.” (GOMES, 2005, p. 108). E uma de 15/05/1922: “Creio já lhe ter escrito sobre minha tese, que foi aprovada com altos louvores. [...], entretanto, sei que meu estudo é apenas o esqueleto da obra com que sonho e que só com mais dois anos de pesquisa e trabalho conseguirei terminar. Creio que, se conseguir dar corpo ao meu plano de ‘O Brasil de meus Avós’, produzirei um livro digno de ler-se” (GOMES, 2005, p. 136).

vamos medindo as nossas forças. Só o imediatamente útil nos interessa. (...) Nosso falso progresso material vai tomando o ar horrível duma civilização de contorto físico (...) Não reagiremos em tempo? (FREYRE, DP 11/11/1923)

Tendo a forma de vida de seus avós como referência, Freyre usa o passado como base para questionar alguns desdobramentos do presente, como podemos ver no excerto acima, retirado de um publicado pouco mais de um ano depois da tese.

Na tese, é possível observar, já nas primeiras páginas, a ideia de “que os anos de 1848 a 1864 marcam, na formação do Brasil, uma era de paz e conformidade, e de decoro nos negócios públicos” (2013, p. 49) – período esse que seus avós teriam vivido. O período sobre o qual se presta sua análise é reconhecido como Regresso Conservador⁴².

Essa concepção de “paz e conformidade” e, conseqüentemente, de ordem se dá em contraposição a de desordem constantemente associada, pela elite intelectual da época, à população amorfa de homens livres que viviam no sertão. Eram considerados sertão os lugares situados longe do litoral, dos grandes latifúndios e dos grandes centros que se desenvolveram; longe da chamada “civilização”⁴³.

Em “A vida social no Brasil de meados do século XIX”, Freyre chega a falar rapidamente sobre o sertão:

Para o brasileiro da década de 1850, mais do que para o brasileiro que viria depois, a parte do País que ficava para o oeste de Minas Gerais, de Pernambuco e da Bahia – o sertão – era região de grande mistério; e onde se vivia perigosamente, embora seu regímen de família fosse também o patriarcal. Mas um patriarcal antes pastoril do que agrário.

Policimento era coisa que quase não existia nessas partes remotas e asperamente pastoris do Brasil. A lei e o próprio Imperador, Dom Pedro II, pouco ou quase nada valiam para seus habitantes. Por essa época, para tal região, código tributário, por exemplo, era coisa platônica. Platônica, absurda, impraticável. Qualquer sistema de recolhimento de impostos, por mais suave que fosse, atentava contra os escrúpulos de independência dos sertanejos. Eles e os gaúchos destacavam-se não

⁴² Ilmar de Mattos, em seu livro “O tempo saquarema”, indica que é chamado de Regresso Conservador o período em que conservadores e liberais (entendidos cada um em sua própria diversidade) convergiram no desejo pela ordem. Conforme Mattos (1987, p.145), nesse período o componente da liberdade, valor exaltado pelos liberais, é associado ao do poder centralizado: “associava-se a Liberdade à Segurança (isto é, à noção de Ordem), à Monarquia constitucional e à manutenção da integridade territorial”.

⁴³ Em sua tese sobre Paulino José Soares de Sousa (Visconde de Uruguai), um dos homens que compunham a santa trindade saquarema, Ivo Coser (2006) explora a dualidade entre civilização e sertão constantemente presente nos discursos e textos de Uruguai. A dicotomia entre Civilização e Sertão está relacionada com dicotomia entre centralização e descentralização do poder, cada qual sendo uma diferente direção para a contenção dos impulsos disruptivos do sertão e para a conseqüente consolidação do processo civilizador brasileiro. Ou seja, tanto os partidários da centralização quanto os da descentralização desejavam a civilização da sociedade brasileira, procurando, cada qual a seu modo, neutralizar o elemento desordeiro do Sertão. Pois, a civilização indicava segurança que, por sua vez, encontrava-se associada à ideia de Ordem.

só pelos trajes regionais, como pelos excessos de altivez. Graças ao que escreveu em 1860 um observador inglês ter-se desenvolvido no Brasil uma nova maneira de resistir um povo à cobrança de impostos: no caso, impostos sobre peles do sertão. “O sertanejo” – destacou aquele observador – “pegava o pobre coletor com a mesma gaba com que a canalha de Galway agarrava um cobrador de impostos: estripava-o, embrulhando-o num saco de couro, com a cabeça de fora, despachando-o de volta, com a mensagem espartana: se o imperador deseja carne de boi, leve-a consigo o seu preposto”. (FREYRE, [1963] 2013, p. 58 – 59)

Contudo, é possível perceber através dessa citação que Freyre não toma uma posição de valor negativo frente a população sertaneja. Ele aponta a violência, mas interpreta-a como resistência dos sertanejos em prol de independência e contra um Imperador e Estado que não lhes eram relevantes ou mesmo próximos. Inclusive, Freyre observa nos sertanejos uma característica que os vincula ao resto do país, o patriarcalismo, ainda que de um tipo diferente daquele dos latifúndios agrários. Sente-se atraído também pelas características regionais, heterogêneas, que os sertanejos cultuavam entre si, como por exemplo suas vestes

O sertanejo da década de 1850 chegava a ser mais pitoresco que o sertanejo do fim do século, que viria a ser descrito por Euclides da Cunha, com cores tão vivas, em *Os Sertões*. Entre 1850 e 1860, usava o sertanejo “enorme cabeleira”, além do chapéu e das calças de couro e da camisa de algodão que se tornariam características permanentes do seu traje regional (FREYRE, [1963] 2013, p. 59)

Não se pode esquecer que Freyre observa a questão da ordem por meio de um viés cultural e, principalmente, de um nível mais intimista da sociedade, isto é, a partir da história do cotidiano dos brasileiros daquele período. Para ficar no esquema proposto por Mattos (1987), entre Casa, Praça e Estado, Freyre teria sua atenção voltada principalmente para os dois primeiros, como nos indica as fontes que utilizava (diários e jornais) em suas obras.

Todavia, não deixa de, de forma breve, abordar a monarquia e seu poder de unificação das diferentes regiões do Brasil, tão heterogêneas entre si⁴⁴. Sobre o imperador diz as seguintes palavras

Politicamente, o tipo inglês de governo servia de modelo à oligarquia, cheia de melindres e mesmo sofisticada, que dirigia o País; e em cujo poder o austero Imperador, não raro, intrometia-se como prepotente polícia moral. Como o monarca mais do que constitucional reclamado pelas circunstâncias brasileiras da

⁴⁴ Conforme a leitura que Benzaquen (2019) realiza de Sobrados e Mucambos, o Império não sairia ileso de suas críticas. De acordo com o autor, Freyre apresentava desconfiança ou mesmo desilusão para com a modernidade oriunda do que considera como processo civilizador posto em voga pelo Estado Imperial. Pois, ao contrário do que teria ocorrido no período da colonização, o Estado Imperial teria buscado implementar um sistema europeu de valores de civilização, encaminhando-se para a homogeneização do país, do seu povo e da sua cultura. Cf. ensaio “Sobrados e Mucambos e Raízes do Brasil” in BENZAQUEN, Ricardo. Zigue-zague: ensaios reunidos (1977 - 2016), Rio de Janeiro, Ed. Puc-Rio e Ed. Unifesp. 2019

época e exigido pelas necessidades nacionais do tempo: as de um imperador que fosse um *superpatriarca* para grupos de população tão desiguais nos seus motivos de vida e nas suas formas de cultura. Exerceu, assim, Pedro II, a seu modo, o chamado “poder moderador”, dando ao parlamentarismo que então se praticava no Brasil alguma coisa de sutil e peculiarmente brasileiro que parece ter sido o segredo do seu êxito (FREYRE, [1963] 2013, p. 50 – grifo nosso)

Ao adjetivar o imperador como “superpatriarca”, já se percebe em Freyre uma tentativa de vincular diferentes aspectos de nossa sociedade através do patriarcalismo, característica que, em sua interpretação, seria marcante em nossa formação sociocultural, econômica e política. Freyre foi um dos poucos que, em seu tempo, expôs a maneira como o Imperador e seu Estado adentraram no íntimo da Casa, principalmente em sua obra “Sobrados e Mucambos” de 1936 (Mattos, 1987, p.168). Mas, já em 1922, em sua tese, encontram-se traços dessa observação quando o sociólogo já utiliza o mesmo termo “superpatriarca” para caracterizar o Imperador e diz que por vezes ele se comportava como uma polícia moral ao se preocupar com certos comportamentos íntimos de seus súditos.

Entretanto, estava longe de ser um partidário da volta da monarquia, em período de crise da Primeira República na década de 1920. Freyre imaginava para o país, como adiante ficaria evidente, uma organização sociocultural⁴⁵ alternativa, intermediária entre o governo dos estados e a centralização do poder. Com o regionalismo, o sociólogo de Apipucos expressa o projeto, culturalmente baseado, de uma organização/sistema de regiões interdependentes. Uma relação entre as regiões que valorizaria suas especificidades sem com isso perder o poder de união. Regiões estas que, conforme seu Manifesto Regionalista ([1952] 1967), seriam naturais e sociais.

Ainda conforme Mattos (1987), para a consolidação dos conservadores no poder do Estado, faltava combater a crítica nativista mobilizada pelos liberais. Isto é, aquela que apontava a monarquia como a última expressão do jugo português associado aos males da colonização e ao atraso da sociedade brasileira. Para combatê-la e, ao mesmo tempo, legitimar a centralização do poder, os conservadores trataram de oferecer uma narrativa da história que apontava como positivo e essencial as intervenções portuguesas em nosso território. Nesse sentido, apresentavam a vinda da família real, em 1808, como elemento fundamental para a unificação do extenso território nacional. E o ato de independência em 1822 foi, por

⁴⁵ Apesar de furtar-se do tema da política, sua leitura do país possuía claros vieses ideológicos e seu projeto de Brasil teria grandes implicações políticas.

sua vez, um importante passo rumo a civilização. A partir dessa historiografia não se rompeu, como muitos intelectuais liberais desejavam, com o passado colonial, mas se interpretou a Monarquia como seu desdobramento natural (Ricupero, 2010). Um dos representantes e disseminadores dessa corrente é o já mencionado Oliveira Lima, mestre de Gilberto Freyre. Nesse sentido, a tese de Freyre, apesar de não seguir a temática indicada por Oliveira Lima (que o orientou para o tema da Revolução Pernambucana de 1827), se baseou na concepção da história do país da qual seu mestre era adepto.

Sua abordagem se dá a partir da observação do cotidiano daquele povo que seria contemporâneo de seus avós, da geração de entre 1848 e 1864 – influência dos ensaístas ingleses a quem lia desde sua estadia em Baylor e do escritor francês Huysmans. Como já era crítico da modernidade observada nas sociedades norte-americanas com que teve contato, em especial com a metrópole Nova York em plena expansão, naquele momento seus olhos se viravam para o passado, para a forma de vida de uma geração anterior, em busca de apresentar meios de tornar evidente os excessos do tempo presente. Movimento essencial para aqueles que, sob a teoria de Franklin Henry Giddings (1855 – 1931), acreditavam no processo de correção e contemporização existente na vida social, como por exemplo na sucessão de gerações. Como demonstra Benzaquen (1994), a lógica da harmonia/equilíbrio entre opostos de Freyre deve muito ao período que teve aula com Giddings.

A percepção de história apresentada por Freyre em sua tese insere uma observação do tempo diferente da que era pregada pela concepção de Progresso, da qual era crítico. É possível, a partir dessa interpretação, estabelecer uma ponte para com a forma como conservadores românticos observavam o tempo. Para eles, como aponta Ricupero (2010) a partir de Mannheim, a concepção de tempo é diferente daquela concebida por progressistas e liberais: nos primeiros, o presente é um desdobramento, um estágio avançado do passado; para os últimos, o presente é o início do futuro. Em vista disso, a historiografia conservadora retomaria o antigo significado de Revolução como “restauração de uma ordem perdida” (Ricupero, 2010, p. 2).

Assim, se os Conservadores encaravam a emancipação política de 1822 como uma revolução [...] faziam-no porque entendiam que ela fora a possibilitadora da restauração de uma ordem que vinha em processo de constituição como

decorrência da colonização e que ameaçara se perder pela ação despótica da Metrópole. [...]

De um lado, ela [revolução] não era entendida como uma ruptura ou início de um novo tempo, e sim como o ponto de chegada, o coroamento de um movimento de constituição da sociedade, [...]. De outro, o *passado era instituído em elemento de explicação do presente, de tal forma que se tornava essencial “que se aproveite as lições do passado para a segurança do futuro.* (MATTOS, 1987, p. 153 – 154, grifo nosso)

O que aponte na Introdução como “utopia freyriana” seria interpretada dessa maneira. Essa aproximação não visa simplificar Freyre apontando-o como conservador e/ou romântico, apenas pretende enfatizar esse aspecto de seu pensamento que consta nessa obra desenvolvida em 1922 e se torna cada vez mais evidente em seus artigos no Diário de Pernambuco assim como na maneira como interpreta o Regionalismo.

No início desse tópico, aponte que em sua tese Freyre observou que no Brasil de seus avós imperou uma relativa harmonia não apenas política como social e econômica. Diante disso considerou que o período entre 1848 e 1864 foi um período “de paz e conformidade, e de decoro nos negócios públicos” (FREYRE, [1963] 2013, p. 49). Diante da instabilidade que já percebia nos EUA do pós-guerra, tal período de harmonia podia conter sugestões para “harmonizar” o tempo presente.

1.4 O cigano brasileiro: sua viagem pela Europa⁴⁶

Freyre embarcou para a França em 20 de junho de 1922 e chegou em Paris no dia 29 de julho. Lá se instalou em um hotel barato próximo a Sorbonne. A economia com o hotel se justificou por óperas, museus e livrarias que visitou (LARRETA e GIUCCI, 2007). De acordo com os trechos da biografia que José Lins do Rego fez sobre Gilberto Freyre, que constam na biografia de Meneses ([1944] 1991, p. 33, grifo nosso):

A França de 1922 não era o país que Gilberto Freyre procurava para experimentações mentais. Havia nele, quanto ao espírito francês na era atual, umas

⁴⁶ Freyre foi assim chamado pelo professor Dom Francisco de Arteaga, da cátedra de Estudos Hispânicos de Oxford, de acordo com a biografia realizada por Diogo de Mello Meneses – seu primo. Essa biografia, como pode ser interpretada como uma semiautobiográfica tendo em vista que Freyre acompanhou todo o seu processo de produção, guiando Meneses durante a confecção e assim tentando controlar sua própria imagem. A ocasião em que assim foi chamado ocorreu durante um jantar, “tipicamente oxfordiano”. Dom Francisco de Arteaga teria perguntado ao “cigano brasileiro” se ele se interessava por longa permanência em Oxford, onde poderia se tornar seu assistente – para “desenvolver a parte relativa ao Brasil e a Portugal” (MENESES, [1944] 1991, p. 27)

prevenções muito justas. Mas chegando a Paris não resistiu a uma criteriosa avaliação dos grupos que se agrediam por lá naquele tempo. Uma coisa escapou a R. de Beaulieu: era que Gilberto, chegando a Paris preocupado com os vanguardistas, não parece que esperava descobrir nos ultraísmos e dadaísmos soluções definitivas para problemas de pensamento e da vida. *Já chegara à França com as ideias bem assentadas sobre muita coisa que L'Action Française agitava: os problemas de federalismo e regionalismo, por exemplo.* Não faria de jeito nenhum desse sistema estreitamente nacionalista e rígido no seu monarquismo o seu sistema messiânico. Mas do seu contato com as ideias de Maurras, e principalmente com as de George Sorel, resultaria no avigoramento de suas ideias contra a centralização e contra a simples democracia política como solução dos problemas de organização humana.

José Lins do Rego menciona no trecho acima um artigo que Regis de Beaulieu escreveu sobre o brasileiro acerca de sua estadia na França, traduzido e publicado em 1924 no “Diário...”. O título do artigo é “A Un Latin d'Outre Mer” (“Para um latino d’além-mar” em tradução livre). Nele o autor aponta que “Freyre é a criatura mais deliberadamente hostil aos 'sistemas de ideias' que eu conheço. Sob seu ar languido [sic] de ibero facilmente se advinha uma alma de individualista forcené” (BEAULIEU, DP 22/06/1924). Nesse ponto, o francês atenta para uma característica que ficaria evidente posteriormente: a de Freyre não se atrelar a nenhuma escola teórica, uma de suas características que embasam seu posicionamento “inacadêmico”. Não era contra a academia, mas a considerava limitante da criatividade⁴⁷.

No citado artigo, Beaulieu escreve que Freyre foi à Europa estudar os movimentos intelectual “d'avangard”, porém comenta com curiosidade que “de volta ao Brasil, Freyre confesse ter achado em *L'Action Française* a irradiação que ele esperava encontrar talvez em Dada”. O autor aponta que o interesse de Freyre pela *Action Française* significa que ele teve uma percepção profunda das ideias do movimento. Cogita que, através da leitura de De Maistre, Rivarol e Maurras, ele tenha conseguido perceber o “que há de universal nas ideias de autoridade, ordem e hierarquia” (BEAULIEU, DP 22/06/1924). Ideias que, conforme o autor, eram as raízes do nacionalismo francês, mas passíveis de ser aproveitadas por outros povos.

⁴⁷ Como fica aparente em artigo intitulado “Fradique historiador” publicado no “Diário...” em 19/04/1925, no qual Freyre cita Luiz Cotter para dizer que: “para se ser historiador não bastaria nunca a estéril preparação escolar de teorias e métodos; havia que se ter vocação de historiador, tão característica e tão criadora como a inspiração poética, a imaginação do romancista, o espírito crítico”. Freyre indica nesse artigo que essa concepção lhe encanta, ficando claro mais uma vez que concebia a crítica e seu fazer intelectual entre ciência e arte. Concepção que fica mais evidente quando se analisa sua obra (em termos de estética e substância) em “Casa Grande e Senzala”.

Quero chamar atenção para a data de publicação, em consonância com o seu conteúdo, pois é um dado importante. Em julho de 1924 ocorreu a revolução tenentista em São Paulo, em relação a qual Freyre se opõe. Os textos em que discorre sobre a revolução transpiram as influências das ideias não apenas da *Action Française* como também do Integralismo português que conheceu de perto antes de voltar ao Brasil.

A *Action Française*⁴⁸ pode ser compreendida como representante da ideologia de uma aristocracia decadente. Ela unia o catolicismo à direita francesa. Em meio a seus membros, se encontravam os descontentes com a República francesa, tendo em vista que eram descendentes de famílias nobres que foram afastadas do poder a partir da instauração da República (LARRETA e GIUCCI, 2007). Um dos descontentes com a República e centro da Action era Maurras, literário que foi uma referência intelectual na França e quem Freyre chegou a conhecer nessa viagem. Sua visão política era a “da Nostalgia [...] romântica da província” (LARRETA e GIUCCI, 2007, p. 172.)

Saio de Paris sob a grande impressão do movimento Maurras-Daudet, menos no sentido de restaurar-se a monarquia na França que no de descentralizar-se a vida, ou a cultura, francesa, além de libertar-se a administração das províncias ou das regiões do jugo parisiense. Importa essa descentralização numa nova dignidade para a vida provinciana, hoje degradada pelo excessivo culto de Paris. Barrès já o mostrara em páginas que fixam bem o drama do desenraizado. E Mistral foi, todo ele, pela sua vida e pela sua obra, a exaltação precisamente disto: da identificação do homem com suas raízes regionais. (FREYRE, 1975, p. 242)

A *Action Française* se guiava por muitas das ideias de Barrès e seu “*Les deracines*”⁴⁹ (FREYRE, 1975; DP – 20/04/1924). Através dessa obra, o jovem pernambucano é levado a refletir sobre o provincialismo e sobre a ideia de desenraizamento cultural – que associa à “mania de Progresso” e ao consequente processo de homogeneização que acarreta. Na citação anterior é possível, portanto, antever a influência que esse movimento exerceria sobre o Regionalismo, reafirmando a postura já apresentada a Freyre por Oliveira Lima e pela obra de Lafcadio Hearn.

⁴⁸ De acordo com Larreta e Giucci (2007), o Comitê da Action Française foi fundado em 1898 “à sombra do movimento contra Dreyfus” (p. 172). Naquela época, parte do movimento contra Dreyfus levantava para si a bandeira do nacionalismo.

⁴⁹ Les Derracines é um romance que retrata um grupo de jovens que foram educados de acordo com um professor kantiano que se encontravam, então, desiludidos. Essa desilusão é relacionada com o afastamento das tradições francesas em prol de uma educação racionalista.

José Lins do Rego aponta que Freyre se interessou por uma parte da França teria sido ignorada pelos “modernistas”: “a sobrevivência do misticismo medieval, o gótico das catedrais de França, o costume do povo das províncias, as tradições das aldeias” (s/d. s/p apud MENESES, 1991, p. 34). Em carta a Oliveira Lima, Freyre fala a respeito dos seus contatos com os movimentos franceses. Diz que estava fazendo jus “ao seu plano de viajar como um ‘scholar gipsy’”.

Já conheço um estudante católico, filiado a Action Française a que o talento de Daudet tem dado tão forte impulso; uma senhora comunista [...] e apaixonada de Romain Rolland (a quem admiro também); um pacato provinciano dos arredores de Avignon, que fala um francês cantante e pausado e é federalista; o hispanista Marius André, da Revue de L’Amérique Latine etc. Tive boas conversas com um professor espanhol agora em Vicky. (GF – OL 30/08/1922; GOMES, 2005, p. 147)

Com esse espírito, durante sua estadia na França, Freyre conseguiu vislumbrar diversos mundos que, naquele momento, coexistiam fragmentados. O flâneur⁵⁰ que foi nos EUA, em especial em Nova York, atua também em Paris e por toda a Europa que visitou, onde procurava andar e sentir a cidade para além do meramente turístico⁵¹. Daí ter conseguido observar no continente múltiplas eras e mundos. Isso partia de sua compreensão de “viajar inteligentemente”, isto é, realizando a “leitura” dos monumentos, das pessoas e dos detalhes “como se fossem textos em línguas estrangeiras” (PALHARES-BURKE, 2005, p. 94).

Com esse ímpeto, pôde observar o “teatro das sombras da monarquia, personificado na visita que realizou à residência do general Clement de Grandprey em Versalles (indicação de Oliveira Lima). Conforme Larreta e Giucci (2007), “o

⁵⁰ O flâneur se torna de fato uma categoria que encaixa numa interpretação sobre Freyre. No sentido próprio de que ele caminhava pelas cidades procurando conhecê-las e encontrando vestígios de seu passado. Era como se tentasse reconstituí-las através de sua imaginação. Mas também no sentido de que Freyre vagava entre passado e presente na sua percepção da realidade, como um andarilho intelectual, atravessando eras, num ritmo diferente daquele vivido pelos outros ao seu redor. Larreta e Giucci (2007) usam o termo para se referir a Freyre, assim como Lucia Lippi Oliveira em “Gilberto Freyre e a valorização da província” Cf. Oliveira, L. L. (2011). Gilberto Freyre e a valorização da província. Sociedade E Estado, 26(1), 117–149. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922011000100007>

⁵¹ Em artigo de 24/10/1926 intitulado “Duas Vaidades” Freyre indica sua opinião a respeito de tipos de viajantes. Cita uma expressão que pode tanto ser de Tristão de Athayde ou de Unamuno. A de que se viaja “não para ver, mas para ter visto”, mas para contar o que se viu. “Cito-o para que sirva de base a uma observação, uma terceira observação sobre a humanidade em estado líquido, ou seja a que viaja. Essa humanidade não se divide apenas nos raros esquisitões que viajam para ver, às vezes nem falando aos outros do que viram e nos muitos senhores que viajam para ter visto e para contar o que viram. Existe ainda a classe dos que viajam para ser vistos. Creio que se poderia chamar a esta a primeira classe; ou mesmo a classe de luxo. A terceira classe é a dos que viajam para ver - muitas vezes nas terceiras classes dos trens. A dos que viajam simplesmente para ver. Despreocupados de efeitos. Numa volúpia tão íntima quanto a de ler, sem ser para ter lido.”. Freyre demonstra sentir que essa última é a mais interessante e, talvez, superior de humanidade “em estado líquido, isto é, que viaja”.

dia que passou em Versalles, na mansão do velho aristocrata, foi um acontecimento mágico, sucedido num outro mundo e num outro tempo, o da ‘verdadeira e perfeita Europa’ de antes da guerra” (p. 160). Pôde observar também, em primeira mão, o modernismo anglo-americano que impactou a Paris de 1922 ao frequentar a livraria de Sylvia Beach, “*Shakespeare and Company*” (as obras de James Joyce circularam bastante na França a partir desse movimento) (LARRETA e GIUCCI, 2007).

Nesse período Freyre passa valorizar ainda mais a procura pelo supra real, isto é, pelo real ficcionado, no sentido de fabricado a partir das impressões. Esse modo de olhar lhe é inspirado por autores como Joyce e, principalmente, Huysmans – a quem lê com afinco enquanto estava em Paris.

nem sempre consigo libertar-me da influência de um Huysmans ou de um George Moore ou dos Goncourt. Escritores dos quais – dentro, é claro, dos meus limites de idade e talvez de sensibilidade e mesmo de talento – me sinto às vezes fraternamente próximo, nas preferências tanto por substâncias como por formas parisienses de vida e de paisagem. Eles foram escritores visuais, pictóricos, plásticos, juntando ao gosto da cor o da precisão, agudeza e até pureza do traço, mesmo quando este vinha a ser intensificado – como em Huysmans – para dar relevo a alguma coisa de específico na sugestão ou na evocação ou na expressão de uma paisagem ou de um ambiente. Sobretudo na expressão. Não é em vão que se desenvolve hoje um “expressionismo” na pintura, na escultura, no teatro, na literatura que intensifica a realidade aparente. (FREYRE, 1975, p. 248)

Em poucas palavras, seria extrair do real e do ordinário a poética da vida. Huysmans, nesse sentido, pode ser apontado como um intelectual que inspirou Freyre em direção a uma sociologia da intimidade (FREYRE, 1975).

Freyre chega a frequentar a Nouvelle Sorbonne que Larreta e Giucci (2007) identificaram como republicana, racionalista e sociológica. O jovem pernambucano não se impressiona, colocando-a numa posição de inferioridade diante da Universidade de Columbia e Oxford. Conforme os biógrafos, chega ao ponto de compará-la com uma repartição pública, afundada em burocracias e com tendência a uniformização. Em sua perspectiva, Sorbonne apresentava “um espírito metódico e burocrático” (LARRETA e GIUCCI, 2007, p. 165).

Freyre frequentou a Europa em um período que coincide com o que Wolf Lepenies (1996) observa em “Três Culturas”. De acordo com o sociólogo polonês, o fim do século XIX e início do século XX é marcado por disputas acerca da ciência, principalmente no que concerne a Sociologia e a Literatura: enquanto na ala denominada Nouvelle da Sorbonne se empenhavam em consolidar a sociologia como uma forma de ciência e, portanto, estavam preocupados com a definição de método e a profissionalização; o lado oposto identificava a ideia de Tradicional ao

estilo letrado e humanístico de abordagem, uma mais próxima dos romances. Essas disputas são atravessadas por movimentos como o socialismo, o positivismo e o decadentismo. Na Paris dos anos 20, Lepenies (1996) demonstra justamente as disputas em torno da Sorbonne, sendo a ala Tradicional mais aproximada da *Action Française*. Portanto, devido às afinidades já mencionadas, não surpreende que Freyre não tenha se identificado com a Sorbonne que conheceu.

Em Paris, Freyre encontrou os irmãos artistas Rego Monteiro (Vicente⁵² e Joaquim), dois pernambucanos. Vicente, um pintor consolidado, estava com 23 e Joaquim com 19 anos (LARRETA e GIUCCI, 2007), de maneira que regulavam idade com Freyre, que naquele momento estava com 22. O jovem intelectual gostou do estilo de pintura de Vicente e ressaltou nele a capacidade de se expressar de maneira independente das Academias⁵³ e das escolas, guiado por sua intuição e impressões próprias. Nesse sentido, ele se identificava com o pintor, seu conterrâneo e amigo de geração.

Ao fim de 1922, Freyre viajou com Vicente do Rego Monteiro para Estrasburgo, na Alemanha. Eles encontraram uma Alemanha com a República de Weimar estabelecida. Encontraram um país que estava vivendo um de seus períodos de maior criatividade, apesar da miséria causada pela guerra: “A inflação alemã crescia e a miséria nas ruas era ostensiva. A emigração em massa, resultante dos deslocamentos de populações durante a guerra, a revolução na Rússia e em outros países do Leste completavam o quadro de crise” (LARRETA e GIUCCI, 2007, p. 175).

Não passa despercebido a Freyre que em meio as consequências trágicas da guerra, a Alemanha ainda fosse capaz de “volúpia criativa” através da sua cultura que “vividamente vibrava”. O jovem intelectual é imediatamente atraído pelo

⁵² Vicente do Rego Monteiro teve suas pinturas expostas na Semana de Arte Moderna de São Paulo em fevereiro de 1922. Freyre, em Paris, chegou a encontrar e conversar também com Tarsila do Amaral e com o escultor Brecheret. Freyre comenta que ambos são “artistas de fato. Seus trabalhos são de criadores que hão de renovar as artes de nosso país”. Na mesma entrada comenta que o “muito inteligente Oswald de Andrade” também estava lá. (FREYRE, 1975, p. 246)

⁵³ O Impressionismo (surgido ao fim do século XIX) e o Expressionismo (que surge no início do século XX) foram influenciados pelo decadentismo, no sentido de se virarem contra as correntes realistas e naturalistas vigentes nas academias – estas que eram uma das expressões da ideia de Civilização (com C maiúsculo). A intuição, a maior liberdade na forma de expressão do que se vê e se sente podem ser interpretados na contracorrente do que era a ideia de civilização. Freud também vai ser influenciado por esses movimentos quando, mais tarde (1929), publica seu *Mal-Estar na Civilização*.

espírito da decadência que definitivamente rondava o país. “Chamam sua atenção o caos vital, as audácias experimentais e antiacadêmicas, nas artes, nas ciências e na filosofia” Observa que o espírito livre de Nietzsche deixou descendência no país[...]” (LARRETA e GIUCCI, 2007, p. 178).

Em Munique lhe encantou o teatro expressionista, com a maneira pela qual incorporava o simbolismo em suas peças. Esse estilo de teatro encurtava as distancias entre espetáculo e espectador, tendo em vista que exigia um papel ativo do último para interpretar o que se via. Larreta e Giucci (2007) chamam a atenção para o fato de que Freyre não tinha domínio da língua⁵⁴ e, por isso, ficou atento aos demais elementos, principalmente os plásticos que compunham a peça (essa mesma observação pode ser estendida em relação ao que observava nas cidades alemãs pelas quais passou). Nesse sentido, as peças expressionistas, a partir de um viés de experiência pessoal, realmente lhe exigiram um papel ativo enquanto público. George Kaiser desponta, assim, como um dramaturgo que lhe fascinou (FREYRE, 1975). Aponta que em suas peças não se encontrava indivíduos, mas visões de mundo sublimadas em personagens (FREYRE, DP 10/06/1923). A forma como o dramaturgo utilizava as cores e seus valores emocionais permite que Freyre se identifique com ele⁵⁵.

Em Nuremberg visita o Museu Nacional Germânico onde, em consonância com o que observou nas outras cidades alemãs, lhe chama a atenção a importância de monumentalizar a cultura (FREYRE, DP – 23/09/1923; LARRETA e GIUCCI, 2007). Essa ideia permanece em sua mente após seu retorno para o Brasil. Um exemplo pode ser observado quando, em artigo para o “Diário...” fala a respeito da organização de um Museu de Artes Retrospectivas no Rio de Janeiro e demanda a organização de um em Pernambuco, tendo em vista os importantes eventos históricos que decorreram naquelas terras⁵⁶ (FREYRE, DP. 10/05/1925).

⁵⁴ Em “Tempos mortos...” Freyre comenta suas tentativas de aprender alemão enquanto estava estudando nas Universidades nos EUA. Chega ao ponto de conseguir ler algumas coisas, mas não consegue dominá-la tal como fazia com o francês e o inglês. Cf. Freyre, 1975.

⁵⁵ As cores aparecem como importantes para Freyre desde a infância e tomam profundidade a partir do imagismo e simbolismo que experimenta através da literatura nos Estados Unidos – por exemplo, com Amy Lowell.

⁵⁶ Neste artigo afirma que lhe espanta no Brasil o estreito conceito de valores históricos “a noção que é a oficial nas escolas e nos jornais, de existir a história antes para a glorificação dos esforços militares e revolucionários que para o inventário inteligente, honesto, lógico ao mesmo tempo que cronológico, das afirmações construtoras; da energia criadora nacional em todas as suas expressões. Daí faltar-nos melancolicamente aos quatro séculos de vida o documento vivo, a

Em Berlim Freyre se sente quase agredido pela estética arquitetônica. Mas, em contraposição, lhe encanta o uso das cores nas propagandas. Percebe nelas o uso inteligente das cores, que lhe pareciam conformar uma identidade: como, por exemplo, a predominância dos roxos que chama “roxos como que berlinenses⁵⁷ que se harmonizam da maneira mais feliz – estética psicologicamente feliz – com pretos, brancos, azuis, amarelos, verdes outros roxos” (FREYRE, 1975, p. 193). Assim, “o olho se transforma num sentido muito mais importante que o ouvido, quando peculiares códigos culturais alemães da cor e das linguagens também contribuem para estimular sua atenção” (LARRETA e GIUCCI, 2007, p. 185).

Entre Alemanha e Inglaterra, Freyre passou uma breve estadia na Bélgica, da qual não deixou registradas grandes impressões. Freyre se dirige para Oxford, onde estava ansioso por chegar. Como deixa claro em “Tempo morto...”, desejava ir para Oxford desde pelo menos seu primeiro ano em Baylor. Desejo que foi instigado ainda por seu professor, A. J. Armstrong, e por seu mestre, Oliveira Lima (FREYRE, 1975). Chegou em Londres em 12 de outubro de 1922, onde ficou até a meados do mês de fevereiro de 1923, quando partiu para Lisboa.

O período que Freyre passou na Inglaterra foi um dos que mais lhe marcou. Relatos dessas positivas impressões constam em seu “Tempo morto...”, nas biografias que realizaram dele e em seus cadernos de anotação pesquisados por Palhares-Burke (2005). Indícios de seu interesse pela cultura inglesa aparecem já em sua infância, tendo em vista que estuda numa escola em que o inglês é língua predominante. Uma vez dominada a língua, era natural que Freyre se aproximasse da literatura inglesa, aproximação que se aprofundou durante os anos em que esteve em Baylor assistindo aos cursos do professor A. J. Armstrong – especialista em um autor inglês, Robert Browning. Seu mestre, Oliveira Lima, também nutria seu

ilustração plástica. Da técnica da produção do açúcar, por exemplo, quase não existe documento, quando seria relativamente fácil fixar-lhes, por meio de fotografias e desenhos, as principais fases de desenvolvimento histórico. [...] A escassa documentação que existe sobre o assunto é toda, ou quase toda, estrangeira; e de acesso difícil. Nem ao menos ocorreu a algum governo ou ao Instituto Arqueológico reproduzir, em fotografias, os desenhos de Prost na obra de Barlaeus; e os que acompanharam os livros de Koster e de James Henderson”. Diz que um museu assim seria interessante e cheio de sugestões e estímulos do passado para a jovem imaginação artística que “entre nós desabrocha” (FREYRE, DP 10/05/1925).

⁵⁷ A partir dessa observação de Freyre, imagino se, quando se remete aos pintores brasileiros sobre a necessidade de compreenderem e expressarem os matizes de verde característicos do Brasil (principalmente, da região do Nordeste), tinha a intenção de estabelecer um “verde como que brasileiro” em comparação com o “roxo como que berlinense”. Estaria Freyre procurando as cores que contribuíssem para uma identificação nacional?

interesse pela Inglaterra⁵⁸ e havia dito ao discípulo que a formação dele não estaria completa sem uma visita a Oxford.

Após ler muita literatura inglesa, Freyre chega à Inglaterra procurando reconhecer os cenários que até então havia construído em sua imaginação a partir das descrições realizadas pelos autores. O jovem pernambucano, ainda muito influenciado pela Inglaterra há tanto tempo idealizada, falha em perceber as mudanças que o país sofre devido à guerra recém acabada. E o que vê não lhe desaponta (PALHARES-BURKE, 2005)

Em carta escrita doze dias após sua chegada no país, conta a Oliveira Lima suas impressões: “Para mim, que tanto amo a literatura inglesa, como está cheia Londres de traços interessantes! Traços pessoais, até d’alguns dos meus mais caros avós – pois não possui o espírito sua árvore genealógica?”. Conta dos lugares que visitou e informa, na sequência, que no dia seguinte partiria para Oxford (GF – OL 24/10/1922; GOMES, 2005, p. 154).

Em outra carta para Oliveira Lima, essa de 06/11/1922, afirma que já na segunda semana em Oxford sentiu-se em casa:

Confirma-se em mim, neste meu contato com a vida inglesa, a simpatia que, por uma premonição, sempre senti pela Inglaterra. Este é o povo mais romântico do globo – muito ao contrário da ideia que corre o mundo do “essencialmente prático” como sinônimo de indiferenças às coisas espirituais da vida. Parece-me o povo de inteligência mais equilibrada, de vida mais equilibrada. Por que não nasci inglês, alemão ou americano – não compreendo..., Mas porque sou brasileiro, vou tratar de o ser o melhor possível – do my best (GF – OL 06/11/1922; GOMES, 2005, p. 156)

Freyre, ao frequentar a universidade de Oxford, ficou encantado ao perceber que ali encontrava-se um ambiente muito mais receptivo à criatividade do que a Sorbonne (PALHARES-BURKE, 2005). Sua sociabilidade gira em torno dos chás, das conferências (sendo até mesmo convidado a fazer uma palestra na Washington Literature Society⁵⁹), dos jogos, dos clubes. De acordo com “Tempo morto...”, ficou hospedado na Oxford Union, na qual foi aceito como sócio hospede.

Seu principal foco enquanto estava por lá era história e literatura. Sua estadia em Oxford gira em torno de alguns autores ingleses, em especial Walter Pater – a quem Palhares-Burke (2005) identifica como uma das principais influências inglesas para Freyre (ao lado de Lafcadio Hearn). Já o conhecia desde Baylor, mas

⁵⁸ Como dito no tópico “Discípulo de um ‘Dom Quixote Gordo’”, o ex-diplomata havia estabelecido como plano de aposentadoria mudar-se para Londres e lá viver até o fim de seus dias.

⁵⁹ Consta na carta enviada a Oliveira Lima em 06/11/1922 (GOMES, 2005, p. 156)

Freyre passa a reler Pater, de maneira a intensificar sua imersão no mundo inglês: “Para Pater a vida humana não passa de um incessante movimento experimental, tanto no plano físico quando no plano espiritual. Cada objeto é dissolvido pela reflexão num feixe de percepções, de cores, de cheiros, de texturas” (LARRETA e GIUCCI, 2007). O jovem pernambucano procura pôr em prática essa perspectiva em sua própria vida, de maneira que suas experiências são vividas e “guardadas” como matéria prima; impressões que preencherão seu reservatório intelectual – para usar um termo que ele apropriou de Havelock Ellis (PALHARES-BURKE, 2005). Esse era um dos caminhos apontados pela literatura tido como necessários para se tornar o pensador original que desejava.

Freyre também retoma a leitura de Jean Christophe tendo em vista que os estudantes de Oxford liam muito Romain Rolland, interessados que estavam na constituição da subjetividade – tema que toma força após os inúmeros sacrifícios ocasionados pela guerra (LARRETA e GIUCCI, 2007). Frequentou diversos “*colleges*” entre os quais circulava o interesse pela cultura espanhola e pela literatura hispânica. Assim Freyre tomou conhecimento de muitos místicos espanhóis e os incorporou como uma ibérica herança intelectual. O jovem pernambucano passou também a considerar que o passado brasileiro devia tanto a Espanha quanto a Portugal (LARRETA e GIUCCI, 2007).

Esteticamente a cidade de Oxford muito lhe agradou. Indica que sentiu como se a cidade estivesse parada em outro tempo. A isso se contrastava o modernismo dos estudantes que não deixavam, porém, de demonstrar respeito e reproduzir as tradições. Em grande medida, sua visão da Inglaterra é um reflexo do que viu e viveu em Oxford, dessa coexistência harmônica entre modernismo e tradição que não apenas vingava na cultura estudantil, como também a percebia na arquitetura, na política e na incorporação da tecnologia à vida⁶⁰ (MENESES, [1944] 1991; FREYRE, 1975; PALAHRES-BURKE, 2005; LARRETA e GIUCCI, 2007).

Oxford também marcará sua percepção de acerca das amizades. Palhares-Burke (2005) explora a tradição da amizade entre os ingleses que podia ser vista desde os internatos, como por exemplo em Eton, de onde muitos dos estudantes vieram. Com a ajuda dos textos de George Santayana (1863 – 1952), Freyre se sentiu capaz de entender a subjetividade que envolvia a intensa amizade

⁶⁰ Comenta, nesse sentido, o fato comum dos estudantes andarem de bicicletas (modernidade) vestidos com suas becas (tradição) (FREYRE, 1975, p. 215)

desenvolvida entre os meninos/homens ingleses (FREYRE, 1975; PALHARES-BURKE, 2005). Conforme a autora:

Jovens do mesmo sexo, estudantes, afastados da família, a maioria coabitando em moradias estudantis e confinados ao ambiente essencialmente masculino das public schools desde ao menos os 10 anos de idade, as condições de vida dos jovens de Oxford eram favoráveis ao desenvolvimento de relacionamentos profundos e às vezes homoeróticos. Era como se na vida oxfordiana houvesse um forte impulso para "intensas amizades de rapazes com rapazes" com algum componente homossexual – possivelmente "transitório" – próprio das antigas amizades gregas (PALHARES-BURKE, 2005, p. 121)

Esse ideal de amizade teria se intensificado nas últimas décadas do século XIX, e que vislumbrava no amor entre homens um amor puro, intenso, intelectual e sensual. Sustentado por um retorno à filosofia grega, dá-se legitimidade moral a esse tipo de relacionamento, incluso à homossexualidade. Freyre (1975) comenta em seu diário que em Oxford percebia que se sublimava a amizade em amor, “amor platônico”⁶¹. Reflete que há entre os ingleses um entendimento da amizade que falta aos brasileiros: de ser “alguma coisa superior aos partidos, às ideias, às atitudes que no decorrer da vida venham a separar os indivíduos em adversários. Mas adversários sempre amigos” (FREYRE, 1975, p. 209)

A influência desse tipo de amor platônico pode ser encontrada entre os poetas uranianos⁶², como demonstra Palhares-Burke (2005, p. 130): “Influenciados pelo ‘amor grego’, pelos decadentistas franceses e por alguns poemas de Whitman, eles [poetas uranianos] seguiam uma tradição que recuava às últimas décadas do século XIX, mas que permanecia ainda bem viva na Oxford dos anos 1920”. É possível observar que Freyre adere, ao menos em parte, a esse ideal de amizade em sua correspondência com José Lins do Rego (sobre essa amizade ver tópico “Discípulo de mesma idade: sobre a amizade com José Lins do Rego e Gilberto Freyre” no capítulo 2).

Em suma, sua estadia em Oxford foi composta por “dias tão curtos e tão intensos” (FREYRE, 1975, p. 345). Mas o frio que lá experimentou o deixou

⁶¹ Em “Tempos mortos...”, em mais de uma entrada, fala dessas amizades, de como muitas vezes as festas terminavam com danças entre rapazes e que havia uma espécie de “homossexualismo transitório” (com beijos e abraços). Para melhor compreender sua estadia em Oxford e sua relação com Howard, cf. Palhares-Burke, 2005.

⁶² A autora indica ainda que “o que unia os vários poemas uranianos era a imersão clássica e o pressuposto de que o amor espiritual e físico poderia igualmente existir entre homens sem perder qualquer nobreza ou dignidade. Entre os temas recorrentes dessa poesia, sobressaem a amizade romântica e intensa vivida por muitos no mundo oxfordiano, a efemeridade da juventude, a supremacia do amor uriano que cria laços mais fortes do que o laço conjugal (...)” (PALHARES-BURKE, 2005, p. 130)

doente: “ou muito me engano ou estou já atingido por alguma terrível doença que não perdoa a um filho do trópico tão longa permanência em terras frias. Frias e nevoentas” (p. 211). Tendo isso em vista, começa a se preparar para ir embora. Cogita demorar-se em Portugal e visitar a Espanha quando estivesse a caminho. Contudo, lamenta ter de ir embora:

É pena, isso de escarrar sangue. Justamente agora eu me sentia tão de Oxford como se isso fosse meu ambiente ideal. Tudo mais, depois de Oxford, me parecerá mesquinho. Aqui, encontrei o prolongamento daquele estímulo e daquela compreensão que, menino, só encontrei num inglês, Mr. Williams. (...) Quando outros não hesitavam em considerar-me menino sem nenhuma aptidão para artes ou letras de qualquer espécie, ele arregalava diante dos meus desenhos uns olhos que até hoje me parecem mais de anjo que de anglo (...). Só um inglês deu verdadeiramente valor a essas garatujas. Agora, entre estes ingleses de Oxford, eu me sinto valorizado como em nenhum outro lugar. Como por nenhuma outra gente. (Freyre, 1975, p. 211)

Antes de seguir para Espanha e Portugal, Freyre retorna à França. Lá visita novamente catedrais, museus e cafés – La Rotonde é o seu preferido. Posou para Vicente do Rego Monteiro fazer-lhe um retrato (FREYRE, 1975, p. 238). Passou o Natal na França e chegou em Portugal no dia 19 de janeiro de 1923. Nesse trajeto, passou rapidamente pela Espanha devido a uma gripe que o impediu de conhecê-la. Em carta a Oliveira Lima, se refere a Lisboa como “Bela terra de Sol!” e lhe informa que se encontrou com J. Lúcio d’Azevedo e com “o Doutor Fidelino de Figueiredo, de quem fiquei encantado. Disse-lhe, sem ser por cortesia, que o considerava o espírito mais interessante de Portugal de hoje” (GF – OL 26/01/1923; GOMES, 2005, p. 166).

Fidelino de Figueiredo era um grande amigo de Oliveira Lima e vigorava, naquele momento, como um dos principais intelectuais que se colocavam contra a recente República portuguesa. Figueiredo, ao lado de Antônio Sardinha⁶³, podem ser considerados como os ideólogos do movimento Integralista português. Os integralistas demandavam a “volta às antigas tradições políticas contidas na monarquia” (LARRETA e GIUCCI, 2007, p. 206). Acusavam que os princípios portugueses haviam sido descaracterizados e que a decadência após a instauração da República só poderia ser superada com um retorno ao espírito católico que seria próprio da nação portuguesa.

⁶³ Freyre manteve contato com ambos após voltar ao Brasil, considerando-os seus amigos.

Mais uma vez, Freyre se vê envolvido com intelectuais representantes do decadentismo que rondava a Europa e que carregavam um viés conservador e tradicionalista⁶⁴. O jovem pernambucano aponta que o encontro confirmou o que já sentia em relação a Figueiredo, através de leituras anteriores: “um espírito cheio de afinidades com o meu” (GF – OL 26/01/1923; GOMES, 2005, p. 166). E percebemos que ele de fato encontrou ideias no movimento integralista às quais já se demonstrava simpático.

Ainda na carta enviada a Oliveira Lima, faz uma breve síntese da situação política que encontrou em Portugal. Diz a seu mestre que a fraqueza da República (então instaurada há apenas dez anos) era evidente na violência demonstrada pelos deputados e contida nos cartazes que viu colados nas paredes. A seu ver, os melhores elementos estariam com os monárquicos e comenta como as “doutrinas de Maurras” estavam circulando e ganhando eco entre a “geração nova. Ainda bem!” (GF – OL, 26/01/1923; GOMES, 2005, p. 166). O Republicanismo português vinha acompanhado de liberalismo econômico e da laicidade inspirada na França. Diante disso, parte da elite dominada por proprietários de terras, um campesinato conservador, a Igreja e outros grupos impuseram resistência a esse projeto político que observavam como uma ameaça à cultura nacional. Resultou-se um período de grande instabilidade política com intervenções militares alternadas ao governo militar. Essas intervenções eram justificadas sob a ideia de que serviam como forças mediadoras (LARRETA e GIUCCI, 2007, p. 204 - 205).

Freyre também passou um tempo em Coimbra, onde diz ter entrado “menos pela mão de Eça que tomando por guias aqueles bons ingleses que têm sabido ver Portugal com olhos tão lúcidos”. Lá teve contato com um outro lado da Intelligentsia portuguesa, a de vanguarda: “convivi tanto com a gente da Seara Nova como com os monarquistas do Correio da Manhã⁶⁵” (1975, p. 253). Conheceu também a equipe por trás da revista *Época*, “que representa o renascimento religioso e do tradicionalismo em Portugal”. Em carta a Oliveira Lima, expressou sua impressão dos intelectuais envolvidos na revista “Seara Nova”. Diz que a “a maioria

⁶⁴ Outra figura que encontrou em Portugal foi o Conde de Sabugosa, autor de vários romances também carregados de nostalgia de um passado aristocrático e “glorioso”.

⁶⁵ Fidelino Figueiredo era o diretor desse periódico.

dessa gente é verbocionantes”, mas reconhece talento em Raul Proença⁶⁶ (GF – OL, 05/02/1923; GOMES, 2005, p. 166)

A Europa que Freyre encontrou faz jus ao diagnóstico de Schorske (1990) quando percebe não apenas o decadentismo como a explosão de movimentos de vanguarda que tomaram força no pós-guerra: o modernismo, o expressionismo, antiacademicismo (forte na Alemanha). Observou o conflito entre cientificismo e humanismo, como por exemplo as ideologias que disputavam a Sorbonne. Essa questão é destrinchada por Wolf Lepenies (1996) quando procurou analisar a relação entre sociologia e literatura na França, Inglaterra e Alemanha – justamente países onde Freyre se demorou um pouco mais. Observou a rejeição do projeto civilizacional oferecido pelo Progresso, que se encontrava embasado, em grande medida, no positivismo e no liberalismo. Toda a Europa estava vivenciando um período de crises, as quais Schorske (1990) conseguiu costurar a partir do fio da crise do liberalismo – filosófico e político.

Ao pensar sobre como artistas de áreas diferentes podem se inspirar ou imitar uns aos outros, Freyre (1975, p. 212) dá profundidade ao refletir que: “Alfaiates, pintores, escultores, arquitetos, músicos, escritores, pensadores, sem que se dê a sistemática imitação uns dos outros” tenderiam a “expressar de modo semelhante a sensibilidade, pensamento, o sentido da vida de uma região e de uma época. De um espaço e de um tempo em certo momento particularmente criador, expressivo, afirmativo”.

A sensibilidade que menciona a respeito dos artistas e, como interpreto aqui, acerca de si mesmo, pode ser compreendida no sentido de Raymond Williams (1979). O autor utilizou desse conceito para compreender a cultura e suas transformações a partir de seu caráter dinâmico, não consolidado ou fixo. Nesse sentido, as estruturas de sentimentos dão conta de “uma qualidade particular da experiência social e das relações sociais, historicamente diferente de outras qualidades particulares, que dá o senso de uma geração ou de um período” (WILLIAMS, 1979, p. 134). Trata-se de apreender os aspectos que se encontram em processo de experiência e não são ainda completamente conscientes para sujeito (agente, grupo etc.) analisado.

⁶⁶ Conforme Gomes (2005) era defensor de um socialismo democrático em Portugal e que, em 1926, se opôs à ditadura militar sendo, portanto, exilado. Cf. nota 152, p. 167

Estruturas de sentimento permitem também captar as diversas tensões (econômicas, políticas, culturais) envolvidas em determinado período histórico e no interior da consolidação de gerações. Para tanto, é necessário postular que, a partir dessa chave, “os sentimentos têm uma existência concreta e sua “presença” traz efeitos reais no mundo, isto é, são experiências que se desdobram em outras experiências e atuam decisivamente na dinâmica social” (RIBEIRO, 2020).

A partir desse viés, podemos dizer que Freyre foi capaz de acessar a sensibilidade daquele tempo e daqueles espaços e se afetou pelo momento criador que encontrou em suas viagens. Essa foi uma grande bagagem que trouxe para o Brasil em seu retorno e que fica aparente nos artigos que publica no “Diário de Pernambuco” ao longo da década de 1920 – principalmente entre 1923 e 1926. A sensibilidade ou estrutura de sentimentos (WILLIAMS, 1989) (ou mesmo energia emocional, termo mobilizado por Randall Collins, 2000) que Freyre já havia intuído ainda nos Estados Unidos a respeito da geração da guerra e com a qual se identificou, vai encontrar também na Europa. Freyre se compadeceu da juventude que morreu na Primeira Guerra Mundial e se sentiu parte da geração que, ainda adolescente durante a guerra, ficou marcada pela carnificina, pela visão dos cemitérios cheios e dos corpos mutilados. Como se verá adiante, a perspectiva que constituiu a partir dessas vivências no exterior se adequaram à realidade do Brasil em seu retorno.

Capítulo 2 De volta ao Brasil: “O que vou fazer?”

Quando sua viagem de volta se aproximava, Freyre confessou a Oliveira Lima: “cresce minha ânsia de ver os entes queridos e os coqueiros (...) *ao mesmo tempo crescem diante de mim os pontos de interrogação. O que vou fazer?*” (GF – OL, 08/01/1923; GOMES, 2005, p. 162). Sentiu-se confortável em confessar isso para Lima porque, para ele, o ex-diplomata era um dos poucos que compreendia o que ele estava vivendo. Em busca de levantar possibilidades profissionais no Brasil, pediu algumas cartas de recomendação. Em carta de 25/01/1923, Lima lhe envia três cartas de recomendação para São Paulo – dentre elas, uma direcionada ao governador Washington Luís. E reforça o conselho dado outrora: “Não creio que o sr. possa ficar em Pernambuco. As invejas rivalizam” (OL - GF, 25/01/1923; GOMES, 2005, p. 163). Mas Freyre permaneceu em Pernambuco e só foi conhecer de fato o Rio e São Paulo em 1926.

Neste capítulo, apresento alguns importantes elementos da vida de Freyre em seu retorno para o Brasil. São eles a sua extensa contribuição ao diário de Pernambuco, com 221 unidades de texto publicadas entre março de 1923 e fevereiro de 1927. Com esses textos Freyre faz circular suas ideias, críticas e visões acerca tanto de seu Recife, quanto da Região Nordeste e da Nação. Trato também do Regionalismo a partir da fundação do Centro Regionalista do Nordeste. Através dele, percebemos Freyre movimentando sua ideologia regionalista – a “utopia freyriana” – em busca de meio para torná-la ação. E, por fim, perpasso pela relação de amizade que nutriu com José Lins do Rego a partir das cartas que lhe enviou durante a década de 1920. Freyre foi um de seus amigos mais íntimos e quem contribuiu positivamente durante seu processo de readaptação. Em conjunto, esses três elementos nos ajudam a compor um “retrato” desse Freyre ainda jovem, procurando meios de se estabelecer em seu retorno ao Brasil.

2.1 O retorno ao Brasil – uma perspectiva a partir das suas publicações no Diário de Pernambuco (1923 – 1927)

Freyre não tinha um plano concreto sobre o que faria ao retornar para o Brasil. Tinha em aberto a possibilidade de se mudar para São Paulo ou para o Rio, como aconselhava Oliveira Lima, mas, por ora, era a saudade da família que falava

mais alto. Em suas voltas, a pé ou de bicicleta, pelo “seu Recife” se viu movido pela nostalgia ao reencontrar cenários de que tanto gostava, mas dessa vez redescobertos sob um outro olhar, mais viajado e treinado. Também se viu assustado diante de tanta transformação oriunda dos processos de modernização e urbanização em curso na cidade pelo mandato do Juiz Sergio Loreto. De acordo com Rezende (2012), a década de 1920 foi de intensas transformações na capital pernambucana. Ao assumir o cargo de prefeito em 1922, Loreto implantou na cidade de Recife um plano de intensa modernização, baseado também em concepções modernas de higiene e saúde (REZENDE, 2012). A intenção de Loreto, de acordo com o autor, era modificar os hábitos e costumes e, assim, educar a população além de modificar a capital e adequá-la aos preceitos de progresso até então vigentes. Em face disso, Freyre assumiu uma persona intelectual inflamada

Eu acabara de chegar dos Estados Unidos e da Europa que nem um Fradique jacobino. Tradicionalista e futurista ao mesmo tempo. Querendo isso aqui tudo como no tempo da Lingueta. Preferindo o caráter da cidade com os maus cheiros à ausência dos ditos com a ausência de caráter. Elogiando ruas estreitas. Levando Gagarin e De Garo a recantos de uma sujice oriental para eles pintarem. Comprando peixe frito de tabuleiro. Exaltando o pátio de São Pedro sobre o parque Derby. Escrevendo coisas horríveis contra a Linha Reta nos velhos burgos como o Recife. Chorando a derrubada do Corpo Santo. Chorando a derrubada dos arcos. Chorando a derrubada das gameleiras. Achando safadíssimas as mobílias novas, amarelinhas, e as casas novas, sarapintadas de anjinhos, ramalhetes, rosas abertas e em botão - e apontando para os velhos casarões brancos ou cor de ocre amarelo e de doces alpendres; e para os velhos jacarandás. E achando safadíssima também a imitação da culinária europeia, em prejuízo da nossa cozinha de engenho. Frisando a relação íntima entre a imundice e o gênio artístico em povos como os italianos e os russos; e entre a higiene e a esterilidade de espírito nos finlandeses, nos suíços, nos norte-americanos. (FREYRE, DP, 07/11/1926)

Na citação acima encontra-se uma síntese que o próprio Freyre realizou em artigo de novembro de 1926, refletindo sobre como chegou ao Brasil. Como se estivesse com fome do pitoresco, do provinciano, da sujice em protesto ao utilitarismo, à assepsia do cientificismo, muito desconfiado da modernização. Como disse em carta a Oliveira Lima (GF – OL, 08/01/1923; GOMES, 2005, p. 162), ele estava repleto de pontos de interrogação, de incertezas sobre o que ia fazer. Como é possível perceber em carta que enviou para Oliveira Lima, Freyre se considerava ainda um jovem tentando se situar no mundo: “Sinto-me ainda a tatear – o que creio, natural, a uma mocidade que procura ser investigadora e achar uma interpretação do espetáculo confuso da vida” (GF – OL 20/11/1922; GOMES, 2005

p. 159). Trazia na bagagem um mundo de ideias e impressões acerca dos EUA e da Europa em crise que se choca com o Recife transformado e um Brasil em ebulição.

Muitas das ideias geradas pela experiência nos EUA já haviam sido ventiladas, por assim dizer, tendo em vista que foram publicadas no “Diário...”. O último texto publicado de 1922 datava de 20 agosto e certamente foi enviado para o jornal ainda dos EUA em junho (lembrando que Freyre embarcou para a França ao final desse mês). Portanto, ainda não havia comunicado, pelo menos não para amplo público as ideias cultivadas ao longo de sua viagem pela Europa. Essas ideias no máximo apareceram em cartas para Oliveira Lima e em seus cadernos de anotação.

Em meio a grande incerteza diante da questão “O que vou fazer?”, seu retorno para a colaboração no Diário de Pernambuco lhe era mais do que bem-vindo. Sua colaboração com o jornal ocorreu até o dia 13 de fevereiro de 1927, com um texto sobre visconde de Mauá. Em carta a José Lins do Rego, de 10 de dezembro de 1925, Freyre menciona ao amigo que “Carlito” (Carlos Lyra Filho) estava insistindo para ele assumir a posição de Editor Chefe no Diário de Pernambuco. Sabia que era uma posição de prestígio, mas que não era um lugar para ele. Em “Tempo Morto...” indica que os redatores, principalmente aqueles mais velhos, não gostaram da indicação de um jovem de apenas vinte e poucos anos para a direção do jornal. Mais tarde, em 22 fevereiro de 1927, o escritor comenta em outra carta para José Lins acerca de um incidente no Diário, motivo pelo qual se retirou. Porém, não encontrei pistas sobre o que foi esse incidente⁶⁷ além da sugestão de desentendimento com outros colaboradores. Mas, ao final de 1926, ele já havia assumido o cargo de Chefe de Gabinete do governo Estácio Coimbra e, portanto, não passaria apuro econômico.

Freyre desembarca em Recife no dia 8 de março de 1923. Anibal Fernandes, nesse mesmo dia, faz uma nota elogiosa a respeito do jovem “moço fulgurante” (FERNANDES, DP 08/03/1923), na qual anuncia sua chegada. A escola em que estudou, Escola Americana Batista (antes Gilreath), realiza uma recepção para dar as boas-vindas ao seu ex-aluno no dia 23 de março. No início da solenidade, Freyre

⁶⁷ Sobre a questão comenta apenas que “E creio que ao Diário, ao público etc. convém antes a boçalidade de um Zé dos Anjos e um Mario de Melo. E eu fico livre daquela promiscuidade” (GF – JL, 22/02/1927 nº 24)

é anunciado por França Pereira, que foi seu professor, como “uma das mais fortes organizações intelectuais da *nova geração*” (FREYRE, DP 28/03/1923⁶⁸, grifo nosso). O discurso que realiza nessa cerimonia é tomado nessa tese como um de seus principais textos e é analisado no capítulo 3 - “A culpa da geração de nossos país”. Mas adiante que nele fala sobre a geração da guerra (na qual se inclui), fala da geração que fez a guerra, fala também da mania de modernismo, de cientificismo e liberalismo. Fala da responsabilidade de reatar a tradição de bom senso, que era a de seus avós “há cinquenta anos interrompida”

Em abril, Freyre marca seu retorno oficial no Diário de Pernambuco com a publicação do artigo “A democracia nos Estados Unidos”, texto que traz marcas características da identidade intelectual que assumirá a partir dali. Nele, discorre sobre o que chama de onda antidemocrática nos Estados Unidos, isto é, um movimento contra ideologia “xaroposa” da democracia de inspirações jefersonianas. Com esse movimento antidemocrático indica que surge uma aristocracia técnica capaz de organizar o país com virtudes nobres “que fixam o tipo do 'Real Superior'”. A partir dessa observação, emenda que apesar dos EUA ser o mais contemporâneo dos países, nele ainda se alimenta um tradicionalismo que não é saudosismo, mas que coexiste com os ímpetos modernos (FREYRE, DP – 03/04/1923). Nesse artigo já é possível perceber a força das influências que tomou dos movimentos *Action Française* e do Integralismo Português mencionados no capítulo anterior. Já constam também a ideia de um tradicionalismo que não é saudosismo – argumento que sustenta ao longo de sua vida, principalmente diante das críticas que o categorizavam enquanto passadista, conservador ou mesmo reacionário (como, por exemplo, fez na obra “Porque sou e não sou sociólogo” de 1968). O tradicionalismo não saudosista é também a base de seu movimento regionalista, a ser apesentado no tópico seguinte.

Após esse primeiro artigo, tem-se início sua série de “artigos numerados” que começa com a publicação do texto de nº 1 no dia 22 de abril. Nele apresenta críticas ao livro de Mario Sette, “O Palanquim Dourado”, algumas um tanto negativas, mas resume dizendo que com esse livro o autor reafirma seu propósito de fazer uma literatura regional.

⁶⁸ Trata-se do discurso transcrito e publicado no jornal em 28 de março de 1923.

Dessa maneira, além do tradicionalismo e do flerte com os movimentos antidemocráticos, Freyre também evoca, em seu retorno, o Regionalismo. Apenas nesses dois textos já se pode vislumbrar boa parte das ideias que o movimentaram ao longo da década. No artigo de número 12 observa-se, pela primeira vez em seus textos publicados no jornal, a ideia de Pernambuco como um centro cultural importante do Brasil: "Centro onde vinham repercutir movimento de ideias e de onde partiram no Brasil os primeiros sinais telegráficos de cultura - isso foi Pernambuco" (FREYRE, DP 08/07/1923). Essa ideia pode ser lida como núcleo do futuro Centro Regionalista de Pernambuco, um preâmbulo do que viria a ser o Regionalismo, personificado nos romances sociais da década de 30.

Seus artigos, em grande medida, são alimentados pelas reflexões realizadas em seus cadernos de anotação. Entre 1923 e 1927, Freyre publicou 221 textos no "Diário de Pernambuco" que versam sobre os mais variados assuntos que se encontram, por vezes, entrecruzados⁶⁹.

Os mais recorrentes são sobre os efeitos da modernização, que perpassa pela arquitetura e urbanismo, pela mudança de nome de ruas, praças etc.; pela demolição de sobrados, casarões e igrejas, derrubadas de árvores assim como a maneira "estéril" de podá-las. Freyre, nesses artigos, se posiciona contra o movimento que observava por parte dos governantes de se apagar a história material que expressava o caráter próprio da cidade (estende sua análise também para o estado, região e país). Assim, seus artigos acusam o processo de apagamento da história e consequente standardização da cultura materializada na cidade.

Falam também sobre cultura e tradição. Nesses aponta para a necessidade de se defender o patrimônio cultural como reserva de tradição através da culinária, da temática das pinturas, romances e poesias etc. Discute também, em vários dos artigos, características brasileiras. Seja apontando através de sua observação, seja concordando ou questionando a impressão de outros críticos sociais brasileiros e estrangeiros. Por exemplo, há os artigos em que fala da "camaradagem" brasileira⁷⁰, da relação do brasileiro com a rua ou do hábito de falar gritando. Fala também sobre o clima, esboçando ideias que posteriormente desenvolveria em sua concepção de

⁶⁹ Não é o intento dessa pesquisa, mas uma análise de conteúdo a partir desses artigos certamente levantaria uma interessante cartografia das ideologias empregadas por Freyre em relação às temáticas levantadas.

⁷⁰ Por exemplo, artigos de número 42; 66; 85.

luso-tropicalismo (por exemplo, o artigo intitulado “A tirania do calor tropical” de 31 de janeiro de 1926). Em um desses artigos, esboça uma curiosa teoria do moleque brasileiro como agente conservador (FREYRE, DP 27/07/1924)⁷¹. Freyre ressalta a função de crítica oferecida pelo moleque e diz que o moleque pode tomar também a posição de conservador.

O moleque é toda u'a moral: a da rua. É toda uma estética. E contra a sua moral e a sua estética não há burguês com a bravura de assumir ofensivas rasgadas. (...) O sistematizador dos estudos de demopsicologia brasileira, o sr. Oliveira Vianna, registrando as expressões pejorativas ‘procedimento de moleque’, ‘modo de moleque’ e ‘ar de moleque’, dá a falsa impressão de que o moleque seja sempre, no Brasil, elemento ruim e desprezível que se contraponha ao decoro, à severidade e ao respeito sociais. Sucede que no Brasil o moleque é antes um elemento de conservação social. Encontramo-lo não raro a fazer às vezes das chamadas classes conservadoras, numa inversão de papéis sociais que é um dos paradoxos mais estranhos da nossa vida nacional (...) A arte, como a própria vida, precisa dos seus moleques: de críticos capazes de pasquinadas ao jeito das do sr. Antonio Torres (FREYRE, DP 27/07/1924)

Há também artigos em que traça o perfil ou disserta a respeito de um intelectual e suas ideias. Como exemplo desses encontra-se os artigos sobre Fidelino Figueiredo, Antonio Sardinha⁷², Oliveira Lima, Guilherme de Almeida, Visconde de Mauá, Dom Pedro II, Von Keppler, Einstein (que chama de Regionalista⁷³), Samuel Hardman, Manuel Bandeira, Rudiger Bilden entre outros.

Os artigos de Freyre são manifestações de seu espírito crítico. Direccionava o olhar ao seu redor, lendo o contexto para, a partir dele, produzir suas críticas. Era assim que expressava sua visão de mundo – tanto do mundo que era quanto do mundo que poderia ser. Em 1926, quando vai para o Congresso Panamericano de Jornalistas nos EUA, onde passa uma curta temporada, seus artigos versam, novamente, sobre características da sociedade norte-americana. O mesmo ocorre quanto ao período que passa no Rio de Janeiro e em São Paulo.

⁷¹ Cf. Diário de Pernambuco, artigo nº 67 de 27/07/1924, ed 172

⁷² Antonio Sardinha era um intelectual português, uma das principais figuras do movimento integralista português. Era amigo de Freyre, assim como outro importante intelectual do movimento, Fidelino de Figueiredo, também citado no excerto de texto. De acordo com uma nota de Freyre publicada no Diário de Pernambuco em 22/08/1925, o governo Português impediu que Fidelino de Figueiredo embarcasse em direção ao Brasil, junto de uma excursão de estudantes portugueses (os quais lhe fizeram o convite), com “O intuito foi abafar sob o pano preto das casacas oficiais a flama de espontaneidade do convite com que os rapazes de Coimbra honraram, num belo gesto, o melhor orientador de sua inteligência; o honesto reabilitador dos valores verdadeiramente portugueses; o depurador dos preconceitos cientificistas e liberais contra a Monarquia e a Igreja - as duas grandes forças que fizeram a glória da Hispania e de sua ação fecundante na América”.

⁷³ Cf. “Einstein, Regionalista” no Diário de Pernambuco de 05 de abril 1925

A insistente temática da arquitetura e urbanismo é o claro resultado de seu choque diante das mudanças que testemunhou em Recife após cinco anos distante. Ela continua a aparecer até o fim de sua contribuição ao *Diário de Pernambuco* e se relaciona com a missão que compreendia como responsabilidade aos de sua geração: que era de reintegração da tradição para retomada do bom senso. Tradição e bom senso que, a seu ver, foram interrompidos juntamente com o Império para a instauração da República.

Esses textos podem ser interpretados como uma forma de protesto diante do mau gosto e da falta de leis que salvaguardassem o patrimônio histórico que existia no Recife. Para Freyre, como exprime em artigo, a composição arquitetônica de uma cidade exprime a atitude de seu povo, seria sua alma (FREYRE, DP 06/07/1924). Freyre realiza uma íntima associação entre estética – observada de forma ampla – e valores morais. Portanto, quando critica a estética de uma geração ou de um governo, está acusando a decadência moral da qual ela seria produto (FREYRE, DP 20/04/1924).

Freyre apresenta também a compreensão de que uma das funções da arte era digerir e apresentar sínteses (FREYRE, DP, 27/05/1923). Nesse sentido, critica o naturalismo, que na esteira da ciência, fez com que se considerasse arte a imitação do que se vê em toda a sua densidade. Assim, a cópia não implicaria nenhum tipo de digestão. A seu ver, a síntese não era, porém, uma coisa simples, de maneira que muito artista, sobre a égide de apresentar uma síntese, apresentava confusão e "indigestão". Relembra o teatro expressionista que assistiu na Alemanha (FREYRE, DP, 10/06/1923) e seu poder de síntese na apresentação dos símbolos. A síntese aparecendo mais uma vez como produto de uma inteligente digestão do mundo que cerca o artista.

Em artigo sobre a crítica e o ofício de criticar – se refere à crítica artística – Freyre (FREYRE, DP 24/06/1923) realiza um diagnóstico da crítica no Brasil. Identifica aqui uma crítica que se guia mais pela sensibilidade (e sensualidade), com pouca capacidade de abstração. Seria, portanto, uma crítica que fazia mais sentir do que pensar. Daí trazer a frase, em latim “Il critico non é artifex addilus artifici ma philosophus addilus artifici” - que diz que o crítico não é um artista além do artista, mas um filósofo além do artista.

Esse é um artigo estimulante para refletir acerca da característica própria de crítico do social que Freyre exercia. O jovem escritor pernambucano compreendia

os escritores e pensadores entre a ampla gama de artistas – que incluía arquitetos, alfaiates, escultores pintores etc. (FREYRE, 1975). Nesse sentido, ele se enquadrava nessa concepção, afinal exercia a crítica das mais diferentes artes, inclusive a política, ainda que se dissesse desencantado dela e de toda ação. A forma de crítica em que Freyre viria a atuar torna-se uma mistura de abstração e sensibilidade, objetividade e subjetividade – lembrando o movimento próprio dos impressionistas ou dos expressionistas, este último que testemunhou na Alemanha.

Em seus artigos sobre política, é possível identificar seu posicionamento diante dos sistemas e ideologias. Por exemplo, em artigo referente à situação política de Portugal (FREYRE, DP 01/07/1923), expõe que conheceu intelectuais dos dois lados - integralistas e "namorados da democracia", mas que não há como negar que na ala dos antiliberais encarnava a melhor inteligência e a "melhor bravura de ação portuguesas". Diz que o movimento antiliberal português é um esforço consciente de reintegração nacional: "A reintegração do país no seu caráter e nas suas tradições, desfigurada por uma como espessa camada de cem anos de constitucionalismo acaciano e, ultimamente, de delírio demagógico." Aponta que o diagnóstico, por parte dos intelectuais reacionários, era de que "má saúde de Portugal se deve ao furor neófilo" e pondera que desse "mal" também não escapava o Brasil. Reafirma ao final do artigo que os Integralistas portugueses não queriam um regresso absoluto ao passado. Conforme voz autorizada do movimento, responde que eles apenas pediam "à experiência do que foi as normas seguras do que deve ser". A luz desse artigo, percebe-se que para Freyre era certo o forte poder criativo do passado, como uma via que poderia ser explorada no Brasil, tendo em vista que o país também sofria do "furor neófilo".

Tendo em vista que muitas vezes é lido como opositor dos movimentos de São Paulo, é válido se questionar acerca do que Freyre escreveu sobre eles e sobre a cidade na década de 20. Nesse quesito há o artigo de número "5" (FREYRE, DP 20/05/1923). Nesse aponta que em São Paulo estaria a mocidade mais culta do país, mas que está encantada pelo que se chama indistintamente de futurismo. Diz que o futurismo fazia sentido na Europa onde os museus e catedrais cansavam a criatividade e, portanto, seria necessário estimular o aparecimento de algo novo, projetado para o futuro. Mas que não faz sentido querer passar para o novo no Brasil onde mal se conhecia os clássicos, os bons e velhos. Outro, de número "34", tem como assunto a necessidade de se estabelecer no país o culto pelo passado, em

oposição ao que se refere como “volúpia de novidade”. O movimento de São Paulo é citado ao lado da constituição de 89, no sentido de demonstrar que ambos não são frutos de criação brasileira – em consonância com a observação sobre o futurismo no artigo anterior. Assim argumenta Freyre:

Entre nós impõe-se uma campanha que nos habilite a contrariar um pouco a atual volúpia de novidade. Entre os meninos da escola, entre os rapazes de faculdade, entre os mais moços que são os mais plásticos, deveria estabelecer-se um Dia do Passado. Um dia em que nos recolhêssemos misticamente ao Brasil brasileiro de nossos avós; e falássemos deles. Um dia de romagem aos edifícios velhos [...] “O passado é muito mais que a contingência necessária” a que uma vez se referiu, num discurso brilhante mas exageradamente neófito, o sr. Amauri de Medeiros. E nós, povo jovem, orquestra a afinar-se, gente ainda sem ritmo nacional, [...], necessitamos do culto do passado. [...]. O instinto de criação alimenta-se do passado; só o de aquisição prescinde dele. Mas uma estética ou uma ordem política adquirida é apenas um empréstimo a 90%; não identifica um tipo nacional de cultura. Não representa nenhum esforço próprio, íntimo, interior, heurístico. Não representa nenhuma energia criadora. Daí o ainda feder a goma arábica nosso regime político de 89; e o ridículo do atual 'futurismo' dum grupo de rapazes de São Paulo. (FREYRE, DP 09/12/1923)

Há dois textos de 1924 em que se refere explicitamente à revolução tenentista de São Paulo, os quais, devido a seu conteúdo, são analisados mais detidamente no capítulo 3. E um artigo em que fala sobre o boato do separatismo de São Paulo (FREYRE, DP 21/10/1926). Ao escrever esse texto, Freyre se encontrava pela primeira vez visitando a cidade, mas diz que nunca acreditou “nessa história de separatismo”. O boato dizia que

São Paulo queria desligar-se do Brasil sobretudo do norte negroide, (donde vinham os politiquinhos exploradores, os bacharéis, os parasitas) para então marchar sozinho e mais desembaraçado, mais solto, mais livre, pela chamada Senda do Progresso. A revolta de 1924 teria sido o primeiro sinal (FREYRE, DP 21/10/1926)

Afirma que em São Paulo se agitava uma grande energia que o “sr. Júlio de Mesquita Filho ainda hoje, conversando comigo e com Alberto Byington na redação d'O Estado”, classificou como “o imperialismo paulista a estender-se pelo Brasil”. E diz preferir o imperialismo de São Paulo “em cuja expansão pelas partes menos enérgicas e mais passivas do Brasil está a salvação do nosso país, o contrapeso ao imperialismo norte Americano”.

Com base nesses artigos, percebemos que ao falar de São Paulo, Freyre critica a ala do movimento modernista que inicialmente se identificou com o futurismo – não à toa Joaquim Inojosa, representante do Modernismo no Nordeste, sente-se atacado. Como demonstra Azevedo (1996), futurismo e modernismo apareciam mesclados na concepção de Joaquim Inojosa, que se coloca, portanto,

contra Freyre e, posteriormente, contra o movimento Regionalista identificando-o como passadismo – chave oposta ao futurismo.

Percebi, ao ler esses artigos, que a principal oposição intelectual que Freyre identifica naquele momento não era necessariamente o modernismo ou a jovem intelectualidade de São Paulo e do Rio de Janeiro, ainda que aponte o artificialismo no futurismo e em algumas obras do modernismo. Mas sim a ideologia liberal, associada ao progresso material, ao cientificismo e ao positivismo, que se encontra personificada na geração responsável pela instauração da República. Nesse sentido, assemelha-se àqueles jovens observados por Schorske (1990) que se empenharam numa espécie de “revolução edípica” não propriamente contra seus pais biológicos, mas contra a ideologia a que foram relegados pela educação fornecida por seus pais “espirituais”. Essa relação de oposição entre gerações é analisada a seguir, no capítulo 3.

2.2 Regionalismo

D’Andrea (2010) coloca como paradoxal que Freyre tenha contribuído com o modernismo no país, a partir de suas obras da década de 1930, tendo sem vista que o pernambucano colocava o passado como referência e se inspirava em ideias conservadoras. Mas, o modernismo pode ser interpretado para além de uma ode à modernidade.

O modernismo, de acordo com o balanço realizado por Rezende (2019), foi um movimento de reflexão marcadamente social e ideológico característico da modernidade. Pois, o processo de modernização não afetou apenas as formas de produção econômica, mas abalou todas as estruturas da sociedade, impondo uma dinâmica intensa de transformações sociais. Essas mudanças estimularam as pessoas, em especial os intelectuais, a refletirem sobre si mesmas, sobre os outros, sobre o país e sobre o mundo. Nesse sentido, podem ser compreendidas como modernismo as reflexões estimuladas pelas transformações oriundas da modernidade e mesmo da modernização – incluso as reflexões críticas a esse processo. É nessa forma de reflexão crítica que se enquadram tanto os textos de Freyre ao longo da década de 1920, como os romances Regionalistas nordestinos que surgem a partir da década de 1930.

No Brasil do início do século XX modernismo significava, sobretudo, refletir sobre o Estado Nação e sobre identidade nacional. Nessa esteira, o modernismo no Brasil procurou estabelecer parâmetros de brasilidade. Porém, o Modernismo de São Paulo não foi a única expressão intelectual⁷⁴ originada pelo processo de modernização que vinha ocorrendo no país desde o fim do século XIX. Outra expressão foi o Regionalismo em diferentes versões. Mas, para o que interessa aos fins dessa tese, gostaria de falar do Regionalismo Nordestino – enquanto ideologia – que culminou na fundação Centro Regionalista do Nordeste, um preâmbulo do que viria a ser o Regionalismo enquanto movimento literário, composto pelos romances sociais da década de 1930 (AZEVEDO, 1996).

O Centro concretiza uma tendência que, de acordo com Azevedo (1996, p. 99), era generalizada na década de 1920 em Pernambuco: uma preocupação em torno do regionalismo e da tradição. Ambos, o movimento literário e o centro, podem ser compreendidos como expressões de um movimento maior, batizado por Freyre de: “Movimento Regionalista, Tradicionalista e, a seu modo, Modernista do Recife” (CHAGURI 2009). Essa designação consta no Manifesto Regionalista escrito por Freyre que supostamente é de 1926, mas que foi publicado pela primeira vez apenas em 1952. Para o pernambucano, o Movimento do Recife se caracterizava como um “‘esforço de renovação cultural’ buscando o que seria organicamente brasileiro em termos culturais, voltando-se para a tradição e para povo” (CHAGURI 2009, p 37).

Freyre, em *Região e Tradição* (1941) indica ter sido Odilon Nestor o idealizador do Centro Regionalista. Mas não há dúvidas de que o jovem escritor pernambucano conseguiu transmitir ao Centro e aos seus membros suas ideias cultivadas ao longo dos anos que esteve estudando no exterior.

Como já foi demonstrado anteriormente, Freyre chega ao Brasil afetado pela sensibilidade do decadentismo. Munido das ideias de Barrès, Maurras, Daudet, Fidelino de Figueiredo, Antônio Sardinha, dentre outros, Freyre procura diagnosticar os efeitos da República e da busca por Progresso – ímpeto instigado pelo liberalismo e pelo positivismo.

⁷⁴ Encontramos muitos esforços no sentido de problematizar o monopólio da expressão modernista tanto no tempo quanto no espaço. Como exemplo podemos citar os trabalhos de Velloso (2010), Bomeny (1994), Alves (1978) entre outros

No tópico anterior, aponte que boa parte dos artigos que Freyre escreveu para o “Diário de Pernambuco” versam sobre críticas geradas a partir do Recife modificado (ou Recife novo) que encontrou após cinco anos de distância. Aníbal Fernandes, seu amigo, já acusava os prejuízos culturais e estéticos que a modernização da cidade estava causando, ao que Freyre se une em coro com seus artigos numerados. Mas não se tratava de simples nostalgia. Freyre entendia ser necessário a construção e renovação. Porém, estas deviam ser realizadas sem que se perdesse o característico da tradição. Como indica, por exemplo, na passagem a seguir

Devo confessar que prefiro o "sujo de velhice" à tinta fresca. Mas *reconheço a necessidade de construir e reconstruir. E o que eu quero, sobretudo, é um Recife que se renove sem perder o caráter*, numa economia inteligente e honesta dos valores próprios e dos motivos tradicionais". (FREYRE, DP 03/08/1924, grifo nosso)

Motivado pela preocupação em reintegrar e preservar a tradição cultural nordestina, Freyre, junto de Odilon Nestor, Amaury de Medeiros, Alfredo Freyre (seu pai), Antônio Ignacio e Moraes Coutinho fundam o Centro Regionalista do Nordeste. O Centro foi fundado numa segunda-feira, dia 28 de abril de 1924, na residência de Odilon Nestor. Sua fundação é noticiada no Diário de Pernambuco, em nota intitulada “Centro Regionalista”. De acordo com a nota,

Propõe-se o centro a exercer viva ação intelectual e social uma vez congregados em seu selo elementos mais representativos da cultura do Nordeste. Anima-o largo Patriotismo Nordestino, que se exprime na defesa das nossas coisas e das nossas tradições, no aproveitamento delas com motivos de arte, no desenvolvimento dos interesses do Nordeste, região cujas raízes naturais e históricas se entrelaçam e cujos destinos se confundem num só (CENTRO, DP 30/04/1924)

Os membros do centro se reuniam semanalmente no escritório de Odilon Nestor. Gilberto Freyre atuaria como secretário geral e seu pai, Alfredo Freyre, como Bibliotecário-tesoureiro. Nas reuniões se discutia ações que poderiam ser organizadas pelo Centro, como por exemplo a criação uma Revista Regionalista, o Dia da Árvore, excursões “a lugares de encanto natural e histórico” (CENTRO, DP 23/05/1924). Seu principal objetivo era a defesa e valorização da tradição e cultura nordestina – e, portanto, brasileira – em suas mais diferentes manifestações (seja gastronômica, arquitetônica, moral, moda etc.). Segue o programa que Moraes Coutinho redigiu para o Centro:

- 1) O Centro Regionalista do Nordeste, com sede no Recife, tem por fim desenvolver o sentimento da unidade do Nordeste, já tão claramente caracterizada na sua condição geográfica e evolução história, e ao mesmo

tempo, trabalhar em prol dos interesses da região nos seus aspectos diversos: sociais, econômicos e culturais;

- 2) Para isto será o Centro constituído e organizado dentro do espírito de comunhão regional aproveitando os bons elementos da inteligência nordestina, com exclusão de qualquer particularismo provinciano, quer quanto às coisas quer quanto às pessoas.
- 3) O Centro conservará a sua ação livre das correntes partidárias, colaborando com todos os grandes movimentos políticos que visem o desenvolvimento material e moral do Nordeste;
- 4) Perante o governo da União, o Centro defenderá os interesses do Nordeste na sua solidariedade, sem sacrificar as questões fundamentais da região às vantagens particulares de cada Estado.
- 5) A fim de congregar os elementos da vida e da cultura nordestina, o Centro procurará:
 - a) Organizar conferências, exposições de arte, visitas, excursões
 - b) Manter em sua sede biblioteca e sala de leitura, onde se achem representadas as produções intelectuais do Nordeste, no passado e no presente
 - c) Promover cada ano ou de dois em dois anos, em uma cidade do Nordeste, um congresso regionalista
 - d) Editar uma revista de alta cultura “O Nordeste”, dedicada especialmente ao estudo das questões nordestinas e ao registro da vida regional. (CENTRO, DP 05/07/1924)

Apesar de possuir um objetivo com claras consequências políticas, o grupo se identificava como apolítico de acordo com o item 3 e com o que Freyre escreveu no Manifesto Regionalista⁷⁵:

Assim tem sido o Movimento Regionalista que hoje se firma nesse congresso: inacadêmico mas constante. Animado por homens com práticas como Samuel Hardman e não apenas por poetas como Odilon Nestor, por homens politicamente de “esquerda” como Alfredo Moraes Coutinho e da extrema “direita” como Carlos Lyra Filho (FREYRE, 1967 [1952], p. 29.)

Reafirmando sua posição contra a República, Freyre, nesse manifesto, aponta para a necessidade de se superar o “estadualismo lamentavelmente desenvolvido aqui pela República – este sim, separatista” para então substituí-lo por novo e “flexível sistema em que as regiões, mais importantes que os Estados, se completem e se integrem ativa e criadoramente numa verdadeira organização nacional” (FREYRE. 1967, p. 30). Freyre pondera que a palavra sistema talvez não seja a correta para expressar o que o Regionalismo almeja, que é “inspirar uma nova organização do Brasil” (p.31)

⁷⁵ Freyre afirmava que o manifesto que publicou em 1952 foi inicialmente produzido em 1926 para a inauguração do Primeiro Congresso Regionalista que ocorreu em fevereiro desse ano. Conta-se que esse manifesto se perdeu e que o pernambucano tentou reproduzi-lo posteriormente. Junte-se a sua fama de editar seus textos, sem avisar os leitores, tem-se uma desconfiança diante desse texto. Porém, é um texto que em muito coaduna com as ideias que Freyre já veiculava no jornal Diário de Pernambuco desde que retornou ao Brasil. Há um texto que publicou no jornal no dia primeiro dia do Congresso que apresenta muitas das ideias contidas no manifesto. Portanto, apesar de ser um texto certamente “aumentado” não parece ferir quando a essência do movimento.

Uma nova organização em que as vestes em que anda metida a República – roupas feitas, roupagens exóticas, (...) Daí ser perigoso falar-se precipitadamente num novo “sistema” quando o caminho indicado pelo bom senso para a reorganização nacional parece ser o de dar-se, antes de tudo, atenção ao corpo do Brasil, vítima, desde que é nação, das estrangeirices que lhes têm sido impostas sem nenhum respeito pelas particularidades e desigualdades da sua configuração física e social” (FREYRE, 1967 [1952], p. 31.)

Aponta para um Brasil compreendido a partir de uma articulação inter-regional. Para tanto, procura afastar a ideia de que o Regionalismo é separatismo, pois interessa-lhe os “os modos de ser” identificados nas formas regionais de expressão: visa ampliar o que é pernambucano, paraibano, piauiense etc. em nordestino e articular o que é nordestino “em conjunto com o que é geral e difusamente brasileiro ou vagamente americano” (p.31). Esta última parte, em especial, dialoga com a crítica que realiza em texto intitulado “A propósito de Guilherme de Almeida” (FREYRE, DP 15/11/1925 - analisado no capítulo seguinte), em que sustenta a concretude do regionalismo, que seria “mais” brasileiro por se tratar de fato de um modo de vista existente, em contraposição ao que chamou de “vaga ideia de brasileiro” da qual o poeta parecia adepto.

Apesar de no manifesto sustentar por boa parte uma ideia de regiões articuladas horizontalmente, Freyre indelevelmente se vira para o protagonismo da região Nordeste e, em especial, da “província” de Pernambuco para a história nacional: “o Nordeste tem direito de considerar-se uma região que já grandemente contribuiu para dar à cultura ou à civilização brasileira autenticidade e originalidade e não apenas doçura ou tempero (FREYRE, 1967, p.35). Para ele, a região Nordeste seria aquela que mais conservou a essência brasileira, pois foi a região que menos recebeu influências europeias, para além da matriz formada pelo entrelaçamento de portugueses, negros e índios (FREYRE, 1967; CASTELLO, 1961).

Portanto, o movimento Regionalista clama para a região uma posição de destaque como berço da cultura essencialmente brasileira, aquela que não sofreu com os estrangeirismos oriundos da migração europeia e que conservou a matriz cultural de nossa origem (FREYRE, 1967). Freyre dá prosseguimento à visão da história do Brasil tal como era compreendida por Oliveira Lima (vide capítulo 1). Ao associá-la ao Centro Regionalista almeja que essa versão da história contribua para que Pernambuco, e o Nordeste, se compreenda como um importante eixo da cultura do país. E, assim, passe a se valorizar mais o que é pitoresco e tradicional da região.

O exemplo da expulsão dos holandeses é nodal para a história de resistência frente a uma cultura estrangeira. Gilberto Freyre aponta que o período que compreende a ocupação do Norte do país pelos holandeses “deixou na face de um Brasil ainda socialmente adolescente cicatrizes honrosas [...] cicatrizes de combate. Sinais de resistência. Marcas de luta” (2001, p. 15). Ele afirma ainda que os vinte e quatro anos de dominação batava foram responsáveis por despertar a “consciência de espécie” entre nós. Em fala inflamada, numa reunião do centro, Freyre aponta que

Nosso passado é toda uma vibração de orgulho regional, ao serviço das nossas necessidades e das nossas aspirações. 1817 e esse 1824 que foi o seu “post-scriptum” traçado a sangue, não significa outra coisa. Desde a jornada heroica do século XVII, em que o esforço do Nordeste reintegrou o Brasil na sua grandeza primitiva, vencendo o holandês, que o orgulho nordestino tem sabido vibrar contra as pressões exteriores. Começamos precisamente vencendo um comissariado ou sindicato - nada menos que aquele requinte de pirataria organizada a Companhia das Índias Ocidentais. E em 1666, os senhores de engenho, pela solidariedade de sentimentos e interesses, daqui expulsaram para a Bahia, um capitão geral que nos pretendeu governar contra nossos direitos e as nossas necessidades. [...]

Diante desse passado, Pernambuco e seus irmãos do Nordeste, não tem o direito de contemporizar com os inimigos dos seus direitos. *Este Centro, conclui Gilberto Freyre, onde se vão congregando as melhores forças jovens de Pernambuco, deve mostrar pelo seu protesto que a mocidade do nordeste revela não só a disposição, mas a ânsia para defender as tradições e promover os interesses da região.* (CENTRO, DP 05/07/1924 – grifo nosso)

O Centro, imbuído da ideologia Regionalista, visa agir no sentido de restaurar e preservar o fio que conecta o passado ao presente e assim garantir que conduza ao futuro através da manutenção da tradição. Produzem, a partir do passado, uma narrativa que pauta a riqueza cultural, deixando a crise econômica da região (decadência dos engenhos de cana de açúcar) como uma questão secundária em sua concepção. Conforme Chaguri (2009, p. 55) “o Regionalismo recupera a trajetória das elites agrárias nordestinas [...] procurando operar uma reconversão simbólica a partir das tradições culturais destas”. É com esse espírito que Freyre procura Manuel Bandeira e lhe “encomenda” a poesia que veio se chamar “Evocação do Recife” em 1925 (TEIXEIRA, 2016) ⁷⁶

⁷⁶ Freyre havia sido encarregado de organizar o livro comemorativo do centenário do “Diário de Pernambuco”. Desde 1924 Freyre procurava amigos para contribuírem com algum texto. Chegou a procurar José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Olívio Montenegro, Oliveira Lima, entre outros, para que escrevessem textos exaltando algum elemento da cultura e história do Recife. O próprio Freyre contribuiu com um estudo sobre as pinturas nordestinas. Nesse ímpeto, encomendou um poema a Manuel Bandeira – antes mesmo de se conhecerem pessoalmente. A amizade entre os dois também será longa e a correspondência entre eles se encontra organizada em livro “Cartas Provincianas” organizado por S. M. Vicente dias.

Porém, em vista da falta de ação do Centro, Freyre propôs sua dissolução em reunião no dia 05 de março de 1925 (quase um ano após sua criação). Como comunicado em nota no Diário de Pernambuco, "O sr. Gilberto Freyre propôs a dissolução do Centro, em face de sua nenhuma ação nestes últimos meses". Ainda conforme a nota, Freyre dizia acreditar que o "Centro, pela sua natureza e afins, exagerada antecipação ao estado mental e social do Recife, cujas necessidades são supridas pelas associações há anos existentes" (CENTRO, DP 05/03/1925). Moraes Coutinho, na mesma reunião, lembrou-se da Semana da Árvore, realizada no Recife que teria sido um sucesso e propôs a organização do primeiro Congresso Regionalista do Nordeste. O Congresso inicialmente ocorreria entre os dias 07 e 15 de Novembro de 1925. Porém, foi adiado para fevereiro de 1926 e ocorreu entre os dias 07 e 12.

Diante da notícia de um futuro Congresso, uma nota inicialmente publicada no "Jornal de Alagoas" em 29 de março de 1925, assinada por Mário Marroquim e intitulada "Regionalismo" foi republicada no Diário de Pernambuco. Nela, o autor afirma que "Já era tempo que se unissem os nordestinos, para a defesa de suas riquezas artísticas, de sua independência econômica". O conteúdo da nota traz a ideia de que uma "raça forte e homogênea povoa os cinco Estados do Brasil, de Alagoas ao Ceará". E que a Região "necessitava de um aparelho de defesa de suas tradições, de resistência a desagregação de suas energias, aparelho que fosse um auxílio eficiente dos governos nas medidas de progresso e engrandecimento da região" (MARROQUIM, DP 03/04/1925).

O Centro Regionalistas do Nordeste, deve ter como fim promover o desenvolvimento do Nordeste, agindo junto aos governos, orientando a sua ação nas questões que interessem aos seus problemas gerais, problemas quer econômicos, quer artísticos. O Nordeste que foi o berço da nacionalidade, conserva ainda intacto, nítido, o sentimento da brasilidade, o espírito tradicional da raça que no sul ao contato das massas imigratórias já está quase desaparecido.

É esse espírito, é essa tradição sadia que a nossa macaquice copiadora ia deixando empalidecer, abafada pelas inovações caricaturais de pseudo-arquitetos e pelos reclamos de "camelot" dos jornais do sul. [...] A indiferença morna dos nossos homens de letras ia deixando caminhar esse fantasma, e sobre a sólida base tradicional de nossa raça erguer-se uma civilização de fachada, um progresso - pano de boca. Ainda bem que veio a reação. O escritor sr. Gilberto Freyre, um dos esteios dessa reação, tem em magníficos artigos no "Diário de Pernambuco", avivado a chama sagrada do amor as nossas tradições. Através de seus estudos, as "Casas grandes" dos nossos engenhos refletem todo o encanto da vida simples e sadia dos antepassados, velha nobreza que ergueu sobre os canaviais a grandeza de uma pátria. (MARROQUIM, DP 03/04/1925 – grifo nosso)

A nota, tendo sido publicada em Maceió -AL, indica o relevo de Freyre e de seus artigos no “Diário de Pernambuco” não apenas para a fundação do Centro Regionalista, como também para a substância própria da ideologia regionalista a partir da década de 1920 em toda a região. Uma ideologia que marca o desejo de reintegração da tradição gestada no passado em contraposição à ideologia que promovia a busca pelo progresso às custas de uma ruptura com esse mesmo passado.

Há um texto que Freyre publicou no Diário de Pernambuco, intitulado “Ação Regionalista do Nordeste” que anuncia que naquele dia, 07 de fevereiro de 1926, seria a inauguração do 1º Congresso Regionalista. Ele aponta, nesse texto, que há muita confusão em torno da ação Regionalista que se observa não apenas no Nordeste como também em Minas Gerais⁷⁷. E que uma das funções do Congresso é o de “clarificar a ação regionalista, ainda mal compreendida e superficialmente julgada” (FREYRE, DP 07/02/1926). Adiantando-se ao que supostamente falaria Moraes Coutinho no discurso de abertura, Freyre dissocia do Regionalismo as ideias de separatismo, caipirismo e bairrismo. E postula “que não se repelem, antes se completam, regionalismo e nacionalismo, do mesmo modo que se completam nacionalismo e universalismo”. Nessa passagem é possível antever sua opinião acerca da concepção contra a ideia de um progresso linear, que via em escala evolutiva a questão de Civilização – que em última instância, tendia para a homogeneização das sociedades conforme um padrão europeu (ou mesmo norte-americano, tendo em vista a influência que os EUA estavam alcançando sobre o mundo naquele momento). Ao identificar que regionalismo e nacionalismo se completam assim como nacionalismo e universalismo, Freyre aponta para a articulação de particularidades que não nega a ideia de universal. Ao contrário,

⁷⁷ Em artigo intitulado “A propósito do Regionalismo no Brasil” de outubro de 1925, Freyre fala sobre o regionalismo de “A Revista” de Belo Horizonte que “procura “concentrar todos os nossos esforços para construir o Brasil dentro do Brasil e, se possível, Minas dentro de Minas”. Diz que os jovens que organizam a revista, dentre eles Carlos Drummond, querem “uma Minas mineira, que se desenvolva dentro do espírito de seu passado, contribuindo com a sua forte originalidade local para a riqueza do conjunto brasileiro; para a harmonia do todo brasileiro. Querem uma Minas vivamente caracterizada na sua vida, como nós queremos um Nordeste capaz de resistir à ‘standardização’”. No editorial da revista constava que “um de nossos fins principais é solidificar o fio da nossa tradição”. Freyre classifica esse grupo, assim como ele e os membros do Centro, como neotradicionalistas. E aponta para o corte de geração para dizer que “nós, os de vinte e de trinta anos, começamos a olhar para o sr. Coelho Netto e para o comendador Medeiros e para o dr. Afrânio e para o dr. Graça Aranha com a melancolia de sobrinhos que descobrem nos tios sentenciosos e sabedores de tudo, adorados como heróis na meninice, simples mediocridades[...]” (FREYRE, DP 11/10/1925)

apontam para a concepção de um todo, de um universal plural. A mesma lógica de aplica para o Brasil em relação às regiões:

Um Brasil regionalista seria um Brasil não dividido, mas respeitando-se nas suas diversidades e coordenando-as num alto sentido de cultura nacional. Um Brasil livre de tutelas que tendem a reduzir a feudos certas regiões.

O regionalismo não quer a absorção de energias locais, fortes pelo vivo e mediato contato com as várias realidade da paisagem, da vida, da economia brasileira – pela tirania de um Rio de Janeiro que afinal as absorve para a esterilidade e para o “rastacuerismo”. O regionalismo é um esforço no sentido de facilitar e dignificar certa atividade criadora local desembaraçando o que há de pejorativo em “provinciano” de qualidades e condições geográficas (FREYRE, DP 07/02/1926)

Na sequência, Freyre aponta para aquele que primeiro teria indicado a força criadora do Regionalismo: Silvio Romero. Diz que ele, “há mais de vinte ou trinta anos, soube senão compreender, sentir a realidade brasileira”. Teria Romero cunhado a ideia de regionalismo, conforme a qual estaria a grandeza futura do Brasil associada ao desenvolvimento autônomo de suas províncias, à valorização de seus impulsos originais. Conforme citação reproduzida por Freyre no artigo, para o Romero o progresso brasileiro seria oriundo “do concurso das diversas aptidões das províncias” e não de um Brasil uniforme e monótono “entregue a ditadura de um centro regulador de ideias” (FREYRE, DP 07/02/1926).

No dia 26 de março de 1926, é republicado pelo “Diário de Pernambuco” um artigo de Freyre intitulado “Nordeste Separatista?”, o qual havia sido inicialmente publicado no “Jornal”, do Rio de Janeiro. Nesse texto, escrito após o 1º Congresso Regionalista, rebate novamente o boato de que o movimento regionalista era separatista. Nesse texto, no qual encontra-se passagens replicadas no Manifesto Regionalista, Freyre mais uma vez defende a ideia de que nos regionalismos se encontra as maneiras mais vivas de se ser brasileiro.

Aviva-se entre os nordestinos a consciência de representarem um Brasil mais brasileiro que o representado pelo Rio, por exemplo. E sob essa consciência, o desejo de procurarem animar a sua vida, em expressões novas, modernas, atuais, do espírito tradicionalmente brasileiro que ali se encontra ainda (FREYRE, DP 26/03/1926)

Neste texto desenvolve a ideia de que é normal a capital do Brasil, o Rio de Janeiro, ser cosmopolita. Afinal, é uma cidade com muitas pensões e hotéis, isto é, que recebe muitos visitantes não apenas de todo o país como também do mundo. Mas que nas demais cidades, deveria se conservar como sugestões as linhas (designs, receitas etc.) oferecidas pelas tradições locais. Ressalta que não se trata de uma necrofilia (para pensar em oposição a neofilia), mas sim de evitar que o país

inteiro se veja reduzido a uma simples imitação: “o movimento regionalista do Nordeste não é necrófilo. Não tem a superstição do passado. Ama, porém, nas velhas coisas, a sugestão de brasilidade, o traço, a linha de beleza a ser continuada pelo Brasil menino” (FREYRE, DP 26/03/1926).

Azevedo (1996) interpreta nesse artigo um bairrismo em Freyre quando afirma que “aviva-se entre os nordestinos a consciência de representarem um Brasil mais brasileiro que o representado pelo Rio” (FREYRE, DP 26/03/1926). Porém, Freyre fala da capacidade de outros regionalismos de fazerem o mesmo. Quando por exemplo cita que as outras cidades não devem ser influenciadas pela arquitetura do Rio de Janeiro, mas que “o nordeste, Minas, S. Paulo, é que devem influir sobre a arquitetura e vida do Rio”. Freyre, no entanto, era representante do e escreveu esse artigo para defender o regionalismo do Nordeste e sua visão regionalista de Brasil.

O que se percebe em obras como a de Azevedo (1996) e a de D’Andrea (2010) é estabelecer retroativamente para a década de 1920 uma oposição entre modernismo e regionalismo que só veio de fato a se estabelecer a partir da década de 1930. Retomo, portanto, o que disse no início desse tópico, ao apontar para o fato de que D’Andrea (2010) afirmar a ideia de paradoxo entre Freyre ter contribuído para o modernismo “apesar” de ser regionalista. Sendo que, o que se pode perceber é que o regionalismo freyriano antevia uma outra forma de ser moderno, compartilhando com o modernismo muitas visões e críticas ao estado cultural em que se encontrava o país.

Azevedo (1996) e D’Andrea (2010) entre outros nos apresentam uma interpretação possível de Freyre. Ambas se baseiam no fato de que os membros do Regionalismo eram descendentes de senhores de engenho decadentes. Eles tiveram, portanto, acesso a uma formação culta e fizeram parte daqueles que possuíam voz (e eram ouvidos) naquela sociedade. Não surpreende que um grupo assim falasse do passado glorioso de suas famílias e tentassem conservar os valores sob os quais foram criados e que compartilhavam entre si. Afinal, esses valores não apenas lhe são familiares como também convenientes em certo sentido, pois funcionam como legitimadores das hierarquias sociais. Ainda que já não desfrutassem do status econômico observado no passado de suas famílias, ainda podiam desfrutar do status sociais e políticos de seus sobrenomes.

Porém, são vários os elementos envolvidos no desejo de valorização da tradição, que não se limitam apenas a uma manutenção de poder. Como tentei demonstrar, há no cerne dessa ideologia e, mais especificamente, do movimento em torno do Centro Regionalista, a crítica à modernização. Em meio a um mar de intelectuais que na República louvavam o novo e o progresso de maneira acrítica, os membros do Centro e, dentre eles Gilberto Freyre, apresentavam questionamentos importantes à forma como a modernização estava ocorrendo. Ao se inspirarem no passado, chamam atenção para a existência de formas alternativas de condução dos processos modernizadores. Freyre, nesse sentido, falava de progressos - material, cultural, moral - em contraposição a ideia de um progresso com P maiúsculo, que se referia, a seu ver, apenas ao progresso material idealizado por uma ideia de civilização – a europeia. Por conseguinte, vislumbrava uma civilização e progressos possíveis considerando pontos de continuidade a partir da história do país.

Fora a semana da árvore e o Congresso Regionalista, o Centro se envolveu apenas com pequenas recepções e reuniões e deixa de ser mencionado após meados de 1927. Nesse momento a movimentação do Centro já era bem menor do que em seu ano de fundação. No ano de 1929, Mario Melo (diretor do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco) menciona o Centro Regionalista em três artigos, motivado por uma provocação de Anibal Fernandes, que credita ao Centro e não ao Instituto a defesa do passado pernambucano (MELO, DP 04/06/1929). Ao que Mario Melo replica, sarcasticamente (mas não sem verdade) sobre o fim do Centro que “desapareceu não se sabe quando porque não foi dada a sua falta” (MELO, DP 07/09/1929). Portanto, o Centro Regionalista parece ter sido apenas uma expressão na década de 1920 da ideologia regionalista que Freyre identificava no Movimento Regionalista do Nordeste.

Como procurei demonstrar, o regionalismo, concretizado no Centro e no Congresso Regionalista, foi uma expressão do que chamei de “utopia freyriana” tendo em vista que procurava catalisar no Recife (e eventualmente exportar para a região e para o país) sua ideia de como o Brasil devia ser, como deveria ser sua dinâmica. Isto é, um constante processo de renovação e criação a partir da tradição e do passado. Uma realidade organizada pelo “bom senso” da tradição do Brasil de seus avós.

2.3 Discípulo e mestre de mesma idade: sobre a amizade de José Lins do Rego e Gilberto Freyre

Falar de Regionalismo e, principalmente, falar de Gilberto Freyre (1900 – 1987) implica em falar um pouco de José Lins do Rego (1901 – 1957), um de seus amigos mais íntimos e com quem manteve intenso contato e câmbio de ideias⁷⁸. Zé Lins era um dos amigos com quem Freyre se sentia mais à vontade para falar das suas angústias, muitas das quais compartilhadas pelo romancista. Afinal, eram coetâneos e acessavam o mundo de uma posição sociocultural muito parecida.

Freyre e José Lins eram descendentes de uma aristocracia açucareira decadente – uma de Pernambuco e outra da Paraíba. Quando se conheceram, numa tarde em 1923 na cidade do Recife, eram ambos jovens adultos que encaravam a crise na República brasileira com seu pacto oligárquico; encararam, portanto, uma grande crise política que se somou à econômica e cultural. Tudo isso após acompanharem de longe os horrores da Primeira Guerra Mundial.

José Lins do Rego nasceu em 3 de junho de 1901, em Pilar, Paraíba. Sua mãe morreu precocemente quando ele ainda era uma pequena criança e seu pai foi uma figura distante em sua vida. Assim, ainda pequeno foi levado ao engenho de seu avô materno onde foi criado por suas tias. Frequentou o Colégio de Itabaiana, passando em seguida pelo Instituto N. S. do Carmo e pelo Colégio Diocesano Pio X em João Pessoa. Mudou-se para o Recife onde estudou no Colégio Carneiro Leão para depois cursar e concluir o bacharelado na Faculdade de Direito de Recife no início do ano de 1924. Voltou para a Paraíba nesse ano, o mesmo em que perdeu seu avô⁷⁹. Ainda nesse ano se casou e vislumbrou as possibilidades que se

⁷⁸ Em dissertação que realizei em 2019, trilhei caminho parecido. Ao estudar o romance *Fogo Morto* de José Lins do Rego e, consequentemente, pesquisar sobre o autor, deparei-me com essa intrigante amizade.

E, em um pequeno seminário realizado em novembro de 2021 realizado pelo Sesc para comemorar os 120 de José Lins, Valéria Veras, neta do romancista, conta que seu processo de busca pela história do avô começou através de um estudo sobre Freyre. Ao descobrir sobre a relação de amizade entre os dois, Valéria se voltou para o acervo pessoal do avô. No mesmo seminário, os pesquisadores Mariana Chaguri e Bernardo Buarque de Hollanda contaram que também, em suas pesquisas sobre o romancista, tiveram de passar pela sua amizade com o sociólogo.

⁷⁹ O avô foi uma figura muito importante na vida de José Lins do Rego. Para além de ser sua figura paterna, inspirou personagens de seus futuros romances – como o coronel José Paulino, dono do engenho Santa Rosa que aparece na obra *“Fogo Morto”*.

colocavam para ele: ser um senhor de engenho⁸⁰, pois havia herdado terras de seu avô, ou tornar-se um funcionário público.

Em 1925 mudou-se para Manhuaçu -MG onde foi nomeado promotor público. Já em 1926 mudou-se para Maceió onde trabalhou como fiscal de banco. Lá, dedicou-se a literatura e publicou quatro livros: *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934) e *Moleque Ricardo* (1935). Em 1935 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi nomeado fiscal de consumo e viveu até falecer em 12 de setembro de 1957.

Como em 1924 José Lins retorna à Paraíba, a convivência que teve com Freyre nos poucos meses em que estiveram juntos no Recife foi intensa. Depois, a amizade se constituiu de trocas epistolares e alguns breves encontros. Nem por isso se distanciaram. No acervo de correspondência passiva de José Lins do Rego constam 116 cartas de Freyre. Mesmo quando estava no exílio em Portugal, ao fim do ano de 1930, confessou ao amigo que “ninguém mais vive nas minhas lembranças do que você em quem estou sempre a lembrar. [...] Fique certo de que não se passa um dia sem que eu pense com saudade em você” (GF – JL, 17/12/1930 nº 37).

Em 1923 Freyre voltava para casa após cinco anos e estava em processo de readaptação. Em carta confessou ao amigo: “está sempre na minha lembrança como um dos melhores amigos que tenho encontrado na vida – que encontrei de volta ao Brasil nos primeiros e bem acres e difíceis meses de readaptação”. E diz que não poderia o esquecer, “pois o contato com a sua desorientada juventude veio em dias muito ruins para mim: de muito amargor. (GF-JL, 13/08/1924 nº7).

O relato de quando se conheceram consta no prefácio que José Lins do Rego escreveu para o livro “Região e Tradição” de Freyre, publicado em 1941:

⁸⁰ No romance “Banguê”, José Lins apresenta Carlos, personagem com claras inspirações autobiográficas, que retorna para o engenho onde foi criado após ter se tornado um bacharel. Seu avô estava debilitado e pouco depois morreria. Assim, Carlos tenta assumir a posição de novo senhor daquelas terras, no entanto, se percebe como “sem talento” para o negócio. Nesse romance, Zé Lins parece ter usado como inspiração justamente as possibilidades que encontrou naquele momento de sua vida. Há uma carta em que Freyre questiona o amigo iria se tornar senhor de engenho. Nesse romance há também um amigo de Carlos que lhe envia uma carta pressionando-o a respeito de um suposto livro que este escreveria sobre o grande senhor de engenho que foi seu avô. O personagem se sente encurralado diante da expectativa que esse amigo estava fazendo circular na capital – pois ele não estava escrevendo um livro e sequer sentia-se inspirado diante da fragilidade em que seu avô, imagem que contrastava com a que idealizou e que tanto falou a respeito com seus amigos da faculdade. Esse amigo pode ter sido inspirado em Freyre, que incitava o amigo a escrever livros sobre esse mundo dos engenhos.

Estávamos no Brasil de depois da guerra. O açúcar em Pernambuco em elevação, um governo novo abrindo avenidas, um higienista pondo problemas de saúde em foco, um prefeito medíocre borrando de feio a bela cidade do Capibaribe. O Recife em plena inflação de mau-gosto. Conheci Gilberto Freyre nessa época de prosperidade e estupidez. Por esse tempo era eu um jornalista de oposição, exaltado pelo panfleto político. Tudo em mim seria para desagradá-lo, a ele que estivera em Oxford, depois de formado em Columbia. Tudo em mim seria para desagradá-lo o meu jeito de viver desregrado, os meus assuntos, minha vida de rapaz ignorante. No entanto, como que por um milagre o universitário descobria no rapaz da esquina da Lafayette um que seria o seu amigo mais ligado, talvez o seu único amigo, além de seu irmão Ulysses, dos primeiros meses de sua readaptação ao Brasil (REGO, 1941, p. 9)

Zé Lins marca esse encontro como o início de sua vida literária. Diante do jovem pernambucano “que estivera em Oxford, depois de formado em Columbia”, sentia que pouco sabia e que quase nada havia lido. É através da literatura que o vínculo entre esses dois jovens se forma e desse vínculo surge uma das mais belas amizades de que se tem notícia entre intelectuais do Brasil. Freyre quis ler o que José Lins publicava, inclusive seus textos políticos publicados no panfletário Dom Casmurro: “Leu as crônicas, os contos, criticou-os, falando-me de alguns com interesse. Havia nos meus modos de dizer qualquer coisa que o interessava” (REGO, 1941, p. 10).

Freyre afirma que muitos o aconselharam a se afastar de José Lins. Diziam que não era pessoa para ele ter como amigo, que ficaria malvisto. Em entrada de seu diário, Freyre (1975) diz que Anibal Fernandes (que identifica apenas como A. F.), Carlos Lyra Filho (C. L. F.) e toda a gente do Diário de Pernambuco lhe aconselharam contra os novos amigos⁸¹, principalmente José Lins do Rego (J. L. do R.).

Aliás, um delegado de polícia meu amigo – amigo e primo – repito que já me advertiu: “Se você não quer ficar malvisto pelo Governo, deixe de andar com esse J. L. do R.: até em escândalo com mulheres ele está metido”. P.P [possivelmente Pedro Paranhos] é discreto, mas não deixa de comentar: “Ele é de origem boa, de boa origem pernambucana, mas o C. tem razão: é meio acafajestado”. (1975, p. 324)

Apesar dos avisos, Freyre (1975) insistiu na amizade e pouco depois falava de Zé Lins como “meu novo e já querido amigo”. Não esconde que os dois possuíam muitas diferenças, mas ressalta que as

afinidades que, desde o dia em que começamos a ser amigos, eu com vinte e dois, ele com vinte e um anos, fazem que muitas de nossas maneiras de ver, de pensar e

⁸¹ A amizade entre eles é acompanhada também da amizade com Olívio Montenegro. Esse trio vale um estudo a parte, que infelizmente não pude realizar aqui.

de sentir coincidam sem nenhum esforço ou preocupação de coincidência, como se nossa amizade viesse da meninice. (FREYRE, 1978, p. 34)

José Lins do Rego escreveu um artigo sobre Freyre no periódico “A província” (25/07/1923) em menos de 4 meses após conhecê-lo. Nesse texto, intitulado “O sr. Gilberto Freyre”, já o indica como “um moço de 23 anos pensando mais que os cinquentões da nossa espontânea e larga publicística”. Diz que os de sua geração só teriam dois caminhos diante de Freyre: “só lhe podemos ou odiá-lo aos extremos ou admirá-lo extremamente” e que resolveu por admirá-lo antes mesmo que “José Américo de Almeida, outro espírito sério, me escrevesse aconselhando-me ‘que o tomasse verdadeiramente para teu mestre’”.

Nesse, aponta que Freyre não veio dos EUA com a “cabeça perdida pela democracia americana, esta senhora complicadíssima” e que de Paris trouxe “recordações de Leon Daudet [...] e de Maurras, o mestre honesto de uma consciente mocidade francesa”. E identifica em Freyre “um tradicionalista à maneira aristocrata” (“A Província, 25/07/1923). Fala contra a educação, embasada no “indecente cientificismo e o naturalismo”, que receberam em suas infâncias. Que o Brasil procurava imitar a França dos anos de 1890 “mas numa cópia como só nós sabemos copiar, infiel para um original sobre todos os pontos de vista inferior”. Como se pode perceber, as impressões que o jovem pernambucano causou em José Lins foram tão fortes e intensas, a ponto de em curto tempo ele ter se deixado envolver completamente pela sua visão de mundo.

Portanto, desde o início a amizade tomou formas também de discípulo e mestre de mesma idade. É o próprio José Lins (1923; 1941) quem confessa sem se sentir menor ou acuado por isso. Ele reconhecia a potência intelectual de seu novo amigo e queria absorver tudo o que ele pudesse lhe transmitir. Seu aprendizado, diz, começou sem que ele sentisse as lições (REGO, 1941). Que uma vida começou a agir sobre a outra “com tanta intensidade e com tal força de compreensão” que se viu dissolvido e sem personalidade “pensando por ele, tudo resolvendo, tudo construindo como ele fazia” (p. 10). Em texto encontrado no livro “Alhos e Bugalhos”, Freyre (1978), ao falar sobre sua amizade com o romancista, reescreve a passagem acima como se isso também tivesse ocorrido a ele. Que José Lins quis

[...]absorver de mim o que talvez supunha de transferível do por mim trazido do estrangeiro – valores e perspectivas – que eu, a certa altura, como que me vi ou me surpreendi pensando para ele: vendo para ele, sentindo para ele, redescobrimo para ele o próprio particularíssimo Brasil no qual ele nascera [...] passei a notar que nossos dois eus por vezes se cruzavam e se confundiam (FREYRE, 1978, p. 33)

Muitas das lições (que Freyre insiste terem sido pedidas pelo próprio amigo) se resumiam nas lições de inglês acompanhadas dos romances que indicava⁸² – como James Joyce, Hardy, T. S. Eliot (FREYRE, 1975). Sabe-se que a influência dos romancistas ingleses foi de suma importância na constituição do escritor de romances que José Lins viria a ser (CASTELLO, 1961). Freyre (1978) falava ao amigo a respeito da maneira como aqueles autores tratavam dos cotidianos, de como extraíam da rotina o que ela poderia fornecer sobre o humano e sua psique. E na obra de Lins do Rego é possível perceber suas tentativas (e sucessos) em evocar através de seus personagens a humanidade aparentemente universal em meio aos contextos particulares dos engenhos⁸³.

Com essa troca intelectual, o jovem paraibano marca também o começo da existência do mundo das ideias para si. Admirava no amigo não só seu conhecimento de cultura clássica, como sua aptidão para síntese, crítica e análise “de vida interior que se chocavam com meus impulsos (...) com meus ímpetos de instinto puro” (REGO, 1941, p. 10). Em contrapartida, Freyre confessa que muitas vezes escreveu pensando nele. Fala que surpreendeu no amigo

desde os nossos primeiros contatos, reações muito vivas a prazeres estéticos: raros tenho encontrado duma plasticidade a esses prazeres igual a sua. E você vai revelando o senso das belezas espirituais, pela via estética. Sinto em você influências minhas, não por macaqueação, mas por plastização, conservando você certo sabor selvagem de temperamento. Admirando-o admiro e amo um tanto a mim mesmo, pelo que encontro em você de mim (GF – JL, 13/08/1924 nº 7)

Freyre certa vez apontou a propósito da teoria da relatividade: “não se manifesta a verdade dessa teoria nas relações entre mestre e discípulo? Aprende o discípulo do mestre, aprende; mas o mestre também aprende muito do discípulo” (FREYRE, DP 28/03/1923). Assim como Zé Lins muito aprendeu com seu jovem

⁸² Em carta de 16 de junho de 1924, fala sobre como queria que José Lins “pudesse ler o meu querido Pater, Joyce e estas páginas de Ronette e das Brönte”. (GF – JL, 16/06/1924)

⁸³ Um ótimo exemplo é o romance *Fogo Morto*, talvez sua obra prima, no qual apresenta a perspectiva de três personagens – Mestre José Amaro, Coronel Lula e Vitorino “papa rabo”. Em outro momento (CASTANHEIRA, 2019) analisei esses personagens através de um diálogo entre o romance e teoria social. Dentre as teorias abordadas, está a “Luta por Reconhecimento” (Axel Honneth). Através desse diálogo, foi possível perceber a profundidade dos personagens – principalmente do Mestre Amaro – quando observado a partir de seu sofrimento diante do não reconhecimento que recebe por aqueles a sua volta. Esse sofrimento – julgado como universal pela teoria honnetiana – seria então uma forma de expressão da humanidade (demasiadamente humana?) contida num simples seleiro de beira de estrada, um morador de um engenho da Paraíba, mas que é capaz de provocar compreensão e identificação por quem quer que conheça o seu drama.

mestre, também Freyre aprendeu com seu discípulo, numa relação de afeto e estímulo intelectual mútuo.

Ao contrário de Freyre, que evocava na sua infância semelhanças com a vida vivida em engenhos, José Lins do Rego de fato foi um menino de engenho e viveu numa casa grande. E juntos os dois “revisitam” essas memórias, dotando-as de novas cores e novos significados.

Como já para ele redescobrir o essencial do próprio, e por ele até então desprezado, Nordeste dos seus dias de menino: esses dias de menino na vida de um homem a quem eu dava tão grande, tão lírica, tão dramática importância⁸⁴. E cuja evocação resultaria sua obra-prima, realizada por ele como somente ele poderia ter realizado. Sem dever a mim senão a revelação daquele por ele percebido pequeno mundo encoberto. [...] É como se o passado de cada um de nós guardasse trechos inteiros de aventura ou de experiência dos quais talvez envelheceríamos desinteressados ou despercebidos se um não tivesse vindo a conhecer tão fraternalmente o outro, completando-se os dois em conhecimentos inacabados ou em intuições incompletas da mesma realidade. (FREYRE, 1978, p. 33 – 34)

Freyre credita a José Lins do Rego a sua iniciação na literatura nova que vinha sendo produzida no Brasil, principalmente no que se refere aos Modernistas do Rio e de São Paulo. Em entrada em seu diário, comenta que foi José Lins quem o iniciou em Agripino Grieco e foi quem lhe apresentou

Ronald, Renato Almeida, Mário e Oswald de Andrade, Tasso da Silveira, Andrade Murici, Alceu Amoroso Lima, Jackson de Figueiredo (deste já me falara Fidelino em Lisboa como dos dois Andrades me haviam falado em Paris Tarsila do Amaral e Brecheret, com os quais convivi em café de gente de vanguarda nas artes). Também são de interesse – de grande interesse – novos pensadores como Pontes de Miranda, Vicente Licínio Cardoso, Oliveira Viana, Fernando de Azevedo, que se juntam a Gilberto Amado e Roquette Pinto – sem nos esquecermos do extraordinário João Ribeiro –, todos já meus conhecidos, para a realização de uma obra renovadora da cultura brasileira. É uma cultura que precisa justamente do que eles lhe estão começando a trazer: novas perspectivas. (FREYRE, 1975, p. 301)

Mas essa amizade não girava em torno apenas de trocas intelectuais. Vicente Dias (2010, 2017) nos aponta que o tom da correspondência de Freyre com Bandeira (1886 – 1968), poeta que foi também seu grande amigo, era, em geral, mais festivo. Mas com José Lins, Freyre permitia-se compartilhar suas crises e seus pensamentos mais melancólicos e pessimistas. Como por exemplo em carta de 14 de março de 1925 (um dia antes de seu aniversário) em que confessa ao amigo:

⁸⁴ Freyre, desde quando estava nos EUA e após ler Sudermann, se interessou muito pela ideia de realizar um livro sobre o menino no Brasil. Essa ideia vai amadurecendo, tomando ares de pesquisa conforme os anos passam. Queria identificar as brincadeiras e brinquedos, as semelhanças e as diferenças na infância entre as diferentes regiões. Chega a confessar em carta para Manuel Bandeira, sob segredo, que estava a realizar pesquisas nesse sentido, com o intuito de escrever seu já desejado livro (GF – MB 06/05/1929; VICENTE DIAS. 2017, p. 40)

"Você deve ter notado em mim essas crises de silêncio e - para ser franco - antipático - que não sei explicar. Crises de orgulho ou doença - não sei que diabo não". Ainda nessa carta, Freyre admite sentir que ninguém o compreendia, apenas o amigo e o seu irmão (GF – JL, 14/03/1925 nº 13). Ou quando lhe diz que "uns restos de doença" insistem em ficar com ele, de maneira a lhe enfraquecer e quebrar o interesse pelas coisas, lhe deixando num estado convalescente, de "meia saúde". (GF – JL, 27/06/1925 nº 17).

Em certa medida, a sina de melancólico, que José Lins já trazia consigo antes de transmiti-la posteriormente em seus romances, permitia que o amigo se sentisse confortável para se expressar de forma mais pesarosa. Portanto, o encontro entre os dois foi alegre, mas foi também um encontro de reflexões tristes, de sensação compartilhada de crise, de preocupação de uma geração, encontro de experiências e expectativas. Um encontro que gerou um profundo entendimento um do outro.

A primeira carta que consta no arquivo do Museu José Lins do Rego data de 17 de janeiro de 1924, e dá a entender que já haviam trocado outras cartas. A cobrança de respostas é assunto comum na correspondência entre os dois – Freyre chega a falar que o amigo parece uma “velha a contar visitas”. Nessa primeira carta fala sobre o quanto estava triste pela morte de Antonio Sardinha⁸⁵ e que já sentia saudades de José Lins que estava na Paraíba: “Você quando vem? Tenho às vezes muitas saudades de você. Há horas em que estou só e o apito do trem [...], do outro lado do morro, me faz pensar muito em você” (GF – JL, 17/01/1924, nº1).

Em outra carta lhe diz: “acabo de receber sua carta: li-a com ansiosa delícia. Já não compreendia seu silencio - sabendo o amigo cheio de ternura que é, que tem sido há um ano; e cuja amizade em muito prezo.” (GF – JL – s/d⁸⁶, nº 3). O avô de José Lins morreu em 1924 e nessa carta Freyre lhe manda os sentimentos.

Boa figura de senhor de engenho deve ter sido aquele seu avô. Eu não sei qual é o gosto de ter um avô: o materno já era morto quando eu nasci e o paterno morreu

⁸⁵ Antonio Sardinha era um intelectual membro do movimento Integralista português. Freyre, um ano após sua morte, lhe dedica um artigo com seu nome Diário de Pernambuco no dia 13/01/1925.

⁸⁶ Provavelmente escrita entre abril e julho, pois fala da conferência que realizou na Paraíba em 5 de abril e que estudava publicar. Foi publicada posteriormente com o título “Apologia pro generatione sua” na Paraíba com ajuda de José Lins. Na correspondência que segue a conferência, Freyre fala com o amigo sobre questões como o papel utilizado para a impressão – não queria papel fino, queria um papel de qualidade. José Lins escreveu um texto em resposta no jornal “Era Nova” em setembro de 1924, com o título “Carta de uma geração aos srs. Gilberto Freyre e Jackson Figueiredo”. Cf. Rego, José Lins. Ligeiros Traços. Org. Cesar Braga-Pinto. José Olympio, Rio de Janeiro. 2007 p. 272 - 278

quando eu era muito pequeno. O último morreu senhor de engenho. Só tenho recordações da minha avó materna. Tinha 8 ou 9 anos quando ela morreu e chorei muito. Gostava muito dela. Fui muitas vezes à missa na sua companhia: ela queria que eu fosse ser padre - talvez o meu verdadeiro destino. Não sei. É difícil dizer.” (GF – JL – s/d, nº 3)

Muitas das cartas versam sobre literatura, trocam indicações e impressões de livros. Como, por exemplo, sobre o romance “Jean Christophe”: “Nas suas impressões de Jean Christophe achei um sabor pessoal delicioso. J. Christophe é isso mesmo. É um romance de aventuras da alma. São estes os grandes romances, a meu ver” (GF – JL, 16/06/1924 nº5). Como César Braga-Pinto (2018) demonstra, o último romance da série Jean Cristophe, de Romain Rolland, foi publicado em 1912, porém, ganhou visibilidade quando Rolland publicou textos de tom pacifista e cosmopolita em protesto durante a guerra (BRAGA-PINTO, 2018). José Lins (MENESES, [1944] 1991) indica que Freyre, enquanto estava na França, se empenhou na leitura de Jean Cristophe. Romance que, conforme escreveu em carta para o amigo paraibano, considerava “de aventura da alma” (GF a JL, 16/06/1924).

Jean Cristophe personificou o sentimento da geração da guerra para muitos jovens, não apenas na Europa e nos EUA, como também no Brasil (BRAGA-PINTO, 2018). O processo de formação do personagem em consonância com o posicionamento pacifista que Romain Rolland assumiu ao longo da guerra na imprensa francesa, contribuiu para compor a percepção decadentista daquele tempo. Muitos jovens dessa geração se sentiram identificados com o personagem desse longo romance. Assim, o personagem Jean Christophe foi ressignificado e se tornou um símbolo da geração de jovens na guerra. No Brasil não foi diferente, tendo em vista que aqui a elite ilustrada consumia muitos produtos culturais franceses.

Rolland (1942), no prefácio do último tomo publicado ainda em 1912, apontava que escreveu sobre uma geração que iria desaparecer, mas que procurou ser honesto quanto aos seus vícios e virtudes. Indica também que o fardo da tarefa sobre humana de refazer uma moral, uma fé, uma estética e uma humanidade, foi designado para a nova geração, dizendo-lhes que agora era a vez deles de fazer de seus corpos “um degrau, e ide para frente”. Pedido esse que ecoou tanto em Freyre quanto em José Lins, nos textos em que discutem acerca da geração a qual pertencem e da responsabilidade que lhes fora imposta. De maneira que Freyre, em abril de 1924, no texto “Apologia pro generatione sua”, identificou como “puros

Jean Christophe” um intelectual norte americano, Randolph Bourne, e outro francês, Ernest Psichari, diante dos quais se considerou como continuador em sua missão geracional de compensar os excessos da geração anterior.

Na correspondência também comentava sobre situações na política local e nacional, como por exemplo os ataques do movimento tenentista em julho de 1924 em São Paulo. É um breve bilhete de poucas linhas:

Parece-me um tanto sombria a situação no Sul. Leu minha nota sobre a revolta? Parece que perdera de todo o senso de ordem. *Diacho de liberalismo e diacho de espírito de rebelião!* A revolução é por certo um direito externo: porém nunca um direito de militares. Nunca. (GF – JL, 14/07/1924 nº 6, grifo nosso)

Freyre refere-se à nota de 09 de julho de 1924 que escreveu no Diário de Pernambuco, “Em torno da revolta”. Analiso esse e outros são textos no capítulo seguinte por transparecerem sua percepção como representante e voz consciente de uma geração – temática essencial para a compreensão de como Freyre se portou diante do país em convulsão.

Ao que tudo indica, o ano de 1925 foi especialmente melancólico para Freyre. Havia recentemente publicado “O Livro do Nordeste” que organizou para o centenário do jornal “Diário de Pernambuco” (1825 – 1925).

Devido a sumitância dos L., o livro comemorativo do centenário do diário (Diário de Pernambuco) no qual trabalhei com tanto afã, auxiliado na parte gráfica pelo José Maria de Albuquerque (que é um mestre no assunto), “arte gráfica”, e nas ilustrações, pelo meu irmão Ulisses, fotógrafo, e pelo Bandeira, desenhista, saiu um fracasso. Deu-me vontade de chorar. Quase chorei. O papel ordinário tornou a impressão um horror. Algumas páginas ninguém as consegue ler. Imagino o prazer da gente que no Recife e até no Rio me hostiliza e vem escrevendo contra mim, com e sem propósito, tanta palavra maliciosa e até pífida. Agora pode essa multidão de cretinos rejubilar-se e dizer triunfante: “Nós bem dizíamos que esse sujeito não passa de um bluff”. O livro está na verdade um bluff. E não é nisso que a tal gente insiste – que eu sou um bluff, que minha formação estrangeira é um bluff, que minha literatura é um bluff, que minha ciência é um bluff? (FREYRE, 1975, p. 358)

O livro não saiu como ele esperava: algumas pessoas não enviaram os estudos encomendados, outros produziram textos que, a seu ver, não eram tão bons. Em 1925, passados dois anos de seu retorno, pesava sobre o jovem as expectativas profissionais ainda não realizadas.

José Lins do Rego já havia mudado para Manhauçu – MG e Freyre se sentia só com o amigo ainda mais longe. Em carta, reclamando mais uma vez do silêncio (GF – JL, 10/12/1925 nº 18), o pernambucano diz que “quase me habituara a sua amizade como uma amizade do passado - a semelhança de outras boas amizades

que tenho tido na vida e já não tenho. Uma das desvantagens de não viver onde logicamente devia viver". Nessa passagem, podemos observar uma sugestão de arrependimento por não ter se estabelecido no exterior – nos EUA ou em Oxford – ou mesmo em São Paulo ou Rio de Janeiro. Lugares onde seria mais lógico para se viver quando se possuía aspirações de viver do “espírito”, isso é, escrevendo profissionalmente, como ele tinha.

Ainda na mesma carta, diz que o amigo pode observar, pela letra, o esforço que precisou exercer para escrevê-la, considerando que ele se encontrava desinteressado das coisas. "Há tempos que não escrevo carta a amigo nenhum".

E nesse esforço quase me esgotei, quase esgotei o ânimo epistolar. O que eu quisera era tê-lo aqui por uns dias para conversar. Mas decerto não é possível. Aí está você - advogado ou promotor entre israelitas mineiros e sem dúvida a engordar com o muito queijo, o fácil leite, o doce ar dessas terras. (GF – JL, 10/12/1925 nº 18).

Confidencia ao amigo o convite insistente de Carlito (Carlos Lyra Filho) para assumir como Editor Chefe no Diário. Conta que se aceitar, seria apenas por necessidade econômica. "É um lugar de muito prestígio - eu sei. Mas não é pra mim. Recusei, mas ele insiste". Por fim reitera ao amigo sua solidão: “estou muito só e sem companheiro para conversar e comigo gozar todo o ridículo e o pitoresco e a ingenuidade dessa vida aqui" (GF – JL, 10/12/1925 nº 18).

Ao final de 1926, Freyre toma posse como Chefe de Gabinete do governo de Estácio Coimbra. Todavia, antes de aceitar essa posição e com ar de confissão, fala ao amigo que

Estácio quer iniciar-me na política sob condições vantajosas. Mas eu quero fugir disso. [...] Ele não compreende que eu fuja do que me poderá levar à alta política e à diplomacia'. E isto em pouco tempo. E eu vejo tudo pelos olhos dela e me sinto um doloroso anormal nesse meio todo. E talvez eu tenha que acabar transigindo - e nem chegue a ser um Nestor Victor, mas acabe um Lopes Gonçalves magro. *Ulysses me escreve que a família está a depender disso em muitos sentidos* (GF-JL, 22/09/1926, nº 22, grifo nosso)

Ele acaba por aceitar o cargo, devido, entre outras coisas, à pressão familiar. Em correspondência posterior, relatou que em seu cargo achou algo que lhe dava um pouco de prazer: as audiências públicas⁸⁷. Explica que nelas o Governador

⁸⁷ Em “Tempo Morto...” consta a seguinte entrada de 1927: “Não daria por coisa alguma a tarefa de secretariar o Governador em dia de audiência pública e anotar casos: casos de miséria, casos de perseguição de pobres por poderosos, casos de opressão de decadentes por arrivistas ou novos ricos. Casos simplesmente de degradação: por inércia, por jogo, por amor. Estou já com um monte de notas do maior interesse sociológico. Sociológico e psicológico. Material para um livro: se eu tiver ânimo para dar forma de livro a esses retalhos de vida ainda quente, que tenho tido a

"como bom senhor de engenho que, apesar do fraque de bacharel, continua a ser no interno (...) recebe tudo quanto é gente humilde, essa nossa boa gente humilde". E que ele se dedica "a defesa de causa dessa pobre gente, o que vem me dando um certo prazer cristão" (GF – JL, 31/03/1927, nº 25). Estácio Coimbra chega a apontar no seu jovem secretário que seu "socialismo não deixa de ter razão". Freyre aponta ainda na mesma entrada de seu diário que "O suposto reacionário que ele (Estácio Coimbra) é traído pelo que há de jovem, de receptivo ao novo, de plástico, na sua inteligência de homem de mais de cinquenta anos nascido ainda no tempo do Império e quando o mundo era tão diferente do de hoje" (FREYRE, 1975, p. 423)

Mas já em março de 1928, desabafou que não estava bem, que estava "sentindo as vezes um vazio em torno de mim - o que me irrita, pois é sempre um sinal de fraqueza. E Deus há de me ajudar a vencer essa espécie de romantismo de governante inglesa". Se diz melancólico por não poder viver uma vida de espírito, (GF – JL, 24/09/1928, nº 32). Mas, além do prestígio, o salário que recebe como Chefe de Gabinete lhe servia para comprar livros⁸⁸ e se dedicar aos estudos sobre a questão racial⁸⁹ - condição que ainda não podia abrir mão, tendo em vista que não

oportunidade de colher de naufragos sociais que expõem seus casos ao Governador quase como se confessassem a um padre velho. Entrando em pormenores íntimos. Revelando intimidades profundas. É claro que deve haver entre eles simuladores. Mas vários casos que tenho me encarregado de examinar são expressão pura da verdade. Sem nenhuma simulação nem sequer exagero" (FREYRE, 1975, p. 422).

⁸⁸ Como aponta em "Tempo morto ...": "Agora que estou ganhando bastante (do fim de 23 a 26 ganhei pouquíssimo – por algum tempo quinhentos mil-réis do Diário e mais nada depois, durante o ano de 24 a essa soma juntaram-se outros quinhentos, de humilhante ofício que aceitei nas Docas: o de corrigir o português dos relatórios dos seus administradores e, durante o ano de 25, o Diário, em vez de pagar-me apenas quinhentos mil-réis, passou a pagar-me um conto por mês: quinhentos de colaboração e quinhentos pelo trabalho – que foi imenso – de organizar o livro comemorativo do 1º centenário do jornal. Sempre, desse dinheiro, dou metade à família para as despesas de casa). Agora, que estou ganhando bastante, venho me regalando com a compra de livros já muito desejados. É com alvoroço de menino que recebesse brinquedos que desembrulho pacotes de Londres (Hugh Rees), de Paris (livros adquiridos por intermédio principalmente do nosso Ministro em Praga, Belfort Ramos) e da Alemanha (por intermédio do Karl von den Steinen). Uns livros novos em folha – os ingleses com um cheiro diferente do que caracteriza os franceses; os alemães com odor também próprio (que não se confunde com o dos livros americanos). Alguns, livros antigos, antiquíssimos até: livros de viajantes que estiveram no Brasil colonial. Um Koster em francês, estampas a cor, e autógrafa do tradutor. Um Luccock: raríssimo. Um Lindsay: outra raridade. Um Pyard. Verdadeiras preciosidades. Também as obras completas de Frazer. Morgan. Tylor. Quase todos os clássicos da antropologia em língua inglesa. Vários alemães, austríacos, franceses, italianos. Os modernos: Wissler, Kroeber, o Padre Schmidt, o italiano Sergi. E também literatura. Autores que li em bibliotecas e tenho agora ao meu lado, como amigos que me fizeram companhia neste meu exílio intelectual no trópico" (FREYRE, 1975, p. 415)

⁸⁹ Sua atenção para com a questão racial brasileira, compreendendo-a finalmente como positiva e abandonando sua perspectiva ambígua, parece, de acordo com os artigos, ter ocorrido durante sua estadia no Rio de Janeiro por volta de setembro e outubro de 1926, em que pôde vivenciar a

havia em seu horizonte outra fonte financeira. Vale lembrar também que ao longo da década a tensão política vai se intensificando e com ela a sensação de instabilidade.

Entre 1929 e 1930 não consta no arquivo nenhuma correspondência trocada. Em 1928 enviou apenas duas cartas, uma de abril e outra de junho e, na sequência, constam as cartas a partir de meados 1930. Em março desse ano terminava o mandato de Estácio Coimbra e Freyre passava a assumir a posição de seu secretário particular, mas esse assunto não consta na correspondência da época – pelo menos não nas cartas disponíveis. Entre junho e dezembro de 1930 a correspondência versa sobre as notas que José Lins havia escrito sobre Freyre ainda em 1927 e que desejava publicar (mas que foi demovido pelo amigo). Nessa carta também chega a pedir dinheiro emprestado, indicando que a estabilidade financeira de outrora havia dado lugar para a incerteza.

Em dezembro de 1930, Freyre torna-se exilado político no país, ao lado de Estácio Coimbra. Em 17 do mesmo mês escreve a José Lins de Lisboa. A carta é enviada ao paraibano através de Olívio Montenegro, e pede, no canto, que ninguém

cultura afro-brasileira da capital. Há um artigo de 19/09/1926 intitulado “Acerca da valorização do preto” publicada no diário de Pernambuco, em que fala a respeito da “tendência para a sinceridade [que] está fazendo o brasileiro ser sincero num ponto em que ele tem sido lamentavelmente postiço: no ponto de reconhecer-se, penetrado da influência negra. Afetado por ela no seu senso melódico; nas suas tendências eróticas; no seu sentido da vida, em geral. Para não falar da cozinha. [...] Sinceramente nós temos de reconhecer em nós o africano. E é tempo de corajosamente o fazermos. [...] E é tempo de o fazermos nessa extensão da vida que ao lado do sonho é a arte: pela valorização das cantigas negras e das danças negras, misturadas a restos de fados; e que são a melhor coisa do Brasil.” (FREYRE, DP 19/09/1926). Em carta a José Lins do Rego comenta a noite em que se inspirou para escrever o artigo (GF – JL, 22/09/1926). A questão parece ter-lhe surgido após sair com Manuel Bandeira e outros amigos (como Sergio Buarque) e ver tanto na casa de Vila-Lobos quanto na rua assistindo Pixinguinha, Donga e Patrício tocarem e cantarem, mesclando erudito e cultura afro. Chamo atenção ao dizer que foi nesse período que a questão racial parece ter se resolvido para ele, porque poucos meses antes, após o Congresso Panamericano de Jornalismo, enquanto viajava pelos Estados Unidos, comenta sobre Tillman na Carolina do Sul (a partir de um livro de Francis Simkins, intitulado “The Tillman Movement in South Carolina”). Nesse artigo comenta que “O Norte quis impor-lhe governos de pretos: juízes, subdelegados, legisladores. À humilhação, resistiu o Sul organizando-se nessa espécie de maçonaria guerreira, a um tempo militante e mística, que foi a K.K.K. E aguçou-se o ódio ao preto.” Benjamin Ryan Tillman foi um governador da Carolina do Sul que aprovou leis chamadas de “Ku Klux Laws”. Freyre conta, a partir do que leu, que a classe de plantadores, depois da guerra, já não era mais a poderosa oligarquia. Mas que surgia então o pequeno lavrador branco, ansioso por “leadership”. Este elemento entrou no congresso, no executivo, nos lugares de responsabilidade “rompendo a golpes de cotovelo os restos de “leadership” dos velhos fidalgos rurais enfraquecidos pela guerra; e expelindo a pontapés os começos de “leadership” negra. “No estado de South Carolina o novo elemento encontrou sua melhor e mais audaciosa e vivaz expressão na figura de Tillman (...) [que] não era um grande homem, mas que tinha audácia e olho frio de realista”. Freyre diz que Tillman assistiu a execução de um deputado negro “sem sombra de sentimentalismo em seus olhos. Queria expurgar o governo deles.” (FREYRE, DP 04/07/1926).

além dos dois a leia – indicando a sua desconfiança para com os demais, resultante de toda a hostilidade que recebeu no processo de exílio.

Meu querido Lins: Ninguém mais vive nas minhas lembranças do que você em quem estou sempre a lembrar. Espero que tudo já lhe esteja correndo bem - o melhor possível. Creio aliás que a você as coisas não chegaram com a violência de Recife - onde andou solto pelas ruas um cachorro danado a fazer as vezes do velho Leão do Norte, decerto alheio a essa história de sangue que não constam do seu pedigree. Aqui estou como um emigrado qualquer - num exílio com todas as suas características de frio, dificuldade de dinheiro, incertezas (GF - JL 17/12/1930 n° 37)

Diante de tudo o que estava vivendo, se sentia como “um personagem colocado por engano do autor [...] num romance sentimental a que não pertence”. Fala que segue pensando no amigo e nas dificuldades que ele poderia estar enfrentando (GF - JL 17/12/1930 n° 37).

Com José Lins, Freyre compartilhou de uma sensação generalizada de desordem que dificultava qualquer ação direcionada ao futuro e que mesmo impedia que vislumbrassem o lugar que ocupariam nele. Afinal, era um momento de intensas transformações sociais, políticas, culturais e econômicas e, portanto, tudo era incerto. Não à toa, o tema das mudanças sociais aparece em suas respectivas obras⁹⁰, no sentido de resposta ao espírito de uma época, dando, assim, vazão a sensibilidade da geração a qual pertenciam.

Considerado o recorte temporal ao qual dediquei minha análise, não avançarei na correspondência para além de 1930. Deixo, portanto, essa imagem de um Freyre exilado político, mas que segue pensando em seu amigo. A correspondência entre os dois se estende até 14 dezembro de 1956, nove meses antes da morte de José Lins do Rego. Trata-se de um minúsculo bilhete em que Freyre manda lembranças e diz que todo os cinco Freyres (trata-se de Gilberto e sua família) eram seus amigos e lhe enviavam um enorme abraço.

Esses dois intelectuais, em suas formas de expressão respectivas, realizaram um balanço sobre os ganhos, perdas e permanências do processo de civilização e modernização que estava em curso e afetava fortemente a cultura brasileira desde fins do século XIX. Refletiram especialmente sobre as perdas, o que explica o caráter melancólico e o tom nostálgico de suas obras, que retratam a decadência de uma classe, de um tempo e dos valores gestados nas raízes da história do país.

⁹⁰ Questão já apontada em Freyre por Bastos (2006) e que pode ser percebida em José Lins em seus Romances, com atenção especial para “Banguê”, “Moleque Ricardo”, “Usina” e “Fogo Morto”.

Cada um deles, a seu modo, estava comprometido em processar, entender e dar vazão à sensibilidade intrínseca aos processos de mudança e transformação que testemunhavam. Para tanto, tornaram-se capazes de construir uma visão crítica sobre o país e sobre o futuro a se desenhar, procurando caminhos através de uma revisão do passado. Destarte, foram atrás de memórias: memórias de seus avós e memórias que estes tinham de seus antepassados.

Como já mencionado, Gilberto Freyre, ainda nos EUA, teve como objeto de sua tese a vida social no Brasil de meados do século XIX, estudo que ambicionava completar e publicar em português sob o título “O Brasil dos nossos avós”. A escolha do título é muito significativa, pois remete a esse passado que, em sua visão, teria o efeito de “nos completar no que não sabíamos que nos faltava” (Freyre, 2019). E José Lins do Rego imprimiu em seus romances (a partir da década de 1930) o caráter memorialístico, não apenas pessoal, como também relacionado a vida de seu avô e de outras figuras com quem conviveu. Ambos projetam seu olhar, portanto, para a geração de seus avós em busca de parâmetros para criticar o presente e de respostas para guiar o país no futuro. Como dito por Freyre ao falar dos Integralistas portugueses em artigo no Diário de Pernambuco: pediam “à experiência do que foi as normas seguras do que deve ser”.

No capítulo a seguir apresento uma discussão em torno da concepção de intelectual em relação com a de geração. Através da análise de seis textos, aponto como Freyre evoca a narrativa de oposição entre gerações, mais especificamente, entre a sua geração e a geração responsável pela instauração da República. A sucessão de gerações é compreendida como uma chave para se interpretar as transições ao longo da história. E nessa chave, os intelectuais são observados como elementos importantes, tendo em vista que são atores que operam com ideologias, valores, cultura, arte – elementos que compõem a sensibilidade (ou se preferir, a estrutura de sentimentos) de seu tempo.

Capítulo 3 Um Intelectual tecendo um país para sua geração

Luciano Martins (1987), durante sua investigação sobre a gênese de uma *Intelligentsia* brasileira, aponta como seu catalisador as ações da chamada “geração de 1870”, que conta com nomes ilustres como Joaquim Nabuco, Sílvio Romero, Quintino Bocaiúva entre muitos outros. Angela Alonso (2002) também aponta essa geração que surgiu com a crise do império e com a modernização técnica, como aquela que marcou a tradição intelectual no país através da ação e influência políticas.

Assim, a abolição da escravidão e a instituição da República seriam os eventos que supostamente pela primeira vez engajaram fortemente os intelectuais na ação política. Intelectuais que eram, em suma, filhos de famílias tradicionais que receberam formação na Europa e/ou no Brasil e se tornaram advogados, engenheiros, jornalistas etc. Esses intelectuais constituíam um círculo bastante reduzido de pessoas "ilustradas" na segunda metade do século XIX. Suas motivações para essas primeiras tomadas de posição públicas, enquanto intelectuais que reivindicavam a liderança moral da nação, eram diversas. Entre elas, encontram-se tanto o sentimento de desonra de viver com a escravidão, que era condenada pelo "mundo civilizado", como também os autênticos ideais liberais republicanos hauridos nos clássicos europeus e no exemplo da revolução americana (MARTINS, 1987, p. 7).

Com maior visibilidade, o icônico caso Dreyfus surge em boa parte dos textos que se dedicam a refletir sobre o intelectual de forma geral⁹¹. Trata-se de um caso que ocorreu no final do século XIX na França. Um judeu oficial do exército francês, Dreyfus é acusado de alta traição e por meio de um controverso julgamento contaminado por questões antissemitas é declarado culpado e condenado à prisão.

O caso causou comoção generalizada na sociedade, mas comoveu, principalmente, muitos intelectuais franceses da época. Um de destaque é Émile Zola que, a respeito do caso, publicou a carta aberta “*J'accuse: lettre au Président*

⁹¹ Escolha que indica a pretensão universalista de teóricos europeus acerca de elementos e eventos que lhe são particulares, como poderia ser apontado a partir de uma Teoria Crítica da Colonialidade. Porém, tal discussão não é o foco da presente tese e não será desenvolvida nesse curto espaço.

de la République”⁹² no periódico *L’Aurore* em 13 de janeiro 1898. Nesse texto, Zola acusa todos aqueles responsáveis pelo injusto julgamento que Dreyfus estava sofrendo, fossem instituição ou pessoas – as quais referiu-se nominalmente. Também fala abertamente que seu dever é o de falar, pois não poderia ser cúmplice diante de um inocente que paga por um crime que não cometeu⁹³. Como resultado, a carta de Zola foi capaz de desencadear um processo de pressão social sobre o Estado e, assim, de interferir no resultado do julgamento.

Leclerk (2004), em sua obra “Sociologia dos Intelectuais”, na qual realiza um compêndio da área, indica que a maior parte dos especialistas afirmam que os intelectuais de fato apareceram com o caso Dreyfus, tendo em vista que foi este o termo designado para se falar, em geral pejorativamente, sobre aqueles homens letrados que entraram na defesa pública do oficial judeu. Conforme o autor, Clemeneau havia criado o neologismo, mas é Barrés, ao escrever contra o protesto de Zola e demais intelectuais, que insinua seu sentido pejorativo. Diz, ainda, que nada impede empregar o termo para se referir a períodos anteriores – desde que cientes do anacronismo.

Wolf Lepenies (1992, p. 64) indica que o intelectual não nasceu com o caso Dreyfus, mas que a partir dele debateu-se publicamente acerca de seu papel na sociedade assim como de sua relevante função tanto na arte como na política – e, pode-se acrescentar, na cultura de forma geral.

Bourdieu (1996), com sua abordagem de campos, observa que foi justamente a autonomia do campo intelectual que tornou possível a ação de Zola: “um escritor que, em nome das normas próprias do campo literário, intervém no campo político, constituindo-se, assim, como intelectual” (p. 150). Postula, então, que “o intelectual constitui-se como tal intervindo no campo político *em nome da autonomia* e dos valores específicos de um campo de produção cultural que chegou a um alto grau de independência em relação aos poderes” (p. 150, grifo no original). Bourdieu critica a visão do intelectual como desinteressado e defensor de princípios

⁹² Tive acesso à carta aberta através do site “L’Histoire Par L’Image”, no qual é possível ler diretamente da imagem escaneada do periódico *L’Aurore*. Cf. <https://histoire-image.org/etudes/j-accuse-zola>

⁹³ A passagem a qual me refiro é: “Mon devoir est de parler, je ne veux pas être complice. Mes nuits seraient hantées par le spectre de l’innocent qui expie là-bas, dans la plus affreuse des tortures, un crime qu’il n’a pas commis” (ZOLA em *L’Aurore*, 13/01/1898)

universais que, em sua perspectiva, “não são mais do que o produto da universalização dos princípios específicos de seu universo próprio” (p. 151)

Algumas características são apontadas para se falar dos intelectuais. Por exemplo, a que Leclerk (2004) mobiliza ao afirmar que todo tipo de sociedade (tribo, cidade, nação, império etc.) possui seus profissionais do pensamento “cuja função é produzir e transmitir no espaço e no tempo os discursos que garantem a identidade do grupo, os valores centrais da coletividade” (p. 15). E, com base em autores como Coser e Lipset, aponta que os intelectuais agem no mundo simbólico, criando, produzindo, mobilizando e movimentando símbolos (significantes e significados), valores, ideias etc. que constituem as culturas – incluso arte, ciência, religião (LECLERK, 2004, p. 16). Os intelectuais seriam, a partir dessa perspectiva, como que gestores da cultura.

Wolf Lepenies (1992) interpreta o intelectual como:

um viandante que atravessa o tempo para melhor conhecer as coisas. Abre a janela do seu compartimento, ergue a cabeça para olhar lá para fora, deixa que o vento fustigue e faça piscar os olhos. Frequentemente, a vista perturba-se-lhe, e apressa-se então a regressar ao seu cantinho e a olhar novamente para dentro de si. Por vezes, desponta nele o desejo de não se limitar a ser apenas um passageiro, mas fazer também de maquinista ou, pelo menos, a sugerir ao condutor para que locais seguir. Sob esse aspecto, na maior parte dos casos, a viagem torna-se perigosa, para o próprio intelectual e para os outros passageiros. (LEPENIES, 1992, p. 13)

Aponta ainda que o intelectual é um descontente crônico, mas que tem motivos para sofrer (p. 14). A partir disso, elenca dois elementos que lhe seriam característicos: a melancolia e a utopia. A melancolia viria de sofrer e lamentar o estado em que o mundo se encontra. Já a utopia aparece como uma forma de fuga da melancolia, tendo em vista que surge do imaginar um mundo melhor.

De acordo com a metáfora apresentada na citação acima, a princípio o intelectual seria apenas um observador melancólico a lamentar o mundo, vivendo na vida contemplativa. Porém, com o desenvolvimento do capitalismo e, juntamente, da burguesia no ocidente, a vida activa torna-se o ideal de comportamento, de maneira que aqueles dedicados a vida contemplativa passam a precisar justificá-la (LEPENIES, 1992). Assim, em sua vontade de se tornar maquinista ou, pelo menos, indicar os caminhos a se seguir, o intelectual vislumbra outras maneiras de ser e outros destinos possíveis – utopia⁹⁴.

⁹⁴ Conforme Lepenies (1992), utopia é o gênero literário que acompanhou a entrada da Europa da idade moderna.

Mannheim (1968) aponta que com o Iluminismo o ser humano passou a pensar acerca de si, caminhando para a autoconsciência, interessado em definir quem ele é (sua identidade) e qual o seu papel no mundo (sua função). Walzer (2002) desmistifica essa proposição, ao dizer que é possível encontrar figuras, como por exemplo Sócrates, que já na Grécia antiga realizavam reflexões acerca de suas realidades. A partir do questionamento e da tomada de consciência acerca de si, de seu próprio contexto, do estamento ou classe a que se pertence, algumas pessoas desenvolveram a capacidade de entender que existem diferentes estilos e pontos de vista respectivos às diferentes classes e/ou estamentos e, assim, diferentes formas de compreendê-los.

Freyre parecia assim também compreender o fazer intelectual. Em carta enviada para Oliveira Lima de quando estava viajando pela França e conhecendo os diferentes movimentos e ideologias que agitavam Paris, fala para o mestre: “vou compreendendo, ou antes, procurando compreender, os pontos de vista. *Compreender – não é este o grande sport intelectual*, o jogo de xadrez que nos diverte e move as ideias durante esta noite de inverno que é a vida?” (GF – OL 30/08/1922; GOMES, 2005, p. 147, grifo nosso).

Com base em seus cadernos de anotação, Palhares-Burke (2005, p. 84) indica que essa sua atitude tinha como base recomendações feitas por Nietzsche⁹⁵ quanto a “necessidade de se levar em conta pontos de vista diferentes (*“verschiedene Augen”*) em toda a atividade humana” (p. 92). E, como apontado por Larreta e Giucci (2007), Freyre em sua relação com os livros passa a perceber-se tanto como sujeito quanto como objeto de suas reflexões. Claro que os seres humanos possuem as faculdades necessárias para realizar uma reflexão crítica de sua realidade, como bem lembra Hannah Arendt (2007) em sua crítica aos “pensadores profissionais”, mas é válido apontar que não são todos os que dedicam (ou podem dedicar) suas vidas a isso.

Kurzman E Owens (2002) identificam que há três abordagens que historicamente apareceram nas reflexões acerca dos intelectuais, tendo essas três abordagens surgido pela primeira vez por volta das décadas de 1920 a 1940⁹⁶. A

⁹⁵ Tal recomendação, conforme a autora, viria de sua atenta leitura de “*Humain, trop humain*” (PALHARES-BURKE, 2005).

⁹⁶ Os autores interpretam três momentos na história em que houve maior interesse em se refletir sobre o papel dos intelectuais na sociedade e na história. São eles final da década de 1920, a década de 1950 e a de 1990

primeira seria a *class-in-themselves* (uma classe em si mesma ou uma classe a parte) que teria como seu primeiro representante Julien Benda com seu clássico “A traição dos Intelectuais”, de 1927. Interpreta os intelectuais como uma classe diferente e apartada das demais. A obra de Benda ([1927] 2007) fala justamente da traição dos intelectuais, que deveriam sustentar uma posição de autonomia do mundo – *vita contemplativa* – dedicando-se a uma arte, ciência ou metafísica. Mas, a seu ver, os intelectuais traíram sua classe ao se envolverem com a política – *vita activa* – e com partidos justamente no caso Dreyfus. A segunda é a abordagem *class-less* (ou sem classe, numa tradução livre) a qual tem como representante Mannheim que, conforme os autores, observa os intelectuais como “descolados”. Principalmente o do texto “O problema sociológico da ‘*Intelligentsia*’” que, de acordo com KURZMAN e OWENS (2002), foi escrito em 1929 (e depois incorporado na obra “Ideologia e Utopia”). E, finalmente, a terceira que seria a *class-bond* (vinculado à classe) que teria como representante Antonio Gramsci em seus Cadernos do Cárcere (entre 1929 e 1935). O escritor italiano é apresentado a partir de sua concepção de intelectuais orgânicos, aqueles vinculados às suas classes de origem.

Apesar da divisão apresentada pelos autores, a fronteira entre cada uma dessas abordagens pode ser borrada na análise da figura do intelectual. Tais abordagens são passíveis de serem mescladas e se complementarem.

Nesta tese, a abordagem mannheimiana aparece como guia, principalmente tendo em vista os adendos realizados pelo texto “O problema da ‘*Intelligentsia*’: um estudo do seu papel no passado e no futuro” no qual Mannheim (1974) procurou explicar melhor a sua concepção da característica “desvinculado” ou “descolado” do intelectual. Essa escolha teórica indicou ser oportuna tendo em vista que a partir dessa perspectiva é possível pensar o intelectual a partir e para além de sua classe.

As condições materiais e culturais em que os intelectuais estão inseridos, suas redes e seus contatos, os grupos nos quais fazem parte, suas famílias e sua instrução são informações que devem ser levadas em consideração. De maneira que, mesmo que se compreenda a capacidade de transcender sua classe, se compreende também a importância e o poder da influência de todo o capital cultural que esteve envolvido em sua educação, assim como o histórico familiar.

No caso de Freyre, alguns aspectos de sua formação, da situação própria em que chegou a esse mundo, não podem ser ignorados. Muitas características foram apontadas no primeiro capítulo. Por exemplo, que sua mãe era descendente de

senhor de engenho, que possuía instrução e lhe ensinou francês, que o introduziu na leitura de romances. Ou que seu pai era bacharel, que possuía uma biblioteca em casa – através da qual teve contato com as obras de Spencer e William James. Também há o fato de possuir um pai que valorizava a instrução de seus filhos, que lhes promoveu o aprendizado de latim e grego. E que foi através dele, do fato de ser um professor protestante na Escola Americana Batista que conseguiu bolsa para que Freyre e seu irmão lá pudessem estudar. A mesma que escola que facilitou os vínculos necessários para que ambos pudessem estudar nos EUA.

Randall Collins (2000) em seu *“The sociology of Philosophies: The Global Theory of Intellectual change”* apresenta uma teoria que visa observar os intelectuais a partir de *networks*, de gerações, de grupos e de conflitos e oposições⁹⁷. Nela ele afirma que as redes, conexões, filiações e oposições entre intelectuais só são possíveis através de encontros e afinidades que não prescindem de um capital cultural em comum. O encontro entre Freyre e Oliveira Lima, por exemplo pode ser lido nessa chave, assim como o encontro dele com José Lins, ou com a intelectualidade do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Na época da qual se trata nessa pesquisa, pouquíssimos eram os que tinham condições de concluir seus estudos primários, ainda menos era os que conseguiam completar sua formação no exterior. Bourdieu (1996), nesse sentido, ajuda a situar o intelectual no “mundo real”. A partir dele, se atenta para a importância de compreender de onde Freyre veio e os elementos que possuía à sua disposição que o influenciaram, ao longo da sua trajetória, para que se tornasse um intelectual.

Em seus textos para o Diário de Pernambuco fica nítido que Freyre possuía a percepção da atividade intelectual como destinada a uma pequena elite. Em artigo (FREYRE, DP 09/09/1923) aponta para o que chama de “maior perigo moderno”: o declínio das aristocracias intelectuais. Nesse texto, Freyre critica a democracia, apontando-a como produtora de mediocridade intelectual e esterilidade cultural⁹⁸.

⁹⁷ O trabalho realizado nessa obra é colossal e visa organizar o aparecimento de filósofos (observados como uma espécie de epítome do intelectual e passível de ser observados nas mais diferentes sociedades), principais e secundários, no espaço e no tempo. A organização se dá via redes de interação, como afiliações entre mestre e pupilos, por exemplo, que cria uma corrente de transmissão e atualização de determinadas ideias – as mesmas que informam a reputação e o nível de criatividade/ inovação dos filósofos analisados. Collins analisa intelectuais do oriente e do ocidente e de variadas faixas temporais.

⁹⁸ Acredito não ser forçado relacionar essa sua visão de mundo com aquela primeira resposta (que consta na página 49) que recebeu de Oliveira Lima quando o perguntou, para o jornal de sua

Nessa linha de raciocínio, indica que é melhor que poucas pessoas tenham cultura do que muitas, pois quando o segundo caso vigora, o que se encontra são meios cultos. Freyre considera a relação entre escritor/intelectual e público como uma relação sexual entre o masculino que semeia e o feminino que se deixa ser semeado⁹⁹. Nessa perspectiva, a Democracia é apresentada como assexuada por produzir pessoas meio cultas (FREYRE, DP 09/09/1923). Pois, desviriliza o masculino (aristocracia intelectual) e esteriliza o feminino (o público).

É nesse sentido também que Freyre, em outro momento (FREYRE, DP 12/02/1922), afirmou que são poucas as pessoas que deveriam ter acesso a papel e que menor ainda deveria ser o número de pessoas que podem escrever um livro. Em outro texto (FREYRE, DP 30/07/1922), afirma que a “ditadura de populações meio educadas”, ainda mais sob regime democrático, é danosa para a produção de riqueza artística e intelectual. E aponta o analfabetismo como algo favorável à literatura e às artes, porque subtede-se a existência de uma elite ou inteligência vigorosa – como se os opostos fossem inversamente proporcionais. Ao fim desse texto, invoca Nietzsche para dizer que tem horror a “era da mecanização das coisas em lugar da criação artística, à vitória da massa unida sobre a elite” que provocaria uma “confusão de papéis entre senhor e escravo”.

Freyre (FREYRE, DP 06/05/1923) chega ao ponto de sustentar que é benéfica a manutenção do analfabetismo para a constituição de alta cultura, pois considerava que na ignorância de uma população se encontraria a maior reserva de cultura tradicional – nesse sentido, o analfabeto é interpretado como um elemento conservador. Nesse texto, fala de como os analfabetos são doces e gentis e são melhores do que os meio letrados.

Esses textos coadunam a ideia de que a ideologia de Freyre vislumbrava um mundo ainda organizado por hierarquias e que ainda tivesse espaço para

escola, a respeito da obrigatoriedade da educação. Ao que seu futuro mestre ponderou a necessidade de saber ler diante do mundo como estava, diante do exemplo que as civilizações ilustradas estavam dando ao mundo com a execução de uma guerra. Cf: OL – GF 27/04/1917 apud GOMES, 2005, p. 45

⁹⁹ No artigo de nº 76 Freyre fala a respeito da relação entre escritor e público: “De modo que livro que verdadeiramente satisfaz e delícia o puro artista ou o alto pensador é o que ele deixar ficar nas primeiras provas tipográficas da criação mental; nas dobras dos miolos; em estado plástico para ir sendo corrigido, atualizado, recriado de acordo com as conquistas de sua experiência íntima. Só quando um autor encontra um público capaz de o acompanhar nesse processo de recriação, vale a pena escrever livros. Neste caso o público é que completa o autor e serve de sexo feminino ao seu espírito.” (FREYRE, DP 28/09/1924)

aristocracias. Argumentos nesses sentidos são bem trabalhados nas obras de Motta (1977), Bastos (2005), D’Andrea (2010), Braga-Pinto (2010), entre outros.

A presente tese não visa negar sua origem e seu viés ideológico. Freyre se originou em meio a uma classe e a educação que recebeu em seu seio familiar influenciou sua visão de mundo. Com Mannheim (1968;1974) é possível interpretar que Freyre era capaz de se descolar, de observar a si e aos outros, a sua sociedade, a partir de um distanciamento. Ele foi capaz de compreender diferentes pontos de vista e dentre eles adotar aqueles que convergiam com seus próprios valores. Pois

[o] membro individual da intelligentsia pode ter, como frequentemente ocorre, uma orientação particular de classe, e em conflitos reais ele pode alinhar-se com um ou outro partido político. Mais ainda, suas posições podem revelar uma clara posição de classe. Mas além e acima dessas filiações, ele é motivado pelo fato de que seu treinamento o equipou para encarar os problemas do momento a partir de várias perspectivas e não apenas de uma, como faz a maioria dos participantes de controvérsias (MANNHEIM, 1974, p.81)

Para Mannheim (1974) os intelectuais não compõem uma classe apartada da sociedade. Pelo contrário, encontra-se intelectuais oriundos das mais variadas classes, resvalando em sua característica heterogênea. A partir da capacidade adquirida de colocar sua posição social e seu ponto de vista em perspectiva assim como o dos demais, o intelectual estaria livre do determinismo de classe que ditaria seus interesses. Repito: está livre do determinismo, mas não de sua influência. Isso posto, os intelectuais podem assumir tanto os interesses de sua classe de origem quanto os interesses de outras classes ou mesmo de uma classe ainda por surgir.

Exemplo disso pode ser encontrado no grupo de intelectuais de Bloomsbury, analisado por Raymond Williams (1999). Apesar de Williams ser um herdeiro de Gramsci, em sua análise da “fração de Bloomsbury” aponta que as ações daquele grupo visavam promover uma renovação ou alargamento da classe burguesa. O autor indica que as ações do grupo eram contra a classe, mas ainda assim para a classe. Em certo sentido, aponta para uma classe burguesa ligeiramente diferente, que admite a incorporação de membros que outrora seriam renegados para vinculações através de casamento, por exemplo. Mas, em última análise, entre os Bloomsbury foi possível perceber tomarem para si as lutas de outras classes, mais oprimidas, tendo em vista que tal ação convergia com os valores que consideravam importantes para o porvir.

Conforme essa perspectiva, trata-se de uma opção realizada a partir de uma reflexão crítica¹⁰⁰ de acordo com os valores que o intelectual cultua. Valores estes que não seriam mais que a universalização de seus princípios particulares, como ponderaria Bourdieu (1996, p. 151).

A desconfiança, a incompreensão e a solidão são sentimentos que muitas vezes comuns entre os intelectuais. O motivo costuma estar associado à sua habilidade de “descolamento” e pensamento crítico, de maneira que o intelectual não irá, necessariamente, seguir uma linha de raciocínio usual ou que vá se ater a defesa de um determinado ponto de vista por toda a sua vida. Trata-se de não ser e não se sentir compreendido pelo grosso do público.

Freyre se sentiu dessa maneira algumas vezes, como deixa transparecer em sua correspondência com José Lins do Rego. Em uma dessas cartas, aponta que escrevia pensando no amigo “e em casos como você e inteiramente esquecido desse grosso público que, entretanto, precisa de quem o sabe da absoluta estupidez.” Como numa ação de generosidade ou de sacrifício diz que, apesar de acreditar que não nasceu para escrever ao grosso público, escreve porque esse público precisa de ser salvo de sua “absoluta estupidez”: “Eu, entretanto, não nasci para o grosso público e faço algo contra meu temperamento quando escrevo pensando nesse público, embora nunca para concordar com ele: para orientá-lo no que mais me ofende” (GF – JL, 13/08/1924, Nº 7). Essa sensação aparece também quando fala a respeito das pessoas de talento como cartas que, caso não tenham destino certo, podem acabar em lugares “onde seu conteúdo é absurdo e faz rir” (FREYRE, DP, 05/10/1924).

Em uma relação dinâmica, o intelectual lê os contextos e procura dar inteligibilidade a eles. A amplitude de visão permite que o intelectual vislumbre o espectro de alternativas sociais, políticas ou econômicas possíveis para os problemas que encaram. E os contextos de crise, de forma mais intensa que outros, estimulam que intelectuais emergam, pois neles anseia-se por novas direções

¹⁰⁰ O caráter crítico do pensamento autônomo dos intelectuais é oriundo de uma intermitente “incerteza fértil” (Mannheim, 1974, p. 94) isto é, um comportamento de dúvida constante que lhe faz refletir de maneira crítica sobre valores, normas, estruturas, instituições, eventos etc. Essa incerteza advém da percepção de que não existe uma Verdade. Aqueles intelectuais que porventura venham a defender dogmas, negam a pluralidade e o debate das ideias. Consequentemente abrem mão dessa incerteza fértil que lhe faz desconfiar de verdades absolutas e que estimula, por sua vez, a investigação e reflexão mais profundas sobre coisas diversas e que se encontra como base de sua autonomia de pensamento - isto é, da experiência real da liberdade do pensar.

ideológicas. É como Lepenies (1992) apontou em sua metáfora: o intelectual em determinados momentos não se satisfaz em apenas observar pela janela do ônibus, de maneira que sente o ímpeto de indicar o melhor caminho para se seguir.

3.1 A culpa da geração de nossos pais

Freyre estava vivenciando um desses momentos: a crise da República. Na Primeira República se colocou a necessidade de romper com os vícios do passado imperial e colonial, pois seriam eles os responsáveis pelo atraso no qual o país se encontrava. A obsessão com a renovação da bandeira, seu lema e seu Hino¹⁰¹ dão o tom das preocupações da época: precisava-se esquecer da escravidão, herança das gerações passadas, e focar na ordem e no progresso do país. No entanto, Gilberto Freyre aponta para as mazelas da geração responsável pela instituição da Primeira República e pela instituição de um progresso, a seu ver, apenas material. Identifica como necessária uma ação corretiva dos excessos dessa geração anterior e se sente, junto com os demais jovens de sua geração, imputado dessa responsabilidade

A ideia de geração ocupa um lugar de destaque no pensamento freyriano de início da década de 1920. Ela dá o tom de suas ações intelectuais seguintes. Há seis textos de Freyre que expressam de maneira mais enfática esse sentimento e que merecem ser analisados: 1) O discurso proferido em março de 1923 na Escola Americana Batista; 2) o discurso “Apologia pro generatione sua” proferido no Teatro Santa Rosa na Paraíba em abril de 1924; 3 e 4) duas notas de julho de 1924 intituladas “Em torno da Revolta”, 5) um artigo intitulado “Traição ao Passado” de agosto de 1925; e 6) um artigo de novembro de 1925 intitulado “A propósito de Guilherme de Almeida”. Com exceção do texto “Apologia...”, todos os demais foram publicados no “Diário de Pernambuco”. Há também um texto que José Lins do Rego escreveu em resposta ao discurso “Apologia...” de Freyre. O texto intitulado “Carta de uma geração para os srs. Gilberto Freyre e Jackson Figueiredo” foi publicado em setembro de 1924 no periódico “Era Nova”. A seguir, apresento o conteúdo e análise de cada um desses textos. Peço perdão adiantado pelo excesso

¹⁰¹ O Hino da Proclamação da República produzido em 1890, ou seja, dois anos após a abolição da escravidão, contém o inacreditável verso “Nós nem cremos que escravos outrora tenha havido em tão nobre País...”.

de citações, mas faz-se necessário para que possam apreender o tom utilizado por Freyre ao identificar a relação conflituosa entre gerações.

3.1.1 Discurso proferido na Escola Americana Batista

A escola que Freyre estudou até 1917, ao saber do retorno de seu pródigo aluno, realizou uma festa de boas-vindas. A recepção ocorreu em 23 de março de 1923 e foi transcrita no dia 28 do mesmo mês no jornal “Diário de Pernambuco”. Já de início Freyre é apresentado por França Pereira, que foi seu professor, como “uma das mais fortes organizações intelectuais da nova geração”.

Freyre aponta que essa reunião o põe em contato com dois elementos: a “velha guarda” e “*d’avantgarde*”. Se diz “sanduichado” entre esses que pertencem a gerações distintas da sua, mas a quais cuidava “compreender um pouco da alma de um e o espírito do outro”. E, em sequência, aponta que

quis o destino que eu pertencesse à geração da guerra, aquela que, adolescente durante a carnificina, recebeu dela, nesse período da ‘prime jeunesse’ em que o espírito é mole como cera e sensível como placa fotográfica, as impressões mais fortes, mais estupidamente fortes. Talvez essa função de terremoto intelectual que a guerra exerceu, tenha sido uma função útil – a única função útil da mais inútil das guerras. (FREYRE, DP 28/03/1923, grifo nosso)

Diz que a guerra ficará ligada à geração que a fez de seus gabinetes e não da que a fez com seu sangue e sua carne. Aponta que a “grande guerra” foi produto de uma geração que “timbrou em dar provas, as mais concretas, de sua estupidez”. Dentre as provas estão o direito de voto para as mulheres, a República em Portugal e na China, a adoração a autores como Victor Hugo, Zola e Guerra Junqueiro. Aponta ainda como prova de estupidez a “desenfreada mania de modernismo, de cientificismo e liberalismo”. Mas diz que não vale a pena ficar falando mal de uma geração que está se encaminhando para o ostracismo, para a aposentadoria e para o cemitério. Fala ainda da necessidade de “*assumirmos as responsabilidades de reatar a tradição do bom senso, a tradição de nossos avós, há cinquenta anos interrompida*” (FREYRE, DP 28/03/1923, grifo nosso).

Freyre se identifica com a geração da guerra em oposição direta à geração que fez a guerra a partir de seus gabinetes. Aponta as ideologias estúpidas dessa geração mais velha, que seria o cientificismo, o liberalismo e o modernismo – entendido no sentido do movimento europeu ou que visava copiá-lo.

Advirto-vos, nesta época de inquietação, quando as forças de disciplina social chegaram quase ao soçobrar, contra o “rousseauismo” que empolgou

desastrosamente nossos predecessores e é a raiz de tantos dos males modernos; contra o cientificismo com a sua concepção estritamente objetiva da verdade; contra a mania de modernismo a todo o pano; contra a ganância material, contra o exagerado individualismo (FREYRE, DP 28/03/1923)

Diante disso, indica a missão da sua geração e da geração seguinte (representada na reunião pelos alunos que eram seu público): substituir a geração anterior e assumir a responsabilidade de reatar a tradição de bom senso, identificada, para ele, na tradição cultuada por seus avós e que foi interrompida pela geração de seus pais. “Cheguei pelo estudo à conclusão de que há cinquenta anos guiam-nos homens excepcionalmente incapazes; dos novos é lícito esperar que sejam ordinariamente capazes”.

Esse é o tom principal do discurso que Freyre realizou menos de três semanas após retornar o Brasil. Como já se pode perceber, seu discurso e sua compreensão da situação estavam muito influenciados pelas experiências físicas, sociais e intelectuais que viveu na Europa.

Venho duma Alemanha onde estudantes e professores como vós outros, sofrem a fome e vão às aulas de fato sovado e sapatos rôtos; guardo ainda nos olhos a triste paisagem dos cemitérios de guerra, - milhares de cruces de pau preto sob as quais apodrece tanto corpo jovem, tanta esperança, tanta promessa. Nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França, em Portugal convivi com uma mocidade que apresenta ainda cicatrizes da guerra, senão no corpo, no espírito. Felizmente, entre essa juventude toda, certo elemento, resistindo à volúpia de pessimismo “d’après guerre”, dá mostras de coragem de ação e dessa coragem em face de situação tão negra eu vos quisera comunicar a flama. (FREYRE, DP 28/03/1923)

Percebe-se então um Freyre fortemente influenciado pelo decadentismo, pelo conservadorismo observado tanto na *Action Française* quanto entre os Integralistas portugueses, instigado pela irreverência e antiacademicismo da juventude alemã e dosada pela harmonia entre tradição e moderno observada em Oxford.

Na sequência, Freyre aponta que muitas gerações na história sentiram a pretensão de serem messiânicas. Mas que no caso da dele e da dos mais novos ali presentes, não se tratava de pretensão, mas sim de necessidade: “A esperança está em nós pela força das circunstâncias (...) Reunamo-nos jovens, não só de corpo como de espírito; imponhamo-nos, sem falsa modéstia brademos ‘place aux jeunes’” (FREYRE, DP 28/03/1923). Mas pondera que é “place aux jenes” não para impor novidades, mas para voltar ao Bom Senso (escreve de letra maiúscula como para indicar a sua importância e relevância). Fala que a ação corretiva de uma geração sobre a outra é algo comum na história e que reforça a teoria de seu mestre

Giddings “de ser o processo da cultura humana um processo de equilíbrio, de contemporização entre elementos instintivamente hostis”.

Nesse sentido, declara que não está propondo uma guerra de gerações, “a nova contra a velha”, mas sim seguir esse “curso natural da história” de “contemporização entre forças cronológica e logicamente diversas” para assim se conseguir “os progressos – não digo o progresso e muito menos o Progresso, por falta de fé nessa criatura”. Mas chama atenção para o fato de que sua geração não enfrenta uma situação normal, “ao contrário, monstruosamente anormal. Já o era antes da guerra; a guerra acentuou-a com traços vermelhos”.

Esse primeiro texto deixa claro a perspectiva pela qual Freyre se situa. Como um agente a inflamar sua geração e a geração mais nova na responsabilidade de trazer o que compreende como “Bom Senso”, que teria sido abandonado pela geração que substituiu a geração de seus avós. Como demonstrado no tópico “O Brasil de nossos avós” (cap. 1), Freyre compreende essa geração como aquela de entre 1848 e 1864. De maneira que o bom senso ao qual se refere se relaciona com a ordem e tradição mantidas naquele período. Identifica, portanto, os excessos ideológicos que devem ser combatidos e contemporizados, para permitir que esse “Bom Senso” possa guiar “os progressos” futuros.

3.1.2 *Apologia pro generatione sua*¹⁰² (discurso proferido no “Theatro Santa Rosa” na Paraíba) e “Carta de uma geração aos srs. Gilberto Freyre e Jackson Figueiredo” de José Lins do Rego

Este discurso carrega muito do anterior, mas dessa vez foi proferida diante de um público composto por intelectuais e alunos da Paraíba. Nele, Gilberto Freyre, novamente aponta para o dever imposto à sua geração: retomar o bom senso e com ele reordenar o Brasil. O começo dessa conferência dá o tom da sua missão:

Eu não venho [à **presença dos intelectuais e dos estudantes da Paraíba do Norte**] exaltar o Novo em detrimento do Velho (...) Há, entretanto, um espírito ou consciência de geração; e a esse espírito ou consciência sou agudamente sensível. É uma espécie de patriotismo. Os da mesma geração somos uns como compatriotas ligados uns aos outros pelos comuns destinos e pelos deveres de lealdade recíproca.

¹⁰² O título que Freyre deu à conferência faz referência ao ensaio “*Apologia pro vita sua*” de Cardeal São John Henry Newman (1801 – 1890), figura que fez parte do “*Oxford Movement*” que ocorreu durante a década de 1830. O ensaio foi produto das disputas teológicas entre Newman e Charles Kingsley (1819 – 1875). Kingsley dizia que Newman pregava que a verdade não era uma virtude. Daí o cardeal ter sentido a necessidade de fazer uma defesa de suas crenças religiosas. Em uma publicação posterior, agregou-se outros textos e mudou-se o nome da obra para “*História de minhas opiniões Religiosas*”.

Somos como o navio de que nos fala Alphonse Daudet: "un bateau dont les passagers participent des mêmes clartés et des mêmes erreurs". [**Uma pátria no tempo semelhante à outra, no espaço**]

E nunca u'a mocidade teve tantos destinos em comum nem tamanhos deveres de lealdade recíproca [**como a que agora se levanta para grandes responsabilidades intelectuais e políticas**] como a inquieta mocidade d'après guerre - mocidade de desencantados e dolorosos, sem saber ao certo para onde drenar a seiva ainda virgem das suas forças, um tanto duvidosos do valor, senão espiritual e moral, pelo menos social, do holocausto de sangue dos seus irmãos mais velhos. (FREYRE, 1924; 1941 – grifos do original)¹⁰³

Nesse texto, Freyre já remete explicitamente a ideia de uma consciência de geração a qual associa a ideia de patriotismo. Ao invés de uma lealdade direcionada exclusivamente a uma pátria localizada no espaço, remete ao que seria uma pátria no tempo: a geração da guerra/ pós-guerra.

Seu argumento se sustenta sobre duas figuras, Ernest Psichari e Rudolph Bourne, sobre as quais indica ter se exprimido “algumas das tendências mais características da geração que a guerra obrigou ao sacrifício, senão da vida, da mocidade, impondo-lhes responsabilidades de velhos.” E completa dizendo que a sua geração se encontra compelida pela mesma missão deles, compreendendo-se como um de seus “continuadores imediatos” (FREYRE, 1924; 1941, p. 57). Mais uma vez remete a ideia de responsabilidade imposta e a associa a ideia de missão.

Ernest Psichari era neto do conhecido intelectual liberal, Ernest Renan. A educação secularizada que recebeu, tanto de seu avô, seu mestre espiritual, quanto de pai, teria lhe conduzido a uma vida problemática e sem sentido ou propósito. Teria sido na disciplina do Exército que Psichari encontrou o propósito patriótico-nacionalista ao qual, ao lado do catolicismo, se dedicou até o fim precoce de sua vida em 1914, enquanto lutava para defender a Bélgica durante a Primeira Guerra Mundial (HARGREAVES, 1991). “Inquieto, faz-se soldado. A vida de soldado vai aprofundar-lhe o senso de ordem; vai aguçar-lhe o espírito ou consciência de geração; vai acelerar-lhe o ritmo da vida interior.” (FREYRE, 1924)

As obras de Psichari tratavam da decadência que a França sofreu desde o fim do século XIX, epítome de uma era moderna sustentada pela ideologia do

¹⁰³ Esse texto foi escrito inicialmente para a conferência de 5 de abril de 1924 e somente foi publicada, com alterações, no ano de 1941 no livro “Região e Tradição”, na “Coleção de Documentos Brasileiros” pela editora José Olympio. Porém, Cesar Braga-Pinto gentilmente me cedeu seu arquivo no qual consta o texto completo, em que assinala as partes cortadas e as adicionadas ao texto de 1924 para sua publicação em 1941. Assim, neste trecho as partes entre colchetes e em negrito são aquelas adicionadas e as que foram cortadas estão representadas sob um traçado. Aquelas passagens que pertencerem exclusivamente a uma ou outra versão, são referenciadas por seu ano respectivo.

progresso e do positivismo. Observava a vida social naquela civilização como monótona e desprovida de beleza a ponto de, em várias partes de suas obras, compará-la com a grandiosidade de uma França que teria existido no passado (HARGREAVES, 1991).

Sobre Psichari, Freyre o enfatiza como símbolo de uma geração que vem compensar a geração anterior através de seu espírito em sintonia com a fé católica e com o espírito reacionário¹⁰⁴. Situação com a qual se identificava diante do Brasil de 1920.

Ele foi um dos primeiros a sentir o paradoxo desses destinos, isto é, o paradoxo da atitude que urgia aos jovens assumir em face dos seus pais. Era nada menos do que a inversão de papéis sociais: reacionários os filhos diante dos pais neófilos (FREYRE, 1924, s/p)

Em grande medida, o que aproxima Freyre de Psichari é o desajustamento e desorientação que enquanto jovens enfrentam num mundo/país construído por seus pais, no qual não conseguem encontrar as respostas para os problemas que se colocam para eles. Prestes a ingressarem efetivamente na vida adulta, não encontram espaço nem satisfação para suas necessidades sociais.

Randolph Bourne, por sua vez, foi um intelectual norte americano, nascido em 1886. Estudou na Columbia University por volta de 1909, mesma instituição que Freyre estudou em 1921. De acordo com Walzer (2002), Bourne era um nacionalista que vociferou contra o envolvimento dos EUA na Primeira Guerra Mundial. Devido a isso, ficou conhecido como porta-voz dos jovens rebeldes que viveram no período da Guerra.

Freyre aponta que Bourne tendia a dividir o mundo por gerações antes que por classes. Focado em sua sociedade local, apontava suas críticas para a geração anterior, acusando-a das crises que assolavam o país

“A cidade muda de vila para um centro industrial (...) o mundo se amplia, a sociedade se expande, crises formidáveis surgem” e as gerações mais velhas – os empresários, advogados, pastores e professores de Bloomfield e mil lugares semelhantes – estão “cansadas, satisfeitas e evasivas” (BOURNE, 1920, p. 193 – 194 apud WALZER 2002, p.49)¹⁰⁵

Era um intelectual comprometido com o material cultural fornecido pela experiência cotidiana, outro ponto de inspiração para o jovem Freyre. Bourne se

¹⁰⁴ Depois substituiria, para a edição de 1941, a palavra “reacionários” por “tradicionalistas”, de acordo com análise realizada por César Braga-Pinto (2011).

¹⁰⁵ The town changes from a village to an industrial center [...] the world widens, society expands, formidable crises appear”, and the older generations – the businessmen, lawyers, ministers, ant teachers of Bloomfield and a thousand similar places – are “weary, complacent, evasive.

declarava como “*cultural nationalist*”. Conforme Walzer (2002), isso significava que ele defendia a cultura na forma de “uma revelação da Alma Americana (“a revelation of the American Soul”). Pois, para Bourne, a América possuía uma forma própria, uma identidade diferente das nações europeias. Era uma nação composta por um conglomerado cultural traduzido num transnacionalismo (Walzer, 2002, p. 51). Ou seja, ele revisita o mito fundacional dos EUA, composto por imigrantes vindos de várias regiões da Europa e que, em solo norte americano, compuseram uma nação que desenvolveu uma cultura característica.

O que a América se tornaria? Bourne fingiu não saber. Ele sabia apenas que não se tornaria uma nação no modelo europeu, com a raça dominante impondo sua própria cultura aos povos minoritários. Seus próprios anglo-americanos eram apenas mais uma minoria e agiram contra seus valores mais profundos quando instaram a assimilação às outras minorias – “como se quiséssemos que a americanização ocorresse apenas em nossos termos, e não pelo consentimento dos governados. O consentimento geraria algo radicalmente novo, um padrão de conflito e coexistência cuja riqueza só poderia ser insinuada. Reprima a variedade, elimine a cultura integral dos grupos hifenizados, e o resultado seria “sem gosto, sem cor... insípido”¹⁰⁶”. (WALZER, 2002, p. 52, tradução minha)¹⁰⁷

Levando em conta esses apontamentos que Walzer realiza sobre o intelectual Bourne, se pode identificar várias semelhanças com a abordagem que Freyre realizou da sociedade brasileira. Não apenas a inclinação para uma leitura focada em gerações, mas a própria forma de abordar a cultura e de rejeitar modelos europeus importados para organização e homogeneização da sociedade.

Bourne almejava recuperar a essência “transnacional” da América do Norte que fora constantemente abafada pelas últimas gerações. A seu ver, os EUA são um país formado por diversas nacionalidades e teria nisso uma de suas mais essenciais características. Enquanto se colocava contra a participação do país na barbárie da Primeira Grande Guerra, sua principal missão consistia em recordar essa essência cultural e social (WALZER, 2002).

¹⁰⁶ Chama a atenção o uso de sinestesia quando aponta para a falta de cores e de gosto para se referir à estandardização de uma cultura aos moldes europeus de maneira a negar sua origem multicultural e, portanto, multicolorida e assim por diante. Figura de linguagem também muito utilizada por Freyre

¹⁰⁷ What would América became? Bourne professed not to know. He knew Only that it would not become a nation on the European model, with dominant race imposing its own culture upon minority peoples. His own English-Americans people were only one more minority and they acted against their deepest values when they urged assimilation upon the other minorities – “as if we wanted Americanization to take place only on our terms, and not by the consent of the governed. Consent would generate something radically new, a pattern of conflict and coexistence whose richness could only be intimated. Repress the variety, beak up the integral culture of the hyphenated groups, and the result would be “tasteless, colorless ... insipid”.

Sobre Randolph Bourne e o movimento de jovens intelectuais que mobilizou, Freyre aponta que era:

Uma mocidade de debate e de ação intelectual, a de Randolph. À tendência para o conforto mental característica das burguesias triunfantes; ao pendor tão americano para as soluções materiais dos problemas do indivíduo e da nação, ao patriotismo otimista, inimigo de qualquer esforço de introspecção, de clarificação, de especulação ou crítica social, ele opôs um espírito amigo, até a volúpia, das ideias, da controvérsia e da claridade. Amigo sobretudo da claridade. E agudo – tão agudo que a sua crítica dos vícios americanos de vida e de cultura foi uma como serie de incisões em madeira podre. Ele como que sentia o podre da madeira antes de a ferir: daí a certeza dos golpes. (FREYRE, 1924; 1941, p. 63)

Dessa forma, Bourne remete Freyre a reflexão e ação de um jovem intelectual que apreende e assume a missão de seu tempo, isto é, a missão colocada para todos aqueles pertencentes a sua geração. Existe, sobretudo, a aproximação da necessidade de ambos em reordenar suas respectivas pátrias ao fazê-las retomarem suas raízes e tradições para então mobilizá-las rumo ao futuro. Remete ainda à necessidade de uma reflexão crítica que fugisse do “patriotismo otimista”, inimigo da claridade e da controvérsia necessárias às ideias.

Não à toa Freyre sublinha que Bourne compreendia a cultura como um contínuo esforço, diferente da ideia de apropriação “do que há de melhor”. Em 1924, assim fica o parágrafo no qual traz essa reflexão:

De fato, o “apropriar-se do que há de melhor”, de Arnold [Bennet], não será pura solução material dum problema íntimo e espiritual? Dá a lembrar aquele “Will you accept Christ?” que o Sr. Paul Bourget achou parecido a oferta dum xarope. Não é cultura como não é religião o que somente é aquisição. Pode ser formidável ciência ou erudição, como entre nós a erudição de Ruy e mesmo a de Tobias. A cultura, no sentido a que a elevou Nietzsche, tem de ser um esforço criador, e - peçamos ao grego a palavra mágica - heurético. Repele soluções materiais. Ninguém se provê de semelhante cultura. O ridículo da teoria de Arnold, experimentamo-lo bem reduzindo-a a um símile. E num símile resulta nisto a famosa teoria: prover-se de cultura é como prover-se de bonita dentadura postiça. (FREYRE, 1924, s/p)

Essa reflexão Freyre desdobra no texto de 1941, indicando que cada nação, geração e indivíduo deve recriar sua própria cultura “reformando ou deformando os valores recebidos” seja de outros povos, gerações ou indivíduos, “adaptando-os às suas necessidades; enquadrando às novas condições de espaço, de tempo e de personalidade. Uma espécie de romantização dos valores clássicos”¹⁰⁸ (FREYRE, 1941, p. 64 - 65).

Essa atitude é a mesma que imprime no Regionalismo através do Centro Regionalista. Freyre acusa que o Brasil estava se guiando pelo que chama de

¹⁰⁸ Essa passagem não consta na versão de 1924

“apologia do progresso”, pela “equivocada mania do novo” imposta pelo positivismo. A geração responsável por ter levado o país através desse projeto de nação até o ponto de crise que o jovem sociólogo observava era a de seus pais. Seu diagnóstico aponta como um dos efeitos negativos desse projeto positivista de progresso, que seria a tomada de uma posição negativa frente a história e o passado do país. De fato, observa-se com a instauração da República um movimento por parte da historiografia positivista de rever e reescrever a história do país, apresentando uma narrativa diferente da então apresentada pela chamada historiografia do império (ILMAR 1987;1 989).

Ao fim da conferência, Freyre deixa claro qual geração a sua deve compensar: “a dos líderes intelectuais e políticos de 1889, 1900 e de 1910”. E aponta que a missão de sua geração se coloca no sentido de uma reação contra os elementos

artificiais de economia e de cultura intelectual e artística que nos impuseram aqueles líderes, procurando desenvolver entre nós, por simples cópia do estrangeiro, sistemas sem raízes nos nossos antecedentes e nas nossas atualidades” (1941, p. 66)

José Lins do Rego, que o acompanhou nessa conferência, atendeu ao chamado. Esse teria sido, de acordo com Braga-Pinto (2011), um momento crucial do que o autor chama de “conversão” de José Lins do Rego ao Regionalismo. Seu processo de conversão teria se iniciado com seu encontro com Gilberto Freyre, seguido pela conclusão do bacharelado e por sua volta para o engenho na Paraíba. Teria sido nesse momento que José Lins redescobriu o próprio passado e os valores contidos no mundo de seu avô. Com isso quer dizer que o jovem José Lins passa de jornalista panfletário da oposição, que usualmente propagava valores republicanistas, para um intelectual que escreveu um texto de admiração pelas posições relativamente conservadoras de Freyre e Jackson Figueiredo¹⁰⁹.

Em “Carta de uma geração aos srs. Gilberto Freyre e Jackson de Figueiredo”, José Lins ([set/1924] 2007) afirma que Freyre e Figueiredo tiveram as melhores reações à revolta, se referindo a movimentação ocorrida no dia 5 de julho

¹⁰⁹ Jackson de Figueiredo Martins (1891 – 1928) nasceu em Aracaju, em 1891. Era Bacharel em direito, mas dedicou-se à política e ao jornalismo. Apresenta-se como referência na história do catolicismo brasileiro como organizador do movimento católico leigo. Entre 1921 e 1922, fundou o Centro Dom Vital e a revista *A Ordem*, através dos quais combateu o comunismo, o liberalismo e a revolução de modo geral. A sua proposta era reunir leigos e religiosos que se dedicassem aos estudos da doutrina católica. (Nota biográfica retirada do portal “Navegando na História” -Cf. https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jackson_de_figueiredo)

de 1924 envolvendo militares, dois anos após o ocorrido no Forte de Copacabana. Em correspondência, Freyre comenta sobre esse texto e diz não ter gostado do título, mas que o amigo “está apanhando bem a ideia, o senso de ‘ordem’. Excelente o que diz sobre o exército entre nós, sul-americanos. É isso mesmo: um exército sem o alto espírito de ordem, de ver além do exército” (GF – JL, 24/10/1924 nº 10).

Ao longo do texto, além de suas postulações contra as atitudes que os militares tomaram nas vezes em que estiveram no poder ao longo de nossa história, o jovem jornalista faz várias referências a sua geração, que estaria perdida devido à educação que receberam de seus pais. A seu ver, Freyre e Figueiredo “vieram acudir o nosso espírito a morrer de fome de bom senso”. Pois, eles teriam oposto “ao espírito que ganhamos de todas as mancebias cientificistas” um “honesto espírito de ordem” (REGO, 2007 [1924], p.271). E prossegue:

Tudo o que nós sabíamos vinha dum espírito criado a leite artificial. *E nossos pais merecem toda a culpa*. Eles quiseram levar a experimentação a este requinte de perversidade: experimentar com seus próprios filhos. E nos deram amas-secas como Zola, como Taine, como Renan [avô de Psichari], como Spencer e, piores ainda, os Bossi, os Junqueiros, os Haeckel etc. Em vez de soldados de chumbo e das sadias aulas de catecismo, os nossos pais nos botaram a brincar com aparelhos de laboratório. A nossa cultura foi toda assim. Cultura exterior e inferiormente egoísta. (REGO, 2007 [1924], p. 271 – grifo nosso)

Para ilustrar, transcreve a seguinte frase de F. Garcia Calderón (CALDERON, s/d apud REGO, 2007 [1924], p 272): “Uma geração que está acima do bem e do mal pratica na América o arrivismo, desorganiza a política e a sociedade, esquece o código da dignidade humana”. E alude que sua geração não foi ensinada a temer a Deus e, por isso, não temia a coisa nenhuma.

Em muitos dos romances que viria a escrever na década seguinte, José Lins apontou justamente para a falta de dignidade humana que o progresso material (modernização) impôs a muitas das figuras do nordeste canavieiro. E ele foi claro, assim como Freyre, ao apontar os culpados: a geração de seus pais junto de toda a ideologia cientificista, positivista e liberal. É contra isso que estariam se posicionando Freyre e Figueiredo.

Opuseram os senhores a tudo isto o bom senso. Quero dizer: obrigaram-nos a um exame de consciência. Isto mesmo que começara Eduardo Prado¹¹⁰. Nesse exame

¹¹⁰ Conforme argumenta Lucia Lippi Oliveira, havia duas correntes de interpretação sobre o Brasil no início do período republicano. Uma dessas correntes “avaliava como positivo o passado colonial e imperial. Acreditava na excelência das nossas tradições, fruto da colonização portuguesa e da ação da igreja católica. Para ela, a nacionalidade simbolizava a defesa e a valorização do singular”. A outra “via a República como a ruptura necessária com o passado português

de consciência todo brasileiro verá que o progresso material de seu país não é ganho nenhum diante de tanta pobreza de espírito. De fato que íamos perdendo tudo o que é mais alguma coisa que progresso material.

Porque, afinal de contas, o nosso único destino é o destino de homens rurais. Não somos nem militaristas, nem positivistas, nem democratas, nem futuristas. Somos senhores de engenho, fazendeiros e católicos apostólicos romanos. Fugindo daí estamos de braços com a anarquia, porque fugimos de nossa verdadeira vocação. (REGO, 2007 [1924], p. 275, grifo nosso)

O segundo parágrafo do excerto acima é muito forte e muito taxativo do espírito de revisão, com impulsos conservadores, que José Lins imprime aos de sua geração. Ele implica numa volta ao Brasil de seu avô, isto é, numa volta àquela forma de vida observada no mundo rural em contraposição a modernização que tem, como símbolo evidente, a urbanização. Ainda, refere-se a um retorno às nossas raízes ibéricas através, principalmente, da religião católica trazida pelos portugueses e imposta durante o período colonial. A meu ver, deseja mais uma volta aos valores do que propriamente a forma de vida concreta da era dos engenhos. Ao dizer que “não somos nem militaristas, nem positivistas, nem democratas e nem futuristas”, José Lins aponta para o núcleo da República, que com seus intelectuais e ideologia teria levado o país a atual crise, sendo o futurismo representado pela “mania de novo” e o militarismo personificados nos tenentistas) de São Paulo produtos dessa ideologia.

É mister notar em seu texto a pequena referência que faz de um alerta que Oliveira Lima teria realizado em uma conferência para os alunos da Faculdade do Recife. Conforme José Lins, o historiador teria dito que a “mocidade estaria a dançar em cima de um vulcão”. Constatação com a qual concorda, complementando que eles estavam dançando um “foxtrote desesperado e, às vezes, grotesco, nestes últimos cinco anos” (REGO, 2007 [1924], p. 273).

José Lins descreve o espírito que reinava em sua geração da seguinte maneira: “Estávamos todos [...] descontentes da nossa vida social. E tudo isso em força de nossa educação”. Diz que eram pessoas que estavam limitadas a ir ao “Senado ouvir o demagogo¹¹¹”. E teria sido Freyre e Figueiredo aqueles que

corporificado no regime monárquico”. (OLIVEIRA, 1990, p. 23) A autora apresenta Eduardo Prado como o representante da primeira corrente. Como podemos observar, há nessa descrição apresentada pela autora muitos pontos convergentes com a maneira como Freyre e José Lins observavam a história do país.

¹¹¹ Referência que faz à Rui Barbosa a quem culpa pelos erros que sua geração cometeu. Refere-se a ele como “um homem que amamos loucamente”, que ainda que tenha dado, “num último arranco de bom senso”, seu “último suspiro em favor da ordem” deixou a todos da mesma forma, descontentes e indo ao “senado ouvir o demagogo”. (REGO, 2007 [1924], p. 273)

“vieram, em momento agudo, em voz de bons amigos, falar a nós todos. E diziam coisas que foram bem dentro. Que nos estão, é verdade que com muito sofrimento, nos refazendo. *Custam demais essas transições de cultura [...]*” (REGO, 2007 [1924], p. 273, grifo nosso).

Ele pretende, então, ecoar a voz dos perdidos que, como ele, desejavam apenas a ordem. E é no passado, no ponto anterior à ruptura representada pela Primeira República, que estariam as coordenadas da ordem perdida. Ele aponta para os efeitos nefastos do Segundo Império, tendo em vista que Dom Pedro II,

ao invés de ouvir a voz de seu sangue, preferiu o realejo de uma ideologia de almanaque francês. [...] Não compreendera que tudo o que lera em Voltaire e Rousseau corrompera povos envelhecidos na ordem, que dirá um montão de gente ainda sem consistência de raça. Salvou seu reinado uma elite de homens que foram até hoje os melhores homens do Brasil. (REGO, 2007 [1924], p. 274)

A última frase do texto deixa clara sua percepção da missão: “A minha geração está de ânimo feito para convosco [Freyre e Figueiredo] *refazer o Brasil*”. Com ela José Lins responde ao chamado que Freyre fez a toda sua geração¹¹².

Já mencionei anteriormente a ideia de “revolta edípica coletiva” que consta no diagnóstico da Europa que Schorske (1990) deduz a partir de sua análise da produção cultural da Viena de fim do século XIX e início do século XX. O período que consta de 1890 a 1910, compreendido como modernidade vienense, além da explosão de movimentos artísticos e intelectuais, é permeado pela percepção de fracasso do liberalismo e iluminismo (estes que haviam sido inaugurados com a

¹¹² Em artigo reagindo ao texto de José Lins do Rego, Freyre diz que é um “Voluptuoso da Ortodoxia o rapaz que uma vez foi, no Recife, um roxo panfletário de talento bruto, o qual compensava pela pobreza de gramática e ignorância de ‘quartanista de direito’”. Que “ao sr. Lins do Rego não escapou a distinção entre o espírito de ‘ordem’ e o de ‘subserviência’ [...] A ortodoxia que para Ernest Psichari foi mais que romance de ideias: foi vida vivida [...] Em nenhum outro país é a ortodoxia hoje mais romance que no Brasil. [...] Vede nossos homens, os maduros, os de quarenta, cinquenta, sessenta anos: desembargadores, generais, padres, grandes proprietários. Espírito de grande subserviência, não lhes falta, ao grande número. Mas espírito de ordem não possuem nenhum: são eles - muitos à meia luz, é certo - os inimigos da tradição, os revoltosos, os comunistas, os futuristas. De modo que num país assim manter o espírito de ordem é deveras romântico: é como se a palmeira mantivesse no meio do gelo verde e clara como ao sol. Onde mais vivo deveria arder o espírito de ortodoxia que no clero e no exército e nas faculdades de direito? Sabe-se, entretanto, que, no Brasil, os padres muito têm figurado nas revoltas de braço dado aos majores e aos professores de direito. A nossa 1817 não foi a ‘revolução de padres’ de que fala o st. Oliveira Lima? A República, não na fizeram tenentes, generais e professores de direito? [...] felizmente uma forte reação dentro das classes armadas procura reintegrar o exército brasileiro no que ele deve ser. E o que o exército brasileiro deve ser é relógio fiel, marcando as horas da tradição e da ordem nacionais. Continuar nesta mesma tensão contra as forças desintegradoras, parece-lhe a grande missão do sr. Arthur Bernardes. Porém mais que do sr. Arthur Bernardes é a nossa missão de moços. A nós, os mais novo, nada de mais romântico se oferece hoje, que a defesa da ortodoxia. Os velhos desdenham-na: defendemo-la os moços. E há um heroísmo na defesa mais, às vezes, que nop ataque” (FREYRE, DP 26/10/1924)

Revolução Francesa) que até então guiavam os processos de transformação nas sociedades europeias.

Essa percepção de fracasso leva a um desencantamento generalizado e à sensação de um mundo que estava a se desmanchar: era a decadência da ideia de Civilização europeia. Decadência essa que viria a ser coroada com a Primeira Guerra Mundial. Nos EUA e durante sua viagem pela Europa, Freyre teve contato com diversas ramificações do decadentismo. Ele se vê envolvido por essa sensibilidade intersubjetivamente compartilhada, principalmente entre essas sociedades que participaram diretamente da guerra. Instabilidade é o resultado desses processos, isto é, ausência de ordem.

Schorske (1990, p. 21) aponta para os *Die Jungen* (Os jovens), “designação comum aos *revóltiês* inovadores”. Esse termo, ele explica, foi empregado inicialmente em 1870 em relação a um grupo de jovens revoltados contra o liberalismo austríaco clássico. Ele aponta que os novos produtores culturais da Viena de *fin-de-siècle* se definiam em termos de uma revolta edípica coletiva. Revolta essa que se dava contra a “autoridade da cultura paterna” a qual foram remetidos em sua educação: “o que atacavam numa frente ampla era o sistema de valores do liberalismo clássico predominante em que tinham sido criados” (p. 21). Ao analisar o caso de Freud, o autor aponta para o sentido de “parricídio” político contido em um de seus sonhos, no sentido de o filho superar a condição política, ao tomar para si a autoridade do pai¹¹³.

Os textos recém analisados apresentam justamente uma revolta contra o sistema de valores aos quais Freyre e José Lins e, de acordo com eles, toda a sua geração, foram criados. O sistema é reiteradamente nomeado: a soma entre liberalismo, positivismo e cientificismo que promoveu uma educação secularizada e, portanto, racionalista. Esse sistema de valores é identificado como motivo do fim da monarquia, afinal, Dom Pedro II, “ao invés de ouvir a voz de seu sangue, preferiu o realejo de uma ideologia de almanaque francês” (REGO, 2007, p. 274) permitindo que Voltaire e Rousseau, que corromperam a ordem na Europa, corrompesse

¹¹³ No caso, Freud encontra seu pai com dificuldades para urinar e o ajuda. O psicanalista interpreta o sonho a partir de uma memória de seu pai chamar sua atenção para que não urinasse em público. Freud entende que aquele momento gerou um ressentimento e o sonho representava seu desejo de superação, ao colocar o pai na mesma situação em que um dia se encontrou. Schorske (1990), no entanto, identifica no sonho a sugestão política de que o filho superou a ideologia representada não apenas por seu pai como pelo ministro que também aparece no sonho.

também o esboço de nação que aqui se formava durante o Império. Foi esse sistema de valores o evocado para legitimar a República, seja em Portugal (como Freyre testemunhou) seja no Brasil de antes de Freyre nascer. E foi sob ele que sua geração foi educada.

Para dar cabo da missão relegada à sua geração, Freyre aponta para um retorno crítico ao passado, ao Brasil de seus avós, para assim captar suas boas sugestões e reestabelecer o “Bom Senso” e, conseqüente, o reordenamento da sociedade.

3.1.3 Em torno da Revolta I e II

As notas intituladas “Em torno da Revolta” foram publicadas nos dias 9 e 17 de julho de 1924 no Diário de Pernambuco. Na primeira a assinatura consta apenas como “G”; enquanto na segunda assina normalmente como Gilberto Freyre. Ambas se referem à revolta Tenentista que teve início no dia 5 de julho em São Paulo. O fato de o conteúdo das notas serem muito parecidos e de conterem o mesmo título permitiu a conclusão de que pertenciam ambas a Gilberto Freyre. Sua autoria se confirma também na carta enviada a José Lins no dia 14 de julho em que pergunta se o amigo viu sua nota sobre a revolta – de maneira que só poderia estar se referindo à primeira.

Na nota do dia 09, Freyre fala que o tiroteio ocorrido na cidade de São Paulo parecia mentira, tendo em vista que considera a cidade “o lugar melhor policiado do Brasil. (...) Viera de fato uma revolta estúpida salpicar de sangue as ruas da mais culta cidade do Brasil” (FREYRE, DP 09/07/1924). Freyre aponta que com a reação de Artur Bernardes o país mostra que não é uma republiqueta, que ainda tem reservas de “bom senso, dignidade e consciência contra as quais inutilmente se rebelarão os insensatos”. E que a revolta acentua a concepção de que o país necessita de um espírito mais vivo de disciplina e de um “mais forte senso de ordem”.

Contra os altos e puros interesses nacionais, os interesses de sempre, é preciso que os interesses de momento ou de grupos não se anteponham pelo ruído insolente de sabres ou patas de cavalos. Os sabres e os cavalos militares só se justificam como instrumentos de conservação social. Ao serviço do demagogismo ou do anarquismo representam o mesmo estranho paradoxo d’um relógio que funcionasse de 12 para 11. Dum relógio que de repente começasse a marcar as horas em sentido contrário.

Colocando-se ao lado do governo legal no esforço contra esse arranco amarelo de São Paulo, cumpriram o seu dever as forças vivas do país. Colocaram-se na defesa dos interesses de sempre contra os de momento. Colocaram-se a favor das tradições

de ordem contra esse delírio de “futurismo” político, a um tempo ridículo e perigoso. (FREYRE, DP 09/07/1924)

A nota do dia 17 de julho de 1924 dá sequência as impressões de Freyre acerca da Revolta Tenentistas. A nota começa com a seguinte frase: “O Brasil sente e sofre, com essa surpresa terrível do dia 5, a consequência da hora estúpida de toda uma geração” (FREYRE, DP 17/07/1924). Em seguida ele relaciona a geração com alguns de seus ideólogos:

A geração do Marechal Hermes, de Ruy Barbosa, do general Dantas Barretto, do sr. Lauro Sodré, do sr. Medeiros e Albuquerque, do sr. Graça Aranha¹¹⁴. *Geração promíscua de ideólogos e oportunistas. Geração cuja obra foi toda antinatural e anti-histórica; que procedeu e agiu com um soberano desdém pelas antecedentes do Brasil* e uma flagrante desatenção pelas nossas realidades; e de cujo meio, *figuras como a de Eduardo Prado e a de Joaquim Nabuco, emergem com um relevo espantoso de aberrações.* (FREYRE, DP 17/07/1924)

Nesse início, Freyre aponta que a geração “promíscua de ideólogos oportunistas” tem suas exceções, como Eduardo Prado e Joaquim Nabuco. Mas que em geral se tratava de uma geração estúpida e acredito que o uso da palavra vai ao ponto de se remeter à obra de Léon Daudet, “O estúpido Século XIX”, de 1922. Daudet foi uma das principais figuras da *Action Française* e uma referência para Freyre. Em artigo de março de 1924, Freyre reflete sobre as heranças do século XIX – “o stupide de Leon Daudet”. Ele aponta para o idealismo da democracia, do progresso e da ciência. Afirma que nesse século “um grande número de ideias e um número ainda maior de normas de conduta” se desgarraram de seus limites razoáveis. Entre as normas ele chama atenção para que essa ação, de desgarramento, levou à ideia de tolerância e que a tolerância se opõe ao bom senso. Que “o espírito crítico, para ser criador, e ter sexo próprio, necessita da intolerância: de antipatizar”. Para ele, a “intolerância exerce uma função defensiva”. Aponta que o excesso de tolerância no Brasil poderia comprometer a nacionalidade, tendo em vista que permitíamos que “elementos estrangeiros dos mais indesejáveis” penetrassem “no íntimo da nossa vida socioeconômica. Seu medo era que um dia esse excesso de tolerância fizesse o país entrar numa crise a ponto de se tornar incapaz de orientar

¹¹⁴ Chama a atenção que o jovem pernambucano criticava abertamente representantes da geração anterior – muitos dos quais eram grandes figuras dotadas de reconhecimento por suas contribuições ao país. Freyre certa vez apontou em um artigo sobre a importância de inimigos de mesmo tamanho, tendo em vista que eles são capazes de forçar intelectual e criativamente através de sua hostilidade para com nossas razões e argumentos (FREYRE, DP 23/05/1924). Ao se levar essa sua própria postulação em conta para interpretar suas ações, percebemos que no mínimo Freyre se tinha em alta conta para elencar como “inimigos” figuras tão notáveis.

a vida nacional de acordo com as tradições brasileiras (FREYRE, DP 23/03/1924). Crise como a que o país enfrentava naquele exato momento.

Em seguida, na segunda nota sobre a revolta (FREYRE, DP 17/07/1924), Freyre relembra o esforço de “plástica nacional” realizado por Diogo Antonio Feijó em 1822, ao conseguir integrar a massa “bruta e informe de províncias” que se separaram de Portugal. Em sua leitura, assim firmou-se entre nós o prestígio da autoridade e o poder civil. Para ele, o trabalho de Feijó e dos “homens simples, sérios e fortes da Regência” resistiu “por longo tempo, ao liberalismo acaciano em que ainda no Império, se nos foi amolecendo a medula nacional”. Freyre interpreta, então, que a revolução tenentista é oriunda da ideologia da República e não uma expressão “nova” como para ele eram os modernistas de São Paulo.

A república que nos impôs uma revoluçãozinha militar, sem raízes nos nossos antecedentes sociais, foi, pelo método de sua fundação, perigoso desvio da tradição de ordem a que nos habituara o império. Tradição que entre nós criara raízes, destacando-nos viva e inconfundivelmente dessas republiquetas de brinquedo onde as forças da ordem e da lei têm toda a inconsistência de móveis colados mal e às pressas. (FREYRE, DP 17/07/1924, grifo nosso)

Volta para a analogia do relógio para dizer que o Exército, no Império, era um relógio fiel “marcando, num ritmo certo de ordem, as horas da vontade legal”. E que se a República foi “uma hora marcada em falso pelo relógio nacional” encontrou em Floriano alguém que conseguiu “reconciliar com a tradição de ordem” e com o ritmo da vida brasileira. Outro apontado como salvaguarda da ordem em meio a República foi Prudente de Moraes, “espírito bom, forte e patriarcal” que identificou essa tradição de ordem com a causa do poder civil.

Ora, é a tradição da ordem, é a causa do poder civil, é o prestígio da autoridade que sofrem, neste momento turvo em que as notas do Catete vão tomando um ar melancólico de comunicados de guerra franceses, novo e violento atentado.

Aliás, este movimento d’agora rebenta depois uma série de ensaios de toda a espécie. Ensaios particulares, ensaios a meia luz. E em 1922, aquele ensaio geral a que não faltou a nota realista do sangue. Ensaio geral que a intervenção brilhantemente viril do sr. Epitácio Pessoa fez acabar às pressas.

Chegamos às angústias decisivas da crise. Rebenta no seu esplendor de sangue a obra quase póstuma duma geração de traidores do passado brasileiro – anticlericais, positivistas, monistas, luteranos políticos. (FREYRE, DP 17/07/1924, grifo nosso)

No “clímax” da nota, Freyre aponta que, para além de uma reação que cesse a revolução, ainda que extremada como a realizada por Feijó, a grande necessidade do momento era antes uma “reação que reintegre o Brasil no seu passado. Passado de que há meio século se desviou pelo oportunismo de outros”.

De modo que a grande necessidade é a duma guerra de gerações. Mas não a que apregoa, num Rio de Janeiro de orelha escancarada a todas as futilidades, a voz do sr. Graça Aranha. Voz carnavalesca fingindo mocidade.

O Brasil deve estar farto de futurismos, pois há cinquenta anos vive de falsas e exóticas belezas. Há cinquenta anos fala e ri com uma dentadura postiça por cima dos seus dentes de leite. O Brasil anseia antes pela reintegração nos íntimos valores do seu passado: é preciso uma economia que os aproveite e os desenvolva. Nisto, e não no mal disfarçado de cosmopolitismo do sr. Graça Aranha, deve consistir na nossa guerra de gerações.

Ergamo-nos para ela, os novos homens do Brasil. Façamos coletivo o drama íntimo de Ernest Psichari. Ponhamo-nos no vivo contato do nosso passado; no contato das virtudes que fundaram e criaram o Brasil; no contato da Igreja que nos civilizou as brutas terras e nos unem a todos os brasileiros, no contato das águas vivas da nossa tradição. Deixemos em nós, em nossa cultura espiritual, um lugar plástico às influências dos nossos mortos, dos nossos pais, dos nossos avós.

Realizado esse esforço doloroso de reintegração, também da obra anti-histórica da geração que nos precedeu, se poderá no futuro dizer: “La route un instant perdue” (FREYRE, DP 17/07/1924, grifo nosso)

Se naquele discurso realizado na Escola Americana Batista Freyre havia falado em termos de contemporização entre as gerações (FREYRE, DP 28/03/1923), nesse ele aponta justamente o contrário. De maneira que se percebe que, inflamado pela ameaça de desordem que sente emanar de todo o movimento tenentista em São Paulo, radicaliza e assume ainda mais enfaticamente a sua oposição à geração anterior, usando mesmo a expressão “guerra de gerações”. E faz um chamado aos “novos homens do Brasil” de maneira similar ao realizado por Bourne nos EUA do período da Guerra.

Freyre, porém, não fala do simples esquecimento do período da República, mas uma reintegração dessa obra “anti-histórica” a ser realizada junto da reintegração da obra de “bom senso” de seus avós num processo plástico e, portanto, criativo, de assimilação de sugestões a partir do contato vivo com os passados e as memórias dos mortos. Dessa maneira seria possível retomar a “rua” outrora perdida mencionada ao fim da última citação.

3.1.4 Traição ao Passado

Em “Traição ao Passado”, artigo publicado em 16 de agosto de 1925 no Diário de Pernambuco, Freyre apresenta um livro de Hipólito Raposo. Ele não especifica o título, mas provavelmente se trata da obra “Outro Mundo” publicado pela primeira vez entre 1917 e 1918. De acordo com Freyre, essa obra descreve o drama de uma família portuguesa desenraizada de sua tradição rural pelo urbanismo

e pelo liberalismo "agudamente característico do século XIX e começos do XX". A história é sobre uma

antiga família rural [em que] se verifica a traição de uma geração. Uma geração que abandona a velha casa, que abandona a velha fé, que manda destruir os castanheiros do solar e estender pelo jardim a plantação de milho e de couve, para assim sustentar os luxos da vida na capital e em Paris. [...] Sucede, entretanto, que a esse desgarramento da tradição rural de uma geração, se segue o esforço da nova para reintegrar-se e reabilitar-se no velho espírito. Esforço naturalmente doloroso. (FREYRE, DP 16/08/1925).

O romance, como se pode perceber pela apresentação realizada por Freyre, traz justamente a sua perspectiva diante das relações entre gerações. Nesse texto, porém, Freyre já não estava mais inflamado como antes e apresenta novamente a interpretação de gerações que, ao se sucederem, se corrigem nos excessos. No caso, observa-se uma geração mais nova que sofre diante da percepção de ter perdido contato com sua tradição familiar e localiza o momento de ruptura a partir da geração de seus pais. Nesse sentido, procura retomar o contato com o passado e com as tradições rurais outrora abandonadas: "reintegrar-se e reabilitar-se no velho espírito".

Freyre identifica a obra com o drama da vida de Ernest Psichari. Ele identifica o sofrimento do neto de Renan como um sofrimento "por assim dizer universal", uma "vida que se poderia chamar um romance dolorosamente vivido".

O personagem do romance de Raposo chama-se Vasco. Ele voltava à terra das raízes tradicionais de sua família ansioso por reintegração: "Volta sob o desencanto do mundo novo de Progresso e Sciencia e Democracia, que empolgara a geração de seu pai". Freyre faz uma relação entre as observações do romance no que diz respeito aos males da ideia de progresso, ciência e democracia e a "sem cerimônia" com que a cidade do Recife sofre diante do arrivismo daqueles guiados por essas ideologias. Diante das mudanças observadas na cidade – árvores antigas derrubadas, destruição de casarões para, no lugar se colocar "edificação amiudada, catita e espantosa" – diz que "a traição ao passado se verifica facilmente [pois] não encontra resistências".

Em boa parte dos artigos a que Freyre aborda questões estéticas, o que se observa é a associação entre estética e moral. É o que faz, por exemplo, em artigo de abril de 1924, intitulado "53". Nele, Freyre fala de como sumiu o velho Recife

que conhecia, “sujo de velhice”. Associa o sumiço do que considera “pitoresco local” à morte de “valores morais muito sérios”¹¹⁵.(FREYRE, DP 20/04/1924)

Nesse sentido, os movimentos artísticos, como o arquitetônico, fazem expressar a sensibilidade e decadência moral estimulada pela ideologia do liberalismo, observada no projeto de Progresso, no cientificismo e na democracia. Esses movimentos acusam a traição ao passado porque, como ocorrido com a Catedral da Sé de Olinda, destrói-se uma parte da história para substituí-la por traços que considerava sem vida, estrangeiros e homogeneizantes. Em artigo de nº 91 publicado em 11 de janeiro de 1925, Freyre denuncia “a sem-cerimônia das restaurações e das modernizações”. Questiona o direito que “uma simples mesa regedora” teria para indicar quem realizaria as restaurações (a seu ver, muito ruins). E identifica na restauração e modernização da Sé de Olinda como prova do “traço de inferioridade de toda uma geração” (FREYRE, DP 11/01/1925).

3.1.5 A propósito de Guilherme de Almeida

Esse artigo poderia ter sido alocado no tópico do capítulo anterior em que trago as reflexões acerca do Regionalismo. No entanto, preferi trazer para ser analisado junto desses textos, pois nele Freyre faz a ponte entre o regionalismo, o modernismo e o futurismo e narrativa que realiza acerca de uma geração mais nova precisar compensar os excessos da anterior. Nesse artigo, Freyre observa esses movimentos, que muitas vezes são lidos na chave de oposição, como a reação de uma mesma geração de brasileiros que começavam “a ver e viver velhas coisas brasileiras como se as visse e as vivesse pela primeira vez”. Compara a reação dessa geração com a que se observava nos EUA, da qual Randolph Bourne fez parte.

A justificativa de Freyre para englobar o futurismo nessa tendência de “ver e viver as velhas coisas brasileiras”, o que comporia normalmente um paradoxo, é a de que esse movimento no Brasil seria antes “primitivismo ou instintivismo”. E

¹¹⁵ Nesse artigo, Freyre cita o exemplo de Oxford que, entre outras cidades, conseguiu conservar o pitoresco através de suas transformações. “os reparos é que não devem exceder à crosta para ferir os valores íntimos, essenciais, da mesma paisagem”. “A moderna engenharia sanitária, reconhecendo os direitos da estética e da tradição, outro rumo não segue que o de respeitar o pitoresco natural e histórico das cidades”. Indica que devido ao furor imitativo e pela mania de simetria o pitoresco morre e, ao tratar da cidade de Recife, diz que sente morrer junto uma parte de si mesmo “Há coisas assim: acabam formando uma parte de nós mesmo. E ao desaparecerem deixam-nos um vazio na consciência difícil de reparar (...) Resignemos à melancolia desse destino: o de acabarmos estrangeiros na própria cidade natal” (FREYRE, DP 20/04/1924)

que “sendo uma revolta contra o passado imediato não é uma revolta contra o passado”. Aponta o exemplo do traço “deliciosamente brasileiro do sr. Vicente do Rego Monteiro” que devia à influência dos Primitivos e dos Pré- Rafaelitas

Muito tarde vamos chegando no Brasil a esse primitivismo: muito tarde estamos a falar em voz natural. Voz de adolescência inquieta. Voz quase de meninice pela primeira vez a opor seu "baby-talk", a que falta "r r" e "s s", às frases aprendidas e repetidas com a mais melancólica correção (FREYRE, DP 15/11/1925)

A imagem evocada por Freyre é a de bebês e adolescentes enfrentando a correção de seus pais quanto a maneira de se expressarem. Mais uma vez, a imagem da oposição de gerações, na qual a geração mais nova procura encontrar a própria voz, que seria então a sua voz natural. Trata-se, entre outras coisas, de estética no sentido de forma de expressão através das mudanças na estrutura da linguagem empregada: “Chegamos afinal ao sentido da insuficiência do soneto e do alexandrino como instrumento de expressão lírica de coisas e de vida brasileira”. Mas também remete a uma retomada do Brasil em sua brasilidade e que essa geração e suas ações compõem, “neste plástico, inquieto momento (...) as primeiras provas tipográficas de um imenso livro em preparo”.

Indica que só naquele momento começava no Brasil “o idioma português a libertar-se do declamativo e do acadêmico”. Afinal, esse atraso se devia ao fato de a “onda renovadora do chamado decadentismo” mal ter chegado nas praias brasileiras ao final do século XIX. E, portanto, “só hoje, e com muita promiscuidade e entre muito rufe-rufe de pandeiro de lata de gás, se acentual entre nós tendencias renovadoras a animares de um sabor brasileiro nossa expressão artística”.

Faz relação entre a “*New Poetry*” norte americana com a reação que se observava no país, principalmente “na jovem poesia de Manuel Bandeira, de Ronald de Carvalho, de Ribeiro Couto, de Guilherme de Almeida”. Indica que a ânsia desse movimento artístico no Brasil era a de falar das coisas nacionais, regionais e locais “nunca dantes poetizadas, antes havidas como coisas vergonhosas”. Encontra, portanto, nessas novas expressões, o meio pelo qual se exprime a verdadeira consciência da identidade brasileira.

Freyre fala, então, da necessidade de um teórico que explicasse, de dentro, essa jovem poesia brasileira. Guilherme de Almeida teria se prestado ao papel, porém, o escritor paraibano questiona se o poeta estaria apto para esse trabalho. Seus receios diante de Almeida são oriundos da concepção estreita que ele teria de tradição e de regionalismo. Conforme Freyre, Almeida entendia o conceito de

tradição como “um tristonho peso morto” e observava o regionalismo como limitação.

O sr. Guilherme de Almeida não distingue a tradição que se vive, da tradição que se cultiva a discurso e a fraque e a hino nacional e a vivas à República. Ele não distingue o regionalismo a Jeca Tatu, caricaturesco e arrevesado, do regionalismo que é apenas uma forma mais direta, mais sincera, mais prática, mais viva de ser brasileiro (FREYRE, DP 15/11/1925)

Ao fim, Freyre, argumentando ainda a respeito do Regionalismo como forma mais direta e viva de ser brasileiro, fala que um nordestino não pode desprezar essa forma de vida que lhe é tão familiar, que está impregnada na sua vivência para, em seu lugar, abraçar uma ideia que considera vaga de brasileirismo. Pois a forma de vida regional seria mais vivida e concreta do que uma ideia abstrata da forma de vida brasileira. Afinal, a concepção nacional de Freyre (1967) perpassa pela ideia de um país formado pela articulação e interdependência de diferentes regiões. Essas regiões eram observadas em seus pontos de contato, como o patriarcalismo apresentado em sua tese de mestrado e que posteriormente constaria nas suas grandes obras da década de 1930. Mas também observadas em suas particularidades, em suas reservas das características e tradições culturais matizadas ao longo do tempo. Nesse sentido, dá um lugar de destaque para o Nordeste e, dentro dele, para Pernambuco – embasado numa memória regional, que observa a “Nova Lusitânia” de Duarte Coelho, ainda no século XVI, como o ponto de origem da cultura que viria a ser a brasileira.

*

Como espero que tenha ficado claro, Freyre assumiu a ideia de uma geração como identidade, a qual servia tanto para se opor a um grupo anterior – a geração responsável pela República – quanto para se aproximar de intelectuais do Sul do país (Rio e São Paulo). Ao se ter consciência disso, percebe-se que as chaves que interpretam Freyre em oposição ao Modernismo de São Paulo, por exemplo, acabam se tornando artificiais, pelo menos quando aplicadas ao período da década de 1920.

Como mostramos anteriormente, a relação que Freyre estabelece com esses outros grupos é a de uma reação conjunta contra as imposições de um “furor neófilo”, estrangeiro, que descaracterizava o país de suas particularidades. Assim, observava que, como ele, esses outros jovens intelectuais e artistas estavam

empreendendo um esforço para evocar um Brasil brasileiro a partir da cultura gestada em suas raízes, gestada em seu meio popular. E rejeitar, assim, a cultura importada “de almanaque francês”.

A concepção de geração aparece para Freyre em relação direta com a guerra, na qual se identifica uma oposição: a geração que fez a guerra a partir de seus gabinetes envia, como se fosse um sacrifício, uma geração mais nova para os campos de batalha. Em suas aulas com Giddings, essa percepção se aprofunda ao compreender entre as gerações uma relação de contemporização e correção dos excessos umas das outras – seria dessa maneira que a história sucedia, através de um equilíbrio entre opostos.

Portanto, as transformações sociais se dariam através dessa relação agônica de constante sucessão de gerações que modelam o mundo – ou seu contexto mais específico – à sua semelhança, isto é, a partir de suas necessidades sociais, econômicas, culturais, estéticas e morais. Nesse ponto, os intelectuais, interpretados como gestores culturais, aparecem como elementos essenciais na produção de visões de mundo, ideologias e utopias.

3.2 O problema da geração

Como demonstrado no tópico anterior, a ideia de geração ocupa um lugar de destaque na reflexão crítica que Freyre faz não apenas do Brasil como também dos EUA e da Europa. Há uma passagem de Alceu Amoroso Lima, do texto “Dois Amigos” publicado no periódico “Terra de Sol”, que diz: “Quando um de nós fala em ‘nossa geração’, é quase certo que entende dizer ‘eu e meus amigos’” (LIMA, 1924). Freyre, em primeira instância estava sim se referindo a aqueles com quem possuía contato e afinidades. Mas, para além da abordagem modernista e tradicionalista, ele estava se direcionando a um problema maior, que abarcaria a todos os brasileiros da geração da guerra – isto é, a geração que era jovem quando a Primeira Guerra começou. Identificou a necessidade de se estabelecer uma cultura de fato nacional. Problema que poderia começar a ser resolvido a partir do esgarçamento da ideologia liberal, que já não era mais adequadas para lidar com o Brasil brasileiro que desejavam evocar.

Pecaut (1990) chama atenção para o fato de que os intelectuais no Brasil se consolidaram atuando na política através da produção cultural. Essa interpretação encontra fundamento na análise realizada por Oliveira (1990) acerca dos intelectuais na Primeira República, em obra que analisa o intercruzamento entre política e cultura. Acerca dos intelectuais nas primeiras décadas do século XX no Brasil a autora aponta que:

Os intelectuais, independente da sua origem de classe, da sua formação bacharelesca ou especializada, mantiveram-se ocupados em "pensar" o Brasil e em propor caminhos para a salvação nacional. Ao atuarem na construção de consciências coletivas, os intelectuais consideram-se imbuídos de uma missão e procuraram difundir suas propostas mediando aspirações nacionais e políticas governamentais. Nesta tarefa missionária foram os intelectuais que procuraram criar um ideário nacional baseado em um culto a uma tradição passada ou trabalharam na construção de uma nova tradição (OLIVEIRA, 1990, p.187)

Ela ainda determina que dos anos 20 até o Estado Novo, o que se observou foi uma dinâmica de aproximações sucessivas que congregou diferentes correntes e autores em prol de um ideal comum: “modernizar o país mantendo os vínculos com a tradição” (OLIVEIRA, 1990, p. 197). Observação que coaduna com a de Cesar Braga-Pinto (2018) de que durante esse período no país, as rivalidades se abrandaram. Os intelectuais “novos” passaram a se reconhecer como membros de uma mesma geração, que possuíam uma missão e responsabilidade para com o destino do país. Tendo em vista a particularidade desse momento, nesta tese deu-se mais atenção a relação de Freyre com a ideia de geração do que com os grupos pelos quais circulava no Recife. E a geração a qual Freyre se identifica nutria um grande ressentimento pela República. Conforme observa-se em Pecaut (1990), o ressentimento demonstrado pelo jovem intelectual pernambucano não era exceção. Esse ressentimento era um sentimento compartilhado por outros intelectuais da época:

Tal ressentimento demonstra o horror desses intelectuais diante de um regime que sob o pretexto de uma política de governadores, se entregara aos acordos entre as oligarquias regionais, como também diante de uma ostentação insolente das fortunas. A geração dos anos 20, confrontada com uma república incapaz de constituir a nação, alimentou-se desse ressentimento. (PECAUT, 1990, p. 23)

Como demonstrado no capítulo anterior, as menções ao modernismo de São Paulo durante a década de 1920, pelo menos de acordo com seus artigos de jornal, é pontual. Freyre menciona a mocidade culta de São Paulo e lamenta alguns excessos realizados em nome de um futurismo. A propósito do modernismo, Freyre

(1975) em 1924, aponta a necessidade de estar atento “ao que nos prometem os bons modernos do Rio e de São Paulo”:

é bom estar a gente de longe dos rancos daqueles “modernistas” daquém e d’além-mar, mas que já não parecem ter o que dar a ninguém – nem mesmo aos adolescentes mais adolescentes. A não ser ruído. Escândalo. Sensação. Entretanto temos que estar atentos ao que nos prometem os bons modernos do Rio e de São Paulo, que, não fazendo do “modernismo” seita, começam a escrever a língua portuguesa e a tratar de assuntos – inclusive os velhos ou de sempre – com uma nova atitude ou lhes dando um novo sabor: Bandeira, Ribeiro Couto, Drummond, Emílio Moura, Prudente, Sérgio, Oswald de Andrade. Mário de Andrade, Andrade Murici, Grieco. Alguns eu conhecia desde a Europa. Noutros venho sendo iniciado por José Lins. Com eles, a língua portuguesa talvez se liberte daquele artificialismo castiço que faz de certos puristas umas caricaturas de si próprios. Há o perigo apostro: o do artificialismo dos antipuristas por “modernismo” sectário. Um modernismo tão postiço que suas vozes me soam sempre carnavalescas. Não consigo me entusiasmar por certas andradices de Mário. Prefiro as andradices “modernistas” do outro Andrade, embora “Noturno de Belo Horizonte” – de Mário – me pareça um belo poema numa nova língua portuguesa. (FREYRE, 1975, p. 268)

Sobre Mario de Andrade chega a escrever, em seu diário em 1924, que ele é postiço em seu modernismo copiado da Europa. Mas pondera: “Justiça lhe seja feita, porém; está agora procurando inteirar-se da situação brasileira além de São Paulo – até da Amazônica. E mais catártico que Mário talvez seja Oswald de Andrade” (FREYRE, 1975, p. 274). Em artigo de 1926, diz considerar Mario de Andrade e ele próprio como os dois intelectuais mais plagiados, em forma de expressão, no Brasil de 1920 (FREYRE, DP 27/10/1926). Fala também da inteligência de Oswald de Andrade, impressão que teve quando o conheceu em Paris em 1922 (FREYRE, 1975). E em 1926 também considera que Oswald e Mário de Andrade, ao lado de alguns outros modernistas, estavam em seu melhor momento (FREYRE, 1975, p. 405). Em 1929, ao falar sobre as colaborações que pensava para o jornal “A Província”, que era então editor, fala que

Mário de Andrade não me interessa: de modo notável, está sendo um admirável renovador de artes e de letras brasileiras, mas é artificial em muita coisa. Artificial demais. Oswald de Andrade, também, embora bem mais inteligente e autêntico que Mário. (FREYRE, 1975, 470)

Fora encontrar certa artificialidade nalguns intelectuais modernistas de São Paulo, considerava que eles trouxeram boas contribuições na constituição de uma estética e cultura brasileiras. Não chega, portanto, a apontá-los como oposição ou identificá-los como algum tipo de rivalidade.

O grupo contra o qual se opõe é outro. É o que identifica como “geração de nossos pais”. A consciência de geração lhe foi desperta ao ler intelectuais do pós-

guerra e ter contato com a Europa que lidava com as consequências da Primeira Guerra Mundial. Nesses contatos, Freyre se conectou com aquela sensibilidade que lhe faz sentir como parte de um grupo maior, de uma geração que lidava com as consequências funestas da geração que “fez” a guerra.

No Brasil, que não sofreu propriamente com a guerra, identifica a ideologia em comum – o liberalismo ornado pelo positivismo e pelo cientificismo. Em sua compreensão, a mesma ideologia que embalou a Guerra, minou a monarquia e serviram de base para a concepção e instauração da República no país.

Interessante país é o Brasil, pela inversão de papéis sociais. Sempre temos vivido nessa confusão. No tempo do império não se sabia qual era o partido liberal e qual o conservador: eram como que a mesma zebra. No que não vai nenhum sentido pejorativo. Quero dizer: eram como a zebra. A qual não se sabe se é um animal escuro malhado de branco ou um animal branco malhado de listras escuras. Os dois partidos do Império confundiam o observador pelo liberalismo em que se procuravam extremar. E ainda hoje é difícil, no Brasil, distinguir certos padres, de pedreiros livres. E de vez em quando agricultores de cana e outros elementos chamados conservadores assumem entre nós atitudes de L. W. W. *E há pais que por muito fingir mocidade e pela prática de excessos que só nos novos se toleram, forçam os filhos a precocemente acinzentar-se em homens velhos; a fazer as vezes e o ofício de patriarcas. Assim vivemos, nesta república de bananeiras. Ou os papéis se truncam, ou dois elementos que deviam por natureza ser contrários, neutralizando excessos, põem-se de um lado só - como no tempo do Império o Imperador, os conselheiros, os barões, os dois partidos e parte do clero - ao lado do liberalismo* (FREYRE, DP 01/03/1925, grifo nosso)

O conceito ou categoria analítica de geração, no entanto, não surgiu na década de 1920. Braga-Pinto (2018) aponta que, apesar de Hume e Comte já terem versado sobre o tema, provavelmente foi Wilhelm Dilthey (1833 – 1911) quem realizou uma primeira tentativa de definição do conceito de geração. Seu conceito é um desdobramento da ideia de Comte, que indicava que novos grupos geracionais possuíam o instinto de inovação que desafiava o instinto de conservação dos grupos geracionais anteriores. Dilthey, em sua definição, estabelecia que uma geração é o período necessário para regeneração, no sentido de que cumpriria o período entre a instabilidade gerada pela inovação até a instauração de uma nova ordem. Ele ainda estabelece o período de trinta anos, que seria o suficiente para um indivíduo estabelecer de forma responsável, suas condições de reprodução, se não biológica, ao menos intelectual. Geração compreenderia também um grupo com tendências difusas. Ainda, de acordo com o balanço realizado por Braga-Pinto (2018), a concepção do termo de Dilthey não se refere a

submissão do individual ao social, mas sim uma relação específica do indivíduo com o contexto e o destino coletivo, uma forma compartilhada de receptividade

(ou de recusa) às condições e ao clima intelectual contemporâneos, assim como às influências do passado e da educação recebida. *Dessa forma, a identidade de uma geração como coletividade caracteriza-se tanto por ruptura e esquecimento como por continuidade e memória.* (p. 276, grifo nosso)

A questão sobre as gerações aparece como uma forma de dar inteligibilidade para as transformações que ocorrem, historicamente, na sociedade. Transformações que se manifestam das mais diferentes formas: nas ideias e correntes ideológicas e, conseqüentemente, na educação; na estética; na forma de compreensão e de composição das narrativas históricas; nas técnicas, tecnologias e formas de produção e demais manifestações culturais, políticas, econômicas etc.

Sobre o tema, há o reconhecido texto de Mannheim, “O problema das gerações”¹¹⁶ publicado, pela primeira vez, em 1928¹¹⁷. Se observarmos a data de sua primeira publicação assim como a data de publicação dos textos com os quais estava dialogando percebemos que a questão geracional se colocava como um problema do espírito do tempo, de maneira que não apenas instigava o autor dos textos aqui analisados, no contexto específico do Brasil dos anos 1920, como foi também tema para intelectuais contemporâneos da Alemanha e de outros países¹¹⁸. Nas referências bibliográficas do texto de Mannheim (1993) percebemos que a maioria dos textos foram publicados (ou são edições de) entre final do século XIX e o ano de 1928 (data da própria publicação). Encontramos autores como o já mencionado Dilthey, François Mentré, M. Cournot, Ortega y Gasset, W. Pinder, G. Valois, Spranger, Rümelin entre outros. Afinal, Mannheim realiza, na primeira parte do texto, um balanço a respeito das formas que o conceito foi abordado e definido, para depois realizar sua contribuição.

Mannheim (1993) se coloca justamente contra a forma como os positivistas organizaram a questão, isto é, contra uma visão, muito praticada na França, marcada

¹¹⁶ Optei por utilizar, como referência, a tradução em espanhol realizada por Ignacio Sanchez de La Yancera, em 1993, para a Revista Espanhola de Investigações Sociológicas, nº 62, que se trata de uma tradução direta do alemão e não a tradução brasileira que foi realizada a partir de uma versão em inglês. Após pesquisar, percebi que a versão de De La Yancera era indicada como a mais completa, inclusive por fornecer também as notas e referências bibliográficas utilizadas por Mannheim no texto original. La Yancera procurou manter o mais fielmente as referências, fornecendo, quando possível, versões em espanhol que já existiam à época.

¹¹⁷ Sob o título “Das Problem der Generatione” publicado em dois números do periódico “Kölner Vierteljahreshefte für Soziologie” (que esteve ativo entre os anos 1921 e 1934) ano VII, n:2, pág. 157 – 185; e n:3, pág.: 309 - 330

¹¹⁸ Mannheim (1993) cita textos de Hume e Comte, que pertencem ao século XVIII e início do século XIX, que chegaram a abordar o tema de uma maneira pré e, definitivamente, positivista. Como referência para se compreender as abordagens de Hume e Comte, Mannheim indica o livro “Les generations sociales” de F. Mantré de 1921. Fora esses dois autores, os demais textos com os quais dialoga são contemporâneos.

pelo determinismo biológico e por cálculos matemáticos que buscavam demarcar os exatos anos que compõem cada geração, numa espécie de fórmula/lei geral. Também procura ponderar os excessos da historiografia romântica, encontrando sua maior expressão principalmente entre os intelectuais alemães. Dessa maneira, enquanto na França o positivismo estava aliado a ideia de progresso, na Alemanha, o romantismo foi movido por impulsos conservadores. E, conforme Mannheim (1993), como base dessas duas correntes encontravam-se concepções diferentes sobre o tempo e sobre a ideia linear de progresso.

Este pensamento [positivista], desenvolvido pelos impulsos dos liberais modernos, operou desde o início com uma concepção exteriorizada e mecanicista do tempo, procurando encontrar no tempo quantitativo e mensurável um padrão adequado à medição do progresso linear. Nesta perspectiva, a sucessão de gerações aparece também, sobretudo, como um acontecimento que, em vez de quebrar o carácter retilíneo da sucessão do tempo, o articula. No que diz respeito à mudança geracional, o mais importante continua a ser a sua consideração como o fator essencial do progresso.

Mas é precisamente esta concepção de progresso que é desmantelada, fase a fase, quando o pensamento histórico-romântico alemão - tomando o impulso do ponto de vista conservador - se esforça diretamente por encontrar no problema geracional uma contraprova à linearidade do fluxo temporal da história. Desta forma, o problema geracional é transformado no problema da existência de um tempo interior que não pode ser medido e que só pode ser entendido como algo puramente qualitativo (MANNHEIM, 1993, p 198 – 199 – tradução minha)¹¹⁹

Não tenho a pretensão, como também estaria fora do escopo da presente pesquisa, de dedicar o tempo necessário à discussão sobre a constituição do tempo conforme as seguintes correntes mencionadas. No entanto, gostaria de chamar a atenção para o fato de que, desde as correspondências trocadas¹²⁰ com Oliveira Lima, observa-se tanto em Freyre como em seu mestre a preocupação com os caminhos da historiografia, de forma que constantemente tecem críticas ao método

¹¹⁹ “Ese pensamiento, desarrollado por los impulsos de los liberales modernos, ha operado desde el principio con un concepto del tiempo externalizado y mecanicista, procurando hallar en el tiempo cuantitativo y mensurable un patrón apto para medir el progreso lineal. Desde esa perspectiva, también la sucesión de generaciones aparece, ante todo, como un acontecimiento que, más que quebrantar el carácter rectilíneo de la sucesión del tiempo, la articula. En lo que respecta al cambio generacional, lo más importante sigue siendo su consideración como el factor esencial que impulsa el progreso.

Pero es precisamente esta concepción del progreso la que se desmonta, fase por fase, cuando el pensamiento histórico-romántico alemán —recogiendo el impulso del punto de vista conservador— se esfuerza directamente en encontrar en el problema generacional una contraprueba frente a la linealidad del flujo temporal de la historia. De esta manera, el problema generacional se transforma en el problema de la existencia de un tiempo interior no mensurable y que sólo se puede comprender como algo puramente cualitativo”. (MANNHEIM, 1993, p 198 – 199)

¹²⁰ Trata-se do período de troca de cartas mais intenso, por volta dos anos 1921 e início de 1923

positivista. Essa é uma informação importante pois indica que, no que concerne a maneira de trabalhar a história, o tempo e a memória, Freyre se aproxima do romantismo alemão. Isto é, parte de uma concepção mais qualitativa e não estritamente linear do tempo, ao ponto de se permitir questionar a concepção de progresso até então em voga e considerar uma revisão do passado para reorientação do futuro.

Ainda conforme a análise de Mannheim (1993), percebe-se que um dos pontos principais do problema geracional é a forte relação existente entre geração e mudanças sociais. Mais especificamente, os efeitos que certos “grupos geracionais¹²¹” são capazes de exercer sobre seu contexto, ao ponto de serem protagonistas de grandes transformações sociais, culturais, econômicas e políticas que demarcam a transição para um novo período da história, seja de um estado, região, país ou mesmo no mundo (os impactos das gerações do pós-guerra ou de 1968, por exemplo). Esses “grupos geracionais” são, muitas vezes, compostos por alguns intelectuais proeminentes da geração, os quais são responsáveis pela apresentação de uma composição de valores e princípios alternativa que oriente a mudança.

Mannheim (1993) observa ainda que cada novo grupo de pessoas que nasce encontra um mundo diferente daquele que seus descendentes encontraram, de maneira que experienciam a cultura também de forma distinta. Em consonância, as experiências e sentimentos de cada geração encontra um limite de possibilidades. Isso ocorre devido ao pilar principal de seu argumento: a posição geracional. Isso é, a posição que o indivíduo ocupa no âmbito social.

A afinidade de posição que pode existir numa esfera social só pode ser determinada através da indicação do contexto concreto no qual, e através do qual, alguém se encontra similarmente situado na vida sócio-histórica. [...] A posição geracional (die Generationslagerung) baseia-se na existência do ritmo biológico no "estar aí"

¹²¹ Mannheim aponta aqueles que se encontram diretamente relacionados com esses processos, isto é, tocados pelas mesmas questões de seu contexto, experimentam o que chama de *conexão geracional*. No entanto, nem todos que compartilham de uma conexão geracional interpretarão o processo de renovação da mesma forma. Nesse sentido, o autor nos apresenta o termo *Unidade geracional* para dar conta dos pequenos grupos que se formam dentro de uma geração e que são compostos por indivíduos coetâneos com afinidades ideológicas. Em suas palavras: “La unidad generacional es, por tanto, una adhesión mucho más concreta que la que establece la mera conexión generacional. La propia juventud que se orienta por la misma problemática histórica-actual, vive en una «conexión generacional»; dentro de cada conexión generacional, aquellos grupos que siempre emplean esas vivencias de modos diversos constituyen, en cada caso, distintas «unidades generacionales» en el ámbito de una misma conexión generacional.” (MANNHEIM, 1993, 223)

do homem: nos factos da vida e da morte e no fato da idade. Encontramo-nos numa posição semelhante à dos outros na corrente histórica dos acontecimentos sociais porque pertencemos a uma geração, ao mesmo "ano de nascimento" (MANNHEIM, 1993, p. 208 – tradução minha)¹²².

Para explicá-la, Mannheim (1993) a aproxima da ideia de posição de classe para indicar que: 1 – assim como pertencer a uma classe não significa, imediatamente, pertencer a um grupo consciente de sua situação, o mesmo vale para geração; 2 – pessoas numa mesma situação geracional estão à mercê de influências similares sobre suas experiências, sentimentos e pressões advindas dos contextos culturais e sócio-políticos nos quais os indivíduos se formam. Daí a importância do contexto (cultural, político, social, econômico) sobre os dados de nascimento, crescimento e socialização¹²³. Pois, a posição específica que se ocupa no contexto sócio-histórico leva uma geração a compartilhar algo em comum, o que chama de “tendência inerente”.

Esta característica comum consiste no fato de limitarem os indivíduos a um determinado campo de jogo dentro dos acontecimentos possíveis e de lhes sugerirem, assim, um modo específico de viver e de pensar, um modo específico de se inserirem no processo histórico. Portanto, uma tal posição elimina assim, de partida, muitas modalidades e formas de viver, pensar, sentir e agir possíveis em geral, e delimita certas possibilidades circunscritas como campo de jogo para as realizações da individualidade. Mas ao estabelecer esta limitação negativa, não damos conta de toda a questão. Pois há também, num sentido positivo, uma tendência para determinados modos de comportamento, de sentir e de pensar, que é inerente a cada uma destas posições, e que os sociólogos podem apreender de forma abrangente a partir do poderoso peso da posição (MANNHEIM, 1993, p. 209 – tradução minha)¹²⁴.

¹²² La afinidad de posición que pueda existir en un ámbito social sólo puede determinarse indicando la contextura concreta en la cual, y por medio de la cual, uno se encuentra situado de modo parecido dentro de la vida sociohistórica. [...] la posición generacional (die Generationslagerung) se fundamenta en la existencia del ritmo biológico en el «ser ahí» del hombre: en los hechos de la vida y de la muerte y en el hecho de la edad. Uno se encuentra en una posición parecida a la de otros en la corriente histórica del acontecer social debido a que pertenece a una generación, a un mismo «año de nacimiento».” (MANNHEIM, 1993, p. 208)

¹²³ Mannheim não nega os fatores biológicos que se encontram como constante da questão. O fato de estarmos implicados num ciclo de vida que compreende sucessivos nascimentos e mortes é essencial para a explicação do fenômeno das gerações, mas não é, por si só, suficiente para dar conta do problema. “El fenómeno sociológico de la conexión generacional se fundamenta en el hecho del ritmo biológico del nacimiento y de la muerte. Estar fundamentado en algo no llega a significar ser deducible de, estar contenido en, ese algo. Un fenómeno que se fundamenta en otro no puede darse ciertamente sin él, pero contiene en sí, en contraposición con el fenómeno que lo fundamenta, un sobreañadido cualitativamente propio y no deducible de aquél.” (MANNHEIM, 1993, p.209)

¹²⁴ “Esa característica común consiste en que limitan a los individuos a determinado terreno de juego dentro del acontecer posible y que les sugieren así una modalidad específica de vivencia y pensamiento, una modalidad específica de encajamiento en el proceso histórico. Por lo tanto, una posición de ese tipo elimina, de entrada, un gran número de las modalidades y formas de vivencia, pensamiento, sentimiento y acción que son posibles en general, y delimita determinadas posibilidades circunscritas como terreno de juego de las realizaciones de la individualidad. Pero al

Tendo isso em vista, de acordo com Mannheim (1993), pode se resumir a questão geracional da seguinte maneira: As gerações consistem a) no constante nascimento de novos portadores de cultura; b) consequentemente, pela constante saída dos portadores de cultura anteriores; c) pelo fato de que os portadores da cultura (de uma determinada conexão geracional) só participam durante um período limitado do processo histórico; d) pela necessidade da tradição – transmissão constante dos bens culturais acumulados e, simultaneamente, e) pela contínua transformação social.

Assim, Gilberto Freyre, no que se refere ao período da década de 1920, pode ser descrito a partir da concepção de novo portador de cultura que, através do distinto acesso aos bens culturais acumulados de sua posição, não apenas de classe como também de geração, aponta para as demandas e mazelas de seu tempo, desvelando novos problemas e soluções. Com isso, a geração de seus pais é vista como aquela responsável pelo cenário de instabilidade no qual se encontrava¹²⁵. Estes seriam, portanto, os portadores de cultura que estão sendo questionados e convidados a “sair de cena” naquele momento de crise. Há, portanto, uma disputa não só política como também geracional pela orientação cultural que guiaria o país para fora da crise.

O novo acesso à cultura empregado por esse personagem implica num balanço e revisão dos valores e atitudes até então disponíveis e, consequentemente, a proposição de novos seguimentos. Essa é, afinal, uma das formas constantes pelas quais as mudanças sociais ocorrem.

na nossa vida social, o fato da irrupção constantemente renovada de homens novos é a compensação direta do facto da parcialidade de cada consciência individual. *A irrupção de homens novos faz, certamente, com que se percam bens constantemente acumulados; mas cria inconscientemente a nova escolha que se torna necessária, a revisão no domínio do que está disponível; ensina-nos a*

fijar esa limitación negativa, no nos hemos hecho cargo de todo. Porque existe, además, en sentido positivo, una tendencia hacia determinados modos de conducta, sentimiento y pensamiento, que es inherente a cada una de esas posiciones, y que los sociólogos pueden captar comprensivamente a partir del poderoso peso de la posición” (MANNHEIM, 1993, p. 209)

¹²⁵ Isso não quer dizer que uma geração sempre aparece em desacordo com a anterior. Como nos mostra Laín Entralgo (1945), não podemos reduzir a questão das gerações à visão simplificada de jovens x velhos; de que os jovens são progressistas e os velhos são conservadores etc. Tudo isso é relacional e só pode e deve ser compreendido em consonância com o contexto no qual essas relações se desdobram.

esquecer o que já não serve, a reivindicar o que ainda não foi conquistado (MANNHEIM, 1993, p. 213, grifo nosso)¹²⁶.

Parece-me que esse é o movimento que Freyre sinaliza, principalmente no que concerne à postura que adota diante de sua missão geracional. Ao colocar sua trajetória em perspectiva, pode-se observar que, para além do deslocamento histórico-social de sua geração, experienciou também o deslocamento geográfico através do período em que esteve no exterior. E o deslocamento de classe através do longo processo de decadência dos senhores de engenho do qual descende, deslocamento este que se desdobra, simultaneamente, em político e econômico. Através desses deslocamentos ele foi capaz de, paulatinamente, se tornar consciente de sua posição, tanto geracional quanto referente às especificidades de situação de sua própria região e classe.

Não surpreende que o tema das gerações, entendida não simplesmente como faixas etárias, mas como identidade de grupos, tenha tomado a atenção de intelectuais no começo do século XX, principalmente diante do impacto da Primeira Guerra Mundial. Havia uma preocupação diante do destino das nações civilizadas, ainda mais quando performavam um evento de tamanha brutalidade. Braga-Pinto (2018, p. 277) indica que a Guerra, ao mesmo tempo que estimulava uma fraternidade entre as nações, se desdobrava também em nacionalismos de maneira que se percebe mobilizados os sentimentos de pertença, de reconhecimento de valores e princípios compartilhados e até mesmo de uma “missão ou destino histórico”. Em suma:

o conceito de geração pode servir para se compreenderem ou se fixarem diferenças, sentimentos de pertença ou de exclusão, posições de liderança ou submissão, movimentos de inovação e *conservação, assim como continuidades e descontinuidades históricas* (BRAGA-PINTO, 2018, p. 278, grifo nosso)

O movimento que compreende o processo tanto de recordação de valores como também de esquecimento daquilo que não se faz mais útil ou adequado ao momento presente e vindouro consta nos textos de Freyre analisados no tópico “A culpa da geração de nossos pais”. É como se se tratasse da descoberta e, ao mesmo tempo, invenção de um passado útil, com suas tradições e valores que podem ser

¹²⁶ en nuestra vida social, el hecho de la irrupción constantemente renovada de hombres nuevos es la compensación directa del hecho de la parcialidad de cada consciencia individual. La irrupción de nuevos hombres hace, ciertamente, que se pierdan bienes constantemente acumulados; pero crea inconscientemente la novedosa elección que se hace necesaria, la revisión en el dominio de lo que está disponible; nos enseña a olvidar lo que ya no es útil, a pretender lo que todavía no se ha conquistado. (MANNHEIM, 1993, p. 213)

renovadas e incorporadas no presente. Assim, a memória eleva-se como elemento importante para a compreensão da narrativa tal como adotada por ele. Tanto em seus textos quanto no próprio propósito do Centro Regionalista do Nordeste, Freyre reafirma a defesa e o compromisso de reintegração do passado ao presente.

De acordo com Pollak (1992) a memória deve ser entendida “como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (p. 2). Nesse sentido, não se trata apenas da memória própria de Gilberto Freyre como também daquela que envolve a experiência da coletividade na qual estava (ou se sentia) inserido.

Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada. De fato, [...] podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação. (POLLAK, 1992, p. 2)

Esse movimento pode ser observado nas gerações anteriores, na constituição de suas próprias narrativas históricas. Assim como a narrativa e valores imperiais deixaram de ser adequados ou suficientes para dar conta das mudanças sociais e técnicas que passavam a ocorrer de forma acelerada já no último terço do sec. XIX, a República se vê afundada em problemas e demandas oriundas de novas transformações na sociedade. Como num incessante passar de bastão, observa-se na crise dessa República e na profusão de novas transformações sociais a abertura para que outra narrativa seja eleita e, assim, legitime uma nova forma de organização da sociedade. Uma nova concepção de sociedade e de nação necessária para uma nova geração dirigente.

Dessa maneira, abriu-se espaço para a releitura da história nacional e para a interpretação do Brasil. A partir da década de 1920, movimentos de jovens no Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Recife procuraram, na esfera cultural conjugada com a política, proporcionar os parâmetros de brasilidade e as bases da identidade e consciência da nação. Freyre movido pela missão relegada aos de sua geração, se coloca como um “arquiteto” cultural do novo Brasil que queria ajudar a redescobrir.

Os pontos negativos que o jovem pernambucano enxergava no Brasil de seus pais ou Brasil da República constam já nos textos discutidos anteriormente: uma busca cega pelo novo e pelo progresso que levaram a uma sociedade que

alcançou certo progresso material, mas que falhou em concretizar o progresso espiritual - moral. Em parte, responsabiliza o liberalismo e o excesso de positivismo e cientificismo pela instabilidade generalizada que experimentava em seu tempo. Nesse sentido, demonstrava desconfiança para com o processo de modernização enquanto olhava para o passado em busca de alicerces para retomar o processo de progressão espiritual e cultural necessários para reordenar a sociedade.

Seu olhar para o passado se dá através do acesso a diários de viajantes, memórias e jornais da época de seus avós. Ele trabalhou também com memórias relativas à história nordestina – vide Regionalismo. Assim, olhou para o Brasil do passado através da Região Nordeste, de forma que o resgate da memória regional ajuda a compreender melhor como se dá a construção complexa do projeto de Brasil que vislumbrava.

A memória regional do Nordeste esbarra, porém, na memória nacional, haja vista que a Região testemunhou muitas das revoltas e rebeliões contra a Coroa. Portanto, essa memória apresenta intercessões e tensões tanto com a historiografia produzida durante o império, quanto com a que foi ofertada depois pelos republicanos.

Freyre, com seu Regionalismo, recupera a memória regional, ao lado da memória de seus avós, para embasar seu diagnóstico do presente. Daí ter a concepção de tradição interrompida. Pois a narrativa adotada pela República implicava em romper com a história do Império. Mais importante ainda, negligenciava as importantes contribuições da região, e principalmente de Pernambuco, para a manutenção do território. Passado essencial para sustentar sua importância diante do conjunto nacional.

A memória aparece nesta análise atrelada ao conceito de geração e de intelectuais, pois é através dela que se dão os vínculos de continuidade sugeridos por Freyre. As gerações com suas respectivas culturas não se constituem a partir do zero, elas criam a partir da revisão, reforma e/ou transformação de uma cultura já existente.

Freyre, como já foi indicado, tanto no período em que estava nos EUA quanto durante sua viagem pela Europa, se identificou com uma juventude do pós-guerra que recusava a herança de seus “pais” espirituais, na volúpia (para usar um termo muito utilizado por Freyre) de criação, reforma ou reconstrução de uma nação com sua cultura e valores próprios.

Assim, simpatizou-se com movimentos reacionários e de restauração que encontrou em Portugal e na França, assim como se sentiu inspirado pelo romantismo da juventude alemã e pela harmonia entre tradição e modernidade na Inglaterra. De maneira que, ao voltar para o Brasil e diante do choque ao perceber as intensas mudanças (principalmente materiais) no “seu” Recife, encontra-se movido para um resgate ou recordação do passado, com suas formas de vida e valores respectivos. Ele procurou operar e refletir sobre a chave dos esquecimentos: acusa a geração anterior pelo esquecimento das contribuições da coroa portuguesa para a constituição do Brasil; utiliza do mesmo meio para realçar as contribuições desse passado que devem ser valorizadas, e opera o esquecimento com visis a amenizar as mazelas e violências sofridas ao longo dos quatro séculos sob a Coroa.

É, portanto, com o intuito de reatar o fio da continuidade que Freyre buscou as memórias de seus avós. E o agente dessa reconstrução era a geração a que pertencia. Esse destino comum o vinculava com toda reação da “gente nova” que observava no país – inclusive com os modernistas de São Paulo. Buscou a tradição cultuada nesse passado para ajudá-lo no contexto que vivenciava, numa equação tal qual a apontada por Le Goff (1990): o passado reconstruído em função do presente, assim como o presente explicado a partir do passado.

Considerações Finais

Diante das crises que nos aparecem nos dias de hoje, que estavam à flor da pele diante da pandemia não apenas de COVID 19 como também de “fake News”; diante do ataque às ciências, às universidades públicas; diante do que parece ser uma crise nas democracias ao redor do mundo, diante do aparente desmantelamento do discurso de direitos humanos ou acerca de dignidade humana (e poderia continuar listando possíveis focos de crise da atualidade), por que se virar para o passado? Por que se virar para a trajetória de um autor específico situada cerca de um século atrás?

Piketty (2019), na introdução de sua obra “Capital e Ideologia”, aponta tanto para a importância (e no caso o efeito concreto) das ideias quanto para as sugestões de mundos possíveis que podem ser encontrados ao longo da história. O autor indica a possibilidade de olhar para o passado, justamente para períodos de transição, nos quais o futuro é incerto e há vários caminhos pelos quais seguir. Nesses momentos, há o concurso de diferentes ideologias (e utopias). E o olhar para as possibilidades que concorriam nesses momentos é um exercício produtivo tendo em vista que elas podem inspirar e sugerir soluções diferentes para os problemas do presente – mesmo que essas inspirações e sugestões partam de ideologias ou ideólogos dos quais discordemos em nível moral e político.

Freyre, apesar das controvérsias que o envolveram, foi um dos maiores intelectuais do Brasil. A quantidade de pesquisadores que se destinaram a explorar algum aspecto de sua vida ou obra acusam sua importância e o seu impacto na história de nosso país. Ele possuía uma maneira realmente instigante de processo de pensamento e uma leitura do livro de Ricardo Benzaquen (1996) acerca do “funcionamento” da lógica de “opostos em equilíbrio” dá prova das soluções criativas de que era capaz em prol de dar inteligibilidade à história do Brasil. Ainda que essas soluções tenham sido inspiradas por antigos mestres e outras teorias com as quais teve contato, a forma como arregimentou essas ideias e influências é criativa e estimulante. Mesmo para quem não concorde com suas interpretações.

O momento atual provocou muitas questões acerca do intelectual: qual seu lugar diante da(s) crise(s) que se apresenta? Como pode reagir? Foi, portanto, com esse espírito que me virei para o Freyre que enfrentava uma crise no país em seus vinte e poucos anos para analisar como ele a viveu e como respondeu a ela.

Na introdução indiquei que o intuito desta tese era o de procurar compreender como Gilberto Freyre se comportou enquanto intelectual durante a conturbada década de 1920. A partir dos textos que Freyre escreveu para o jornal “Diário de Pernambuco” e da correspondência trocada com Oliveira Lima e José Lins do Rego, procurei recompor as ideias e perspectiva que permeavam a mente do jovem pernambucano, principalmente diante da crise que se gestava no Brasil durante a década.

Mas, para tanto, era necessário compreender também como Freyre concebia a figura do intelectual. Assim, considerei importante notar a relação que Freyre possuía com os livros desde a infância, pois indica que naquela época já se manifestava nele uma mente inquieta, capaz de abrigar diferentes mundos dentro de si. Correndo o risco de romantizar seu passado numa narrativa de predestinação, que definitivamente não é a intenção, interpretei essa característica como um primeiro indício de seu ensejo de compreender o mundo ao seu redor, ou seja, de sua curiosidade e de seu ímpeto criativo. Duas características que demonstram ser essenciais em intelectuais. Essas características convergem com a melancolia e utopia indicadas por Lepenies (1992) como elementos do intelectual: sem o ensejo de compreender o mundo não se pode lamentá-lo; sem a criatividade, é muito improvável que o intelectual venha a ser capaz de imaginar como o mundo poderia ser.

Em artigo escrito em dezembro de 1924, Freyre relembra a forma como brincava e como, desde cedo, sentia-se incompreendido pelas demais crianças assim como por adultos no que concerne a forma como sua imaginação funcionava. Isto é, em sua capacidade de imaginar, a partir de bonequinhos de chumbo e caixas de papelão, mundos à sua imagem e semelhança: “Com os meus civis e soldados de chumbo e o meu trem e as minhas caixas, o meu prazer era brincar egoisticamente só. Sentia a incompreensão dos outros meninos ante aquele mundo estranhamente meu: e à menor intrusão eu me contraía” (FREYRE, DP 28/12/1924). Ao se levar em conta a ponderação de Bourdieu (1996) de que os valores universais dos intelectuais pertencem a seus universos particulares, os intelectuais que tentam moldar o mundo perseguindo esses valores, não estariam à procura de um mundo a sua semelhança?

Em outro momento Freyre indicou como natural, às pessoas capazes de largas projeções, capazes de se expandirem para depois se recolherem em si

mesmas “num gozo agudamente sentido” o procurar a si mesmo “na paisagem como nas gravatas como nas ideias? Somos diante dos outros e diante das coisas e diante das ideias, um poeta à procura de rimas” (FREYRE, DP 20/01/1924). E sua relação diante dos livros e das ideias era irreverente, como quem as instrumentaliza apenas para compor rimas no poema de sua própria vida. Nesse sentido, José Lins do Rego aponta em Freyre a relação íntima entre ciência e arte: “sua paixão de menino já era aquela que seria a mais forte de sua adolescência, a paixão pelas coisas da inteligência, o seu gosto pela meditação, o seu fervor de artista. (Rego s/d apud MENESES, 1991, p. 23-24). E o ensaio, assim como seus artigos de jornal, se mostrou a forma de expressão adequada para comportar a relação entre essas duas dimensões.

Freyre dava destaque à imaginação no fazer intelectual, mas em carta para o mesmo José Lins, expressa que achou injusta a afirmação, de seu amigo Olívio Montenegro, de que nele a imaginação triunfava sobre as ideias. Rebate essa afirmação ao dizer que se considerava um “voluptuoso das ideias”: “Se ele tivesse dito intuição, teria sido outra coisa: eu serei favoravelmente mais intuitivo do que dedutivo, ainda que só procure desprezar a lógica das ideias quando ela não pode acompanhar – como escudeiro, é claro – a intuição”. Para ele, a imaginação devia estar sempre a serviço das ideias e nunca dominando-as. E finaliza apontando que “nem se compreenderia senso crítico, que importa em senso comparativo como em capacidade de dedução e logo em lógica de ideias, num indivíduo em quem a imaginação dominou” (GF-JL, 11/10/1924 nº 9).

A intuição, portanto, aparece como meio pelo qual Freyre conseguia articular suas leituras teóricas, suas leituras literárias, os muitos estímulos que o rondavam e sua imaginação: elementos que, quando articulados, o permitiam captar o espírito de seu tempo e de seu contexto e apresentar interpretações no mínimo instigantes. Sua crítica social, assim composta, apresenta certa fluidez e liberdade, de maneira que pode servir de inspiração. A intuição surge, portanto, como fator essencial para a originalidade de suas leituras.

Ainda nesse sentido, Palhares-Burke (2005) indica que Freyre tinha, desde novo, uma forma de leitura “sistematicamente assistemática” – a qual era beneficiada justamente por seu senso intuitivo. Seu artesanato intelectual permitia que seu vagar por leituras desconexas resultasse em conexões inusitadas, característica de sua original perspectiva. A autora indica que ele absorvia dessas

leituras não apenas conhecimento, mas também lições para sua vida. Entre as lições que absorveu encontram-se algumas ideias insistentes que resistiram ao longo de toda sua obra:

Ciência e lógica são muito menos poderosas do que a modernidade supõe, e a crença num progresso inelutável é uma quimera; desprezar os homens simples e incultos é não perceber a riqueza e a relevância que existem na simplicidade de suas manifestações culturais; os contemporâneos de um espírito original raramente o compreendem e lhe dão o devido reconhecimento[...]; a carreira acadêmica não é a mais recomendada para quem tem uma mente imaginativa e criadora, e o fato de Walter Pater não ter sido devidamente apreciado em Oxford bem ilustra a visão estreita que domina os círculos universitários [...], a verdade tem muitos lados, ou, como diz um personagem de George Moore em trecho que Freyre assinalou, "nada é realmente verdadeiro nem inteiramente falso". E, finalmente (...) o apelo que o próprio passado, as próprias tradições têm para todos e cada um de nós. (PALHARES-BURKE, 2005, p. 112-113)

Muitas dessas ideias podem dar espaço para longas reflexões, ainda mais diante dos últimos eventos. A partir desse quadro, percebemos que Freyre era um intelectual versátil que dava lugar de destaque não apenas às ideias, mas também à intuição e imaginação. Essas podem ser indicadas como características importantes do intelectual que Freyre era já na década de 1920. No entanto, um intelectual não se faz apenas da contemplação e do pensar para si. Ele se faz também na comunicação de suas ideias e na relação com um público e assim também Freyre parecia pensar. É o que indica em artigo de setembro de 1923:

Porque há alguma coisa de antinatural em escrever-se sem público: é como se um sexo se bastasse a si mesmo. É onanismo mental. Ou ascetismo heroico, mas estéril. O autor é apenas o sexo masculino de sua obra, a qual não se integra nem se completa antes de achar o público simpático ou congenial - o sexo feminino. O verdadeiro ler é função complementar da criação intelectual. É o que o sr. Carl Van Doren chamaria "creative reading" (FREYRE, DP 16/09/1923)

Apesar de afirmar isso, sua relação com o público, pelo menos na década de 1920, lhe fazia sentir frustrado, como se houvesse uma falta de sintonia. Algumas vezes reclamou a José Lins quanto ao fato de sentir que não era realmente compreendido – a não ser por poucas pessoas, o amigo fazendo parte desse grupo seleto.

No artigo de nº 57 (FREYRE, DP 18/05/1924), ao analisar três escritores (intelectuais) que admirava – Lafcadio Hearn, Barrès e Bernard Shaw – Freyre apontou mais uma vez para a relação entre escritor e público. Chamou atenção para o “olhar dos bárbaros” apontando o escritor como vítima da incompreensão mesmo

de seus fãs. Fala também que o artista, e sua concepção inclui intelectuais¹²⁷, nunca é aceito pelo “homem comum”, por ser “um desgarrado da tabela de valores da maioria”. E, por fim, fala da ação civilizadora do escritor: em carta a José Lins do Rego indica justamente que o grosso público precisava dele para educá-los em sua estupidez e, portanto, civilizá-los.

Freyre confessava procurar nos outros (assim como nas coisas e nas ideias) aquilo que lhe era semelhante, e considerando sua percepção do público que o lia no Diário de Pernambuco, é seguro afirmar que se identifica com as postulações acima. Pontuações que coadunam com aquelas levantadas acerca de seu mestre na obra publicada décadas depois “Oliveira Lima: Um Dom Quixote Gordo”. De maneira que posso afirmar que essa era sua persona intelectual, por assim dizer, ao longo da década de 1920: um jovem um tanto arrogante com muito potencial crítico. Arrogância demonstrada por sua coragem de se expor e sua confiança em si mesmo que lhe permitiu circular suas ideias, perseguir seu desejo de “viver do espírito” e, consequentemente, as colaborações que realizou para a história do país.

No capítulo dois procurei mostrar que Freyre, através desses textos, comunicava a seus leitores não apenas sua forma de ver o mundo, como procurava provocar reflexão ao acusar – muitas vezes de forma a polemizar – os problemas sociais da cidade assim como da região e do País. Em seus artigos, de maneira direta ou indireta, Freyre questionava a ideia de progresso estipulada pelos ideólogos da República. Em uma espécie de revolta conservadora, apontava para o passado de seus avós para indicar uma alternativa de forma de vida e ordenação das forças sociais concorrente à vigente. Fala, portanto, de progressos no plural para indicar as diferentes frentes com as quais a nação deveria se preocupar para além do progresso material. Como de suma importância, aponta para a ideia de progresso moral e para constituição e defesa de uma cultura propriamente brasileira em todas as suas formas de expressão. Não rejeita a modernidade, mas procura abrir espaços para repensá-la.

Tendo em vista a concepção da relação entre geração e intelectual de Mannheim (1993; 1968; 1974), parti da hipótese de que Freyre foi profundamente afetado pelo contexto de crise em que estava inserido nos EUA e na Europa do pós-guerra, assim como na crise da Primeira República que encontra ao retornar para o

¹²⁷ Anteriormente mencionei que Freyre concebia como arte uma ampla gama de ações criativas, o pensamento e a produção de textos entre elas”.

Brasil em 1923. Procurei, portanto, através dos capítulos 1 e 2 estabelecer a relação de Freyre com os contextos em que estava inserido, procurando compreender a maneira como foi afetado por eles. Essas influências podem ser percebidas nos textos que escreveu para o Diário de Pernambuco, os quais dão conta de sua impressão dos eventos e, ainda mais, do espírito do tempo (assim como do espaço) em que estava inserido.

A relação entre o ambiente em que estava inserido (social, artístico, cultural), as temáticas de seus artigos e a maneira como imprime nesses textos suas impressões diretas me lembrou o conceito de “crítica impressionista” apresentado por Antônio Candido (2012) para tratar de críticos literários que imprimiam em suas análises suas impressões pessoais, isto é, a forma como se sentiram ou foram afetados pela leitura do texto. Num exercício livre de adaptação desse conceito para pensar um crítico social, teríamos a leitura do contexto (o meio em que se encontra e no qual se observa crises, problemas etc.) somada ao estímulo que causa na subjetividade do crítico para, assim, ter como resultado a crítica.

O impressionismo foi um movimento artístico iniciado em meados do século XIX que rompeu com a academia. Na época, a academia era regida pelas escolas naturalista e realista, de maneira que apenas reconhecia os traços que procuravam captar o real em si. Freyre observava no naturalismo e no realismo um movimento sem muito sentido, pois consistia em competir com “os químicos da fotografia” (FREYRE, DP 18/09/1924), afinal, tratava-se de replicar o que se via de maneira mais fiel possível à realidade. Já o impressionismo, como o próprio nome sugere, implica em retratar o que é observado a partir das impressões que causa no observador. Nesse sentido, combina técnica, objetividade e subjetividade, apresentando como resultado uma interpretação do objeto, cena, paisagem ou pessoa(s) observadas. Portanto, não se limita ao aparente, mas também não se trata de simples fantasia ou expressão de sensação. É uma ficção, no sentido de fabricação, que estabelece um ponto de encontro entre o que é observado e aquele que observa. Há similaridades entre a atitude de Freyre e esse movimento artístico, como por exemplo, quando recusa a ideia de escolas intelectuais ou demonstra antipatia diante de títulos acadêmicos; quando opta pela designação de escritor (FREYRE, 1968) ao invés de antropólogo, sociólogo etc.; e quando se observa seu estilo impregnado de personalidade.

A partir desse exercício imaginativo, algumas questões apareceram: Será Freyre um crítico social impressionista? Será todo crítico um tanto impressionista? Se considerarmos o trabalho intelectual como artesanal (MILLS, 2009), seria todo intelectual também impressionista? Essas questões não puderam ser investigadas dentro do prazo estipulado para essa tese, mas permanecerão como sugestões para futuras pesquisas acerca do fazer intelectual que venha empreender.

Também procurei nesses textos, assim como nas correspondências, indícios que me apontassem para como Freyre concebia a figura de intelectual, pois isso era importante para compreender a maneira como se portava diante de seu tempo. Afinal, ficou evidente que compreendia para si a responsabilidade para com o futuro do país – concepção que coaduna com a de Mannheim (1993; 1968; SANCHEZ, 1993), que entrevê para os intelectuais a responsabilidade de guiar as sociedades, principalmente em meio a momentos de crise.

No capítulo três procurei, então, pela relação própria de como Freyre se situou enquanto intelectual diante do Brasil que encontrou em seu retorno. Percebendo-se como parte da aristocracia intelectual do Brasil, Freyre se depara com um país em crise, a qual percebeu em consonância com a crise oriunda da ideologia do liberalismo nos EUA – onde testemunhou movimentações antidemocráticas e um novo movimento estético como a *New Poetry* – e na Europa através dos movimentos tanto de vanguarda como os conservadores e reacionários. Principalmente a *Action Française* na França e a reação dos Integralistas diante da recém República em Portugal. Esse último com o qual se identificaria diante da crise na República que testemunha no Brasil.

Para tanto, antes de propriamente se vincular a um grupo como Regionalistas ou Modernistas, Freyre identificou o problema como responsabilidade de toda a juventude, isto é, de toda a sua geração. Como apontado por Pecaute (1990), Oliveira (1990) e Braga-Pinto (2018), na década de 1920 percebeu-se a intensificação do ressentimento para com a República e essa movimentação de Freyre coaduna com a de grande parte da intelectualidade jovem ou “nova” do Brasil naquele momento.

Para Mannheim (1993), algumas gerações se destacam na história por serem aquelas que protagonizam um contexto de transformação. Nesse sentido, a geração com a qual Freyre se identifica na década de 1920 pode ser apontada como uma dessas gerações. E não apenas isso: o próprio Freyre indica que o problema do país

é um problema que se coloca à sua geração e não a um ou outro grupo. Pecaút (1990), Oliveira (1990) e Braga-Pinto (2018) convergem na percepção de que durante essa década houve a aglomeração de grupos distintos sob uma responsabilidade coletiva frente ao país: a necessidade da constituição de uma identidade nacional e da evocação de uma cultura essencialmente brasileira. Para tanto, se buscou nas tradições e no passado histórico os elementos para se constituir essa nacionalidade. Durante esse período, como afirma Braga-Pinto (2018), as rivalidades e diferenças entre grupos distintos não desapareceram, mas se abrandaram.

Freyre percebeu que naquele momento o Brasil necessitava de intelectuais com profundo conhecimento do país para guiá-lo em direção a um futuro mais harmônico e capaz de explorar seu imenso potencial, principalmente cultural¹²⁸. Tendo isso em vista, ele se virou para o passado na tentativa de compreender o que é o Brasil e o que aconteceu para se chegar àquela situação. Culpou a geração de seus pais e o projeto positivista e cientificista empregado para alcançar o progresso e a civilização no país. Nesse sentido, podemos falar de um “parricídio” em nível cultural tal como Schorske (1989) sugere, a partir da interpretação dos sonhos de Freud – em sintonia com a ideia de uma revolução edípica coletiva. E a revolta se dá, como colocado por José Lins (2007, p. 275), diante da ideia de que “o progresso material de um país”, o objetivo último da geração de seus pais, não justificaria “tanta pobreza de espírito”.

Então, diante da pergunta que estimulou essa pesquisa – como Freyre se portou enquanto intelectual diante da crise que o país enfrentava na década de 1920? – percebo que ele tomou para si a responsabilidade enquanto um intelectual, e, portanto, membro da aristocracia intelectual do país, de guiar o país de volta para um estado de harmonia e estabilidade.

Em um primeiro momento, Freyre se observa como membro de uma geração inteira, uma pátria no tempo através da qual pôde se vincular não apenas à juventude de seu país como a dos EUA e da Europa. Essa vinculação – ou consciência – geracional se dá antes pela percepção de um problema comum do que pelo consenso

¹²⁸ Isso pode ser aferido a partir de uma correspondência entre Freyre e o irmão (Ulysses a Gilberto Freyre, 22/05/1916 apud LARRETA e GIUCCI, 2007, p. 67). Assim como de texto que publicou no Diário de Pernambuco (Da outra américa, 14/03/1920 – n. 71). Tanto em um quanto em outro, fala-se da necessidade de intelectuais e líderes para guiarem a então atual geração e a nação.

diante de uma solução. O problema era a herança cultural, com suas ideologias e valores, da geração de seus pais. A mesma geração culpada pela realização da guerra e da instauração de Repúblicas. Esse é o principal alicerce de sua narrativa geracional. Daí, especificamente no Brasil, ter considerado como aliados a intelectualidade jovem do Rio de Janeiro e de São Paulo e como reações da geração os movimentos que lideraram. Eventualmente, num segundo momento que ocorreu principalmente a partir da década de 1930, esses grupos ou “unidades geracionais” (para utilizar uma terminologia manheimiana) se organizaram numa narrativa de oposição. Isso ocorreu porque então passou-se propriamente para um momento de disputa na arena cultural acerca daqueles que iriam emplacar um novo “sistema” estético, normativo e cultural.

Referências

- ABREU JUNIOR, João Batista; FERREIRA, Marieta de Moraes; BEZERRA, Ricardo Lima. **Verbetes: DIÁRIO DE PERNAMBUCO**. FGV – CPDOC – Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-pernambuco> Acesso em: 13 de julho de 2023
- ALONSO, Angela Maria. **Ideias em Movimento: A geração 1870 na crise do Brasil**. São Paulo. Paz e Terra, 2002.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução R. Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, ed. 10, 2007.
- AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e Regionalismo: Os anos 20 em Pernambuco**. 2ª Ed. Editora Universitária UFPE, João Pessoa/Recife. 1996
- BASTOS, Elide Rugai. **As criaturas de Prometeu: Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira**. Global Editora. São Paulo, 2006.
- BENZAQUEN, Ricardo. **Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. 1a. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 1994.
- _____. **Zigue-zague: ensaios reunidos (1977-2016)**. Seleção e organização: Carmen Felgueiras, Marcelo Jasmin e Marcos Veneu. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2019.
- BEAULIEU, Regis. “*A Un Latin d'Outre Mer*”. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22/06/1924. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&Pesq=%22centro%20regionalista%22&pagfis=12243. Acesso em 01 de junho de 1922
- BOURDIEU, P., WACQUANT, L. J. D For a Socio-Analysis of Intellectuals: On “Homo Academicus.” **Berkeley Journal of Sociology**, 34, 1–29. 1989. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41035401> Acesso em 25 de julho de 2023
- _____. **As regras da arte**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRAGA-PINTO, César. Ordem e tradição: a conversão regionalista de José Lins do Rego. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 52, p. 13-42, 2011.
- _____. **A violência das letras: amizades e inimizades na literatura brasileira Rio de Janeiro**. SciELO-EDUERJ, 2018.
- CANDIDO, Antonio. Crítica impressionista. **Remate de Males**, Campinas, SP, 2012. DOI:10.20396/remate.v0i0.8635988. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635988>. Acesso em: 13 julho. 2023.
- _____. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo. Companhia das Letras. 1995
- CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem e Teatro de sombras**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2021.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Mujer(de) intelectual. In: Silvia Cormick. (Org.). **Mujeres Intelectuales en America Latina**. 1ed. Buenos Aires (AR): SB, 2022, v. 1, p. 9-285.

CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego: modernismo e regionalismo**. São Paulo: Edart, 1961.

CENTRO Regionalista. **Diário de Pernambuco**, Recife. 30/04/1924. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&Pesq=%22centro%20regionalista%22&pagfis=11827 Acesso em: 01 julho 2022

CENTRO Regionalista. **Diário de Pernambuco**, Recife. 23/05/1924. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&Pesq=%22centro%20regionalista%22&pagfis=12021 Acesso em: 01 junho 2022

CENTRO Regionalista. **Diário de Pernambuco**, Recife. 05/07/1924. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&Pesq=%22centro%20regionalista%22&pagfis=12349. Acesso em: 01 de junho de 2022

CENTRO Regionalista. **Diário de Pernambuco**, Recife. 05/03/1925. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&Pesq=%22centro%20regionalista%22&pagfis=14245 Acesso em: 01 de junho 2022

CHAGURI, Mariana. **O romancista e o engenho: José Lins do Rego e o regionalismo nordestino dos anos 1920 e 1930**. Aderaldo & Rothschild, 2009.

COLLINS, Randall. **The sociology of philosophies**. Harvard University Press, 2000.

CORDERO, Rodrigo. **Crise e Crítica: sobre as frágeis fundações da vida social**. Trad. Alberto Luis Cordeiro de Farias. Ateliê de Humanidades Editorial. Rio de Janeiro, 2022.

DA CUNHA, Euclides. **À margem da história**. Org. PINTO, Rolando Morel. São Paulo: Ed. Cultrix/Mec, 1975

D'ANDREA, Moema Selma. **A tradição re(des)coberta: o pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e literárias nordestinas**. Campinas – SP. Editora Unicamp, 2010.

DE HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. **ABC de José Lins do Rego**. Rio de Janeiro. José Olympio Editora, 2012.

DE LA YNCERA, Ignacio Sánchez. Presentación “La sociología ante el problema generacional”. Anotaciones al trabajo de Karl Mannheim. **Reis - Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, nº 62 (1993), págs. 147-192, 1993.

_____. Crisis y orientación. Apuntes sobre el pensamiento de Karl Mannheim. **Reis - Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, nº 62 (1993), págs. 17-43, 1993.

DIÁRIO de Pernambuco. **Diário de Pernambuco**. Recife, 26/01/1913. Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_09&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=2899

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**. 1ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970.

FERNANDES, Aníbal. Gilberto Freyre. **Diário de Pernambuco**, Recife, 08/03/1923. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&Pesq=%22centro%20regionalista%22&pagfis=8521. Acesso em: 01 de julho de 2022

FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: GONSALVES DE MELLO, José Antônio. **Tempos dos Flamengos**. 4ª ed. RB & Topbooks. Recife. 2001 [1947]

_____. **Região e Tradição** [Coleção Documentos Brasileiros] Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1941

_____. **Vida social no Brasil de meados do séc. XIX**. 1ª edição digital (epub) São Paulo: Global, 2013. [1963]

_____. **Alhos & bugalhos: ensaios sobre temas contraditórios, de Joyce à cachaça, de José Lins do Rego ao cartão-postal**. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1978.

_____. **Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor, 1918-1926**. 1ª edição virtual. Global, São Paulo, 2016. [1979]

_____. **Casa-grande & senzala**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.

_____. **Manifesto regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, [1952] 1996. p.47-75.

_____. **Como e porque sou e não sou sociólogo**. Ed. da Universidade, 1968.

_____. Da outra américa. **Diário de Pernambuco**, Recife, 14/03/1920. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=627
Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Da outra américa. **Diário de Pernambuco**, Recife, 27/02/1921. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=3270
Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Da outra américa. **Diário de Pernambuco**, Recife, 20/03/1921. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=3432
Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Da outra américa. **Diário de Pernambuco**, Recife, 03/04/1921. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=3528
Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Da outra américa. **Diário de Pernambuco**, Recife, 10/04/1921. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=3582
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Da outra américa. **Diário de Pernambuco**, Recife, 01/05/1921. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=3742.
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Da outra américa. **Diário de Pernambuco**, Recife, 05/06/1921. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=3990
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Da outra américa. **Diário de Pernambuco**, Recife, 25/12/1921. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=5470
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Da outra américa. **Diário de Pernambuco**, Recife, 12/02/1922. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=5833
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Da outra américa. **Diário de Pernambuco**, Recife, 30/04/1922. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=6359
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Da outra américa. **Diário de Pernambuco**, Recife, 30/07/1922. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=6912
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Gilberto Freyre. **Diário de Pernambuco**, Recife, 28/03/1923. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=8679
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 3. **Diário de Pernambuco**, Recife, 06/05/1923. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=8963
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 5. **Diário de Pernambuco**, Recife, 20/05/1923. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=907
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 6. **Diário de Pernambuco**, Recife, 27/05/1923. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=9129
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 8. **Diário de Pernambuco**, Recife, 10/06/1923. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=9239

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 10. **Diário de Pernambuco**, Recife, 24/06/1923.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=9351

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 11. **Diário de Pernambuco**, Recife, 01/07/1923.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=9407

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 12. **Diário de Pernambuco**, Recife, 08/07/1923.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=9461

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 21. **Diário de Pernambuco**, Recife, 09/09/1923.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=9952

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 22. **Diário de Pernambuco**, Recife, 16/09/1923.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=10004

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 23. **Diário de Pernambuco**, Recife, 23/09/1923.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=10056

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 25. **Diário de Pernambuco**, Recife, 07/10/1923.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=10164

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. O sr. Oliveira Lima em Portugal. **Diário de Pernambuco**, Recife, 01/11/1923 Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=10362

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 31. **Diário de Pernambuco**, Recife, 11/11/1923.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=10446

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 34 **Diário de Pernambuco**, Recife 09/12/1923. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=10664

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 40. **Diário de Pernambuco**, Recife, 20/01/1924.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=11017

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 49. **Diário de Pernambuco**, Recife, 23/03/1924.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=11531

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 53. **Diário de Pernambuco**, Recife, 20/04/1924.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=11745

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 57. **Diário de Pernambuco**, Recife, 18/05/1924.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=11965

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 58. **Diário de Pernambuco**, Recife, 23/05/1924.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=12021

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. O livro do bispo Von Keppler. **Diário de Pernambuco**, Recife, 07/06/1924. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=12121

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 62. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22/06/1924.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=12243

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 64. **Diário de Pernambuco**, Recife, 06/07/1924.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=12357

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Em torno da Revolta. **Diário de Pernambuco**, Recife, 09/07/1924. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=12377

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Em torno da Revolta. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17/07/1924. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=12439

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 67. **Diário de Pernambuco**, Recife, 27/07/1924.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=12515

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 68. **Diário de Pernambuco**, Recife, 03/08/1924.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=12567

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 76. **Diário de Pernambuco**, Recife, 28/09/1924.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=13009

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 77. **Diário de Pernambuco**, Recife, 05/10/1924.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=13065

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 80. **Diário de Pernambuco**, Recife, 26/10/1924.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=13245

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 89. **Diário de Pernambuco**, Recife, 28/12/1924.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=13735

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 91. **Diário de Pernambuco**, Recife, 11/01/1925.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=13841

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. 98. **Diário de Pernambuco**, Recife, 01/03/1925.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=14215

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. A propósito de artes retrospectivas. **Diário de Pernambuco**, Recife, 10/05/1925

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=14755

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Traição ao Passado. **Diário de Pernambuco**, Recife, 16/08/1925.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=15506

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. A propósito de Regionalismo no Brasil. **Diário de Pernambuco**, Recife, 11/10/1925.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=15932

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. A propósito de Guilherme de Almeida. **Diário de Pernambuco**, Recife, 15/11/1925.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=16250

Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Ação Regionalista no Nordeste. **Diário de Pernambuco**, Recife, 07/02/1926. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=16921
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Nordeste separatista? **Diário de Pernambuco**, Recife, 26/03/1926. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=17285
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Um livro interessante. **Diário de Pernambuco**, Recife, 04/07/1926. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=18049
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Acerca da valorização do preto. **Diário de Pernambuco**, Recife, 19/09/1926. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=18647
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. São Paulo separatista? **Diário de Pernambuco**, Recife, 21/10/1926. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=18887
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Coincidências de Várias Espécies. **Diário de Pernambuco**, Recife, 27/10/1926. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=18931
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. O livro do senhor Amaury de Medeiros. **Diário de Pernambuco**, Recife, 07/11/1926. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=19015
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. Rainer Maria Rilke. **Diário de Pernambuco**, Recife, 19/12/1926. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=19339
 Acesso em: 01 de julho de 2023

GOMES, Ângela de Castro. **Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005

HARGREAVES, Alec. **The colonial experience in French fiction: a study of Pierre Loti, Ernest Psichari and Pierre Mille**. Springer, Berlim, 1981.

HENRICH, Nathalia. Joaquim Nabuco e Oliveira Lima em diálogo: separados pelos Estados Unidos. **Revista de História de América**, n. 156, p. 181-215, 2019.

IAGP – **Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco** – 1917

JARDIM, Eduardo. **Mário de Andrade: Eu sou trezentos: vida e obra**. 1ed. Edições de Janeiro. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2015

KURZMAN, C., OWENS, L. The sociology of intellectuals. **Anual Review of Sociology**, v. 28, 2002, p. 63-90.

LAÍN ENTRALGO, Pedro et al. **Las generaciones en la historia**. Madrid: Instituto de estudios políticos, 1945.

LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guillermo. **Gilberto Freyre: Uma biografia cultural**. Trad. BAPTISTA, Josely Vianna. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2007

LECLERC, Gérard. **Sociologia dos intelectuais**. Coleção ALDUS. Editora Unisinos, São Leopoldo – RS. 2005.

LEPENIES, Wolf. **Três Culturas**, Edusp, São Paulo 1996.

_____. **Ascensão e declínio dos Intelectuais**. Ed 70. São Paulo. 1992

LIMA, Alceu Amoroso. “Dois Amigos”. **Terra de Sol**, Rio de Janeiro, n. 1, 1924, p. 37.

LIMA, Manuel de Oliveira. **Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira**. 1. ed. Curitiba: Danúbio, 2021.

_____. Prefácio. In: TAVARES, Muniz. **História da Revolução de Pernambuco em 1817**. Ed. Comemorativa. Recife, 1917

_____. **Pernambuco, seu desenvolvimento histórico**. FA Brockhaus, 1895.

_____. **Nos Estados Unidos: impressões políticas e sociaes**. FA Brockhaus, 1899.

MANNHEIM, Karl; El problema de las generaciones Trad. DE LA YNCERA, Ignacio Sánchez. **Reis - Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, n. 62, p. 193-242, 1993.

_____. **Ideologia e utopia**. Trad. SANTEIRO, Sérgio Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

_____. **Sociologia da cultura**. Trad. GAMBINI, Roberto. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MARROQUIM, Mário. Regionalismo. **Diário de Pernambuco**, Recife, 03/04/1925. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&Pesq=%22centro%20regionalista%22&pagfis=14482 Acesso em: 01 de junho de 2023

MARTINS, Luciano. A gênese de uma intelligentsia: os intelectuais e a política no Brasil (1920 a 1940). **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 2, n. 4, p. 65-87, 1987.

MARTINS, Maro Lara. **Sociologia, modernismo e interpretação do Brasil**. São Paulo: Alameda, 2019

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira. Volume V (1897 – 1914)**. 3ª ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010a

_____. **História da Inteligência Brasileira. Volume VI (1915 - 1933).** 3ª ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010b

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo saquarema: a formação do Estado imperial.** São Paulo: Hucitec, 1987.

_____. Do Império à República. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 4, p. 163-171, 1989.

MELO, Mário. Instituto Archeologico. **Diário de Pernambuco**, Recife, 04/06/1929. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=26351
 Acesso em: 01 de julho de 2023

_____. O sobradinho mourisco de Olinda. **Diário de Pernambuco**, Recife, 07/09/1929. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=27081
 Acesso em: 01 de julho de 2023

MENESES, Diogo de Mello. **Gilberto Freyre: notas biográficas.** Rio de Janeiro, Recife: Ed. Massangana 2ª ed. 1991

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica.** São Paulo: Editora Ática, 1977.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. **Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos.** UNESP, 2005.

PÉCAUT, Daniel. **Os Intelectuais e a Política no Brasil.** São Paulo: Ática, 1990.

PIKETTY, Thomas. **Capital e Ideologia.** Buenos Aires: Paidós, 2019.

POLLAK, Michel. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In: **Estudos históricos.** Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, pp. 03-15.

_____. Memória e Identidade Social. **Rev. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

REGO, José Lins. **Ligeiros traços: escritos da juventude.** Org. BRAGA-PINTO, César. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 2007.

_____. Notas sobre Gilberto Freyre. **Região e tradição**, p. 9-21. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

REZENDE, A. P. **(Des)encantos Modernos: Histórias da cidade do Recife na década de vinte.** 2. ed. Recife: Editora UFPE, 2016.

RIBEIRO, A. M. M. Raymond Williams e “estruturas de sentimentos”. Resgate: **Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 28, 29 jul. 2020.

RICOEUR, Paul. **A ideologia e a utopia**. Autêntica, 2017. RICUPERO, Bernardo. O conservadorismo difícil. Revisão do pensamento conservador. São Paulo: Hucitec, 2010.

ROLLAND, Romain. **Jean Christophe. 5º volume**. Coleção Nobel. Globo. Rio de Janeiro. 1942

SCHORSKE, Carl. **Viena fin-de-siècle**, Editora Schwartz, São Paulo, 1990.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930). **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2008, v. 51 nº 2, págs. 743-747.2008.

SOUZA, Paulino José Soares de. **Ensaio sobre o Direito Administrativo**. Brasília. Ministério da justiça. 1997

TAVARES BASTOS, Aureliano C. **Os males do presente e as esperanças do futuro: estudos brasileiros**. Brasileira, 1939.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. Impregnado de eternidade. O Recife em Manuel Bandeira. **Antíteses**, v. 9, n. 18, p. 325-345, 2016.

VELLOZO, Júlio César de Oliveira; IUMATTI, Paulo Teixeira. **Um Dom Quixote Gordo, no deserto do esquecimento: Oliveira Lima e a construção de uma narrativa da nacionalidade**. 2012. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/31/31131/tde-15122012-115510> > Acesso em: 26 de setembro de 2022

VICENTE DIAS, Silvana Moreli. O escritor como crítico social: Gilberto Freyre e José Lins do Rego nos anos 1920 e 1930. **Intellèctus**, v. 9, n. 2, p. 9, 2010.

_____. **Cartas Provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira**. São Paulo: Global, 2017

WALZER, Michael. **The company of critics: social criticism and political commitment in the twentieth century**. Basic Books, 2002.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Sociedade e Estado**, v. 25, p. 205-224, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. Companhia das Letras, São Paulo, 1989

_____. A fração Bloomsbury. **Rev. Plural, Sociologia**, USP. n: 6. p. 139 - 168. 1 semana de 1999

Apêndice

Tabela 1: Artigos de Freyre publicados no jornal Diário de Pernambuco (continua)			
Data da publicação	Edição	Dia da semana	Título
03/11/1918	303	Domingo	Da outra américa
12/01/1919	11	Domingo	Da outra américa
09/02/1919	39	Domingo	Da outra américa
16/02/1919	45	Domingo	Da outra américa
04/05/1919	117	Domingo	Da outra américa
31/08/1919	235 (135)	Domingo	Da outra américa
19/10/1919	282 (182)	Domingo	Da outra américa
09/11/1919	303 (203)	Domingo	Da outra américa
14/12/1919	338 (238)	Domingo	Da outra américa
06/01/1920	5	Terça-feira	As mulheres Sul-Americanas
14/03/1920	71	Domingo	Da outra américa
30/05/1920	144	Domingo	Da outra américa
13/06/1920	158	Domingo	Da outra américa
15/08/1920	221	Domingo	Da outra américa
29/08/1920	236	Domingo	Da outra américa
31/10/1920	301	Domingo	Da outra américa
18/02/1921	41	Domingo	Da outra américa
20/02/1921	48	Domingo	Da outra américa
27/02/1921	55	Domingo	Da outra américa
06/03/1921	62	Domingo	Da outra américa
13/03/1921	69	Domingo	Da outra américa
20/03/1921	76	Domingo	Da outra américa
03/04/1921	87	Domingo	Da outra américa
10/04/1921	94	Domingo	Da outra américa
17/04/1921	101	Domingo	Da outra américa
01/05/1921	115	Domingo	Da outra américa
08/05/1921	121	Domingo	Da outra américa
15/05/1921	128	Domingo	Da outra américa
22/05/1921	135	Domingo	O embaixador intelectual do Brasil
29/05/1921	142	Domingo	Da outra américa
05/06/1921	149	Domingo	Da outra américa
29/06/1921	171	Domingo	Da outra américa
24/07/1921	199	Domingo	Da outra américa
04/09/1921	236	Domingo	Da outra américa
11/09/1921	241	Domingo	Da outra américa
18/09/1921	247	Domingo	Da outra américa
23/10/1921	277	Domingo	Da outra américa
30/10/1921	283	Domingo	Da outra américa
06/11/1921	289	Domingo	Da outra américa

Tabela 1: Artigos de Freyre publicados no jornal Diário de Pernambuco (continua)

Data da publicação	Edição	Dia da semana	Título
13/11/1921	295	Domingo	Da outra américa
20/11/1921	300	Domingo	Da outra américa
27/11/1921	306	Domingo	Da outra américa
04/12/1921	312	Domingo	Da outra américa
11/12/1921	318	Domingo	Da outra américa
18/12/1921	324	Domingo	Da outra américa
25/12/1921	330	Domingo	Da outra américa
01/01/1922	1	Domingo	Da outra américa
08/01/1922	7	Domingo	Da outra américa
15/01/1922	13	Domingo	Da outra américa
29/01/1922	25	Domingo	Da outra américa
12/02/1922	37	Domingo	Da outra américa
19/02/1922	43	Domingo	Da outra américa
19/03/1922	65	Domingo	Da outra américa
26/03/1922	71	Domingo	Da outra américa
02/04/1922	77	Domingo	Da outra américa
09/04/1922	83	Domingo	Da outra américa
16/04/1922	87	Domingo	Da outra américa
23/04/1922	93	Domingo	Da outra américa
30/04/1922	99	Domingo	Da outra américa
30/07/1922	176	Domingo	Da outra américa
06/08/1922	182	Domingo	Da outra américa
13/08/1922	188	Domingo	Da outra américa
20/08/1922	194	Domingo	Da outra américa
28/03/1923	72	Quarta-feira	Gilberro Freyre
03/04/1923	75	Terça-feira	A democracia nos Estados Unidos
15/04/1923	86	Domingo	Ludum Pueris Dare
22/04/1923	92	Domingo	1
29/04/1923	98	Domingo	2
06/05/1923	103	Domingo	3
13/05/1923	109	Domingo	4
20/05/1923	115	Domingo	5
27/05/1923	121	Domingo	6
03/06/1923	127	Domingo	7
10/06/1923	133	Domingo	8
17/06/1923	139	Domingo	9
24/06/1923	145	Domingo	10
01/07/1923	151	Domingo	11
08/07/1923	157	Domingo	12
15/07/1923	163	Domingo	13
22/07/1923	169A	Domingo	14

Tabela 1: Artigos de Freyre publicados no jornal Diário de Pernambuco (continua)

Data da publicação	Edição	Dia da semana	Título
29/07/1923	174	Domingo	15
05/08/1923	180	Domingo	16
11/08/1923	185	Sábado	Gonçalves Dias
12/08/1923	186	Domingo	17
19/08/1923	192	Domingo	18
26/08/1923	198	Domingo	19
02/09/1923	204	Domingo	20
09/09/1923	209	Domingo	21
16/09/1923	215	Domingo	22
23/09/1923	221	Domingo	23
26/09/1923	222B	Quarta-feira	Um poeta pernambucano
30/09/1923	226	Domingo	24
07/10/1923	232	Domingo	25
14/10/1923	238	Domingo	26
21/10/1923	244	Domingo	27
28/10/1923	250	Domingo	29
01/11/1923	253	Quinta-feira	O sr. Oliveira Lima em Portugal
04/11/1923	256	Domingo	30
11/11/1923	262	Domingo	31
18/11/1923	267	Domingo	Post scriptum ao "31"
20/11/1923	268	Terça-feira	Iguarassu
22/11/1923	270	Quinta-feira	Yeats
25/11/1923	273	Domingo	32
27/11/1923	274	Terça-feira	Dois Retratos
02/12/1923	279	Domingo	33
09/12/1923	285	Domingo	34
13/12/1923	288	Quinta-feira	Um escriptor português
16/12/1923	291	Domingo	35
23/12/1923	297	Domingo	36
30/12/1923	302	Domingo	37
04/01/1924	3	Sexta-feira	Browningismo
06/01/1924	5	Domingo	38
13/01/1924	11	Domingo	39
16/01/1924	13	Quarta-feira	Pernambuco e o sr. Oliveira Lima
20/01/1924	17	Domingo	40
27/01/1924	23	Domingo	41
03/02/1924	29	Domingo	42
10/02/1924	35	Domingo	43
15/02/1924	39	Sexta-feira	Hygiene e esthetica das cidades
17/02/1924	41	Domingo	44
24/02/1924	47	Domingo	45

Tabela 1: Artigos de Freyre publicados no jornal Diário de Pernambuco (continua)			
Data da publicação	Edição	Dia da semana	Título
02/03/1924	53	Domingo	46
09/03/1924	58	Domingo	47
14/03/1924	62	Sexta-feira	A mensagem
16/03/1924	64	Domingo	48
23/03/1924	70	Domingo	49
29/03/1924	75	Sábado	Mentalidade anglo-saxã (sic)
30/03/1924	76	Domingo	50
06/04/1924	82	Domingo	51
11/04/1924	86	Sexta-feira	Gilberto Freyre
13/04/1924	88	Domingo	52
20/04/1924	92	Domingo	53
27/04/1924	98	Domingo	54
01/05/1924	101	Quinta-feira	Em torno de um livro
04/05/1924	103	Domingo	55
11/05/1924	109	Domingo	56
18/05/1924	114	Domingo	57
23/05/1924	120	Domingo	58
26/05/1924	122	Quarta-feira	O Jardim de Chora Menino
01/06/1924	125	Domingo	59
07/06/1924	130	Sábado	O livro do bispo Von Keppler
08/06/1924	131	Domingo	60
15/06/1924	137	Domingo	61
19/06/1924	140	Quinta-feira	O movimento literário em New York
22/06/1924	143	Domingo	62
29/06/1924	148	Domingo	63
06/07/1924	154	Domingo	64
09/07/1924	156	Quarta-feira	Em torno da Revolta
13/07/1924	160	Domingo	65
17/07/1924	163	Quinta-feira	Em torno da Revolta
20/07/1924	166	Domingo	66
27/07/1924	172	Domingo	67
31/07/1924	175	Quinta-feira	Um livro do sr. Ricardo Jorge
03/08/1924	178	Domingo	68
10/08/1924	184	Domingo	69
10/08/1924	184	Domingo	Sobre a morte de Joseph Conrad
17/08/1924	190	Domingo	70
21/08/1924	193	Quinta-feira	Dom Vital
24/08/1924	196	Domingo	71
31/08/1924	202	Domingo	72
07/09/1924	208	Domingo	73
14/09/1924	214	Domingo	74

Tabela 1: Artigos de Freyre publicados no jornal Diário de Pernambuco (continua)			
Data da publicação	Edição	Dia da semana	Título
18/09/1924	217	Quinta-feira	Retratos, composições e paisagens
21/09/1924	220	Domingo	75
05/10/1924	232	Domingo	77
07/10/1924	233	Terça-feira	Meu artigo de Domingo último
12/10/1924	238	Domingo	78
19/10/1924	244	Domingo	79
26/10/1924	250	Domingo	80
02/11/1924	256	Domingo	81
07/11/1924	260	Sexta-feira	99 anos
09/11/1924	262	Domingo	82
13/11/1924	265	Quinta-feira	O recife e as árvores
15/11/1924	267	Sábado	83
22/11/1924	272	Sábado	Arbor Mea
23/11/1924	273	Domingo	84
30/11/1924	279	Domingo	85
07/12/1924	285	Domingo	86
14/12/1924	291	Domingo	87
21/12/1924	297	Domingo	88
28/12/1924	302	Domingo	89
31/12/1924	304	Quarta-feira	Gabinete Português de leitura
04/01/1925	3	Domingo	90
11/01/1925	9	Domingo	91
13/01/1925	10	Terça-feira	Antonio Sardinha
18/01/1925	15	Domingo	92
22/01/1925	18	Quinta-feira	Um inquérito Interessante
25/01/1925	21	Domingo	93
29/01/1925	24	Quinta-feira	Reparos
01/02/1925	27	Domingo	94
08/02/1925	33	Domingo	95
15/02/1925	39	Domingo	96
19/02/1925	42	Quinta-feira	A propósito de Zé Pereira
22/02/1925	45	Domingo	97
01/03/1925	50	Domingo	98
05/03/1925	53	Quinta-feira	A caricatura em Pernambuco: seus começos
08/03/1925	56	Domingo	99
15/03/1925	62	Domingo	100
22/03/1925	68	Domingo	Quê dos pintores ... Que não veem pintar
29/03/1925	74	Domingo	Olhos de Santos e olhos de Peccado
05/04/1925	80	Domingo	Einstein, Regionalista
12/04/1925	84	Domingo	A propósito da campanha do sr (Samuel) Hardman

Tabela 1: Artigos de Freyre publicados no jornal Diário de Pernambuco (continua)			
Data da publicação	Edição	Dia da semana	Título
19/04/1925	90	Domingo	Fradique historiador - fradique figueiredo
26/04/1925	96	Domingo	Baedeker - morte de Fritz Baedeker
31/04/1925	124	Domingo	A Rebours
07/05/1925	104	Quinta-feira	Um livro sobre a America Latina
10/05/1925	107	Domingo	A propósito de artes retrospectivas
17/05/1925	112	Domingo	Viver às claras
24/05/1925	118	Domingo	A propósito de nomes
14/06/1925	136	Domingo	Em defeza do fraque
18/06/1925	139	Quinta-feira	Sugestões a um livreiro
23/06/1925	143	Terça-feira	A propósito de Manuel Bandeira
28/06/1925	147	Domingo	O Imperador no Recife 1859
19/07/1925	165	Domingo	Livros para crianças
26/07/1925	171	Domingo	A vitória dos Coretos
02/08/1925	177	Domingo	As duas enphases
09/08/1925	183	Domingo	Sobejidão de Palavras
16/08/1925	189	Domingo	Traição ao Passado
22/08/1925	194	Sábado	Porque o sr. Fidelino não veio
23/08/1925	195	Domingo	Jockey Club de Pernambuco em 1859
30/08/1925	201	Domingo	Recordação de um poeta
06/09/1925	207	Domingo	Desvio de Forças
13/09/1925	212	Domingo	A propósito de "pé direito"
20/09/1925	218	Domingo	A idéa do fardão
20/09/1925	218	Domingo	"Vende-se lenha"
27/09/1925	224	Domingo	O livro do sr. Cruls
04/10/1925	230	Domingo	Literatura de desaforo
11/10/1925	236	Domingo	A propósito de Regionalismo no Brasil
18/10/1925	242	Domingo	O livro bello
25/10/1925	248	Domingo	O coronel Thomaz Pereira
01/11/1925	254	Domingo	A vitória do branco
15/11/1925	264	Domingo	A propósito de Guilherme de Almeida
24/11/1925	271	Quarta-feira	Reação do bom gosto
29/11/1925	276	Domingo	Primeiro os livros
06/12/1925	281	Domingo	A exposição do sr. Pedro Bruno
13/12/1925	287	Domingo	Uma história de auto-móvel
20/12/1925	293	Domingo	Júlio Jurenito e seus discípulos
27/12/1925	298	Domingo	Droit de naissance
03/01/1926	2	Domingo	Acerca do belo idioma de Camões e Frei Viterbo
09/01/1926	7	Sábado	Um bibliotecário
10/01/1926	8	Domingo	A propósito de "Ulysses"
17/01/1926	14	Domingo	Sobre as ideas geraes de Rudiger Bilden

Tabela 1: Artigos de Freyre publicados no jornal Diário de Pernambuco (continua)			
Data da publicação	Edição	Dia da semana	Título
20/01/1926	16	Quarta-feira	Impressões de Pernambuco
24/01/1926	20	Domingo	Acerca de Santrayana
27/01/1926	22	Quarta-feira	O ensino do poeta-philosofo Robert Bronwing nos Estados Unidos
29/01/1926	24	Sexta-feira	TIERRA!
07/02/1926	32	Domingo	Ação Regionalista no Nordeste
14/02/1926	38	Domingo	Do horrível mau hábito de falar gritanto
21/02/1926	43	Domingo	Espírito e não estilo
28/02/1926	49	Domingo	Da tirania da pedra azul livra-nos ó senhor
19/03/1926	65	Sexta-feira	Bahia a Tarde
25/03/1926	70	Quinta-feira	Sugestões do Rio
26/03/1926	71	Sexta-feira	Nordeste separatista?
27/04/1926	96	Terça-feira	Pernambuco de longe
13/05/1926	109	Quinta-feira	H.P.
16/05/1926	110B	Domingo	Discurso no primeiro congresso Pan-americano de jornalismo
20/05/1926	113	Quarta-feira	Old-South
23/05/1926	116	Sábado	Ainda pelo Old South
27/05/1926	119	Quinta-feira	o Grande Hotel
29/05/1926	121	Sábado	O primeiro Congresso Pam-Americanos de Jornalistas
30/05/1926	122	Domingo	Casa de senhor de engenho
06/06/1926	128	Quinta-feira	Acerca da Liga das Nações
09/06/1926	130	Domingo	Catedral dos estudos brasileiros
10/06/1926	131	Quinta-feira	Além do Perigo Amarelo e do problema negro
13/06/1926	134	Domingo	Noites cheias de Discurso
17/06/1926	138	Quinta-feira	Dias Românticos na Inglaterra
20/06/1926	141	Domingo	Amy Lowell
24/06/1926	144	Quinta-feira	A propósito do fracasso da proibição
27/06/1926	147	Domingo	Sugestões de um museu
01/07/1926	149	Quinta-feira	Igrejinha de Opereta
04/07/1926	152	Domingo	Um livro interessante (História social em Profundidade)
08/07/1926	155	Quinta-feira	Traduções do espanhol para o inglês
11/07/1926	158	Domingo	O sr. Oliveira Lima em Washington
04/09/1926	204	Sábado	A 'Flapper' revolucionária
05/09/1926	205	Domingo	Rua de doces sombras (escrito em agosto, no Rio)
12/09/1926	210	Domingo	O norte, a pintura e os pintores
19/09/1926	216	Domingo	Acerca da valorização do preto
23/09/1926	219	Quinta-feira	O príncipe
26/09/1926	222	Domingo	A propósito de uma conversa que ouvi ontem

Tabela 1: Artigos de Freyre publicados no jornal Diário de Pernambuco (conclusão)			
Data da publicação	Edição	Dia da semana	Título
30/09/1926	225	Quinta-feira	Médicos ... Literatos
03/10/1926	228	Domingo	Sugestão da favela
10/10/1926	234	Domingo	Revista do Brasil
14/10/1926	237	Quinta-feira	Um humanista do Império
17/10/1926	240	Domingo	A cidade da febre cinzenta
21/10/1926	243	Quinta-feira	São Paulo separatista?
24/10/1926	246	Domingo	Duas vaidades parecidas
27/10/1926	248	Quarta-feira	Coincidências de Várias Espécies
02/11/1926	253	Terça-feira	Rua Larga do Rosário
07/11/1926	258	Domingo	O livro do senhor Amaury de Medeiros
13/11/1926	263	Sábado	Efeitos da proibição
14/11/1926	264	Domingo	A propósito de urbanismo
21/11/1926	269	Domingo	A propósito de mendigos
26/11/1926	273	Sexta-feira	Em torno de umas teses
28/11/1926	275	Domingo	Atualidade de George Meredith
02/12/1926	278	Quinta-feira	Ensino Normal em Pernambuco
11/12/1926	286	Sábado	Queimadas
19/12/1926	293	Domingo	Rainer Maria Rilke
22/12/1926	295	Quarta-feira	Nova ação policial
23/01/1927	19	Domingo	A propósito das festas do dia 15
13/02/1927	37	Domingo	Mauá
Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na pesquisa.			